

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**AS MARGENS E AS ÁGUAS DO RIO CORUMBATAÍ:  
UMA PERSPECTIVA DE ANTIGOS MORADORES.**

**LUCIANA SCHREINER DE OLIVEIRA ZANARDI**

**Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza**

**Dissertação apresentada ao  
Instituto de Biociências do  
Campus de Rio Claro,  
Universidade Estadual  
Paulista, como parte dos  
requisitos para obtenção do  
título de Mestre em Educação  
– Núcleo Temático de  
Educação Ambiental.**

**Rio Claro – SP  
2007**

372.357 Zanardi, Luciana Schreiner de Oliveira  
Z27a As Águas e as Margens do Rio Corumbataí: uma  
perspectiva de antigos moradores / Luciana Schreiner de  
Oliveira Zanardi. – Rio Claro: [s.n.], 2007  
258 f.: il., fots.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro.

Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza

1. Educação Ambiental. 2. Corumbataí (SP). 3. História  
Oral. I. Título.

## **Agradecimentos**

Este foi um trabalho árduo e prazeroso e para a realização do qual contribuíram várias pessoas e no momento em o que vemos chegar ao final dá vontade de agradecer a todos e ao mesmo tempo pedir desculpas pelos equívocos, erros e senões.

Dedico este trabalho ao meu pai.

Sinceramente agradeço:

Ao meu orientador mestre e amigo, prof. Carrera, por tantas coisas! Pela confiança, pela orientação competente, pela presença constante e decisiva, pelo estímulo. Uma referência de vida profissional. Obrigada pelas lições para toda a vida!

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Biociências, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro.

Aos meus depoentes - Geraldo Canhoni, José Lauro Casseb, Michel Zaine, Vergílio Gigeck, Genny Paiuta Borgo, Heraldo A. Britski e Peny M. C. Britski - por me receberem tão bem, por termos passado momentos muito agradáveis juntos e por terem me permitido compartilhar de suas histórias de vida.

À Lucilene de Aquino, Alba Soares da Silva e João Batista Canhoni pela valiosa ajuda.

Aos meus queridos amigos do Programa, Paulinha, Heidi, Dani e André. Foi ótimo compartilhar com vocês o aprendizado, o crescimento, os estudos, as discussões, as conversas, a ajuda mútua, mas principalmente as viagens e risadas. Obrigada pela força!

Aos professores do Programa – Prof. Dra. Rosa Maria Feteiro Cavalari, Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho e Prof. Dr. Luiz Carlos Santana que não pouparam esforços para nos ajudar e tanto contribuíram para nos formar.

Ao Prof. Dr. Álvaro Tenca, que compôs a banca, pelas valiosas sugestões dadas ao meu trabalho.

À família Carrera de Souza nas pessoas de Gilda, Tatiana e Carla. Muito obrigada pelo carinho, a ajuda, as opiniões, a leitura, a paciência, os muitos e deliciosos cafezinhos com bolacha.

A todos os meus amigos pelas conversas tranqüilas e relaxantes quando o “mar estava revoltado”.

Aos meus familiares – minha mãe, meus irmãos, cunhados e sobrinhos – que mesmo longe me deram base, tranquilidade e o apoio silencioso para realizar este trabalho, sempre entendendo as ausências.

Ao Edilson que tanto me ajudou a realizar este e outros sonhos. Pela presença, companheirismo, carinho e a diferença que fez em minha vida.

À Laura pela ajuda com a tecnologia – as crianças de hoje já nascem dominando isso tudo! Obrigada por entender as ausências (nem sempre!), por amar, apoiar e se orgulhar.

À D. Margarida por toda a ajuda e a convivência diária bem como o amor dedicado a minha família. Nosso porto seguro!

## **Resumo**

Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de Corumbataí (SP) que fica às margens de um rio, de mesmo nome, que na prática virou um canal a céu aberto, com todas as retificações possíveis. Ao perder o rio a cidade conta uma história que necessitamos ouvir para evitar que estas se repitam. Os objetivos são: 1) Registrar o cenário histórico do povoado de Corumbataí do início do século XX e a importância das águas do rio para a constituição deste povoado; 2) Relembrar as tramas e os modelos das práticas sociais, que historicamente foram surgindo, a partir da importância do rio na formação da cidade de Corumbataí. Para realizar esta investigação nos utilizamos dos depoimentos de antigos moradores da cidade elaborados conforme os procedimentos metodológicos de pesquisas em História Oral. Com base nestas narrativas foi construído um discurso comum polifônico criando uma nova maneira de contar a história da cidade de Corumbataí e de seu rio em que palavras e imagens engendram vidas identificadas por aqueles que as viveram compondo quadros de compreensão de problemáticas sociais e ambientais narradas nesta pesquisa.

**Palavras-chave:** Corumbataí, História Oral, Educação Ambiental.

## **Abstract**

This research was developed in city of Corumbataí (SP) that it is to the border of a river, of same name, that in the practical one turned a canal the opened sky, with all the possible rectifications. When losing the river, the city says a history that we need to hear to prevent that these if repeat. The goals are: 1) To register the historical scene of the town of Corumbataí of the beginning of century XX and the importance of waters of the river for the constitution of this town; 2) To remind the practical trams and models of the social ones, that historically had been appearing, from the importance of the river in the formation of the city of Corumbataí. To carry through this inquiry in we use them of the testimony of old inhabitants of the city elaborated as the methodological procedures of research in Oral History. With base in these narratives a polyphonic common speech was constructed creating a new way to say the history of the Corumbataí city and its river where words and images produce identified lives for that they had lived them composing told social and environmental problematic pictures of understanding of in this research.

**Key Word:** Corumbataí, Oral History, Environmental Education.

## Sumário

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1 – Imagens, sons, revelações	18
1.1 Construindo redes de pesquisa em História Oral	21
1.2 Cartografando mapas na rede de pesquisa	24
1.2.1 O passado registrado	29
1.2.2 Escolhendo vozes	43
1.2.3 O momento dos depoimentos	47
1.2.4 Tratamento dado ao depoimento: transcrição e textualização	50
1.2.5 Caderno de campo	52
Capítulo 2 – Narrativas do rio	53
2.1 Geraldo Canhoni	54
2.2 José Lauro Casseb	85
2.3 Michel Zaine e Vergílio Gigeck	106
2.4 Genny Paiuta Borgo	121
2.5 Heraldo Antonio Britski e Peny Marion Calderini Britski	142
Capítulo 3 – Múltiplas vozes, múltiplos olhares: um rio	178
3.1 O rio, as enchentes e as questões ambientais	181
3.2 Povoamento	198
3.3 Práticas sociais	209
3.3.1 O trem	220
3.3.2 A fé e suas festas	227
3.3.3 A escola	231
3.4 Economia	237
3.5 Considerações finais	249
REFERÊNCIAS	250

ANEXO	253
ANEXO A – Índice analítico das fotografias	254

## INTRODUÇÃO

### CAMINHOS DA PESQUISADORA

Os caminhos que me levaram até a Educação Ambiental e a Corumbataí foram meio tortuosos. Daqueles do tipo que só o acaso e a vida é que sabem traçar...

Nasci em Curitiba e sou filha de uma funcionária pública e de um engenheiro civil cuja profissão acabou por influenciar todos os seus cinco filhos.

De minha infância a imagem mais forte que guardo em minha memória são as sessões diárias e coletivas de estudo que fazíamos na sala de jantar, onde meu pai reunia toda a criançada para fazer a lição, estudar para as provas e para tirar dúvidas. Este momento do dia tinha toda uma seriedade, mas também toda uma confusão. Nem sempre meu pai conseguia dar conta das dúvidas de todos e o que normalmente acontecia é que os irmãos mais velhos acabavam por ensinar os mais novos. Meu papel naquele grupo de estudos era cheio de responsabilidades já que eu era a irmã mais velha... E esta responsabilidade era grande também: sempre me destaquei nos estudos, já que eu deveria ser um exemplo, um modelo a ser seguido. O fato é que meu pai sempre me incentivou muito para a Matemática; por sua formação, seu gosto e até por eu ter realmente certa facilidade; hoje tanto eu como meus outros irmãos temos formação na área de exatas.

O caminho mais curto entre dois pontos eu tracei: em 1989 fiz minha matrícula na faculdade de Engenharia Elétrica da UFPr, em Curitiba. Só que não finalizei o curso, parei no 3º ano já que não consegui conciliar o trabalho com a faculdade. Hoje percebo que desisti do curso muito por não ser aquela a minha verdadeira paixão.

Depois de morar por três anos em Jaraguá do Sul (SC) e outros três em Campinas (SP) me estabeleci em Rio Claro, interior de São Paulo, isto já faz dez anos. Como já havia parado de estudar, acabei por dar um bom intervalo na minha formação para ser mãe e quando decidi retornar percebi que meu grau de liberdade de escolha do curso que determinaria minha profissão havia diminuído muito. Então optei por fazer o curso de Matemática na Unesp, em Rio Claro mesmo, isto em 1998. É interessante cursar uma universidade com um pouco mais de idade. A sua visão a respeito do curso é diferente, a dedicação é muito maior, você tem maturidade para enxergar e para fazer acontecer oportunidades que seus colegas de classe simplesmente não vêem. Ao menos foi assim

comigo. Logo no primeiro ano de curso, apesar das muitas dificuldades que este curso ofereceu, eu já sabia que faria pós-graduação em Educação. Só achava que seria em Educação Matemática. A paixão que me despertava as discussões sobre os problemas a respeito de educação; a vontade de aprender cada vez mais, de ler cada vez mais, de saber cada vez mais sobre o assunto... Aquilo me fascinava! Eu havia achado algo que eu realmente gostaria de fazer pelo resto de minha vida. Algo que era realmente minha escolha.

A Educação Ambiental sempre foi uma matéria anual e obrigatória em meu currículo. Esta foi uma prática normal tanto nas escolas em que eu estudei em Curitiba quanto na faculdade de Engenharia Elétrica, devido ao impacto ambiental causado pelas indústrias e pelas usinas hidrelétricas. Então esta mudança não foi, para mim, tão radical. Lembro bem que durante a entrevista de seleção de candidatos a mestrandos me fizeram a pergunta — E eu bem sabia que ela viria... — “E por que não Educação Matemática?” A resposta foi clara, porque este era um dilema já bem resolvido na minha mente... E por que não Educação? Na verdade tanto fazia o curso, me importava é ser educadora!

É, caminhos tortuosos... Que só a vida com seus mistérios sabe traçar. Corumbataí, a simpática e acolhedora Corumbataí e sua história contada por alguns de seus moradores vieram com o projeto escolhido que começou tão outro e foi traçando seu próprio percurso a partir de suas vontades, de suas necessidades... Foi encontrando seu próprio caminho.

## **CAMINHOS DO PROJETO**

O principal desafio que a humanidade enfrentará neste novo milênio é a criação de uma economia social e ecologicamente sustentável, pois o início do século XXI se apresenta como um mundo onde os níveis de contaminação, a degradação e a destruição do meio ambiente atingem números alarmantes e crescentes. Uma das principais causas da degradação ambiental é o sistema econômico vigente que gera o contínuo aumento do número de pobres e a conseqüente desigualdade social. Além disso, devem-se refrear o desenvolvimento desordenado da agricultura, da indústria, do turismo, da urbanização não planejada, do crescimento demográfico e da densidade populacional, que aliados às grandes diversidades climáticas, biofísicas, geomorfológicas e socioeconômicas dificultam a aplicação de políticas únicas e eficientes na questão ambiental.

Esta crise ambiental acabou por trazer certo abrandamento à trajetória do desenvolvimento técnico da civilização moderna. Todos os sistemas foram desafiados a reagir, cada qual dentro de sua especificidade, e apresentar meios para enfrentar o cenário de insustentabilidade dos diversos tipos de desenvolvimento até hoje apresentados. Observamos então o nascimento de uma nova visão para a economia, a política, o direito, a tecnologia, etc., todos incorporando a dimensão ambiental em suas lógicas. A Educação Ambiental, que é iniciada pelos movimentos ambientalistas, e bem depois foi incorporada à escola, corresponde à reação do sistema educativo frente a estes desafios impostos. Assim, nossa pesquisa procura captar não só os dados quantitativos, pois entendemos que uma das funções básicas da memória humana é que

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, E., 1994, p. 55. Grifos em itálico da autora.).

Então, nesta pesquisa, pretendemos reconstituir as experiências de antigos moradores da cidade de Corumbataí. Essa reconstrução de experiências a partir do narrador, da história registrada, indica quais práticas sociais foram, ou ainda são, formas organizadoras do cotidiano daquela comunidade de experiências. Assim, focalizamos qualitativamente os espaços, lugares, ambientes e paisagens distinguindo o cenário de um ator e de outro. Pretendemos que os liames da questão qualitativa desatem amarrações feitas no tempo, na história, na educação e nas questões socioambientais.

Isto posto, consideramos que alguns dos principais problemas que se sobressaem nas discussões dentro da Educação Ambiental são: o esgotamento e a destruição dos recursos florestais e a ameaça que ela representa para a diversidade biológica, os impactos ambientais gerados pelos incêndios florestais, a emissão de gases poluentes no ar, a elevação da taxa de aquecimento global da temperatura, a péssima qualidade do ar, a escassez e poluição das águas. Dentre estes o problema da água merece atenção especial dada a situação de degradação das águas dos rios no Brasil, principalmente no estado de

São Paulo onde, em determinadas épocas do ano, a pouca disponibilidade de água em algumas regiões é tanta que é considerada crítica. Para a Organização das Nações Unidas (ONU) isto acontece quando a disponibilidade de água fica abaixo de 1.500 m<sup>3</sup> por habitante/ano. Este é o caso do Alto do Tietê, do Turvo Grande, da região de Mogi e também da região de Piracicaba, onde se encontra o rio Corumbataí, objeto de nosso estudo, onde a disponibilidade é de apenas 400 m<sup>3</sup> por habitante/ano, durante os períodos de estiagem. Pelos dados do relatório do Geo – América Latina y el Caribe: Perspectivas del Médio Ambiente, PNUMA/Universidade de Costa Rica,

La región latinoamericana es extremadamente rica en recursos hídricos.(...) La cantidad de metales pesados, químicos sintéticos y desechos peligrosos que llega a las aguas subterráneas proveniente de los botaderos de basura y otras fuentes no puntuales (escorrentía, infiltración en zonas agrícolas), parece estarse duplicando cada quince años en América Latina. El uso de agua contaminada para beber y bañarse propaga enfermedades infecciosas como el cólera, la tifoidea y la gastroenteritis (GEO-ALC, PNUMA, 2000, p. 221).

O planeta Terra tem cerca de 2/3 de sua superfície coberta de água, mas apenas 0,33% nos rios e lagos – de onde é tirada a água para o consumo. O Brasil tem 13,7 % de toda água doce do planeta, mas apesar da abundância, a distribuição não ajuda: 80% da água doce está na Amazônia, onde vive 10% da população brasileira e São Paulo (20% da população), tem apenas 1,6% dos recursos hídricos do País.

Na equação em que falta água e sobra consumo, o resultado é preocupante. Além disso, “as principais fontes de abastecimento, os mananciais superficiais – rios, lagos e represas – vêm sendo degradados de forma alarmante, constituindo um processo em que, ao longo do tempo pode se tornar irreversível” (REBOUÇAS, 1999, p. 46).

A hegemonia de exploração econômica dos recursos hídricos — onde o critério de ganhos econômicos a qualquer custo — tão necessária ao desenvolvimento e suporte da industrialização sem limites e sem atentar para os custos da degradação ambiental, mostrou-se, na prática, um sistema perverso, pois o cidadão que viu agravada a situação socioambiental foi o vitimado de várias formas. É grande a importância de se cuidar do futuro da humanidade, neste planeta extremamente frágil, cujos recursos não são inesgotáveis, onde a defesa dos recursos hídricos não é uma missão fácil, mas, sem dúvida, vale pela resistência ao modelo de exploração do ambiente socioambiental em que vivemos.

O modelo paulista de gestão de recursos hídricos dividiu o Estado em vinte e duas Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos (UGRHI). O rio Corumbataí faz parte da Bacia do rio Piracicaba, que por sua vez faz parte das Bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí (PCJ) – Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos nº 5 (UGRHI-5) – que abrangem uma área de 15.320 Km<sup>2</sup>, onde vivem cerca de quatro milhões e meio de pessoas, em 59 municípios de São Paulo e 4 de Minas Gerais. A região concentra mais de 7% do PIB brasileiro e constitui-se no segundo pólo industrial do País.

A região que compreende as Bacias PCJ ocupa lugar de destaque em nosso país devido a dois fatores importantes: primeiro pelo seu notável desenvolvimento econômico lastreado em avançado parque industrial, agrícola e de serviços, além de centros de excelência tecnológica comparáveis aos melhores do mundo; segundo, de acordo com um estudo da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB), em 2002, essas bacias estão entre as mais degradadas do Estado de São Paulo.

A escolha do rio Corumbataí como objeto de pesquisa, dentre a região que compreende as Bacias PCJ, deu-se devido à importância deste rio para o abastecimento de cidades como Analândia, Itirapina, Corumbataí, Rio Claro, Piracicaba, entre outras. Também por tratar-se de uma região onde a qualidade da água do rio sofre grande variação passando do nível de qualidade de ótima para boa, para tornar-se somente aceitável em uma curta extensão do rio. A degradação das águas da região, entre outros problemas ambientais, tornou essa bacia em uma referência de escassez e poluição das águas.

Não bastassem os poluentes, a baixa produção de água durante os períodos de estiagem compromete o abastecimento das cidades. Além desta demanda, o potencial de recursos hídricos não está totalmente disponível para a região. São tirados 31 m<sup>3</sup>/s para o abastecimento de cerca de 9 milhões de pessoas, na Região Metropolitana de São Paulo (Bacia do Alto Tietê), pelo Sistema Cantareira.

Esta é situação atual, mas para podemos revertê-la é necessário fazermos um levantamento histórico sobre as ocorrências de poluição e degradação no rio Corumbataí para conhecermos as práticas que causaram e continuam causando os problemas socioambientais. Alguns exemplos são: o povoamento da cidade, o desvio de águas para a agricultura - por ser uma antiga fazenda cafeeira - e o uso destas águas que fez a via férrea, que passava margeando o rio. Entendemos que o *contar* é um ato de *Educação*, no sentido amplo e estrito. Desta forma, ao narrarem as histórias do rio Corumbataí os antigos

moradores estarão (re)significando antigas práticas sociais relativas a paisagem socioambiental.

A memória prática é regulada pelo jogo múltiplo da *alteração*, não só por se constituir apenas pelo fato de ser marcada pelos encontros externos e colecionar esses brasões sucessivos e tatuagens do outro, mas também porque essas escrituras invisíveis só são claramente ‘lembradas’ por novas circunstâncias. (...) Esta resposta é *singular*. No conjunto em que ela se produz, é apenas *um detalhe a mais* — um gesto, uma palavra — tão exato que inverte a situação. Mas que mais poderia a memória fornecer? Ela é feita de clarões e fragmentos particulares. (...) A coisa mais estranha é sem dúvida a *mobilidade* dessa memória onde detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera. (CERTEAU, M., 1994, p. 163 - 165. Grifos do autor.).

Concordando com Bloch (1965), a história é movimento e o seu objeto é o homem em seu tempo e espaço, sendo balizada pelos problemas sociais e pela própria época em que é escrita. Desta forma, o tempo passado não deve ser entendido como estudo de episódios isolados e cristalizados, mas, sim, um processo inacabado, que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente.

No entanto, a história, desde seus primórdios, tem sido escrita sob a ótica dominante, ou seja, concentrando-se na narrativa de acontecimentos políticos, sociais e militares, focalizando os feitos da classe social hegemônica. A necessidade de uma compreensão mais abrangente do homem e da realidade, complexa e multiforme, por meio de uma recriação da multiplicidade de pontos de vista, sem, contudo reduzir-se a um confuso reflexo de jogos ideológicos do poder ou sugestionada pela forma de pensar ou agir dos poderosos dos momentos, favorece a discussão sobre um novo fazer historiográfico. Um dentre outros é o da história refeita a partir da memória de atores do cenário.

(...) não estamos sendo convidados a substituir uma memória muitas vezes falha e não confiável pela história científica; estamos sendo convidados a substituir a memória de vários bilhões de indivíduos que vivem neste planeta pela memória profissional de um grupo de historiadores profissionais ou pelas memórias institucionais dos centros de poder. (PORTELLI, A., 2000, p. 69).

Os procedimentos de pesquisa utilizados na maioria das investigações para escavar as camadas de lembranças da história do cotidiano passa pela utilização de documentos e depoimentos que envolvam a memória oral destes atores, quando isto for possível e juntamente com registros mecânicos. Assim neste cruzamento de informações também captamos o decurso do tempo.

Então pretendemos construir um cenário da região do rio Corumbataí desde tempos passados em que devem fazer parte as antigas fazendas cafeeiras e a via férrea do interior paulista. Essa reorganização ocorre quando registramos algumas formas organizadoras de práticas sociais cotidianas na qual focalizamos tempos, espaços, lugares, ambientes e paisagens distinguindo-se o cenário de um ator e de outro. Organizar e sistematizar procedimentos de registros mecânicos — entrevistas, livros, jornais, revistas e documentos de época, por exemplo, ou eletrônicos — foto, vídeo e som, por exemplo — a partir da memória oral e documental dos atores do cenário - de antigos moradores da região do rio Corumbataí - é buscar o lugar e o espaço das práticas que permaneceram ou mudaram determinando o cenário atual.

Concordamos com Shama (1996) que ao considerarmos as práticas do cotidiano verificamos a incomensurabilidade de transformações de lugares (posições) em espaços (práticas) e de espaços (mapas) em lugares (marcas). Assim sendo, precisamos de alguma forma ampliar nossas possibilidades na escavação das camadas de lembranças como participantes do Tempo (passado, presente e futuro), artífices da Memória (coletiva e individual) e intérpretes das práticas sociais cotidianas da Educação Ambiental. Destacamos que é desta forma que o cenário se forma a partir do olhar do observador e na mente deste.

A partir dos dados acima citados buscaremos a atribuição de significados e a compreensão das tramas constitutivas das práticas atuais e do modelo de degradação socioambiental instalado pela nossa sociedade.

As considerações acima nos levam a explicitar a pergunta nuclear desta pesquisa em relação ao rio Corumbataí:

- Qual a versão dos moradores da cidade de Corumbataí e ribeirinhos sobre a importância histórica das águas do rio?

Os objetivos desta pesquisa são:

- Registrar o cenário histórico do povoado de Corumbataí do início do século XX e a importância das águas do rio para a constituição deste povoado.
- Relembrar as tramas e os modelos das práticas sociais, que historicamente foram surgindo, a partir da importância do rio na formação da cidade de Corumbataí.

Neste cenário histórico, desenhado e narrado, por antigos moradores ou seus descendentes, bem como seus “documentos pessoais” (fotografias de época, certidões antigas, entre outros) abre-se a possibilidade de estabelecermos uma paisagem a partir da recolha deste material pertencente à memória oral e documental de antigos atores, isto é, de antigos moradores citadinos e ribeirinhos da região. Reconstruir um cenário histórico do movimento humano perto das águas do rio Corumbataí com a finalidade de possibilitar a atribuição de significados à importância do rio para o antigo povoamento e a compreensão das tramas constitutivas das práticas sociais e do quadro de degradação ambiental ali instalado a partir da poluição das águas do rio.

## **A PESQUISA**

Este trabalho de pesquisa está dividido em três capítulos:

O primeiro capítulo trata-se do texto “Imagens, sons e revelações”, onde é descrita a metodologia utilizada e todos os procedimentos empregados na pesquisa como: a escolha dos depoentes, a forma como foi conduzido o depoimento, a escolha das fotos para a realização do depoimento, a utilização do caderno de campo, o modo como foi feita a transcrição e a textualização dos depoimentos, entre outros.

Para esta pesquisa foram realizados 05 (cinco) depoimentos e as textualizações dos mesmos se encontram no texto “Narrativas do rio”, no segundo capítulo. Os depoimentos realizados foram com: Geraldo Canhoni, realizado no dia 10 de setembro de 2005, no sítio de sua propriedade localizado em Corumbataí; José Lauro Casseb, realizado em 25 de novembro de 2005, em sua casa na cidade de Corumbataí; Michel Zaine e Vergílio Gigeck em 12 de dezembro de 2005, nas dependências do Bar Central, região central de Corumbataí; com Genny Paiuta Borgo, realizado em 13 de dezembro de 2005 em sua casa, na cidade de Corumbataí; com o casal Peny Marion Calderini Britski e Heraldo Antonio Britski, realizado em 25 de fevereiro de 2006 no sítio deles em Corumbataí.

O terceiro capítulo é composto pelo texto “Múltiplas vozes, múltiplos olhares: um rio”, onde foi elaborado um texto polifônico contendo as vozes de todos os depoentes desta pesquisa, reconstruindo assim uma determinada história da cidade de Corumbataí e de seu rio.



## Capítulo 1

# IMAGENS, SONS E REVELAÇÕES

## Imagens, Sons e Revelações

A destruição do passado - ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas - é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. (HOBSBAWM, E., 1995, p.13).

Reconstruir o cenário histórico do surgimento do povoado de Corumbataí, considerando a importância das águas do rio Corumbataí, é o objetivo central de nossa pesquisa. Estaremos alerta à degradação ambiental desse rio — que na prática virou um canal a céu aberto, com todas as retificações possíveis — e à história do que aconteceu, com todas as causas, obviamente, sociais, econômicas e políticas, que motivaram essa degradação. Ao perder o rio, a cidade conta uma história que necessitamos ouvir para evitar que ela se repita. Há que se reorganizarem as tramas que foram surgindo por meio das práticas sociais que levaram o rio a um quadro de degradação socioambiental hoje existente.

Essa reconstituição ocorre quando registramos algumas formas organizadoras de práticas sociais cotidianas, nas quais focalizamos ambientes e paisagens, profundamente ligados ao tempo. Este organiza, de diferentes formas e desenhos, espaços e lugares, e assim os determina para distintos atores e cenários. Pode-se argumentar que enunciamos, muito brevemente, conceitos complexos, como: ambiente, paisagem, atores e cenários que surgem ligados simplesmente por diferentes tempos. Consideramos com Shama (1996)

Perceber o contorno fantasmagórico de uma paisagem antiga, sob a capa superficial do contemporâneo, equivale a perceber, intensamente, a permanência dos mitos essenciais. Enquanto estou aqui escrevendo, *The New York Times* informa que num velho freixo do Escorial, perto de Madrid, a Virgem aparece, no primeiro sábado de cada mês, diante de uma faxineira aposentada, para horror do prefeito socialista. Atrás da árvore encontra-se, evidentemente, o mosteiro-palácio do catolicíssimo rei da Espanha, Filipe II, Mas, atrás de ambos, estão séculos de associações, caras especialmente aos franciscanos e jesuítas, de aparições da Virgem sentada numa árvore cuja fronde se renova na época da Páscoa, simbolizando a Ressurreição. E, atrás *dessa* tradição, havia mitos pagãos ainda mais antigos que apresentavam

velhas árvores ocas como sendo o túmulo de deuses mortos em seus galhos e encerrados em seu tronco para esperarem um novo ciclo de vida. (SHAMA, S., 1996, p.27, Grifos em itálico do autor).

Assim consideramos que distintos cenários e paisagens têm liames muito profundos com o tempo, esta representação social, para cada ator. Pois, como o autor afirma, a paisagem formada na mente da faxineira aposentada não é a mesma que habita as representações do prefeito socialista e, menos ainda, nos ritos que ocorriam em “louvor” à fertilidade nas tradições pagãs. As paisagens diferem no espaço e no tempo. Porém fica uma dúvida quanto aos lugares e aos espaços e, aqui, vamos nos socorrer em Michel de Certeau quando descreve uma caminhada de maneira quase fotográfica:

Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (‘dobre à direita’, ‘siga à esquerda’), esboço de um relato cuja seqüência é escrita pelos passos, até ao ‘noticiário’ de cada dia (‘Adivinhe quem eu encontrei na padaria?’), ao ‘jornal’ televisionado (‘Teherã: Khomeiny sempre mais isolado... ’), aos contos lendários (as Gatas Borralheiras nas choupanas) e às histórias contadas (lembranças e romances de países estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos). Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um ‘suplemento’ aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés executam. (...) Mas neste conjunto muito amplo vou considerar apenas *ações narrativas*. Elas permitirão precisar algumas formas elementares das práticas organizadoras de espaço: a bipolaridade ‘mapa’ e ‘percurso’, os processos de delimitações ou de ‘limitação’ e as ‘focalizações enunciativas’ (ou seja, o índice do corpo no discurso). (CERTEAU, M., 1994, p. 200 – 201. Grifos do autor).

Os atores, seus cenários e paisagens, que se dispõem em lugares e espaços estão, todos, dentro da rede do tempo. Obtemos novamente o “tempo” como tema central. A organização de espaços, mapas, geografias urbanas depende das lembranças dos atores. As ações narrativas compõem o cenário como uma prática organizadora do espaço e das nossas lembranças. Será que as lendas infantis organizam nossas táticas cotidianas? Podemos pensar que o tempo vivido compõe o cenário e a paisagem dos atores desta pesquisa? Mais, então o que é isto, o tempo?

Nossa proposta de pesquisa é taticamente organizada para permitir que distintos atores, por meio de distintos cenários e paisagens, possam rememorar acontecimentos que sejam comuns e outros, individuais. Organizar e sistematizar procedimentos de registros mecânicos — entrevistas, livros, jornais, revistas e documentos de época ou eletrônicos — fotografia, vídeo e som, por exemplo — a partir da memória oral e documental dos atores

do cenário - de antigos moradores da região do rio Corumbataí - é buscar o lugar e o espaço das práticas que permaneceram ou mudaram determinando o cenário atual.

Por trás do personagem, o olhar descobre o ator. Ao tomar uma atitude de distanciamento diante da imagem, o público percebe atravessando-a, as condições da sua produção. (...) Sob esses aspectos conjunturais, a cultura oscila mais essencialmente entre duas formas, das quais uma sempre faz com que se esqueça da outra. De um lado, ela é aquilo que 'permanece', do outro, aquilo que inventa. (CERTEAU, M., 1995, p. 237 - 239).

Então, em nossa trajetória, nos utilizamos de algumas dessas formas organizadas e sistematizadas de procedimentos de registros mecânicos, como a gravação de 05 (cinco) entrevistas com moradores e ex-moradores da cidade de Corumbataí, a realização do vídeo das respectivas entrevistas, a realização de fotografias de locais relevantes da cidade (tiradas pela pesquisadora), o escaneamento de fotografias antigas da cidade (de jornais antigos, cedidas pelos entrevistados e do acervo do Arquivo do Município de Rio Claro-SP) e de documentos de época, a cópia de livros sobre a cidade, escritos por antigos moradores, e a confecção de um caderno de campo durante todos os passos da pesquisa.

O modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar. (CHAUÍ, M., apud BOSI, E., 1994, p. 31)

Todos esses procedimentos foram feitos com a finalidade de possibilitar a atribuição de significados à importância do rio para o antigo povoamento e a compreensão das tramas constitutivas das práticas sociais e do possível quadro de degradação ambiental ali instalado a partir da poluição das águas do rio.

## **1.1 Construindo Redes de Pesquisa em História Oral**

A primeira aproximação com o objeto de pesquisa foi feita dia 28 de março de 2005, quando fui até Corumbataí tentar um contato com alguém que trabalhasse na Prefeitura e fosse responsável pelo assunto 'Meio Ambiente' na cidade. Minha expectativa

era encontrar algo parecido com um arquivo público ou um pequeno acervo na Prefeitura, onde eu pudesse pesquisar fotografias de época, documentos antigos, diversos, fichas obituárias, certidão de nascimento, etc., enfim, qualquer tipo de fonte documental sobre história da cidade de Corumbataí ou sobre a história do rio Corumbataí. Pedi informação na Prefeitura e foi-me indicada Lucilene de Aquino, Coordenadora da Coleta Seletiva de Lixo e Meio Ambiente. Bióloga de formação, ela havia assumido esse cargo há pouco tempo e por isso ainda não estava totalmente inteirada de qual tipo de documentação a Prefeitura poderia ter e disponibilizar para minha pesquisa. Ela, porém, demonstrou muito boa vontade em me ajudar vislumbrando até benfeitorias para o município com o desenvolvimento da pesquisa e até uma possível parceria minha com a Prefeitura, já que a cidade carecia de material sobre sua história. Esta foi, inclusive, uma idéia dada pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do PCJ (rios Piracicaba, Capivari e Jundiáí), do qual a cidade faz parte, e a Prefeitura comprometeu-se em colocar esta idéia em prática.

A Lucilene me ajudou muito e de várias maneiras. Ela fez uma busca por todo tipo de documentos antigos que contassem ou mesmo reconstituíssem a história da cidade de Corumbataí na Prefeitura, lugar onde tinha acesso a informações, já que na cidade não havia nenhum tipo de arquivo público. Procurou pacientemente por livros que contassem a história de Corumbataí e encontrou alguns dos quais me forneceu cópias. Procurou por certidões antigas de nascimento, de casamento e de óbito, mas não as encontrou. Ela me forneceu o censo de Corumbataí, feito pelo IBGE no ano de 2004. Além disso, fez uma busca por fontes documentais na biblioteca da EEPG Governador Jânio Quadros, de onde me forneceu algumas cópias de apostilas escritas pelos próprios professores que possuíam informações históricas sobre a cidade. Convidou-me ainda para as reuniões do Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiáí (Consórcio PCJ), já que ela é uma das representantes da cidade nas reuniões promovidas pelo Consórcio.

O Consórcio PCJ é uma associação de direito privado sem fins lucrativos, composta por municípios e empresas, que tem como objetivo a recuperação dos mananciais de sua área de abrangência. A base do trabalho da entidade está na conscientização de todos os setores da sociedade sobre a problemática dos recursos hídricos da região, no fomento às ações de recuperação dos mananciais e no planejamento delas. Uma das ações promovidas pelo Consórcio PCJ são as reuniões marcadas nas cidades consorciadas com o intuito de sensibilizar a classe política e as lideranças dos municípios consorciados a fim de haver cooperação em ações conjuntas coordenadas pelo Consórcio e na difusão das idéias propostas pelo Consórcio PCJ.

Particpei de duas reuniões em Corumbataí. Uma delas aconteceu na Câmara Municipal. Foi um encontro grandioso e de âmbito mais geral de sensibilização, em que estiveram prefeitos e vereadores de várias cidades consorciadas, e de exposição de ações bem sucedidas promovidas pelo Consórcio em cidades vizinhas. Foi uma reunião inflamada, explicativa, informativa e emocionante, em que foram expostos alguns estudos e levantamentos sobre a poluição da Bacia do Rio Piracicaba, da qual o Rio Corumbataí faz parte. O maior objetivo dessa reunião era o engajamento das lideranças regionais nas causas do Consórcio.

A outra reunião aconteceu dia 09 de dezembro de 2005, na qual participaram alguns membros de um grupo de moradores da cidade interessados em discutir Educação Ambiental. Essas reuniões são abertas a toda a população, mas normalmente acabam por delas participar sempre as mesmas pessoas. Presentes nesse dia estavam Marcelo Kviatkovisk, Engenheiro Agrônomo que trabalha na Casa de Agricultura em Corumbataí; a Lucilene, funcionária da Prefeitura; João Batista Canhoni, representante da Associação Rural do Município de Corumbataí, outros dois produtores rurais, representantes da Associação, e duas professoras da EEPG Governador Jânio Quadros. O grupo tem por objetivo orientar e conscientizar os proprietários de terras que fazem parte da Microbacia do Rio Corumbataí para a problemática da questão ambiental local. Como é um grupo pequeno, constituído de moradores locais e que agem localmente, acaba por ter ações mais rápidas e eficazes. A pauta da reunião era a discussão do Programa CATI, um programa vinculado à Casa da Agricultura, que promove um levantamento geral de cada propriedade da microbacia com o intuito de orientar ações para tornar cada propriedade auto-sustentável, mas sem agressão ao meio ambiente. Um exemplo dessas ações é o reembolso ao proprietário dessas terras de gastos feitos na propriedade com obras de reflorestamento das matas ciliares, construção de fossas biodigestivas, entre outros.

A ajuda mais importante foi ter me colocado em contato com várias pessoas, o que abriu várias possibilidades de novos caminhos para a pesquisa. Alguns exemplos de contatos foram com Carlos Aparecido Jaques, Secretário de Educação, e com Edson Pantoja, Diretor da EEPG Governador Jânio Quadros, que abriu a possibilidade de eu me utilizar da escola para, por meio dos alunos, reunir fontes documentais e entrar em contato com fontes orais. A Lucilene marcou uma reunião minha com o Diretor da Escola e com o Secretário da Educação, em que foram ambos muito solícitos e receptivos à idéia de envolver os professores e os alunos da escola para trabalhar com a reconstituição histórica da cidade e do rio e talvez de até propor algum programa de atividades em Educação

Ambiental com esses alunos. Porém esse caminho acabou por não ser desenvolvido por conta dos rumos que a pesquisa tomou.

Outro contato foi com Marcelo Kviatkovisk, Engenheiro Agrônomo que trabalha na Casa da Agricultura, em Corumbataí. Este encontro não presencial, embora superficial, me possibilitou obter maiores informações sobre a atividade agrícola, que é muito forte na cidade, e nomes de possíveis depoentes.

O contato mais importante que a Lucilene intermediou foi com Alba Soares da Silva, repórter do Jornal Regional. A Alba hoje mora em Rio Claro, onde é a sede do jornal, mas havia morado e trabalhado em Corumbataí como correspondente local do jornal por muitos anos. Por isso ela conhece bem os moradores da cidade e havia feito várias reportagens sobre a poluição no Rio Corumbataí. Com base nesses conhecimentos, a Alba pôde me dar ótimas indicações de fontes orais para a pesquisa, portanto, quase a totalidade dos depoentes foi indicada por ela. Nós duas tivemos alguns encontros presenciais e conversas por telefone, quando discutimos alguns assuntos ligados à pesquisa. Por ela se interessar tanto pelo tema, fez até uma reportagem comigo sobre o trabalho que seria desenvolvido em Corumbataí (reportagem que saiu no Jornal Regional, edição número 750, em setembro de 2005, página 8 A, cujo título era: “Rio Corumbataí é tema de tese acadêmica na Unesp”). Com isso a Alba ficou sendo uma das personagens principais na pesquisa, já que foi ela quem intermediou minha inserção na comunidade da cidade de Corumbataí.

## **1.2 Cartografando Mapas na Rede de Pesquisa**

A escolha em se trabalhar com depoimentos e, portanto, com relatos orais é porque estes baseiam seus registros em depoimentos em que prevalece a perspectiva do depoente sobre o acontecimento. Dessa forma, a experiência vivida e experimentada é que importa.

Esses relatos possibilitam perceber a perspectiva histórica dos indivíduos pertencentes a todas as camadas sociais e, ainda, que se obtenham leituras diferentes de um mesmo acontecimento. Esse ampliar de perspectivas históricas permite a inclusão como interlocutores concretos os movimentos sociais. Por exemplo: o ambientalista, feminista, homossexual, etc. Esta “virada sociocultural”, como o dizer de Peter Burke, nos possibilita

colocar no cenário da história personagens e movimentos até o momento esquecidos e/ou desconhecidos. Assim, essa “virada sociocultural” nos permite abordar, atualmente, como históricos temas que até o início do século vinte não pertenciam a este espectro de preocupações. Talvez o melhor exemplo seja a questão ambiental com a pergunta: Que mundo vamos deixar a nossos filhos? Ora, esta é uma pergunta de ordem histórica muito mais que de ordem puramente biológica ou ecológica. É uma pergunta possível no século vinte, pois o “acontecimento epistemológico” da Ecologia e do Movimento Ambientalista só é possível na época contemporânea. Ainda mais se considerarmos o que diz Alfredo Bosi a respeito do desenvolvimento desenfreado do progresso:

É vivo, porém, o sentimento de que o progressismo atravessa hoje uma de suas crises mais traumáticas. Devemos enfrentar animosamente ou, pelo menos, estoicamente, os sintomas e as causas dessa crise. Parece-me que ela resulta de frustrações na medida em que o avanço tecnológico, além de ter acarretado prejuízos terríveis à natureza, por si mesmo não curou as feridas de miséria do Terceiro e Quarto Mundo, nem humanizou o convívio entre os povos em pleno fim deste milênio. (BOSI, A., 1994, p. 22)

A partir dessas considerações, optamos por um percurso de pesquisa em que o depoimento dos atores sociais da cidade de Corumbataí participasse do relevo central da investigação com o objetivo de apreender um cenário e uma paisagem do povoamento e do rio Corumbataí. Nesse contexto, a opção por um trabalho que se utiliza da História Oral é considerada natural e, ao mesmo tempo, axiologicamente instigante. Daí o cuidado que tivemos em seguirmos alguns procedimentos durante os depoimentos, que exporei a seguir. A primeira preocupação que tivemos para com os depoimentos foi a de gerar empatia. Esta aproxima o depoente do entrevistador e permite o compartilhar de experiências. Segundo Vilas Boas,

Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. (VILAS BOAS, S. , 2002, p. 14).

Outra preocupação foi a de que o entrevistador não deve direcionar as perguntas, palavras, gestos, respostas e histórias de modo a validar sua hipótese. O depoimento deve ser sempre um diálogo, portanto, não adianta nos iludirmos tentando eximir o entrevistador de qualquer interferência, já que o depoimento é uma construção dialética. Assim, a

construção ética desse diálogo funda-se na possibilidade de compartilhar experiências e na aceitação do outro com suas fronteiras da mesma forma que o entrevistador tem as suas.

É preciso deixar o depoente falar livremente o que fez, falar de suas lembranças e que ele dê a elas sua própria interpretação. Sempre mantendo um tom coloquial. Desenvolver a capacidade de observar e ouvir, sempre com muita paciência. Lembrar-se de que o depoente é o protagonista do depoimento. Esta é uma questão candente em História Oral: ouvir o outro. Há certa tendência no comportamento social em pré-julgar, categorizar, classificar e agrupar os “outros”, aqueles “fora de mim”. Para aquele que se dispõe a uma ação de entrevistador, é fundamental o respeito à alteridade como valor ético.

O depoimento neste trabalho apresenta um diferencial. Outros trabalhos de pesquisa, em História Oral, utilizam um roteiro de perguntas estruturadas ou semi-estruturadas, segundo o tema, ou, até mesmo, por meio de questionários. Esta pesquisa se utilizou de um roteiro de fotografias de época como disparador da memória de seus depoentes. Nossa intenção, ao usar fotografias, é análoga àquela de Vico com a música.

O tempo reversível é, portanto, uma construção da percepção e da memória: supõe o tempo como seqüência, mas o suprime enquanto o sujeito vive a simultaneidade. O mito e a música, que trabalham a fundo a reversibilidade, são 'máquinas de abolir o tempo', na feliz expressão de Lévi-Strauss. Ora a condição de possibilidade do mito e da música é a memória, aquela memória que se dilata e se recompõe, e a qual Vico chama de fantasia. A memória vive do tempo que passou e dialeticamente, o supera. (BOSI, E., 1994, p. 27).

As fotografias ou as descrições detalhadas muitas vezes nos fornecem algumas das sensações próximas daquelas que Marcel Proust chamaria de memória involuntária.

(...) ‘é bonito ter tanto verde na janela do meu quarto’ até o momento em que, o vasto quadro verdejante, reconheci, pintado ao contrário em azul-escuro, por estar mais longe, o campanário da igreja de Combray, não uma imagem desse campanário, mas o próprio campanário que, pondo assim sob meus olhos a distância das léguas e dos anos, viera, em meio da luminosa verdura e com tom inteiramente outro, tão sombrio que parecia apenas desenhado, ao inscrever-se no losango de minha janela. (PROUST, M., 1958, p. 1)

A descrição mais atenta de memória involuntária para Proust poderia ser indicada como “*Sua memória, a memória de suas costelas, de seus joelhos, de suas espáduas lhe apresentava sucessivamente vários dos quartos onde havia dormido, enquanto em torno dele as paredes invisíveis, mudando de lugar segundo a forma da peça imaginada, redemoinhavam nas trevas*” (PROUST, M., 1960, p. 13). Localizada no corpo

que lembra, a memória involuntária nos traz lugares, odores, cores, mobílias, companhias, etc. Ao despertar, Proust parece dar maior poder à memória do que ao conhecimento, este advém daquela, pois,

E mesmo antes que o meu pensamento, hesitante no limiar dos tempos e das formas, tivesse identificado a habitação, reunindo as diversas circunstâncias, ele, — o meu corpo, — ia recordando, para cada quarto, a espécie do leito, a localização das portas, o lado para que davam as janelas, a existência de um corredor, e isso com os pensamentos que eu ali tivera ao adormecer e que reencontrava ao despertar. (PROUST, M., 1960, p. 13)

A anatomia da memória involuntária é constituída por Proust em uma narrativa quase fotográfica. É onírica. É o lugar do sonho e não da razão, da existência e não da lógica do sentido, é um lugar, enfim, da experiência (social) e não experimental (físico). A fotografia, dando precisão e verdade visual à memória, torna possível manter a memória do tempo — de origem mais individual que social — e de certa cronologia e, ainda, multiplicá-la e democratizá-la. Talvez possa mais, a fotografia tende a mostrar a estrutura diacrônica regida por tempos outros que o tempo linear e social. Segundo Le Goff,

A galeria de retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa do seu chefe, o seu retratista. Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram. (...) O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido do que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, 'ordem das estações' da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos de sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retêm do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais a confiança e seja mais edificante do que um álbum de família. (LE GOFF, 2000, p. 48).

As fotografias e os filmes de família guardam a memória do grupo familiar, deixando registradas tanto cenas flagrantes do cotidiano quanto as cerimônias que marcam a vida familiar, como os nascimentos, aniversários, casamentos, festas natalinas, etc. As fotografias penduradas nas paredes ou dispostas no álbum de família constituem o tesouro familiar, a herança das gerações mais jovens. Além disso, os comentários, as histórias, as lembranças evocadas por essas imagens apresentam aos jovens uma história que não viveram, mas da qual fazem parte, convidando-os, assim, a incorporar à sua história essa

memória familiar. O uso social dessas imagens permite a criação de um verdadeiro rito de memorização e de integração das gerações.

Segundo Koury, a fotografia é considerada, principalmente pelos cientistas sociais em suas pesquisas, como um registro imparcial, uma cópia, um espelho da realidade a ser investigada, um instrumento auxiliar de um discurso verbal ou escrito. Mas já há sinais de mudanças anunciando uma tendência ao uso de imagens de uma maneira sofisticada e valiosa para um conhecimento das sociedades a serem estudadas. Esta resignificação do papel das imagens tem trazido à tona discussões que questionam o “pretenso realismo das imagens”. Assim muitos pesquisadores lidam hoje com a interpretação e análise das imagens, sendo que essas significam,

(...) ao mesmo tempo, o olhar do criador, e o olhar do espectador, e a interpretação é a resultante desta interdependência, ou desta ambigüidade de olhares, associada ou não a um terceiro olhar que busca compreender os mecanismos sociais que desconstroem e reconstróem as informações transmitidas pelo intercruzamento dos diversos olhares. (KOURY, M., 1998, p. 114).

Desse modo, a imagem deixa de funcionar como mero reflexo do real – uma vez que ela dá a ilusão de substituí-lo -, pois a sua função, na verdade, é instaurar uma nova realidade. Imagens não são dados, mas construções imaginárias, são simbolizações construídas socialmente. Então o que importa reconstruir ou discutir é o modo como uma imagem se idealiza e constrói um campo de significação.

Toda representação visual é uma projeção imaginária do sujeito sobre um objeto. Portanto nada escapa ao processo de elaboração simbólica e de atribuição de significados, nem mesmo as imagens que perseguem a “verdade”, ou reprodução “fiel” da realidade, como a fotografia. A fotografia também faz parte do campo da imaginação, que é por essência uma disposição do olhar para um certo conhecimento, da mesma maneira que todo trabalho de escrita passa por uma elaboração ficcional.

Essas ambigüidades do campo imagético podem ser apreendidas a partir da infusão de fantasmas dentro da imagem. A instauração de fantasmas dentro da imagem resulta da inversão dos referenciais: no lugar da estrutura imaginária de um sujeito cultural, cultiva-se a função referencial a objetos. Desse modo, o imaginário manifesta-se tanto nas formas de apreensão supostamente realistas do mundo (a fotografia e o conceito), como na produção tida e consentida como pura expressão da perda de contato com o real (a arte e a ficção). (KOURY, M., 2001, p. 116).

Nas fotografias, como se pretendem objetivas e racionais, o imaginário se manifesta implicitamente, por meio das várias interpretações possíveis. A imagem fotográfica é, portanto, a expressão da ilusão especular, de origem inconsciente, que consiste na substituição dos mecanismos de designação pelos de identificação. A ilusão fotográfica é uma das modalidades do imaginário, já que por definição a imagem não é o real e a função do imaginário é atribuir sentido a partir de imagens significantes.

Em nossa investigação pretendemos, por meio do uso de fotografias de época, reconstituir a percepção do tempo enquanto, paradoxalmente, seqüência ou simples atualidade. Esse potente disparador de fantasias, tanto no presente quanto no passado, é o que constitui o vivido. Atualizar o passado ao deparar-se com o presente é um ato realizado pela memória daquele que relembra.

### **1.2.1. O passado registrado**

A pesquisa sobre fotografias antigas da cidade de Corumbataí começou logo com as primeiras visitas ao Arquivo do Município de Rio Claro, SP, já que este é o único lugar de pesquisa e acesso público e gratuito que continha fotografias de época da cidade na região. Não é mais prática comum haver um arquivo fotográfico em jornais por falta de espaço. Havia acervos de fotógrafos profissionais particulares, porém não eram gratuitos. Como esta seleção ocorreu antes de meus contatos com os depoentes, eu ainda não tinha tido acesso a esses acervos particulares. Em minhas primeiras visitas ao Arquivo do Município de Rio Claro, meu objetivo principal era dar busca em jornais e documentos antigos a fim de encontrar notícias sobre Corumbataí. Durante essas pesquisas me deparei com algumas edições especiais do Jornal Regional, que tem circulação semanal em toda a região. É prática comum desse jornal lançar esses “Cadernos Especiais” em comemoração ao aniversário das várias cidades em que ele circula. Algumas dessas edições continham “Cadernos Especiais” comemorativos ao aniversário da cidade de Corumbataí com muitas fotografias de época e contando um pouco da história da cidade.

Quando resolvi fazer uso do roteiro de fotografias para a entrevista, logo retornei ao Arquivo do Município de Rio Claro em busca das edições dos “Cadernos Especiais” e também de outras fotografias. A pré-seleção das fotografias a serem utilizadas nos

depoimentos foi feita durante o fim do mês de agosto e começo do mês de setembro de 2005 e sempre com base nas fotografias encontradas em jornais antigos do acervo do Arquivo do Município de Rio Claro. Durante essa pré-seleção, foram escolhidas dezenas de fotografias potencias. Entre estas, na seleção final ocorrida em 06 de setembro de 2005, escolheram-se 11 (onze) para serem utilizadas.

O critério de seleção das fotografias foi feito com base nas lembranças que pensamos que elas poderiam suscitar nos depoentes, para, a partir da memória e das histórias despertadas pelas fotografias, tentar recriar possíveis modos de vida dos habitantes da cidade de Corumbataí.

Da edição da semana de 16 a 22 de março de 1991 do Jornal Regional, em seu caderno avulso “Caderno Especial” em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí contendo várias fotografias de época e contando um pouco da história dessa cidade, foram escolhidas 07 (sete) fotografias, expostas a seguir:

*Primeira fotografia: Caderno Especial do Jornal Regional da semana de 16 a 22 de março de 1991, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com*

*fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página 07. Data: Dezembro de 1900. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Legenda: Em foto de dezembro de 1900, Emigdio Venturolli e sua esposa Giuditta, dos primeiros imigrantes a chegar em Corumbataí, e seus filhos Clementina, Silvio, João e Maria. A família Venturolli já está em sua sexta geração no Brasil.

Ao selecionar esta fotografia, pretendíamos fazer com que os depoentes reconstituíssem a história das famílias dos primeiros imigrantes que se fixaram na cidade. Nossa intenção era, ainda, entender o que os levou a sair de sua terra natal; saber como e por que esses imigrantes vieram para Corumbataí; entender seu modo de vida, seus valores; enfim, tentar recriar a colonização da cidade de Corumbataí. Como entre os vários lugares da memória muitos incluem a presença dos pais e da família, tanto do ponto de vista psicanalítico freudiano quanto da organização posterior do ego, nosso objetivo era, ao mostrar esta fotografia, levar as pessoas a retornarem, também, a sua infância e nesta narrarem as relações com pais e irmãos neste período da vida.

*Segunda fotografia: Caderno Especial do Jornal Regional da semana de 16 a 22 de março de 1991, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com*

*fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página 07. Data: 1919. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Legenda: A Corporação Carlos Gomes fazia suas retretas no antigo coreto, hoje a fonte luminosa, e tinha como presidente Emigdio Venturolli e como maestro o armeiro Nicola de Muzio, assessorado pelo músico e sapateiro Sylvio Sacomanni. Foto de 1919.

Esta fotografia foi escolhida para que os depoentes pudessem tratar, de maneira geral, do envolvimento de seus habitantes com a vida cultural de Corumbataí no início do século XX. Foi escolhida também com propósitos análogos aos da primeira fotografia, isto é, tentar recriar o modo de vida dos moradores e colonizadores da cidade de Corumbataí da época. Consideramos esta fotografia significativa pelo fato de nela aparecer a expressão “Corporação Musical”, em vez de “Sociedade Phifarmonica” ou “Banda Musical”, expressões mais usadas na época. E, mais ainda pelo sugestivo nome de “Carlos Gomes”, que já é um indicativo cultural do gosto musical mais clássico, mais europeu. Isto denota, do nosso ponto de vista, um senso musical apurado independente do “ofício” que o músico desempenhava em seu “emprego de subsistência”.

*Terceira fotografia: Caderno Especial do Jornal Regional da semana de 16 a 22 de março de 1991, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com*

*fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página de capa. Sem data. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Legenda: A cidade de Corumbataí desenvolveu-se em todos esses anos, mas guardou para si algumas características próprias, acontecendo o mesmo com a Igreja Matriz. Suas mudanças foram sutis, como, por exemplo, o relógio e as janelas.

Com a escolha desta fotografia, pretendíamos suscitar, nos depoentes, a história da religiosidade do povo, das festas religiosas, da importância da religião para a cidade. Como a religião influenciou a vida dessa comunidade e se influenciou. Do mesmo modo, pretendíamos despertar a memória dos depoentes para os fatos marcantes acontecidos tanto na Igreja Matriz como no Jardim Público, onde ela está localizada, por ser este um dos principais locais da cidade e palco de grandes comemorações e acontecimentos. Esta, segundo nossas fontes iniciais, era uma fotografia que remetia com profundidade à questão da “comunidade de experiências” da qual nos fala Walter Benjamin. Ou seja, a igreja era o palco das grandes experiências, independente do fato da religiosidade, que Corumbataí possuía. Era lá que se encontravam os amigos, narravam-se as histórias, constituíam-se axiologias.

*Quarta fotografia: Caderno Especial do Jornal Regional da semana de 16 a 22 de março de 1991, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com*

*fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página 10. Sem data. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*

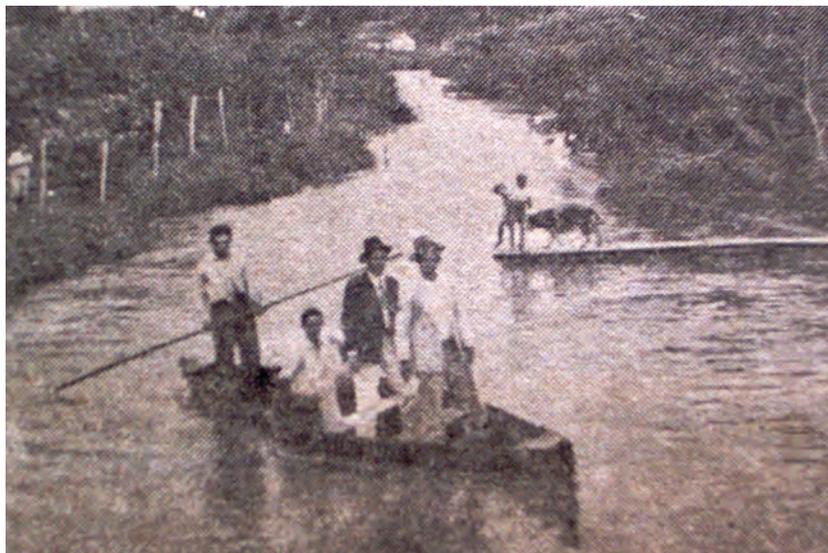


Legenda: Em quermesse de São José, de aproximadamente 1932, a equipe do correio elegante da barraca São Paulo era formada por Amélia Doimo, Joanhina Costola, Alice Venturolli, Margarida Costa, Virginia Baccaro, Glorinha Chiossi e Elias Moirquezan.

Esta fotografia foi escolhida com o intuito de que os depoentes relembassem o seu envolvimento com o Movimento Integralista. De como a cidade, de maneira geral, se envolveu com esse movimento. Isto porque, embora a fotografia esteja um tanto amarelecida pelo tempo, nela se destaca a “farda” trajada pelas moças do “correio elegante”, que lembra bem de perto os trajes integralistas. E, mais ainda, como Corumbataí sofria influência política de Rio Claro, entendemos que este “lugar da memória” nos informaria sobre o passado político da cidade, o que possivelmente poderia ser inserido em um contexto político nacional.

*Quinta fotografia: Caderno Especial do Jornal Regional da semana de 16 a 22 de março de 1991, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com*

*fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página 11. Sem data. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Legenda: O rio Corumbataí, nessa época, data desconhecida, ainda era navegável e mantinha seu curso natural, mas a beleza singela da foto é eterna.

Esta é uma fotografia bem significativa para nossa pesquisa, pois mostra várias pessoas passeando no rio Corumbataí antes de sua retificação, quando ele ainda era navegável e com mata ciliar preservada. Nela percebe-se um modo de vida da época em que o rio era utilizado como via de transporte, como local de entretenimento, como irrigador das plantações, etc. Enfim, ela resume a importância e a interação dos habitantes da cidade de Corumbataí com o rio que lhe deu o nome. A partir desta fotografia, pretendíamos discutir a influência do rio na vida econômica, cultural e social dos habitantes da cidade e tentar descobrir qual o modo de pensar desses habitantes a respeito do rio que motivou a sua retificação.

*Sexta fotografia: Caderno Especial do Jornal Regional da semana de 16 a 22 de março de 1991, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com*

*fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página 02. Sem data. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Legenda: Estação ferroviária, o símbolo do desenvolvimento. Um incêndio pôs fim a um pedaço da História.

A partir da escolha desta fotografia pretendíamos despertar nos depoentes as recordações da antiga estação ferroviária, a importância da antiga estrada de ferro para os habitantes de Corumbataí. Saber o porquê de sua criação, de que modo ela afetava a economia da cidade, como eram os meios de transporte da época. Aqui tentaremos obter narrativas sobre a importância da estrada de ferro para os moradores e como ela contribuiu para o desenvolvimento cultural (estudar ou lecionar em outra cidade era muito comum, até a metade do século passado, em vários depoimentos coletados pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática - GHOEM). E, como Corumbataí fica próxima de Rio Claro, que era um dos principais pólos ferroviários do estado de São Paulo, pretendemos com esta fotografia visitar essa memória. Colhendo histórias de pessoas que se deslocavam utilizando os trens, nossa intenção era que nos narrassem a utilidade das “máquinas de ferro”, o uso que delas faziam e por qual caminho as linhas de trem percorriam suas memórias estabelecendo novos lugares e novas paisagens culturais, econômicas e afetivas.

*Sétima fotografia: Caderno Especial do Jornal Regional da semana de 16 a 22 de março de 1991, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com*

*fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página 11. Data: 1961. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Legenda: A enchente ocorrida em 1961 na estrada da olaria, caminho para Ferraz, impediu o trânsito e fez Nelson Nocce navegar naquelas águas.

Esta fotografia foi escolhida na intenção de que os depoentes pudessem discutir os problemas causados pelas constantes enchentes do rio Corumbataí antes de sua retificação. E, ainda, para tentar descobrir de que maneira as enchentes afetavam o cotidiano das pessoas e a vida econômica, cultural e social dela, bem como perceber quais foram os prejuízos causados e as razões que levaram os moradores da cidade a canalizar o rio Corumbataí. Enfim, como a questão do rio atravessava as experiências cotidianas dos moradores e como esses viviam com as cheias do rio.

Da edição do dia 20 de março de 1992 do Jornal Regional em uma tiragem especial em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí contendo várias

fotografias e reportagens desta cidade, foram escolhidas outras 03 (três) fotografias, expostas a seguir:

*Oitava fotografia: Edição Especial do Jornal Regional de 20 de março de 1992, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com fotografias antigas da cidade de Corumbataí. Página 14. Data: Fevereiro de 1991. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Título da reportagem: O símbolo máximo da indústria e da história.

O motivo da escolha desta fotografia foi o de discutir a história econômica de Corumbataí - que tem como um símbolo máximo a Olaria São Paulo - seus números, sua influência no cotidiano da cidade e de seus moradores, o desenvolvimento tecnológico advindo para a cidade de modo geral com a possível industrialização, os impactos para a natureza, a melhoria da vida econômica de seus habitantes, etc. Pretendemos ainda investigar o impacto que os possíveis avanços econômicos indicavam na alteração do ritmo de vida dos moradores da cidade.

*Nona fotografia: Edição Especial do Jornal Regional de 20 de março de 1992, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com fotografias antigas da*

*cidade de Corumbataí. Página 15. Data: Fevereiro de 1991. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*



Continuação da reportagem: O símbolo máximo da indústria e da história.

Já esta fotografia foi escolhida com propósitos muito parecidos com os da oitava fotografia, só que a intenção é a de discutir o declínio da vida econômica na cidade de Corumbataí, com as conseqüências que essa digressão de desenvolvimento possa ter acarretado para a cidade e seus habitantes. A tentativa é captar pelo próprio deteriorar que a fotografia apresenta como o processo econômico inicial foi articulado e, ao mesmo tempo, momentaneamente desarticulado. Será que houve resistência ao processo de desenvolvimento econômico nascente em Corumbataí? Se houve, quais seriam os motivos? O ritmo de vida das pessoas que habitavam a cidade não se adaptou às novas exigências? As condições financeiras e de infra-estrutura foram o empecilho mais forte? Ou será que a adaptação ao processo de desenvolvimento econômico nascente passou por outros caminhos? Se foi esse o acontecimento, quais seriam os outros caminhos que foram trilhados?

*Décima fotografia: Edição Especial do Jornal Regional de 20 de março de 1992, em comemoração ao aniversário da cidade de Corumbataí, com fotografias antigas da*

*cidade de Corumbataí. Página 06. Sem data. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*

Título da reportagem: “Há 90 anos vivendo as transformações de Corumbataí”



Legenda: A imponência da sede da Fazenda Santo Urbano de outrora contrasta com o ar de decadência que toma conta do lugar atualmente.

Com esta fotografia tentamos captar a história das sesmarias, das primeiras fazendas, da riqueza da região, dos produtores de café, a história dos escravos e dos imigrantes que vieram para trabalhar nas fazendas. Os propósitos de sua escolha foram muito parecidos com os da primeira e segunda fotografia. Esta forma de ir e vir com as fotografias havia sido, de certa maneira, planejada como necessária e obrigatória, pois a memória não é organizada de forma sincrônica e com uma temporalidade cronológica, mas sim de uma forma diacrônica e não linearizada. Ou seja, a pessoa que recorda aquilo que viveu guarda suas lembranças em tempos diferentes de certa cronologia temporal — serial, externa e social. Alguns estudiosos, entre eles Freud, consagraram vários estudos à característica diacrônica da memória. Na Conferência XXVII, sobre a transferência, vimos que, ao lidar com material inconsciente, temos, preferencialmente, de “situar esse material inconsciente topograficamente, devemos procurar, em sua memória, o lugar em que se tornou inconsciente devido a uma repressão”, ou seja, esse autor afirma que a memória de um fato pode estar em diversos e distintos lugares e tempos do sujeito reprimida pelos recalques. Assim, podemos conjecturar que uma fotografia pode desimpedir a posição

recalcada sendo substituída, no relato — uma função simbólica — por materiais conscientes. (FREUD, S. versão eletrônica integral, 2.0, p. 61).

Da edição do Jornal Regional a ser veiculada na semana de 23 a 29 de agosto de 1991 foi retirada 01(uma) fotografia.

*Décima-primeira fotografia: Reportagem de capa do Jornal Regional veiculado na semana de 23 a 29 de agosto de 1991. Página 01. Sem data. Retirada do Acervo do Arquivo do Município de Rio Claro, São Paulo em 09/09/2005.*

Título da reportagem: “Barragem no Corumbataí não permite a desova dos peixes”



Legenda: A barragem da CESP é apenas mais um problema do rio Corumbataí, que já sofre com a falta de mata ciliar e conseqüente assoreamento de seu leito.

Esta é uma fotografia muito importante para a pesquisa, pois com ela tentamos trazer à tona a discussão sobre a retificação do rio Corumbataí, a destruição da mata ciliar, a poluição das águas do rio, a agricultura em torno do rio e o impacto causado na flora e na fauna por sua retificação. Foi escolhida no intuito de se contrapor à quinta fotografia, que representa um modo de vida voltado para o uso, aproveitamento e preservação do rio, enquanto que nesta já o encontramos totalmente canalizado e degradado. A intenção era tentar descobrir a história do que aconteceu, por meio das práticas sociais, para que as idéias que motivaram a degradação do rio tenham ocorrido.

### **1.2.2 Escolhendo vozes:**

Foram realizados 05 (cinco) depoimentos com moradores da cidade de Corumbataí. Porém o número de depoentes foi maior. Como não faço parte dessa comunidade, minha inserção nela foi lenta, programada e houve a necessidade de ser mediada por uma terceira pessoa. Essa mediação foi feita por Alba Soares da Silva, uma funcionária do Jornal Regional que hoje mora em Rio Claro, onde é a sede do jornal, mas que havia morado e trabalhado em Corumbataí como correspondente local por muitos anos. Portanto ela conhece bem os moradores da cidade e havia feito algumas reportagens sobre a poluição no Rio Corumbataí. A Alba me foi indicada pela Lucilene de Aquino, funcionária da prefeitura e Coordenadora da Coleta Seletiva de Lixo e Meio Ambiente, meu primeiro contato na cidade de Corumbataí.

Procurei a Alba em busca de indicações de pessoas que conhecessem bem a cidade, a história do local e do rio e que também gostassem de contar “causos”. A primeira pessoa que ela me indicou foi o Sr. Geraldo Canhoni. Essa indicação foi reforçada alguns dias depois, quando fui à sede do jornal em busca do arquivo com fotografias antigas da cidade de Corumbataí e descobri que hoje em dia nos jornais não existem mais arquivos fotográficos, porém tive a oportunidade de conversar novamente com a Alba, uma repórter muito solícita, sorridente e de olhos espertos, sempre farejando alguma notícia. E ela novamente me indicou o Sr. Geraldo como fonte. Foi aí que liguei e marquei um encontro com ele e com as pessoas que ele quisesse convidar para conversarmos sobre a cidade de Corumbataí e o rio que lhe deu o nome. A indicação do Sr. Geraldo já havia aparecido em conversas telefônicas minhas com a Lucilene e com o Marcelo Kviatkovisk, pois, tanto ele quanto toda a sua família participam ativamente na vida política, agrícola e religiosa da comunidade.

Como o convite foi aberto às pessoas que o Sr. Geraldo Canhoni quisesse convidar, o depoimento foi cedido no dia 10 de setembro de 2005, na sua propriedade e com vários membros de sua família: Umbelina Carrera Canhoni, sua esposa, Maria de Lurdes Canhoni, sua irmã, Anna Bortolin Canhoni, sua mãe, João Batista Canhoni, seu filho e Eleodora Canhoni, sua filha. Ainda estavam presentes seus dois netos, Vitor Luis Canhoni e César Henrique Canhoni. Embora vários membros da família estivessem presentes, quase que a totalidade das falas foram proferidas por Geraldo Canhoni, 70 anos, e seu filho João Batista Canhoni, 43 anos, que na maioria das vezes concordava com as opiniões do pai. Portanto suas possíveis contribuições foram incorporadas nas falas do Sr. Geraldo.

Juntamente com o nome de Geraldo Canhoni, Alba me indicou vários outros nomes de possíveis depoentes, tanto quanto Lucilene e Marcelo. Seguindo a linha dos critérios de escolha utilizados com o Sr. Geraldo, os demais depoentes foram escolhidos por: serem moradores antigos da cidade de Corumbataí, ou seja, fazerem parte daquela comunidade há muitos anos, haverem sido indicados como fonte por outro depoente e/ou pela Alba, e/ou pela Lucilene, e/ou pelo Marcelo, e/ou por outros moradores da cidade de Corumbataí, e terem uma profissão representativa perante a comunidade.

Um fato comum em História Oral e já descrito por Ecléa Bosi, em *Tempo Vivo da Memória*, é que *é de muito bom alvitre sair com ele, caminhar ao seu lado nos lugares em que os episódios lembrados ocorreram (ruas, fábricas, bairros cuja transformação assistiu...)* (BOSI, E., 2003, p.60). Seguindo essa diretriz, aceitei o convite da Sr<sup>a</sup>. Maria José de Oliveira Jóia, uma professora aposentada muito prestativa com quem conversei a fim de obter informações sobre a cidade de Corumbataí e que gentilmente me levou até a casa de “D. Lalia”. Todos com quem conversei indicaram Rosália Perin de Oliveira, ou “D. Lalia”, como é conhecida na cidade, como possível portadora de muitas fotografias. O principal motivo é ela ter 95 anos e todos morados em Corumbataí. Esse encontro foi muito interessante e produtivo porque “D. Lalia” realmente possui um grande acervo pessoal de fotografias antigas da cidade, que com toda sua gentileza e simpatia foram cedidas para serem escaneadas e utilizadas na pesquisa.

O segundo depoente foi o professor José Lauro Casseb, 65 anos, indicação da Alba. Hoje ele abandonou a profissão docente e trabalha no tradicional, famoso e bem quisto restaurante Baddy. Conhecedor de muitas histórias por ser muito esclarecido e conversar com muita gente no restaurante, mas principalmente por ter vivido muitas dessas histórias. A entrevista foi realizada no dia 25 de novembro de 2005 em sua residência.

Do terceiro depoimento, por ter sido inusitado, vale que se conte sua história. Eu já havia marcado uma data limite para encerrar a coleta de dados e todo o trabalho de campo, e essa data se encerrava na semana do dia 26 de novembro de 2005, o que acabou não acontecendo. Eu tinha alguns nomes como indicação, mas infelizmente a maioria dos indicados ou eu não havia conseguido contato ou eram professores ou políticos influentes ou grandes industriais, típicos depoentes que eu estava evitando. Os professores, por eu já ter um número considerável de depoentes pertencentes a essa profissão, e os políticos e industriais, por fazerem parte do grupo hegemônico que sempre escreveu a história e, portanto, possuem um discurso pouco favorável a este ponto de vista mais abrangente a que esta pesquisa se propõe. Então, sem ter absolutamente nada marcado, aliás, somente

um depoimento que já havia sido marcado e desmarcado duas vezes por um depoente escolhido que não queria ser entrevistado, fui até Corumbataí em plena sexta-feira, dia 09 de dezembro de 2005. Dei uma volta na cidade e depois resolvi ir até o sítio de Marisa Zanarelli, uma professora de História muito dedicada que fez algumas pesquisas sobre o Núcleo Jorge Tibiriçá, sobre a história local e com quem eu já havia conversado anteriormente. Eu iria lhe devolver alguns livros de História que ela gentilmente me emprestara. No caminho para o sítio nos cruzamos de carro. Ela me passou a informação de que naquele momento estaria começando uma reunião sobre Meio Ambiente na Casa da Agricultura, assunto de meu interesse. Como a reunião era aberta ao público, ela me convidou a participar. Claro que fui.

Para minha surpresa, participando dessa reunião estavam Marcelo, Engenheiro Agrônomo com quem eu só tivera contato via telefone; Lucilene, funcionária da Prefeitura; João Batista Canhoni, representante da Associação Rural de Corumbataí e filho de Geraldo Canhoni, outros dois produtores rurais, representantes da associação, e duas professoras da escola da cidade. A pauta dessa reunião já foi citada anteriormente. Acabada a reunião, conversei com a Lucilene e com o João sobre a minha falta de alternativas nas escolhas de futuros depoentes. Saímos dali e o João já me levou a dois lugares. Um foi à casa da “Dona” Genny, uma adorável e irrequieta senhora com a qual marquei um depoimento para a próxima terça-feira. O outro foi um lugar no mínimo “diferente” dos academicamente sugeridos para arrumar depoentes, embora bastante apropriado para encontrar possíveis narradores e contadores de “causos”: o bar na frente da praça. Lá encontrei cerca de cinco ou seis senhores, todos aposentados, que iam ao bar todos os dias no fim da tarde para ver o movimento e, segundo eles mesmos, “jogar conversa fora”. Sim, eles teriam muito prazer em me ceder um depoimento. Claro, o depoimento poderia ser feito com qualquer um deles, ou mesmo com todos eles juntos. A que horas? A qualquer uma... O dia também, qualquer um... Segunda-feira, às duas da tarde estaria bem, afinal eram todos aposentados e, portanto, não trabalhariam na segunda. Agradei imensamente ao João e pedi licença ao dono do bar para a realização do depoimento, que prontamente concordou. Tudo certo para segunda-feira. Saí de lá radiante de felicidade.

Só que chegada a segunda, dia 12 de dezembro de 2005, nenhum dos senhores com quem eu havia combinado apareceu. Talvez eu tivesse marcado esse depoimento cedo demais. O fato é que não apareceram. Mas lá estava um outro senhor, muito distinto e disposto a falar, era o Sr. Adolpho Borgo, e também um outro sentado no banco da praça, o Sr. Vergílio Gigeck, que o dono do bar chamou talvez por ter ficado muito triste devido ao

fato de os outros não terem aparecido. E logo chegou um outro senhor muito bem falante e também amigo dos demais, o Sr. Michel Zaine. E foi assim que finalmente consegui meu depoimento no bar da praça. Totalmente inesperado e com depoentes escolhidos de forma totalmente aleatória. Mas como nada na vida acontece por acaso... o Sr. Adolpho Borgo, aposentado, já havia sido indicado como possível depoente em conversa com moradores da cidade e é marido da Sr<sup>a</sup>. Genny, de quem eu iria tomar o depoimento no dia seguinte. Porém nesse depoimento não consta a voz do Sr. Adolpho Borgo, pois ele acabou por não se pronunciar durante o depoimento. O Sr. Vergílio Gigeck, 77 anos, é primo do Sr. Geraldo Canhoni, que o havia indicado como depoente. E o Sr. Michel Zaine, 79 anos, representante comercial e ex-prefeito da cidade, também havia sido indicado como possível depoente por várias pessoas, entre elas, a Alba e outros moradores da cidade.

O quarto depoimento foi realizado no dia 13 de dezembro de 2005, na residência da Sr<sup>a</sup>. Genny Paiuta Borgo, 76 anos. Como já foi comentado anteriormente, a indicação de “Dona” Genny foi feita por João Batista Canhoni e ela foi escolhida por ser moradora antiga da cidade, já que morou em Corumbataí por toda a sua vida, tanto na zona rural quanto na parte central, e por ser conhecedora da vida e dos costumes da região.

O quinto depoimento foi feito com o Prof. Dr. Heraldo Antonio Britski, 72 anos, e sua esposa Peny Marion Calderini Britski, 67 anos. Ambos residem na cidade de São Paulo. O professor Heraldo é formado em História Natural pela Universidade de São Paulo (USP), com Doutorado em Ictiologia. Há vários anos dirige o Museu de Zoologia da USP e é considerado a maior autoridade mundial em peixes de águas interiores brasileiras. Sua esposa, Peny Marion Calderini Britski, é formada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). O encontro com o casal aconteceu no dia 25 de fevereiro de 2006, no sítio deles, que faz parte do Núcleo Residencial Jorge Tibiriçá, em Corumbataí.

Esse casal não se encaixava no perfil adotado para selecionar os depoentes já que reside há muitos anos na cidade de São Paulo. A primeira intenção era de ter somente uma conversa informal com o professor Heraldo, que tem um conhecimento científico acerca do rio Corumbataí, o que proporcionaria ao trabalho uma visão diferenciada a respeito do meu objeto de pesquisa. Como era só uma conversa, não foi utilizado o roteiro de fotografias durante o depoimento. Porém a conversa tornou-se muito interessante, repleta de novos dados coerentes com os objetivos da pesquisa, pois os depoentes têm familiares que ainda moram na cidade e são freqüentadores assíduos de um sítio que possuem no município, portanto, não perderam o contato com Corumbataí, sua história e seu rio. Dada sua importância essa conversa foi incorporada como depoimento.

Houve mais indicações de depoentes, mas elas começaram a se repetir. Os depoimentos também começaram a tornar-se repetitivos e com poucos fatos novos. Todos os sinais apontavam para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa.

### **1.2.3 O momento dos depoimentos:**

Houve um contato anterior ao do depoimento da parte da pesquisadora com cada depoente ou, em alguns casos, com os depoentes, para se agendar do depoimento e para fazer um pequeno resumo do que seria a pesquisa, os seus objetivos e metas. Foi deixada também clara a liberdade que os depoentes teriam caso manifestassem o desejo de desistirem da pesquisa em qualquer momento. A maioria dos depoentes não criou nenhum empecilho para o bom andamento da pesquisa, muito pelo contrário, gastaram seu tempo procurando documentos antigos, livros antigos, fotografias de seu acervo pessoal, procurando o endereço ou o telefone de um possível depoente, enfim, a maioria foi muito solícita e se engajou verdadeiramente na pesquisa.

O próximo momento com os depoentes foi o do depoimento propriamente dito, gravado em aparelho de MP-3 e filmado em vídeo, em datas e horários estabelecidos pelos depoentes, com exceção ao depoimento cedido no bar da praça. Todos os depoentes aceitaram o uso do gravador de MP-3 e sua utilização não causou nenhum desconforto aparente. Já o uso da filmadora pareceu inibir alguns dos depoentes, que consentiram com sua utilização desde que não fosse filmado o seu rosto. Assim o vídeo serviu apenas como *backup* do gravador quando a voz se tornava inaudível ou quando ocorria algum problema com o gravador, o que aconteceu em dois depoimentos. A filmadora foi de especial importância também nos casos em que o depoimento ocorreu com mais de um depoente para que pudessemos distinguir de maneira eficaz a voz de cada depoente.

Um procedimento usual, mas nem sempre possível em trabalhos que empregam a História Oral, é irem duas pessoas para o depoimento. Uma é o entrevistador e a outra pessoa é quem fica responsável pelos aparelhos eletrônicos, deixando o entrevistador totalmente disponível para o depoente e para o momento do depoimento. Essa seria a alternativa ideal, mas não foi o meu caso. Eu não tinha uma segunda pessoa disponível para me ajudar com os equipamentos durante os depoimentos, procedimento este que só se

agravou em alguns depoimentos devido ao maior número de depoentes. Então optei pela filmagem como única alternativa possível para distinguir as falas dos diferentes depoentes, o que acabou se revelando extremamente útil, muito rica e reveladora em detalhes. Para Joutard (2000):

Como interpretar o silêncio e o esquecimento? Para nos ajudar, é indispensável a análise da totalidade do documento: hesitações, silêncios, lapsos... Assinalemos, ainda, o interesse da gravação em vídeo, que permite capturar também gestos e expressões. (JOUTARD, P., 2000, p.35).

Nos casos em que o depoente não permitia que o seu rosto fosse filmado, sua vontade foi respeitada, porém devo acrescentar que houve uma grande perda de qualidade na transcrição do depoimento, na sua textualização e, acredito, haverá na posterior análise, pois os depoimentos são recheados de ditos, interditos, subterfúgios, pausas carregadas de emoções, sentimentos como ironia, vergonha, etc. Enfim, uma gama de informações que acabam por se perder quando se analisam somente as respostas dadas pelos depoentes, ou suas histórias textualizadas. A análise conjunta de sua história ou respostas com suas feições, suas pausas, seus trejeitos nos possibilitam encarar essas histórias e respostas de diferentes maneiras, sob novos olhares e outros pontos de vista. Nessa perspectiva é que, concordando com Joutard (2000), vejo a filmagem do depoimento como uma parte muito importante na pesquisa.

Há várias maneiras de se colher um depoimento. O que normalmente se vê em pesquisas de História Oral é a utilização de entrevistas estruturadas, semi-estruturadas baseadas em um roteiro de perguntas. A intenção é fazer com que a memória dos depoentes aflore a partir dessas perguntas e que suas respostas dêem conta dos objetivos do questionário aplicado. Esta pesquisa se utilizou de um roteiro de fotografias de época como motivador da memória de seus depoentes por entender que a fotografia é um potente disparador de fantasias tanto no presente quanto no passado.

Para aplicar esse roteiro de fotografias, foi necessário explicar aos depoentes como seria colhido o depoimento, já que nestes usualmente acontecem perguntas de forma oral e eles estavam esperando por elas. Quando foi explicado que haveria somente fotografias de época, de moradores e de locais da cidade de Corumbatá, tiradas de jornais antigos e que os depoentes poderiam falar sobre qualquer coisa que em sua memória as fotografias suscitasse, eles ficaram muito animados. Foi explicado que não haveria uma

ordem preestabelecida para virar as fotografias, já que de início estavam todas com a imagem voltada para baixo.

O padrão de virada das fotografias se repetiu: os depoentes começaram a virar as fotografias com certa cerimônia no início, mas quando perceberam que em algumas delas havia parentes seus ou conhecidos, ficaram muito animados e passaram a virá-las de modo desordenado na pressa de se encontrar ou de encontrar mais conhecidos nas fotografias restantes. Em alguns dos depoimentos tive que esperar os depoentes verem todas elas primeiro para acalmar a curiosidade e só então o depoimento pôde começar, tal a euforia com as fotografias. Não raro as pessoas me perguntaram se eu possuía mais fotografias e de onde eu as havia pegado, na intenção de também conseguirem algumas delas para si. Houve muita emoção em alguns dos depoimentos. Alguns depoentes encontraram nessas fotografias pais, parentes e amigos já falecidos. Mas o que mais chamou a atenção foi o modo com que histórias e “causos” simplesmente explodiam na memória dos depoentes. Era imediata a lembrança recordada e a maioria das fotografias despertou uma recordação de fatos passados seguidos de outro fato mais recente ou de outro fato mais antigo. Não houve nenhuma regra imposta e a memória chegou assim, de forma diacrônica, e as histórias chegaram de forma não linear. Normalmente os depoentes voltavam a alguma fotografia já vista e comentada, pois as recordações despertadas de uma fotografia vista posteriormente os faziam lembrar-se de algo acontecido que se relacionava com as lembranças e histórias suscitadas por essa fotografia anterior. Porém houve uma fotografia que não conseguiu motivar os depoentes. Trata-se da nona. Ela e sua anterior, por serem muito similares, despertaram o mesmo tipo de memória.

“O tempo passou muito rápido...” Esse foi o comentário geral ao término de cada depoimento. E a maioria deles foi longo. Deu para perceber o prazer causado pelas lembranças despertadas e o que normalmente eu ouvia era o agradecimento pelo momento de alegria e prazer. Os depoentes esperavam o tipo tradicional de entrevista, que na expectativa de alguns deveria ser monótona e enfadonha. Houve uma grande mudança de comportamento e de perspectivas quando as fotografias foram apresentadas, seguida da euforia.

#### **1.2.4 Tratamento dado ao depoimento: transcrição e textualização.**

Quando terminamos um depoimento, iniciamos um novo processo que começa com a transcrição literal deste depoimento e posterior textualização. Desse novo processo nascerá um texto, não uma tradução do primeiro, mas sim um texto diferente, modificado, na intenção de proporcionar ao leitor um texto corrido e mais fácil de ser lido.

Faz parte dos procedimentos da Metodologia da História Oral, o diálogo e os acordos feitos entre entrevistador e depoente, transformando este último em o que alguns autores chamam de colaborador. O texto final, ou textualizado, resultado de múltiplos acordos e encontros entre o entrevistador e seu colaborador, é um texto vivo, povoado de palavras que provavelmente não foram ditas daquela maneira pelo depoente, mas que somente ele as poderia ter dito. Ali cada história, cada ritmo, cada momento narrado pertence a ele, e somente a ele. Ele se identifica com o texto, já que aquela é a vida escolhida por ele para ser a sua vida, para ser o representante, para ele, do vivido (o que não quer dizer que seja o realmente vivido).

As seleções das lembranças são feitas pelo indivíduo passando por “atos falhos”, “mentiras”, “inconsciências”, “enganos”, “esquecimentos”, “lapsos”, “vergonha”, “prepotência” e “orgulho”, “ vaidade” e “inveja”, “ignorância” e “sabedoria”. E tudo isso se transformará em texto, que não se esgota em si, já que o leitor deixa de ser um espectador passivo e se converte em verdadeiro participante interpretando as falas e narrativas, mediadas pelo entrevistador.

Então nosso procedimento, ao acabar o depoimento, foi o de fazer a sua transcrição literal para depois partirmos para a etapa posterior: a textualização. O texto resultante foi editado, embora tenha sido mantido o caráter de fotografias e enunciação, já que normalmente todo depoimento contém determinados vícios de linguagem, oralidades e características do depoente que tornam o texto menos fluente ao leitor. Essas “falhas” da linguagem coloquial foram suprimidas em parte, os assuntos foram agrupados, prezando sempre pela manutenção do sentido intencional dado pelo narrador. Não houve correção gramatical nas textualizações para que não interferisse na espontaneidade, naturalidade e no modo de falar característico de cada depoente. Um exemplo disso é a palavra “levianinho” que foi usada como sinônimo de leve, isto é, com um sentido completamente diverso do correto.

A narrativa foi deixada em forma de texto corrido para dar melhor continuidade e cadência. Essa textualização foi utilizada como material de base na escolha de respostas aos nossos questionamentos iniciais e para a respectiva análise do conjunto de depoimentos.

Na textualização optamos pela inclusão de notas de rodapé, caso houvesse a necessidade, que explicassem não só as idéias não muito claras, mas também os termos específicos ou coloquiais que, porventura, fossem desconhecidos dos possíveis leitores do trabalho. As explicações de palavras e expressões usadas originalmente foram prestadas pelos depoentes.

Algumas textualizações foram feitas experimentalmente tendo como inspiração a obra literária de um autor, neste caso Guimarães Rosa, já que sua literatura ficou marcada pela linguagem inovadora, pois ele utilizava fortes traços de linguagem popular e regional em suas narrativas. Tudo isso lhe permitiu a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e palavras populares, invenções e intervenções semânticas e sintáticas. Em sua obra o autor descreve sua terra e sua gente não como exaltação, mas como tentativa de compreender o momento presente, as desigualdades, passando a explorar o humano nas suas correlações com o meio, a linguagem, a paisagem e a cultura de uma determinada região. Como essas eram também as minhas intenções com os depoimentos, me utilizei desse modo de escrita nas textualizações de Geraldo Canhoni e de Vergílio Gigeck (depoimento do Bar da Praça), pois esses eram os depoentes com maiores características regionais.

O texto modificado foi devolvido ao depoente para conferência, sendo passível de correções e/ou alterações. Após as devidas correções e/ou alterações e as negociações entre entrevistador e depoente, chegamos a uma textualização final. Só então foi entregue a “Carta de Cessão” devidamente assinada pelo depoente. Essa “Carta de Cessão” é o documento em que o depoente assina concordando e legitimando a textualização final e cedendo os direitos da entrevista ao entrevistador/pesquisador para que, em sua pesquisa, este possa usá-la parcialmente, como trechos em citações, ou integralmente.

### 1.2.5 Caderno de campo:

Durante cada etapa percorrida desta pesquisa esteve presente a elaboração de um caderno de campo. Sua confecção deve ser vista como um procedimento de grande importância para pesquisas em geral, mas principalmente nas pesquisas em História Oral, em que os sentimentos e a subjetividade são primordiais.

O propósito da elaboração deste caderno foi que ele servisse como um diário da pesquisa, como um norteador de idéias, um detector de tendências para a pesquisa, como caderno de anotações de nomes, telefones, possíveis depoentes, como lembrete de idéias, como coletor de dados, como agenda, como anotação de tópicos importantes surgidos nas reuniões com o orientador, enfim, que ele contivesse todos os dados e detalhes da pesquisa. Nele estão os resumos de todas as minhas visitas a Corumbataí, a descrição dos meus sentimentos, anseios, expectativas antes e depois de cada uma dessas visitas. Estão as descrições de cada contato com os moradores de Corumbataí, o relatório e os resultados advindos após cada contato. Estão os nomes listados dos possíveis depoentes, a seleção dos depoentes, minhas impressões acerca de cada entrevista, os resultados de minhas pesquisas no Arquivo do Município de Rio Claro, minhas decepções, os problemas que enfrentei durante os caminhos e descaminhos da pesquisa. Estão todas as anotações das minhas sessões de orientação; estão os livros que eu deveria ler, os caminhos a tomar, lugares a pesquisar. Ele conta a história da pesquisa na forma de um diário.

Para tanto foi necessário criar o hábito de escrever e detalhar diariamente cada passo desta pesquisa, bem aos moldes do que comumente se conhece como diário. Acho importante aglutinar todas essas informações em um só lugar para que se tenha um acesso rápido e fácil a todas elas, no que diz respeito à organização dos dados da pesquisa e para que se tenha uma boa visão do trabalho como um todo.

O caderno de campo foi de extrema importância na elaboração dos textos em que se fazia necessário reviver momentos, sentimentos e foi possível conseguir descrever hoje as sensações que me invadiram a cada depoimento, a cada visita a Corumbataí, em cada contato estabelecido. As descrições dos depoentes, dos caminhos percorridos na pesquisa, dos problemas e obstáculos encontrados, tudo isso se perde se não nos propomos a registrá-los todos os dias. E é a partir de descrições cheias de detalhes do diário de campo, que transformamos uma imagem estática em uma imagem viva.



## Capítulo 2

# NARRATIVAS DO RIO

**Carta de Cessão**

Eu, (nome, estado civil, R.G.) Gualdo Canheni, casado,  
00 252 10 3397, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 10/09/2006, por Luciana Schreiner de Oliveira Zanardi, R.G.3.918.534-2, para que ela possa usá-la integralmente, bem como a sua transcrição e textualização, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Instituição que tem a sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Corumbataí, 31 de maio de 2006

Sujeito de pesquisa: Gualdo Canheni

## Geraldo Canhoni

A varanda da casa não é tão grande, mas era lá que todos me esperavam sentados. Foi relativamente fácil achar a casa. Não existia um endereço objetivo, ao menos não me foi passado um, somente um mapa confuso cujo caminho passava por estradas vicinais de terra e porteiiras ora brancas, ora vermelhas, ora azuis. Dia de um sol muito brilhante e de um calor insuportável, ainda mais porque nem havíamos chegado à primavera.

Parei o carro e o Sr.Geraldo, o patriarca da família, veio até mim primeiro que todos para me cumprimentar. Um trabalhador, homem acostumado a lavrar a terra de sol a sol com as mãos calejadas junto com a mulher e filhos. Tirar da terra o sustento da família, através da agricultura de subsistência que eles praticam ali mesmo no seu sítio, no seu pedacinho de terra. Chegou meio acanhado, sem saber o que dizer, sem saber o que fazer com as mãos.

Nem entrei na casa e ficamos ali na varanda mesmo por causa do calor, mas deu para perceber que a casa era simples, porém acolhedora e arejada por causa do pé direito alto. Casa sem luxos, mas de móveis pesados, de boa qualidade, feitos para durar muitos anos. Estavam todos ali, como acontecia todos os sábados, “Dona” Umbelina, esposa do Sr. Geraldo, Maria de Lurdes, sua irmã, “Dona” Anna, sua mãe, João e Eleodora, os dois filhos e dois netos, sentados e me olhando curiosos, esperando pelo depoimento. O Sr.Geraldo me apresentou a todos, que foram muito acolhedores, quebrando o “sem jeito” do primeiro momento.

Já peguei a filmadora, o gravador e espalhei as fotos, viradas de cabeça para baixo, em uma cadeira para explicar o porquê da escolha daquela família para um depoimento sobre a cidade de Corumbataí e o rio que lhe deu o nome.

Então expliquei o teor da pesquisa e como seria o depoimento. Expliquei que não haveriam perguntas e sim algumas fotos e que qualquer um deles poderia falar o que lembrasse ao ver determinada foto. Foi então que Maria de Lurdes, ou simplesmente “Lu”, como era chamada por todos, começou a virar as fotos uma por uma, por pura curiosidade, e começou a falar de uma ou de outra, eufórica por ter ali encontrado alguns de seus familiares e conhecidos, enquanto eu tive de correr e ligar a filmadora e o gravador. O depoimento havia começado.

Passado o primeiro entusiasmo seguido de certa confusão, pois todos falavam ao mesmo tempo querendo saber se esta ou aquela pessoa era ou não conhecida, a rotina

costumeira voltou à casa e a novidade desapareceu. As crianças perderam o interesse e voltaram a brincar no quintal, “Dona” Umbelina voltou às funções da casa e só passava por ali para dar algumas opiniões e Eleodora voltou a lavar as peças de roupa que já deviam estar de molho no tanque antes da minha chegada. O depoimento prosseguiu com dois personagens principais: o Sr. Geraldo e João. Maria de Lurdes, que ficara muito entusiasmada no início, logo teve que ir embora com “Dona” Anna que ouvia e absorvia de tudo, mas sem se manifestar. De todos foi o Sr. Geraldo quem se revelou o grande contador de “causos”, exatamente com Alba o havia descrito. Segundo as palavras dele mesmo “...olha, aqui, não sei se você já percebeu, mas a gente gosta mesmo de falar...”.

Terminada a entrevista e feita sua transcrição iniciamos um processo próprio da História Oral: o de negociação da textualização da entrevista com os depoentes. Esta é a hora em que os depoentes retificam, excluem e acrescentam palavras, frases e citações ao texto originalmente transcrito. Desta negociação participaram todos os membros da família ali presentes no dia da entrevista. Chegado a um acordo sobre a textualização final somente dois depoentes concordaram em assinar a Carta de Cessão, Geraldo Canhoni e seu filho João Batista Canhoni. Os demais depoentes não aceitaram assinar esta carta de cessão por razões diversas: alguns por não concordarem ou não se lembrarem do conteúdo das histórias ali contadas, alguns por não concordarem com alguns procedimentos adotados durante a textualização da entrevista e outros por acharem que seu aval não era tão importante. A vontade destes depoentes foi respeitada e suas falas foram retiradas da transcrição do depoimento, pois concordamos com Portelli (2000) quando diz:

(...) a metodologia da história oral, em que as pessoas não revelam informações sobre elas mesmas a menos que queiram, porque está baseada na luta por igualdade e na busca do diálogo, significa também uma defesa dos direitos das pessoas de não revelar tudo a respeito delas próprias. (PORTELLI, A., 2000, p. 71).

Porém, apesar da não concordância de todos os depoentes em assinar a Carta de Cessão, a entrevista não perdeu sua validação como um todo, já que as pessoas que assinaram a carta foram as responsáveis quase que pela totalidade da entrevista. A fala de João Batista na maioria das vezes concordava ou complementava as opiniões do pai, portanto suas contribuições ao depoimento foram incorporadas na fala de Geraldo Canhoni.

Neste depoimento houve a inclusão de notas de rodapé com explicações prestadas pelos depoentes em 27/05/2006 de palavras e expressões usadas originalmente que explicassem não só as idéias não muito claras, mas também os termos específicos, regionais ou coloquiais.

## Geraldo Canhoni

Entrevista realizada com Geraldo Canhoni e João Batista Canhoni

Data: 10/09/2005

Local: sítio de Geraldo Canhoni, zona rural de Corumbataí.

Entrevistador: Luciana S. de Oliveira Zanardi.

**“Tudo o que eu tenho aqui eu devo aos militar. Foi tudo comprado no tempo dos militar! Saiu militar... Pouca coisa foi feita!”**



... Os papéis foi que nem se fosse a Reforma Agrária. As fazendas eram a Santo Urbano, Boa Vista, Monte Alegre... Só que era fora... No município, mas fora... A do Dr. Benedito era a Fazenda Morro Grande. Tinha também a do dono do laboratório.... Esqueci o nome dele... Alembrei, Renato Pires, era o dono da Fazenda São José. Pena que o vô já foi. Ele conhecia a história do município! Ele sabia bem. Ele e o tio Pedro. Os dois.

Essa casa aqui... Eu cheguei a ver essa varanda. É a fazenda Santo Urbano. Ah! Essa casa não existe mais. Hoje reformaram, mudou toda a estrutura. O que fizeram lá! O tamanho da cozinha... E é de vidro. Eles ampliaram o casarão inclusive. Assim no estilo mais antigo. Cobriram com telha comum! Mas se você vai hoje lá para fotografar vai ver a mudança que deu! Tiraram toda essa fachada, não existe mais essa casa. Tanto é que lá existia a parte de senzala, dos escravos. Era tudo de pedra, hoje só tem as ruínas porque

caiu tudo. Algum pedaço de parede da época dos escravos ainda existe. É... Hoje lá tá mudado completamente, têm várias casas diferentes. Mais modernas. Mas a sede ainda tem as palmeiras os coqueiros da época, que são árvores gigantescas e ainda estão lá.

Mas hoje a casa é outro estilo completamente diferente. Inclusive as janelas, tudo aqui eu conheci deste jeito. Eu cheguei a ver antes de demolir a outra casa. Antes de reformar! Conheço o proprietário atual, que acho que tem os seus noventa e poucos anos, eu já conversei com ele. O filho e a nora dele também, numa festa que eles fizeram lá, sabe?

O meu pai diz que ele chegou a ir lá quando tinha café. Então, diz que o café vinha do meio do cafezar, por uma canaleta. Que lá tem bastante água dos lados. Então eles iam colhendo o café. Jogava o café naquelas canaletas. A canaleta vinha até no terreiro. No terreiro eles tinham um ralo, então o café ia parar em cima de um ralo. Pedra não vinha no café porque parava na água da canaleta. Não jogava fora a pedra, então eles tiravam ela fora quando começava a amontoar. Porque era café catado do chão e vinha com muita pedra. O café vinha no terreiro pela água, você vê que fazenda que era, hein? Era uma fazenda modelo, o café vinha pela água, não precisava ninguém carregar saco de café, nada. Ia apanhando... Ah, isso daí faz mais ou menos uns... Isso daí foi prá época de 30, mais ou menos. Isso é do tempo do meu pai, que ele é que conta. Ele falava que era cada coisa mais bonita de ver, ninguém fazia força, o café vinha e os cara puxava o café com rodo num terreiro. Um terreiro grande prá danar. Ia esparramando e secava. Mas o café já tava limpo! Mas era a única fazenda que (o café) vinha por causa da água. De abundância de água que tinha. Vinha da serra.

A Morro Grande que também tem bastante coisa. Mas essa é um pouco mais longe. É na mesma direção. Só que mais prá adiante.

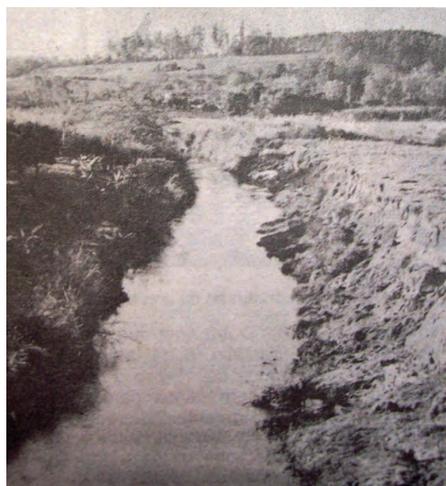
Nossa, e a Roncador! Ah, meu Deus do céu! Aquilo era uma maravilha. Era do Venturolli, isso eu me lembro bem. Ele morreu e hoje os filhos venderam a fazenda. Tinha também a família Dolce em Corumbataí. Esses o pai fazia trabaiá, ele dava mesada, acabou tinha que trabalhar! E não é que era pobre. O homem era forte, estudou tudo os filhos. Em Rio Claro tinha um que era médico, o outro é doutor de livro... O Osvaldo? Ele é professor de matemática e editor de livro. O Pedrinho, esse que foi candidato a prefeito, mas ele morreu. Era fiscal de venda, ele e a esposa. Todos eles tão bem de vida. A família conservou e aumentou o patrimônio.

Nossa! O Roque Gervásio tinham 400 alqueires de terra na Casa Branca. E na cidade acho que ele tinha quase que metade das casas de Corumbataí. A família Gervásio

foi muito poderosa em Corumbataí. Os Duckur também. Tem gente da família Duckur em Rio Claro também. Inclusive eles têm uma fazenda próximo a Washington Luiz. É da época dos escravos. Tinha até corrente, aquelas bolas de ferro de por nos pés, tudo lá embaixo no porão da casa. E lá existe a mobília original da casa, a coisa mais linda do mundo. A mesa, aquelas cadeira, parece que foram cadeiras da época imperial. Precisa de uns sete ou oito homens prá arrancar a mesa lá do chão da cozinha. Eles venderam prá usina! Só lá na fazenda o Pedro Duckur tinha quinhentos alqueires de terra. Tudo campo aonde nós ia buscar gabioba, coco indaiá. No tempo que era moço. Nossa! Tinha fruta naquele campo lá que era fora de série. E era tudo do Pedro Duckur. E a usina que comprou.

O Pedro Duckur tinha, a gente fala fábrica de algodão, é que nem desfia o algodão, mas é uma fábrica. Hoje já foi vendido, mas era tudo do Pedro Duckur. Ali aonde tem a fiação de seda. Ali uma moça enroscou o cabelo na correia de uma máquina, tinha cabelo comprido, arrancou inteirinho o couro da cabeça dela. Isso no tempo que eu era moleque, tempo do Pedro Duckur. Era o maior casarão que tinha. Praticamente uma mansão ali no centro da cidade. Na esquina que hoje é um terreno vazio, porque foi demolida. Era uma das casas mais bonitas que tinha na cidade. Tinha uma pintura de época na parede. Aquele homem era importante! Os lustres eram todos de cristais, tudo importado de outros países.

Nossa, tem cada história, se você soubesse! A divisa de Corumbataí era perto de Rio Claro, você não conheceu. Tinha uma coluna de cipreste. Como é que chama aquele lugar que tem a igrejinha? Pró frente de Ajapi? É quase perto de Rio Claro... Cachoeirinha! A divisa de Corumbataí era lá! Mas como os cara que tava emancipando Corumbataí (Risadas) sabiam que iam perder a eleição lá, então eles venderam Ferraz e Ajapi prá Rio Claro por 18 conto de réis. Isso eu nunca mais na minha vida eu esqueci. Aquele tempo falava conto, né? Não falava mil! Isso não chegou a ser divulgado em jornal. Mas você acha que eles iam... Tudo camuflado! Foi descoberto porque tinha o Dr. Castilho. Ele era de Rio Claro e ele sabia de todas as maracutaia. Que isso começou errado. Era tudo maracutaia. Veja bem naquele tempo já existia político... Não vou nem falar o nome! É tudo coisa que... Tudo deturpado. Então se você vai analisar em livro, biografia, mas não existe nada disso! Eles só põem o que interessa. O que é pesado eles corta fora, porque depois que a pessoa morreu aí fica tudo bonzinho.



Aqui veio uma foto do rio. Pelo jeito isso foi antes de dragarem o rio!

O rio tinha muito (peixe) corumbatá, então ficou Corumbataí. Isso aí é o começo do nome do município. É já é moderno (o rio). Depende do diâmetro (do rio). Ele agora tá afunilando. De que época é essa foto? Ela é atual. É, ela é atual! Porque na verdade foi mudado o curso do rio. Antigamente, antes de ser modificado o rio, as margens era tudo árvore. E era baixo, o barranco dele era baixinho.



Isso aqui eu posso falar. Isso aqui é o trecho aqui debaixo que inundava. É o trecho aqui perto da olaria aqui do Seo João Gobesso. Olha os postes de telefone aqui e a energia que vinha por baixo. Esse caminhão é do Zeca Perin. O Zeca Perin deve ter ainda.

Tava lá no barracão dele, lá na marcenaria. Chamam “Não sei o que lá bode”, ah, é “Pé de bode”.

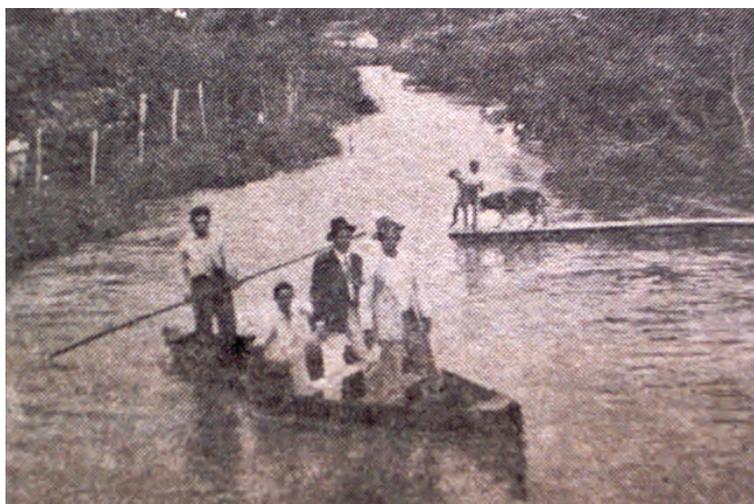
Quando chovia muito... O rio vazava. Subia uns trinta por cento... Nada mais do que isso. Aumentava uns trinta por cento de água no rio. Até na estação do trem chegava a inundar! O trecho da olaria é o trecho mais baixo. Porque o rio abria, porque é mais afunilado e é onde alargava mais a ferrovia. O trem inclusive parava, esperava a enchente abaixar prá depois ele poder passar neste trecho aqui embaixo. Então ele apitava quando o maquinista via a água. Ele já vinha buzinando. Hoje, nesse lugar que tá alagado (na foto), já tem construção. Foi construído o bairro das Laranjeiras. E era tudo área de inundação. Parou de inundar por causa que foi dragado, o rio foi retificado e afundado. Mudou o leito do rio e aprofundou em linha reta, né? Porque o rio tinha curvas! Tinha lugar que ele fazia um “S” assim ó. A água voltava prá trás prá depois descer. E quando dava enchente a água passava reto. Então ela tampava de areia, depois o rio não tinha força de afundar mais. Então ia jogando prós lados a areia. E se você for no rio dá prá você ver as camadas. Tem a camada de areia, depois jogou a água barrenta, então são várias camadas. A terra dos lugares mais altos ia rodando e descendo e ia decantando nas margens, formando as camadas. Da ponte de concreto bem na baixada até a propriedade do Marcucci o rio foi dragado, que chega quase a divisa do município de Analândia já. Foi feito pela companhia do governo. Então foram duas dragas, dois monstros. Aquelas dragas que tem em São Paulo. Daquelas que têm aquele guindaste que nem se fosse uma escavadeira. Aquele braço. Se eu não me engano foi aberto vinte metros de largura no leito do rio. Vinte metros! Só que como ele foi feito fundo quando dava enchente, ele inundava vinte e cinco, trinta metros. Ele desbarrancou. Cada prancha de água! Formou duas montanhas monstruosas nas laterais do rio. Foi aberto e depois essa terra foi doada. A gente doou prá fazer aterro da avenida um. A avenida ali é a terra do meu terreno que foi tirada do rio. Tem lugar aqui embaixo que ainda sobrou pedaço de terreno vazio. Ainda tem uns par de morro de terra que tinha sido feito na época. As dragas trabalhavam e jogavam prá trás.

O único rio do Estado de São Paulo que não tem escada é o rio Corumbataí. Só na Usina Corumbataí, Rio Claro a água cai de uns 6 ou 7 metros de altura daquela cachoeira e os peixes não sobem. Eu tenho umas fotos antigas! Tem uma foto bem nítida que eu tirei ali na cachoeira. A coisa mais linda.

A quantidade de poluição que tem aqui na nossa região é bem pouca ainda. O maior perigo é se algumas empresas soltarem algum produto no rio, mas como eles têm os coletor, os decantador de areia. Então poluição no nosso trecho é mínima. Porque agora

praticamente tem rede de esgoto para toda a cidade, tem a lagoa na estação de tratamento. Então o nível da poluição é baixo.

A prefeitura é que faz a medição. Eu acredito que eles devem ter dados sobre a poluição deste trecho. Vamos supor, quando eles vêem alguma alteração na cor da água eles pegam a amostra e mandam prá Rio Claro, para analisar. É porque a prefeitura... (trabalha uma moça que) é meia... É quase prima. Ela trabalha com a prefeitura de Rio Claro. Então se ela vê algum problema na coloração da água, se está diferente, é só por uma amostra em alguma garrafa e mandar prá ela que ela analisa. Se é só sujeira de terra, de areia ou se é algum material que tem algum produto químico. Então, vira e mexe tem um acompanhamento. A poluição do Corumbataí até Rio Claro não existe! É muito pouquinho. Além disso, a cidade tem estação de tratamento. Em Analândia também parece que já fizeram, ou vão fazer... Quando você lê no jornal que o rio Corumbataí tá poluído é errado, tem que falar que é de Rio Claro prá baixo que tá poluído. Tem gente direto que vem nadar na cachoeira e no rio. Tem final de semana que tem mais de 100 pessoas. O pessoal vem nadar, tomar banho, tomar sol.



Quem tá em pé aí é o meu pai. *Mamma mia!* Com certeza! O vô Vitório. Eu to desconfiado que esse aqui é o meu tio Júlio Canhoni, pai do Sérgio. Sem o chapéu é o tio Júlio. O meu tio Júlio não usava chapéu. O jeito do chapéu, o jeito do chapéu, pode ver. Quem levava o chapéu meio assim, ó, era meu pai. (Risadas). Pode olhar!

De canoa. Era eu e o Sérgio que tinha canoa aqui. E o Israel e o Evair também tinham... Parece um bode, um cabrito que tá aí. Quem tinha canoa também era o Zeca

Perin. Ah, mas o Zeca teve canoa depois. O Zeca só usava a canoa dele aos domingos. A canoa na foto é minha! Porque eu tinha canoa. Eu e o meu primo. Nós dois pescava com linha amarrada na mão, no rio ali embaixo. Essa foto é muito antiga! De lá da outra beira da cidade, da baixada da linha do trem, nós pegava e vinha de canoa até aqui porque aqui era tudo alagado. Era um pantanal, na verdade, a região.

Nós plantava arroz em início de julho e início de agosto, porque depois começava a chover e ficava um tanto assim de água. Inundava tudo! A gente ficava com a água aqui em cima da cintura. Quando dava a enchente, entrava água na estação de trem! Chegou dezembro a margem enchia de água e só ia diminuir a água quando chegava o tempo do inverno. Abril, Maio, então diminuía a água. O leito do rio não tinha profundidade. Então ficava um pantanal. O rio passava lá na beira da cidade. Então o terreno era inclinado assim, porque como ele era raso, ele jogava areia nas barrancas, então ele foi crescendo. Se você for lá no rio você vai ver a quantidade de areia, mas areia branca mesmo. Ainda existe um pedaço do percurso que dá para você fotografar e filmar. Dentro da nossa propriedade e na propriedade do vizinho ali, que planta maracujá dentro do antigo leito.

Naquela época era muito difícil câmera fotográfica na região, né? Na família mesmo não existia, ninguém tinha câmera fotográfica! Essa foto foi tirada por alguma outra pessoa. Algum jornal ou alguma coisa desse tipo. Existem fotos que são como documentos, em Rio Claro, no jornal. Os arquivos que as famílias deixam. O que foi se perdendo muito foi essa documentação que as pessoas antigas vão passando para filhos e netos e eles não vão cuidando. Acaba abandonando ou até jogando fora e queimando. Então fica difícil.

A retificação do rio foi boa no início. Na época melhorou porque foi um projeto do governo pra incentivo pra plantio de arroz. Pra incentivar a agricultura no estado. Então pra nós ajudou. Na época ele favoreceu porque nessa área aqui você perdia toda a safra de arroz. Você plantava e muitos anos a enchente cobria e você perdia tudo o que tinha pra colher. A parte prejudicial foi depois porque drenou todas as lagoas do município inteiro, todos os proprietários foram abrindo por conta depois. Pra fazer o que? Pra escoar pra plantar, aproveitou o que? Uns 10 anos depois. Graças a Deus, pra nós foi bom. Nós estamos tirando proveito até hoje. Mas assim, perante a natureza, a forma aquática, os animais de espécie aquática aí foi o caos total. Porque as lagoas, maternidades de peixes, jacaré, várias espécies foram extinta. Jacaré, por exemplo, você não encontra mais e aqui circulava jacaré embaixo da ponte do rio. Aqui no sítio da gente a gente via jacarés enormes. E onde tem hoje montado a Creche, a Casa da Agricultura e o Velório tinha lagoa

lá, os cara ainda pescava jacaré lá na época. Capivara. Nossa! Tinha um taboa<sup>1</sup> aqui! Onde hoje tem essas corridas de moto. Você passava e olhava prô lado de cá e você vê tudo lagoa, tudo taboa. Mas taboa mesmo. Andava de canoa neles, pescava traíra. Porque hoje você vê a área que é prá agricultura, ficou mesmo na agricultura de várzea a gente. O meu tio Julio já plantou e outro primo nosso vizinho que faz a agricultura mesmo, pratica a agricultura. O resto faz pastagem, tudo gado. É a turma foi caindo fora da plantação, principalmente depois de saírem os militares, porque até que tavam os militares, nossa! Tudo o que eu tenho aqui eu devo aos militares. Comprei trator, caminhão, irrigação, tem encanamento que sobe com tudo até lá em cima no fim do terreno, tubulação. Foi tudo comprado no tempo dos militar! Saiu militar... Não comprei mais nada!

Precisava do Hitler aqui no Brasil para endireitar isso aqui. Falo sempre isso. Sabe o que aconteceu por aqui? Sabe o que aconteceu? Eu falava prá turma... Depois que saiu o Figueiredo, na próxima eleição o pessoal que pegou o Brasil de ponta a ponta, e eu já conhecia aquela turma porque eu sou... Eu tenho idade. Eram os mesmos do tempo do João Goulart, eles jogaram a agricultura no buraco! Se você colhia não tinha prá quem vender.

Bom, se você vê o que a turma fala do regime militar! Eles só falam que matou que isso daí tinha que matar mesmo. Que eu sou daquela opinião. É que nem aquele ditado antigo: praga que você faz? Você extermina ou praga toma conta. E isso daí é praga! Bandido, essas coisa é praga. Fazer que nem o Franco ou senão que nem o Hitler. Bom, o Hitler exagerou um pouco. Matava judeu, sei lá, gente inocente. Mas era a política dele. Mas o militar na verdade é muito fácil, você veja bem Itaipu! Racha a Itaipu! O Brasil tá morto de energia. Foi o militar que fez! E tudo aquelas ferrovia lá que foi feito, que foi começado. O militar saindo abandonaram tudo, ponte, coisa que mostra na televisão. Deixaram perder, quebrar tudo. Quanta coisa que foi feita. Abrindo do deserto e às vezes tinha lugar que eles faziam. O militar serrava aquelas toras larga, grossa. Serrava no meio assim e tinha riozinho, córrego, ponhava duas tora daquela e passava os caminhão por cima. Quer dizer, coisa feita assim, rápida! Abandonaram tudo, tudo. Destrambelhou tudo! E quem que foi? Quem pegou de ponta a ponta e desarrumou o Brasil? Lá os deputados, que têm maioria no congresso.

---

<sup>1</sup> Taboa: grande extensão de taboa.

O vô Carrera era plantador de batata e caçador. Antigamente a gente morava no sítio, não tinha geladeira, não tinha nada, então comia carne de passarinho, bicho né? Carne de paca, de tatu...

Eu casei em 1958, sabe, quando você casa faz aqueles planos, né? Ainda mais o pessoal antigo. Eu trabalhava que nem um escravo. No primeiro ano nós enchemos a margem inteirinha (de plantação)... Eram quatro sacas de sementes de arroz. Plantada com passarinheira<sup>2</sup>. No primeiro ano deu 30 sacas, no segundo ano deu 12 sacas e meia e em 1961 parece que deu 15 ou 18 sacas. Não deu nada! Planta-se no finzinho de julho ou comezinho de agosto. Se você esperasse prá plantar no meio de agosto, começava a chover e você não plantava mais. O arroz era dessa altura, o arroz pratão. Acho que você nunca nem ouviu falar. Ele vinha dessa altura, por isso a gente plantava na margem. Era arroz comprido! Então a enchente, como o leito do rio não era alto, cobria o arroz, passava por cima do cacho quando ele tava com o cacho espetado<sup>3</sup>, quando ele tá com a flor, né? Então se entrasse água dentro do cacho ele não granava<sup>4</sup>. Então a gente pegava e batia no malhador<sup>5</sup>. Caía uma colher de arroz granado, que até abria a cana do braço<sup>6</sup>, pegava o quanto mais prá... Em uma ou duas batidas podia jogar fora a palha porque não caía mais arroz.

Aí em 1962 nós diminuímos o plantio de arroz e começamos a entrar no plantio de alho. Aí nós plantemo metade, aí fez uma seca terrível. Então nós sortô a água do rio no terreno do meu tio, que era vizinho. O arroz já tava dessa altura, tinha lugar para você enfiar o sapato na terra, era barrenta, né? Aí nós sortemo o rio e demorou oito dias, uma canaleta assim, um parmo de água. Prá água subir nas trincas e moiar até em cima da flor da terra, sarvemo a planta. Aí quando chegou em fim de novembro, dia 06 de novembro, não, dia 06 de dezembro, eu lembro até hoje! No dia 05 de dezembro nós pedimos um malhador dum colega do sítio. Ele já tinha malhado as plantas dele porque ele plantou e malhou primeiro. Nós trouxemo ali perto da casa do meu filho, tinha um altinho ali. Quando foi no sábado a noite começou chuva, chuva! O malhador foi parar lá numa carreira de touceira<sup>7</sup> de bambu que tinha do Dr. Eugênio Romano, perto do Ginásio de Esportes. E aí eu mais um colega meu fomos buscar o malhador de canoa prá trazer

---

<sup>2</sup> Máquina manual para plantar grãos miúdos.

<sup>3</sup> Cacho de sementes do pé de arroz que ficam na posição "em pé".

<sup>4</sup> Desenvolver-se em grãos.

<sup>5</sup> Máquina manual para tirar o grão do arroz do cacho.

<sup>6</sup> Antebraço.

<sup>7</sup> Touceira de bambu.

embora. Então a enchente cobriu o arroz de água e a água parou tudo o cacho, só que não estragou a penca. Foi o ano que nós fizemos dinheiro que não tinha.

Foi o ano que saiu a música do feijão e nós tinha feijão plantado já fazia uns seis anos. A gente pôs o feijão num saco de cimento, dobramos bem a boca dele e pusemos um tijolão em cima. Era o “bico de ouro brasileiro” que falava. Dava em cipó, graúdo... Fazia já uns cinco, seis anos que tava lá no rancho, que ele não caruncha, ele só escurece, né?

Arroz não existia, que os outros agricultores perderam tudo. E eram vários plantadores que perdiam, não era só eu. Tinha o meu tio, o irmão do meu pai e vizinho debaixo. Tinha um outro mais prá baixo também que perdia e lá prá baixo então nem se fala. Perto de Ferraz. E tinha lugar que a água entrava com tanta força que tombava tudo, deitava no chão e empalhava, a folha azedava com o barro, nossa! Eu não sei como é que não morria tudo, a vontade de trabaiá era de gente forte, sadia... A gente fazia cada serviço! A gente tinha coragem! Tem coragem até hoje, mas eu não tenho vontade de fazer mais aquele serviço, não! Deus me livre!

Corumbataí tinha Bortolin, Buscariol, tinha Papesso... Quer dizer, não vou nem enumerar. Perderam tudo porque era tudo plantado em terra alta e nós coeimo com metade da margem 120 sacas de arroz. Aquilo foi um milagre! Um arroz que precisava vê... Aí não existia feijão, nem aqui, nem em Rio Claro, e eu falei pro meu pai: “Pai eu vou vender esse feijão agora!” Quando nós colheu a 5 cruzeiro o saco ninguém queria, mas ninguém queria mesmo e eu tinha feijão prá jogar fora. Aí eu peguei uma amostra, pus num papel, só que em vez dele tá branco, era feijão brasileiro, ele tava mulatinho. Cheguei lá e falei:

— Ô Zeca! (Era o Zeca Perin, da casa Marconi antigamente).

...Então:

— Ô Zeca, eu tenho um feijão mulatinho aqui!

E ele olhou:

— Isso aí é feijão brasileiro de dez anos!

Falei:

— De dez não é, mas tem de cinco prá seis anos!

E eu sabia que não existia feijão. Daí ele falou:

— Quanto você quer o saco?

Falei:

— Quero sessenta cruzeiro.

Ele falou:

— Você tá ficando louco, eu dou 45.

Falei:

— É seu! Já que a cinco cruzeiros não vendeu.

Foi um coieitão aquilo lá. Precisava de nove sacos prá fazer o preço de um, quer dizer com cinco sacos foi como se tivesse vendido quarenta e cinco. Aí eu fui na venda de um turco lá em cima, eu fui comprar fumo porque eu fumava cigarro de corda e tive que passar na frente da venda do Zeca Perin. Aí ele virou e disse:

- Ô Geraldo vem cá um pouco.

Contornei umas caixas de madeira, pois antigamente nós ponhava açúcar redondo<sup>8</sup>, açúcar mascavo, tinha umas caixas de feijão, milho e arroz, coisa em grão. E ele falou:

- Vem cá um pouco! Você não acredita, não tem mais um grão de feijão, gente de Rio Claro soube e veio de ônibus buscar feijão aqui!

Quando foi de tarde ele tinha vendido tudo o feijão. Quer dizer, eu ganhei dinheiro e ele também dava risada. Foi bom prôs dois, né? Então isso é coisa que passou na vida da gente. Três anos eu perdi no quarto... Isso foi em... O arroz foi 1958, 1959... Não, 1959, 1960 e 1961. Em 1962 foi quando eu colhi o arroz. Três anos perdidos... Você não recupera o que perde. Mas pelo menos o que a gente ganhou naquele ano deu fôlego... E então passamos a entrar na planta de alho e fiquemos, eu e os filhos fiquemo os maiores produtores de alho de Corumbataí. Até que tava o militar...

Corumbataí era a estrelinha do estado de São Paulo, tava na constituição do estado... Produtor de café... Ali na estação tinha um armazém, todo dia que você ia lá tava a turma puxando café com carroça, com cinco burros, estava até no teto de café! O trenzinho até uma hora da madrugada descia de Analândia. Pegando café em Analândia e em Corumbataí, até Ferraz e Ajapi, carregado! Era café, algodão, batata, feijão e milho. Colhia que era fora de série. Isso em 1940. Quer dizer, café foi desde mil... Desde que foi descoberta Corumbataí. 1910, por aí. Mais ou menos. Porque a igreja é datada de 1912, mas o café foi o primeiro a entrar. Naquela época produzia café prá daná.

---

<sup>8</sup> Açúcar bruto de cor amarela produzido antigamente.



Essa aqui era da corporação musical, olha aí, 1919. Do grupo dos veteranos. A foto tá meio apagada. O Baixinho... O Justino não fazia parte também? O tio Pedro eu sei que fazia. O Justino também, o pai do Nelson. Porque vários da família tocavam na corporação. Bom quer ver quem tocava da família na corporação? Meu tio Zé Canhoni, o primo dele Toninho Canhoni, o Germano Canhoni, deixa eu ver quem mais... E o tio Pedro. O tio Pedro tocava trombone. Se tivesse o trombone era fácil de... Ah! Olha aqui! Olha aqui que é o Pedro Canhoni aqui, olha o trombone aqui! Agora que eu vi! Era o instrumento que ele tocava!

Esse daqui é meu tio. O tio Zé Canhoni era clarinete. Zé Canhoni, esse eu conheço. (Risadas). Dá prá conhecer bem por causa da roupa branca, destaca um pouquinho do fundo.

O pai dele, meu avô Pedro não tocava. Não na corporação. Meu avô era sanfoneiro. Se o vô Vitório tivesse vivo ele contava um por um daqui. Essa foto deve ter 50 anos, pelo o que tá aí é mais ou menos, 50 ou mais! Engraçado que nas fotos eles aparecem. Muito interessante! Muito difícil de acontecer. Essa banda funcionou bastante tempo. Era tida como a Banda dos Batateiros. Quando tocava a banda aqui, Rio Claro escutava, conforme o vento tava do norte. De Analândia era um primo do meu pai que era o maestro lá. Chamava-se Euclides Sereda. Quando eles tocavam, daqui de Corumbataí, quando o vento vinha de lá prá cá, escutava a banda tocar. Primo do meu pai também! (Risadas) Ele era o maestro da banda! Essa banda aqui eu acho que funcionou até 1940, por aí. 1940. Quando eu era bem moleque. Depois já parou. Tinham duas bandas em

Corumbataí! Eram amigas. Mas tinha duas bandas. Porque nessa época aqui era distrito de Rio Claro. Inclusive Ferraz e Ajapi. Depois foi desmembrado.

Quando era o regime militar, então tudo o que vendia ao consumidor você podia por na nota. Que os militar queria que você apresentasse produção. Como o país estava no caos eles queriam ver o agricultor produzir. Então eles deram vazão que era prô cara registrar o que tava colhendo, porque senão não se sabe, né? Quer dizer, foi um negócio inteligentíssimo aquilo. E eles tinham a CACEX<sup>9</sup> que era o órgão controlador de importação.

Foi quando nós começamos plantar alho e foi aumentando o plantio. Então em Corumbataí tinham 68 produtores de alho. E até em 1981 veio a Globo fazer uma reportagem, que foi até prô estrangeiro a reportagem. Aqui nós aclimatemo o alho peruano em 1960 e 1961. Então foi aumentando a planta com três cabeça, 36 dentes. Foi um alho que veio do Peru, um saco e o Antonio Doimo, meio primo meu, ele era atacadista, ele falou: — “Planta esse alho aqui”. Eu plantei um outro antes e já formou mato. Tinha um alho plantado na piçarra<sup>10</sup> ali. Era 25 de julho. Nunca esqueci a data. Então eu plantei um aru assim, e contei os dentes. Ele era dente comprido e amarelo. Em 90 dias ele amadurou. Deu dente roxo e chato. Cada dente que era a coisa mais linda. Até os agrônomos e técnicos agrícola que viviam em Campinas aprendendo com os japoneses... Então eles falavam assim: — “Olha, a única coisa que se pode dizer disso chama-se mutação”. Porque ele transformou, ao invés dele dar dente cumprido e amarelo ele deu dente chato e roxo. Então eu comecei a esparramar semente, porque no tempo dos militares eles deram chance. Porque eles barravam a importação. Você ganhava dinheiro, você tinha fôlego. Quando saiu os militares, nós teimamo dois anos, 1982 e 1983.

O próximo governo olha o que eles fez: extinguiram a CACEX e o BNH que era o Banco Nacional de Habitação, que fazia casa própria. Eram duas coisas boas que os militares fizeram. Extinguiram os dois. Que aconteceu? Os importadores ganham dinheiro com importado e não nacional. Então começou a vir alho da Espanha, alho da China, alho da Itália, alho do México, do Peru, do Chile. Você não tinha como competir mais, então nós teimemo mais dois anos e paremo.

---

<sup>9</sup> Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil - Órgão controlador de importação que existia na época do regime militar.

<sup>10</sup> Terra ou pedra mole. Espécie de argila.



Parece alguma coisa militar essa foto. Isso eu não sei se é de Corumbataí não. As mulheres estão vestidas que nem se fosse sargento do exército. Esse tempo é de trinta e dois. Tempo do Getúlio Vargas! Acho que o Carlos Prestes que era o governador do Rio de Janeiro. É, representando as corporações ou representando militar, né? Exército. Ou vai ver são as enfermeiras da Cruz Vermelha.



Essa é fácil. Isso aqui é de 1912, né? A estrutura dela tá a mesma coisa. Inclusive ainda é forro de madeira o teto dela. O pátio a gente tentou reformar, mas sabe que faz tempo que eu nem vejo mais. Mas a pintura é original, a gente restaura ela do jeito que ela

é. Que foi feita a primeira vez. Mas ela mudou em algumas coisas: lustre, essas coisas. Porque naquela época lustre era diferente. O altar também foi modificado. O lustre era tudo de cristal, pendurado assim, antigo. Era tudo de bolinha de cristal furada. Deve existir uma aqui em casa ainda. Ela vinha meio arredondada assim. Depois ela vinha prá baixo assim, tipo de um sino. Tinha tudo ganchinho de arame e era tudo emendado um no outro prá passar a corrente. Depois ela virava assim e tinha lugar de colocar vela. Não tinha luz. Quando energizou tudo foi mudando. Mas o perfil dela ainda é original. A mesma coisa! Agora eu não sei como é que tá porque tão reformando a igreja. Eu não sei por que eles devem ter arreventado o reboque. Eles tavam querendo aumentar mais a igreja. Do jeito que o povo tem dinheiro hoje em dia... Tem 4.000 habitantes em 15 igrejas. Só aqui tem duas: a Católica e a Congregação Cristã.

Uma vez veio prá aqui o projeto Rondon, então tinha médico, veterinário, dentista, tinha e tudo quanto era profissão. Eles vieram fazer estágio nas férias dos alunos. Então eles começaram a convidar e eu gostava de dá um mão. Eu gostava que era uma turma de gente nova, tudo interessada. É gostoso você trabalhar no meio de gente que tá querendo ir prá frente! Então aí eles falaram prá mim:

— Bom hoje nós vamos falar sobre porco, criação.

Cada lugar tem uma gíria. Então ele falou assim:

— Vamos explicar como é que se faz uma pocilga.

Aquilo todo mundo deu risada, porque pocilga é o nome correto na gramática, né? Aí, como a turma deu risada eu falei: “Deixa eu consertar prá eles”. Eu fiquei até um pouco chateado por eles. Falei:

— Dá licença um momentinho

E o homem falou:

— Pode falar Canhoni.

Aí eu falei assim:

— Olha, desculpa de eu corrigir vocês, mas eu vou querer ajudar. Quando vocês forem falar no interior, lugar de sítio, conforme a cidade tem uma gíria, então como vocês viram você falou em pocilga, aqui vocês começam falando como chiqueiro de porco, mangueirão, ceva de porco, pulgueiro.



Barracão da olaria! Isso aí tem história! Isso aí passava uma ferrovia lá perto prá carregar tijolo e levar prá algum lugar! Ainda tem o restante dela. Agora tá sem o teto. Caiu tudo. Olaria Schimidt. Isso daqui era moderna. O tijolo vinha em cima de um rolete assim. Era bonito de ver o serviço!

Os primeiros proprietários eram... Eram da família Schimidt! O Augustinho já era neto... Péra um pouquinho... Augusto Schimidt Filho. Acho que era Augusto Schimidt o pai dele. Se não me engano ele era Augusto Schimidt Filho. Depois do Schimidt foi o Franco. O último proprietário da olaria foi o Abílio Franco. Daí ficou parado. Eu acho que venderam tudo o maquinário. Ele comprou a propriedade inteira, agora vendeu e esse barracão hoje tá em posse do Comercial João Afonso. Seu Toninho Bertagna. É o cara mais forte daqui. O Toninho Bertagna! Hoje ele tem um negócio de cesta básica, né? Ele vende cesta básica!

Mas na época era uma potência. Tinha amassador e tudo! Porque tinha olaria em que eles amassavam o barro com o pé. Tinha outra olaria aqui em Corumbataí. A do Basílio Naid. Tinha também a de martelo. A fábrica de martelo era do Birzu. O homem era fora de série. A mulher então era uma moça. Uma gente que era fora de série! Ali trabalhava mais ou menos umas 40 pessoas. O martelo ia prá tudo quanto é lado e era caprichado porque eles faziam, né?

Outra coisa que tinha muito era do bicho da seda A gente criava bicho de seda! Até dentro da cidade tinha gente que criava bicho da seda. Daí foi parando porque o que acontece... Eu tenho um tio, um irmão do meu pai. Aí é que a gente descobriu o que acontecia. Quem tirava, a gente falava semente, mas na verdade é o ovo do bicho da seda.

Mas falava semente do bicho da seda, que era o que usava. “Vou mandar vim semente de bicho de seda”, a conversa era essa. Qualquer um. Então o que acontece: uma criada ia bem, duas, três davam errado. Aí um irmão do meu pai, que o nome dele era Gabriel Canhoni, aquele não parava, aquele mudava mais que... Ele foi prá Campinas e acabou trabalhando no Instituto do Governo. Era justamente aonde tirava a semente do bicho da seda. Mas ele fez um esparamadeio, mas xingou tudo: — “É por isso que nós lá uma criada vai bem e três, quatro vai ruim!”. Tinha a doença do bicho da seda, a Calcinada<sup>11</sup>. Dava Calcinada na época que chovia muito. Às vezes a folha ficava úmida, dava carcinada e os bichos ficavam tudo branco. Onde você jogava o bicho na terra carcinava aranha, grilo, barata, o que tivesse. Pegava a mesma doença. Matava e ficava branco que nem um gesso. Então ele viu lá, primeiro dia aqueles casulão. Era quando dava Amarelão no bicho, ele ficava um bicho tudo sem listra. Aquelas listras que ele tem, aquelas divisões. Então a gente falava bicho com Amarelão. Ele fazia um casulo grande, mas com pouca seda. Era um bicho doente. E eles escolhiam o casulo graúdo para tirar as sementes! Vinha tudo doente! Ah! Meu tio diz que fez um esparramo do diabo lá: — “É por isso que nós morremos de fome prá lá, trabaiaava que nem besta. Vocês faz o serviço errado aqui!”.

Às vezes vinha aqueles casulinho porque faltava folha. Tinha pouca amoreira, então ele dava uns casulos pequeninhos. Mas você pegava e era um casulo duro de amassar, quer dizer, era um bicho sadio, forte. Ele disse assim: — “É desses aqui que você tem que tirar semente não é daquela porcaria lá com Amarelão! É por isso que lá dá Amarelão, vocês já mandam a semente porcaria daqui!”.

Todas as coisas que são do governo, você não acredita, eles fazem tudo porcaria, porque o empregado não tem interesse nenhum naquilo. Então o chefe lá diz: — “Você tem que pegar o casulo graúdo”. Eles pegavam só que não sabiam que eles tinham doença. Nós tinha bastante criação, mas nós fomo desanimando, né? Dava quatro criada no ano, uma era boa, outra dava mais ou menos. Uma você perdia com bicho carcinado e outra dava Amarelão com casulo fraco. O valor era menos porque não dá peso.

Mas a criação era grande em Corumbataí. Muita gente criava. Porque tinha o barracão aqui que processava a seda. Tinha o Afonso Rivaben que tinha criação aqui fazia as meadas, depois mandava prô irmão dele, em Campinas. Naquele tempo mandava muita seda prá China, Japão, eles gostavam. Trabalhavam muito com a seda. Mas depois acho que lá eles também pararam de fiar seda, que ela é muito cara.

---

<sup>11</sup> Ficava branco, da cor da cal.

Lá na China a mão-de-obra é muito barata. Se você vê o que vem lá da China, de coisa feita, por que vem barato? Porque o custo é barato! Eu falei que a mão-de-obra mais cara do mundo é a brasileira. Porque não tem produção. Uma firma que você vai tem dez que produzem, mas têm vinte que mama naquilo. Então encarece o produto, quer dizer, o custo, o custo de fabricação, de produção. Ele fica muito caro e depois vem o governo com aquele impostinho, né? Que aquilo é de matar, matar a gente. Quer dizer, o custo de produção mais o imposto encarece tudo. Veja bem, olha a comida: o imposto é que encarece o produto agrícola. Porque na verdade o alimento na cidade podia ser cinquenta por cento mais barato. E o produtor ganhar dinheiro, porque esse imposto sai nas costas do produtor e do consumidor.

Porque o que tá no meio, o revendedor, ele compra meu. Ele já compra descontando o imposto. Quando ele compra com nota, que a maioria é sem nota mesmo. E ele repassa prá frente, ele vai recolher o imposto, mas vai tirar uma parte de mim e outra do consumidor, ele simplesmente recolhe, ele não paga nada. Se fosse um imposto bem mais barato, o governo recolheria muito mais dinheiro e não haveria interesse de sonegar. Quer dizer, quando o governo fosse fazer um levantamento da produção, ele saberia exatamente o quanto se está produzindo. Que é o que fazia o militar, dava chance até para tirar nota de consumidor. Eu vendia prá você um quilo de quiabo, mas não só prá você. Eu vendia cem quilos de quiabo, então eu punhava na nota: cem quilos de quiabo ao consumidor. Não tinha imposto, não tinha nada. Que era para ter um controle. O governo podia saber quanto estava produzindo.

Veja o Abraham Lincoln. Ele se candidatou e 16 vezes ele perdeu, mas na 17ª ele ganhou. Foi quando os Estados Unidos estavam na pior. Lá foi braba a coisa. Então o que acontece? Eu até me lembro da conversa dele. Ele disse assim: — “Um país de barriga cheia é um país calmo”. E o que foi que ele fez? Ele começou a investir na agricultura e em dois anos ele pôs os Estados Unidos de pé. Foi o melhor presidente que os Estados Unidos teve! E se candidatou 16 vezes e não ganhava. Na 17ª ganhou porque quando ele ganhou o país tava no buraco. Ele num instantinho levantou o país. E o Maluf quando ele entrou de governador no tempo dos militar, o que ele fez? Fez a mesma coisa do Abraham Lincoln. Era energia prá tudo quanto é lado no estado de São Paulo! A energia que nós temos era energia do tempo dele.

A parte hidrelétrica, ferrovias, rodovias e tudo, até a Transamazônica, quem fez foi o exército brasileiro e hoje está tudo abandonado. Então tem a parte ruim, mas tem a

parte boa também. A parte ruim é porque o militar matou. Tinha que matar mesmo. Essa é a verdade nua e crua. Uma vez eu falei pro padre:

—Aqui precisa pôr pena de morte e acaba isso aí.

Ele falou:

—Não, mas não pode e não sei o que lá.

Falei:

—Escuta aqui, o Cristo morreu do quê? Foi pena de morte! No entanto ele podia com um sopro acabar com aquilo, mas ele respeitou a lei da Terra. Padre tem uma coisa: a Igreja é um Estado, o Estado é outro, então quando um interfere no outro dá tudo o que tá acontecendo aí: direitos humanos prá bandido, é a pior coisa que existe. Como é que bandido tem direito?

Um dia eu falei prá um advogado, falei assim:

— A Constituição devia ser curta e grossa, se você cumprir o seu dever seus direitos adquiridos. Se você não cumprir o seu dever, seus direitos já eram. Endireita isso aqui em 24 horas!

Ele olhou prá mim e não falou nada. Porque daí eles andam em cima da linha. É verdade isso aí. A gente nasceu pobre. Meu pai trabalhou 25 anos numa quilha<sup>12</sup> de terra. Se a gente tem alguma coisa foi ali trabalhando que nem um escravo. Era vontade de trabalhar e querer sair daquilo, né? Nunca passamos fome, graças a Deus! Pode perguntar prá eles isso aí. Nós em quatro, eu e os três filhos, nós éramos os maiores produtores de alho de Corumbataí no tempo dos militares. Nós chegava a trabalhar até meia noite puxando capim. Prá adiantar. Prá depois ir empalhar o alho, até a meia noite. Quer dizer não trabalhava oito horas por dia que nem tá na lei. Oito horas, oito horas era piada! E nem até hoje a gente trabalha oito horas. Não tem domingo, não tem dia santo, não tem feriado, não tem nada. Trabalha direto. Que se eu for por um empregado aqui, com essas leis trabalhistas, ele com uma mentira vai no sindicato falar com os advogados que ele tem lá e que arranca dinheiro seu. A mentira dum empregado vale por dez verdades suas. Eu cheguei a assistir isso daí. Então a gente já viu tanta coisa, se a gente for contar dá um filme do tamanho não sei de quê.

---

<sup>12</sup> Pedaco de terra.



Essa foto é da olaria também, Vamos pegar outra.



Isso aí é a antiga estação pelo jeito, que pegou fogo. Funcionava uma fábrica de móveis. Foi filmado quando pegou fogo! Olha, foi uma pena isso aí. Foi um crime, porque hoje só existe uma foto da estação na Prefeitura, na sala do prefeito. Lá em Analândia tá conservadinha, tem até escrito: Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Tá pintadinha, tem o vagão conservado! Acho que Ajapi, Ferraz também têm.

Há sempre falta de barracão nos municípios, de localidade para se instalar alguma empresa. Na época acho que deixaram funcionar uma fábrica de móveis lá. Não sei se era de sofá. Parece que tinha espuma guardada, também tinha cinta de couro, de pneu. Então

acho que deu um problema de curto-circuito porque as instalações eram bem precárias. Não se isolava os fios direitinho, não padronizava. Eu sei que aí entrou em curto-circuito e pegou fogo, queimou inteirinha, não deu prá socorrer nada, nem as máquinas não sobrou. Foi uma pena! Mas foi uma pena! Até as máquinas de ferro que tinha lá por causa do café chegou a entortar tudo por causa do calor.

O trem passava lá e era ali que era todo o carregamento. Tinham muitos carregamentos de batata. Ali era o armazém e tava sempre lotado de café até o teto. Café e outros produtos da região. Batata, essas coisas, já chegava e já embarcava. Encostava os vagões fechados na esplanada e tinham catorze pessoas que trabalhavam ali dentro, fora o chefe da estação. Então era grande. Tinha uma lâmina de aço assim na porta do vagão e subia com o carrinho. Puxava com cabo de aço. Depois era embarcado nas vagonetas aqui do trenzinho e ia por aí. Acho que até as madeiras da serraria eram despachadas no trem prá outras cidades. Da serraria de Corumbataí. As toras vinham lá de Mato Grosso, vinha tudo de trem.

Às vezes vinha adubo. Era o tempo que vinha nitrofosca<sup>13</sup> da Alemanha. Então ao invés de vir parar aqui ia parar em outra cidade. Uma que tinha aqui ao lado de Piracicaba, que hoje o nome é Santa Terezinha. Lá mudaram o nome para Santa Terezinha e aqui ficou, que aqui já era maior.

E aí o trem parou de passar aqui. Ah, o leito foi arrancado todo ele da ferrovia. Primeiro arrancaram de Visconde de São Carlos. Que essa estrada de terra, que era ligada a São Carlos, era chamada de Visconde de São Carlos. Arrancou naquele trecho só. Arrancou porque o que acontece: você comprava uma passagem de Rio Claro até Corumbataí. Ficava mais fácil você comprar uma passagem de Rio Claro prá Visconde de São Carlos. Ficava mais barato. Então isso daí sabe o que foi acontecendo? Foi dando prejuízo. Antes era tudo de trem, hoje é tudo no caminhão. E outra, o custo era muito mais barato para transportar o gado. E antigamente, antes de pôr o trem, o gado ia daqui a Santos tudo tocado, né? A pé. Tinha o trem aqui de Corumbataí, arrancaram aquele de Campinas. Falava “trem das cabritas”. Tinha o que ia para Pirassununga que foi arrancado. O de Leme tinha até poucos anos atrás. Que a usina puxava adubo, só circulava adubo. Mas parece que arrancaram tudo. Dentro de Rio Claro também já acabou, ali na estação. Acho que já tá tudo praticamente desativado.

---

<sup>13</sup> Espécie de adubo vindo da Alemanha.

Aqui na estação era onde nós ia esperar os professores. Nós brigava prá carregar as pastas dos professores que vinha de Rio Claro. Verdade! Quando vinha, quando chegava o trenzinho, você olhava na estação. Mais de metade da criançada tava tudo esperando os professores na estação prá carregar. Que a escola não era onde é agora. Era no Núcleo. Ainda tem duas casinhas que tava ao lado dele. Ligado, na esquina lá da Avenida 3. Eu tive professor que quando eu lembro eu rezo prá eles. Que olha...

A escola era de nome Grupo Escolar Jorge Tibiriçá. A escola nova na verdade quem construiu foi o Ademar de Barros, quem inaugurou foi o Jânio Quadros. E esse grupo era prá ter sido feito em Araraquara. Mas o que fizeram? Inverteram o projeto e veio uma escola maior prá cá. Segundo essa história era prá ter ido prá Araraquara que é uma cidade bem maior. É gigantesca perto de Corumbataí. Foi sorte! Acabou construindo uma escola grande. Ela é grande até hoje.

Então os professor daquele tempo lá eu me lembro até hoje. Teve um professor, ele era um baiano. Ele dava sabatina de tabuada, 1 a 15 salteado! Mas também saía. Bom, tinha aluno que eu vou te contar... Sabe tem gente que não sei... O cérebro eu acho que não desenvolve, não sei. Que o meu avô falava que quem nasce bom já nasce feito. E eu concordo com ele mesmo. Porque uma maioria ficava cobra na sabatina. As primeiras vezes dava umas engasgadinhas, mas depois conforme fazia a pergunta já você multiplicava o redondo e somava o quebrado. Na hora você dava a resposta, então você ficava cobra na matemática. Quando esses aí (os filhos) começaram a ir na escola não podia ensinar nada! Modificaram tudo. E agora então, agora acabou de piorar. Só prá gastar caderno e lápis, aquelas continhas lá que você não entende patavina nenhuma. E outra, a mardita maquininha de somar, a calculadora. Se a maquininha parar o nego tá perdido de tabuada, não sabe mais nada. Às vezes o nego tá com maquininha fazendo conta, eu falo: — “Deu tanto”. O cara olha bem, eu falo: — “Eu sou mais ligeiro da turma”. Nunca peguei nem na mão, quando eu vou fazer conta é tudo no lápis. Somo de cabeça, se é coisa pequena já multiplico na cabeça, já falo. Antes do cara pensar eu já falei.

Ah, vou contar um caso prá você, uma vez eu fui comprar dois pneus prô trator. Cheguei lá era uma moça. Falei:

— Tem pneu dianteiro do 265?

Ela falou:

— Tem

— Eu preciso de dois. Quanto que é?

Ela falou:

— Mil cento e quarenta os dois. A vista ou a prazo?

Falei:

— A vista.

Ela falou:

— Tem dez por cento.

Cento e catorze, matei na hora, né? Mil cento e quarenta! Quer dizer, é um bom desconto, né? Aí a moça pegou a maquininha lá e ela demorou e eu fiquei ali, quieto. Falei: Caramba. Comecei a pensar. Aí ela não conseguia, ela entrou por uma porta e veio um senhor de cabelo grisalho, devia ser um dos gerentes ou dono. Ele chegou perto de mim:

— Você já tinha feito a conta né?

Falei:

— Não deu tempo dela acabar de falar.

Ele falou assim:

— É essa porcaria aí, ó (a maquininha)!

Ele falou bem assim prá mim. A moça não foi capaz de fazer a conta de dez por cento de mil cento e quarenta cruzeiros. Então você vê que o estudo tá retrógrado. Que hoje você vai falar em tabuada na escola, eles nem sabem o que quer dizer isso. Mas não sabem mesmo. Que antigamente meu professor fazia tabuada de 1 a 15, era sarteada, era sabatina de tabuada. O nego que tinha inteligência ficava bom em matemática. Agora quem não tinha, não sei se o cérebro que não arcança as coisa... Então eu quando lembro do professor eu rezo prá eles porque olha aquilo era professor!

Ele ensinou coisa de preparatório prô quarto ano. Ele veio lá em casa quando eu tirei diploma e disse prô meu pai: — “Põe esse rapaz no Ginásio Alem, que ele vai prá frente”. Aí depois eu fiz também aula com o professor Pedroso, já entrei na segunda época do preparatório prô ginásio lá com o professor Mário Alem, João Alem. Eram professores da pesada. O Michel Alem então... Aquele era um daqueles caras enérgicos. Que não é bravo, bravo é piada, é o cara que quer ver a coisa andar. Aqueles que são muito bonzinhos, isso aí não funciona, são fracos.

Aí eu detestava ir na escola. Ia na escola, não faltava, mas nunca fiz uma lição em casa. Fazia cinco minutos antes de entrar na aula. Naquele tempo foram reclamar prô Seo Israel que o professor não dava lição prá casa, porque eu não fazia lição em casa! E ele disse: — “Mas como que não dá, ele faz sempre!” (Risos). Eu fazia antes, que eu ia fazer em casa o quê! Esse professor meu falou assim: — “Aquele que souber fazer o problema e já der a resposta sem fazer conta, pode pôr a mão embaixo da carteira!”. A maioria do

pobrema já era fazer a conta, vê lá! Eu lia o problema e já colocava a mão embaixo. Ele passava duas vezes prá corrigir. E estava certo. Mas eu vou contar, não errava um! Mas por quê? Por causa da tabuada! Então aquilo lá era prô cara despertar a inteligência.

Hoje eu falo... Aqueles pauzinho que tinham na escola. Aquilo ali complica a vida do aluno! Mas isso daí o cara entra burro e sai analfabeto. Não aprende nada! Infelizmente prô estudo no Brasil é muito fácil de você tira diploma. Ainda aqui em Corumbataí a turma fala que é mais ou menos, se for na cidade grande é pior! Você sai de uma escola dessa e entra num ginásio, uma faculdade... Você não passa, mas nem se empurrar. Não passa. Não vê que tá dando na televisão que eles tão fazendo aqueles curso, como é que eles falam? Esqueci o nome agora, não sou muito de guardar. É uns curso que eles fazem assim rápido, que é coisa de três, quatro anos e eles fazem em seis meses. Mas aquilo o nego tem que ser bom mesmo e aprender rápido se o cara quiser estudar, que a maioria que vai na escola... Ah, isso aí é a famosa tele sala! Mas é o seguinte, se pegar professor bom... É, mas o ensino de modo geral tá péssimo, péssimo, péssimo no país inteiro. E isso eu não vou dizer só que é culpa dos professores ou dos diretores. Que hoje passa qualquer aluno, você não reprova mais. Porque na verdade tecnocratas do ensino são burros mesmo! Isso eu já vi falar já faz muitos anos. Porque eles jogam uma coisa no ensino combinado com fábrica. Fábrica de lápis e fábrica de caderno, prá gastar lápis e caderno. Você vê que naquele tempo nem conta eu não fazia prá resolver o problema prô meu professor. Você não gastava quase caderno porque você quase não precisava escrever. Você fazia o problema de cabeça e você só colocava a resposta. Quer dizer o gasto era muito menor. Naquele tempo ainda tinha o tinteiro na carteira. Às vezes a gente batia, derrubava (risos), ficava tudo sujo de tinta, sujava a roupa e o professor ó. A gente era chamado: — “Seu distraído!” Não bravo, mas falava com firmeza. E os alunos respeitavam.

Esse é o problema de hoje, não respeita. Mas o mais engraçado, eu soube por que eu sempre fui observador. Naquele tempo os alunos que eram de sítio era uma educação... Os que davam serviço prá professor eram os da cidade. Mas tinha uma meia dúzia aqui da cidade, eram bons colegas da gente, que a gente estima até hoje. Mas arruaceiros prá mais de metro! Hoje inverteu. O que é do mato os professores tão ferrado! Eu tenho dó do professor! Tudo sem educação. Feito essa gente que anda prô mundo por aí que isso tá aparecendo de monte, né? Então o que acontece? O problema dessa gente já vem de berço, é DNA mesmo. Que nem eu vi uma professora de como é que se diz o nome do que trata desse assunto? É de genética. Ela falou assim: — “Já é genética, é o DNA mesmo, vem de

trás”. Então ela tava explicando se, por exemplo, há dez anos atrás um da família foi bandido ou ele não era bandido, mas precisou matar prá defender alguma coisa. Isso há sete, oito, dez gerações atrás. Pode nascer um com aquele instinto. E olha e é verdade isso aí.

Então hoje em dia o que acontece? Se a gente vem lá de cima não teve escola, analfabeto é culpa do governo, né? O governo é que não deu. Porque lá prá cima (Brasília) vou te contar! Que aquilo lá é umas cambada, esses governador, precisava fuzilar tudo. O que vai de dinheiro da União lá prá cima! Eles não investem nada pró povo. (Risos). Senão o país não estaria nesse buraco. Mas por quê? Lá eles querem a pessoa analfabeta. Daí ele dá um chinelo prá votar nele, depois se ele ganhar ele dá o outro chinelo. Você não viu isso na televisão? Mostrou. Então isso daí que é o atraso do país, é gente sem instrução. Argum muda, algum que pensa bem muda, mas a maioria não muda mesmo!

A única coisa que sobra na televisão é aquela propaganda do bom exemplo, já prestou atenção naquilo lá? Que até outro dia eu falei prá minha mulher: — “Se tem alguma coisa que presta que puseram na televisão é isso daí! Porque o resto é tudo maracutaia, é coisa que tá enganando, só engana!” Se você vê o que passa na televisão... É uma porcaria! É só propaganda, coisa que não devia de passar eles passam. É tudo coisa que dá ibope. Quando é má notícia então eles enchem até o pulmão prá falar, você já reparou? Eu reparo, eu sou observador! O nego, quando dá uma má notícia ele até enche o pulmão, você percebe! Então quando vem uma notícia boa ele parece que fala meio... Chateado. Eu falo: — “Mas eu não acredito!”.

Um dia na televisão tinha uma moça tava pesquisando na rua o que o povo pensava da situação do país e aí de repente uma moça. Eu bati o olho nessa pessoa e já deu prá perceber o que a pessoa é. Quando ela parou a moça, era uma moça alta, meio magra eu falei: — “Essa vai dar uma resposta boa”, mas não deu outra!

— O que você me diz da situação?

Ela disse:

— Olha prá falar a verdade aqui no país tá dando vergonha de ser honesto.

Foi a única coisa que a repórter perguntou e já parou. Quando eles recebem uma resposta honesta eles cortam. Eles passam uma vez só na televisão, mas não passa duas de jeito nenhum. Agora notícia dos políticos, isso daí é todo dia. Aquela mesma porcaria que não vai dar em nada, que não vai dar em nada, infelizmente. Quer dizer, o que o povo espera disso? O povo fica tudo perdido, eles não sabem mais o que fazer porque você não tem em quem confiar! Então a gente pode confiar entre a gente, em gente conhecida, gente

que você convive junto. Ainda assim você precisa ficar confiando e ainda meio desconfiando, como é que se fala? Confie, mas sempre desconfiando. Quer dizer, é uma perspectiva muito péssima prô povo.



Essa parece que é de algum barão, tem até as iniciais aqui em cima. Parece da época dos barão, bigode aqui, de chapéu. Bem antigo! Isso aí era mais prô meu avô conhecer. É a família Venturolli, também é daqui de Corumbataí. O Silvio Venturolli, o filho desse aqui, ele é vivo. Ele já foi prefeito de Araraquara e depois, por último foi a mulher dele prefeita. A Dona Germínia Dolce. Acho que foi duas vezes prefeito de Araçatuba. E eles também moram lá. E inclusive ele tem propriedade aqui no município. Ele tem o sítio aqui que é herança da mulher dele por parte do Seo Pedro Dolce. A fazenda Guaraciaba. A sede da fazenda ficou prá ela.

Meu avô Pedro Canhoni ele veio da Itália prá Corumbataí. A minha avó eu me lembro que ela veio com doze anos, era austríaca. Ela veio da Áustria. Mas o meu avô, acho que ele devia ter os seus dez, doze anos por aí também. Eles tinham a mesma faixa de idade. O meu avô era da província de Orovigo, que nem cidade é. O da parte da minha mãe, Bortolin veio da província de Treviso. Eles vieram em três irmãos: Pedro, Júlio e Antônio, nós puxamos na internet. Tem 375 Canhoni na Itália, tem até fabricante de vinho na família, descendência do bisavô. Família grande lá. Que na verdade o meu avô tava aqui e os Gigeck vieram prá Corumbataí. Família da minha avó. Não vieram para o Núcleo Jorge Tibiriçá, vieram prá cidade. Os terrenos eles compraram por aqui mesmo. O Bortolin, meu avô, veio da Itália prá Campinas. O lugar chamava Fonte Sonia, hoje não sei que nome que dão lá. Entre Valinhos e Campinas. É Sousas, isso mesmo! É porque a

maioria das famílias de Corumbataí é tudo descendente de estrangeiro. É russo, polonês, alemão, espanhol, italiano, português. Tinha todas essas descendência aqui em Corumbataí.

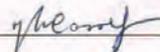
Tem a família Raven, que foi muito importante aqui em Corumbataí. É russo. Inclusive é dona de uma propriedade aqui em cima que hoje é dos Vergana. Aqui tinha muito estrangeiro mesmo, de vários países. Depois foi diminuindo. Ainda existe Habermann, Raven ainda tem, mas a maioria ou foi indo embora prá outros estados ou cidades. Ou se misturando aqui. É só ir no cemitério aqui e você começa a olhar os sobrenomes lá. Você vai ver a descendência ucraniana, polonesa. A família Kviatkovisk ainda tem. Tem um amigo meu que é engenheiro agrônomo da Casa da Agricultura, o Marcelo. Tem a Ruth Kviatkovisk, que trabalha na prefeitura. Então você vai vendo e lembrando os nomes. Você olha no cemitério lá é praticamente uma colônia de estrangeiros.

De poucos anos prá cá é que tá entrando esse pessoal do Nordeste, mas antes era tudo pessoal descendente. E tinha os negros que eram descendentes de escravos que tinham aqui. Tinha bastante escravo. Nossa! O cordão dos negros no carnaval batia o dos brancos de longe! Meus colegas eram tudo negro. Nós brincava junto e nem, nem dava conta da cor. Mas sabe por quê? Era tudo gente honesta! Não tirava uma agulha de ninguém.

### Carta de Cessão

Eu, (nome, estado civil, R.G.) JOSÉ LAURO CASSEB, SOLTEIRO,  
R.G. 2690655, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 23/11/2005, por Luciana Schreiner de Oliveira Zanardi, R.G. 3. 918.534-2, para que ela possa usá-la integralmente, bem como a sua transcrição e textualização, sem restrições de prazo e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Instituição que tem a sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Corumbataí, 10 de JANUÁRIO de 2006.

Sujeito de pesquisa: 

## **José Lauro Casseb**

Quando eu cheguei para lhe tomar o depoimento ele não estava em casa. E também não estava lá das outras vezes em que eu voltei. Seu lugar de sempre é no balcão do restaurante Baddy, que fica logo ali na frente de sua casa, é só atravessar a rua. Este restaurante familiar tradicional é há muito tempo o ponto de encontro, no horário das refeições, dos moradores da cidade e também daqueles que lá nasceram, mas por motivos diversos já não moram mais em Corumbataí. É lá que as pessoas se reúnem para se deliciar com a comida caseira servida e para trocar informações, saber das novidades, reencontrar amigos, conversar sobre a vida, relembrar velhos tempos.

Professor de Física formado pela Unesp em Rio Claro-SP, deu muitas aulas para escolas públicas e particulares, inclusive para universidades e faculdades, tudo isso em Ribeirão Preto-SP. Deixou de lecionar por estar cansado, estressado e desiludido com a profissão. Hoje é bem mais calmo e tranquilo e não tem planos de voltar a dar aula.

Já fazem alguns anos que o Sr. Lauro trabalha no balcão do restaurante e gerencia tudo. Por estar sempre no restaurante ele está sempre bem informado, sabe de tudo o que acontece na cidade. Conhece muitas histórias a respeito da cidade e do rio, ouve muitos “causos”.

Filho de comerciantes sempre morou na região central da cidade, aliás, nasceu na mesma casa em que mora até hoje. Por ter nascido em Corumbataí e ter estudado em Rio Claro, o Sr. Lauro foi um freqüentador diário da linha férrea, da qual também dependia o comércio da família para o transporte das mercadorias vendidas na loja.

O Sr. Lauro foi muito aberto, franco e sincero em seu depoimento, aliás, assim o foi desde o primeiro contato. Solícito, durante nossa conversa foi atrás de fotografias do acervo familiar e me emprestou o livro de poesias que seu irmão mais velho havia escrito sobre a cidade, do qual incluo algumas poesias no capítulo 3 desta pesquisa. A conversa foi longa e tranquila. Sempre havia uma história diferente ou um “causo” ouvido para relatar sobre cada fotografia, informações precisas e cheias de detalhes.

O fato de ele haver morado fora de Corumbataí por alguns anos não comprometeu o depoimento no geral já que o Sr. Lauro nunca perdeu o contato com a família e a cidade e por já ter retornado a morar na cidade há muitos anos.

## **José Lauro Casseb**

**Entrevista realizada com José Lauro Casseb**

**Data: 25/11/2005**

**Local: residência de José Lauro Casseb, Corumbataí.**

**Entrevistador: Luciana S. de Oliveira Zanardi.**

**“Você tinha respeito, o professor era uma autoridade respeitada no município. Era como o delegado, o prefeito, como as autoridades maiores do município”.**

Meus pais, eles não vieram como imigrantes. Tanto a família do meu pai quanto a da minha mãe tinha propriedades. Então eles venderam e não vieram como imigrantes. A minha mãe chegou em 1926 e meu pai já estava aqui. Meu pai veio antes da primeira guerra, ele estava em São Paulo antes. Ele mascateava, foi o que a maioria fez, né? Aí depois se instalou aqui, ele mascateava na região, conheceu a minha mãe em Ajapí e tal, aí casaram em Rio Claro. Foi assim. No caso da minha mãe, o meu pai eu não sei, é mais difícil, ele estava aqui antes. Mas a minha mãe, uma das causas fundamentais foi a guerra de 1914 a 1918. Naquele período as pessoas passaram um apuro danado, quase morreram de fome, por qualquer pedaço de alimento o pessoal quase se matava. Porque não tinha, vinha tudo da Europa e a Europa estava em guerra. E passaram... Olha, o que ela conta ia, além disso, a guerra de religiões também. Os drusos com os católicos e tal, isso aí formavam brigas dos caras brigarem lá e virem matar alguém aqui no Brasil. Fulano morreu lá e vieram matar o sobrinho do fulano aqui, quer dizer, essas coisas de vingança, né? A minha mãe tinha 3 irmãos aqui no Brasil. Eles já estavam aqui estabelecidos, vieram antes. Então não tinha porque ela ficar lá, já tinham perdido os pais, ela tinha uma irmã, que faleceu depois. Então um dos meus tios foi lá e a buscou. Ela chegou em 1926, eu me lembro bem porque ela falou que chegou um ano antes do centenário de Rio Claro, que foi em 1927.

Eles chegaram de navio em Santos, vieram pelo trenzinho. Por Jundiaí. O trenzinho ainda funcionava na época, ela contava. Mas ela veio mais porque os irmãos já estavam aqui. E a guerra também foi muito dolorosa. Foi muito triste, como qualquer guerra é. Naquela época dependiam muito dos alimentos da Europa. Porque o Oriente você

sabe, tem petróleo, mas não tem mais nada. E foi muito duro prá ela, sofreu muito. Vir prá cá... Prá ela o Brasil é uma terra abençoada, ela sempre falava prá gente: “Não reclama disso aqui não, porque isso aqui é uma terra abençoada”. Eu me lembrei muito dela quando teve aquele terremoto em Kobi, e aquela japonesa quando desceu no Brasil beijou o chão como o Papa fazia, né? E falou a mesma coisa. Que ela estava lá passeando, não sei se tinha parentes e deu o terremoto, mas ela sobreviveu. Quer dizer, então, por aí você vê, realmente é uma terra abençoada. Com todos os problemas, com todos os ladrões, bandidos, corruptos. Mas tem muitos aspectos positivos. Não é? Então ela gostava muito daqui, nossa. Minha mãe morreu faz 5 anos, morreu em janeiro de 2001, tinha mais de 90 anos. O meu pai não, meu pai morreu em 64.

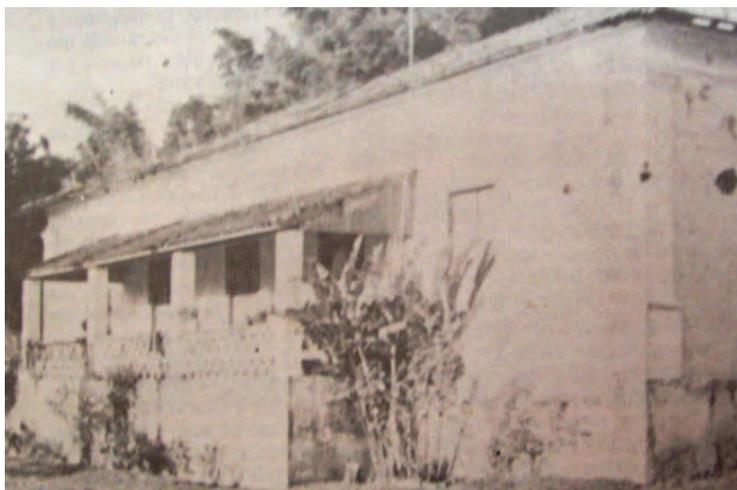
Agora foto essas coisas, eu tenho uma foto duma classe minha do grupo escolar, de 1948, né? E tá aqui comigo. De Corumbataí. Eu entrei na escola em agosto, no meio do ano, foi por acaso. Eu não podia entrar, não tinha 7 anos ainda, mas aí a Dona Zezé, que é professora, ela mora aqui... Ela passava, via eu no balcão, falou com a minha mãe: “Deixa ele ir na escola comigo?” e eu acabei indo. E justamente naquele mês de agosto fizeram uma fotografia juntando a minha classe e uma outra. Quer dizer, eu estava lá por estar, né? Eu não podia fazer o exame de admissão, porque não tinha idade também. Tanto é que eu tive que ficar mais um ano prá depois poder fazer a admissão em Rio Claro. Até já passei a foto prá algumas outras pessoas que estão aí, mas não sabiam da foto. Isso foi em 1948, agosto de 48. Eu tinha 7 anos, eu estou com 64. Naquela época não se tirava foto. Era difícil. Então você tem assim, alguma coisinha. Não sei se você tem acesso... Tinha um cara que já morreu, o João Marotti, ele era do IBGE. Então, antigamente a lista telefônica.... Eu não sei se era feita em Rio Claro, não é essa lista telefônica tranqueira aí, eles davam dados dos locais. Inclusive Corumbataí, eu me lembro que eu li... Isso foi coisa do IBGE, quer dizer, coisa oficial. Em 1953, Corumbataí foi o segundo maior produtor de batata do estado de São Paulo, isso pouca gente sabe. Mas tem isso, é uma lista telefônica, que tinha um prefácio, né? E ali falava uma série de coisas sobre a cidade. Inclusive dos russos que vieram inicialmente e se instalaram ali em cima no núcleo e tal, depois com o tempo eles foram embora. E claro, deve ter outras coisas escritas. Inclusive tem um senhor de Rio Claro, o Penteadado, escreveu muita coisa sobre Corumbataí. Oscar, né? Oscar, então. E aí o livro, meu irmão também resolveu escrever, ele tem facilidade. Tem algumas poesias também, que já não tem nada que ver... Tem algumas pessoas aí que marcaram muito, sabe? Apesar de ser tudo gente muito simples, muito humilde. Então... Isso marca. Só que agora, esse pessoal você não vai ver mais porque já morreram todos.



Bom, a igreja, a data é 1912. Está a plaquinha lá de inauguração. Olha, eu me lembro do jardim, do coreto... Aquele coreto antigo, né? Agora é completamente diferente, tem a fonte ali onde era o coreto. Tinha banda de música, inclusive o meu irmão mais velho, o Phelippe, ele é o primeiro da turma. Ele não falava nada em português quase. Ele entrou na escola, só falava árabe. E o senhor Sylvio Sacomanni, que era nosso vizinho, era o maestro da banda e passava aqui e levava ele junto, prá ver a banda tocar. Eu fui batizado lá. Todos aqui de casa foram. Tinha a quermesse, que era feita no jardim. Já houve várias reformas, eu me lembro. O primeiro padre que eu me lembro... O padre Antônio Centelha, um senhor alto, uma simpatia, sabe? Mas já tinha idade quando veio. Depois vieram outros aí, inclusive com alguns de encrenca. Mas com relação à igreja, bom, ela foi reformada, ela era menor, agora é maior. Não tanto, mas ela agora tem a casa paroquial, tem o barracão onde fazer as promoções e tal. Então... Eu fiz a primeira comunhão aqui, eu era Congregado Mariano também. Fui Congregado Mariano por um tempo. Tinha uma Congregação Mariana com bastante gente, tinha as Filhas de Maria também, tudo isso hoje eu não sei se tem. Acho que não tem mais nada, eu também parei de frequentar. Não parei de ser católico, mas quase não frequento a igreja.

No jardim não, foi na rua de baixo, perto do bar ali, que teve um assassinato que mudou um pouco a cara da cidade também. Faleceu o senhor Humberto Venturulli, foi assassinado. Foi na época que Corumbataí estava ficando independente de Rio Claro,

alguns queriam, outros não queriam. Foi em 1949, mais ou menos por aí. E ele foi assassinado na porta do bar lá. Saiu de uma sessão na câmara, estava conversando e tal, né? Mas aí já não tem nada que ver com a igreja. Foi na proximidade. E ela estava lá, no mesmo lugar que está hoje. Acontece o seguinte, essa pessoa era muito bem quista, sabe? Aqui em Corumbataí. A família Venturolli... Ainda tem uma só mulher que é Venturolli aqui. A dona Elisa, o Humberto era tio dela. E... quer dizer, é aquela velha história de política. Uns são de um lado, uns querem uma coisa, outros não querem, então acham que outros vão ter prioridade em uma série de coisas. Na verdade, do que eu conhecia dele, que eu lembro muito pouco também, era uma pessoa muito boa. Honesto, dedicado, meu pai gostava muito dele. Então foi triste. E com isso, a família Venturolli aqui era monstruosa foi acabando, o pessoal foi embora, isso aí também abateu um pouco o ânimo da turma, né? Eu acho que teve influência também. Não tanto como a parte econômica, por exemplo, porque aqui tinha muito café, tinha batata, morava gente prá chuchu. A loja aqui ficava aberta dia de domingo, porque o pessoal só podia vir dia de domingo. A gente não dava conta, meu pai, minha mãe, minha tia, irmã do meu pai até ajudava lá, porque na lavoura você precisava de bastante gente, né? O café principalmente, naquela época era tudo manual. Depois já veio um depósito de leite da Nestlé. Aí já começou a passar prô gado. Já começou a diminuir, quer dizer, se precisava de eu e você, passou a precisar só de mim. E foi diminuindo. Aí veio a industrialização em São Paulo, foi um monte de gente também, inclusive alguns voltaram, outros já não voltaram. Então, uma série de fatores foram contribuindo. Essa foi só uma das causas, a menor eu acho, que a parte econômica foi a maior.



Era forte na época do café. O café, o arroz... Aqui, prá você ter uma idéia, o Matão, que é uma região prá cá, tinha um feijão... Que lá é terra roxa e não existia feijão que batesse naquele lá, de tão gostoso que era. Hoje você não acha um quilo de feijão de lado nenhum aqui, nem de nada. Tem um pessoal que planta alho, porque o avô plantava e o pai plantou e eles estão plantando porque são abnegados. São os Galdini, os dois irmãos continuam matutando aí, estão lá... Eles têm uma fazenda grandinha e trabalham com alho.



Ah, a estação, nossa! Essa aqui... Essa é a que mais deixou saudades, sem duvida nenhuma. A estação de trem, né? Ela pegou fogo, eu não sei se pegou, se puseram. Mas naquela época o rio não estava no nível que está lá em baixo não. Não tinham dragado o rio, tinha várias lagoas, sabe? Então quando dava enchente, enchia a estação também. O trenzinho não chegava, às vezes ele vinha até Ferraz e voltava. Porque inundava tudo e não passava. Tinha o “pau de sinal”, onde o cara ficava lá na hora que o trem ia passar, chancela que eles chamam. Mas a gente chamava “pau de sinal”. Tinha um viaduto, não sei se você tem alguma foto do viaduto aí. Não sei se eu vou ter também prá te mostrar... Que é um negócio nunca visto, inédito. E eu não sei por que destruíram, que aquilo lá era uma obra de arte. Era um negócio de cimento armado, sabe? Uma coisa feita aí na década... No comezinho de 1900, 1900 e pouco. E as pessoas desciam do trem, subiam o viaduto, passavam prô lado de cá. Mas o vão do viaduto, era um vão mesmo, porque os trens passavam por baixo. Quer dizer, era um negocio fantástico...

A estação marcou. Marcou porque você vê, foram 4 anos que eu viajei ali no trenzinho, né? E era uma alegria. Porque nós íamos de manhã e almoçávamos em pensão lá em Rio Claro, não tinha como não fazer isso. Aí a tarde ia prô colégio, voltava e pegava o

trenzinho. Só que o trenzinho, o horário dele era 5 horas, você chegava 5:01, você perdia. Chegava um trem de São Paulo, entrava na estação de Rio Claro, ele parava 4:47, quem vinha de São Paulo dava tempo de atravessar uma parte da estação prá pegar o trenzinho que vinha prá cá, né? Você olhava no relógio... Aquele relógio, ainda tem na entrada da estação em Rio Claro. E o nosso trenzinho lá, esperando. Mas não esperava horário era horário. Então ele saía às 5 horas da tarde, eu me lembro que aos sábados, tinha aula aos sábados naquela época. Normal, não tinha nada de não ter aula nos sábados não. No sábado a gente estava mais contente porque ia passar o domingo numa folguinha. Então a molecada estava mais ativa. E tinha o guarda, a gente já conhecia alguns guardas, o Eduardo, não sei mais quem... Já morreram todos. Tinha o maquinista, a gente já conhecia o maquinista, de nome não, mas assim... O chefe da estação. Mas essa estação aqui... Era muito bonita. Muito bonita. Tinha uma parte, um depósito. Que deixavam a mercadoria... Prá loja mesmo, vinha tudo por trem. Aí o carroceiro ia buscar, prá nós, aqui prô Perin, prá todos que tinham comércio. Aqui tinha algodão também. Embarcava algodão pelo trem, era tudo no trem. Que em minha opinião é o melhor transporte que tem, ainda mais prá carga. Mais barato também. E tinha que ficar um carrinho de mão, comprido assim, com 4 rodas, de ferro, que punha as coisas em cima. Então tinha... Um vagão era prá passageiros, às vezes vinha 2, dependendo do dia. E um vagão prá carga. Uns fardos prá nós aqui, prô Perin, não sei prá quem aí, então descia tudo ali na estação. Eu acho que eu tenho uma foto aqui do trenzinho, eu vou te mostrar. Tem o pessoal uniformizado do colégio das freiras, em Rio Claro, que naquela época era só mulher. Colégio das irmãs ali na frente da matriz. O Puríssimo. Tinha bastante gente daqui que estudava lá. E a estação, com aquele viaduto então... O viaduto é que a gente não esquece nunca, sabe? Um negócio muito bem feito. Não sei quem fez, mas muito bem feito. A estação tinha aqui na frente uma salinha do guarda. Do chefe. Você atravessava a linha, tinha um barranco e uma escada. A casa do chefe era ali. Ele morava ali, bem encostadinho. A casa, acho que já era da Companhia Paulista mesmo, né? A casa dele não alagava porque ela ficava no alto. Em baixo inundava. O sogro do meu irmão do restaurante tinha um caminhão, sabe? Na enchente ele ia buscar a gente em Ferraz, porque o trem chegava até Ferraz só e não vinha prá cá. Então vinha todo mundo apavorado. Mas tinha que vir, não tinha outro jeito. Então você vê que mesmo assim a gente não deixava de ir à escola. Hoje em dia cai uma chuvinha e ninguém vai à escola. Mas olha, tinha inclusive aqui uma marca da altitude de Corumbataí, que eu não me lembro mais se era 523 metros. A altitude em relação ao nível do mar. Tinha uma bolota assim, que tinha o número marcado.

Quando pegou fogo, aí eu já não lembro direito não. Eu sei que pegou fogo. Pegava mercadoria, aqui por trás. Tinha onde ficava a mercadoria armazenada, então tinha uma porta trás, os carroceiros encostavam lá e punham a mercadoria. Tinha que dar a volta, né? Porque o viaduto era para as pessoas. Carroças, alguns carros e caminhão tinham que dar a volta lá no final, não dava prá passar aqui. Tinha a linha e era só lá adiante que passava, agora está completamente mudado. Eu já não consigo mais lembrar como é que era na época, mudou tanto que... Mas aqui tinha primeiro a sala do chefe, depois tinha uma sala de estar, vamos dizer assim, onde o pessoal ficava esperando o trem. E domingo o footing era na estação. O trem ia descer prá Rio Claro, acho que era 13h45min, se eu não me engano. Próximo de 13h todo mundo ia à estação. Prá ver o trem. Então era a diversão, todo mundo ia prá estação nesse horário. E o trem, inicialmente ele ia até São Carlos, depois cortaram, ele ficou até Analândia. Passava pelo Cuscuzeiro, que era ali pertinho, punha água em Cuscuzeiro, em uma torneirona lá, porque era a vapor, né? E de Analândia ia a Rio Claro e vice versa. Passava lá em Ajapi... Na época era Morro Grande, depois passou a chamar Ajapi. Ferraz não, Ferraz continuou. Cachoeirinha, que é uma estaçãozinha lá perto de Rio Claro, que parava lá também. Dificilmente descia alguém lá, mas parava. E Rio Claro.

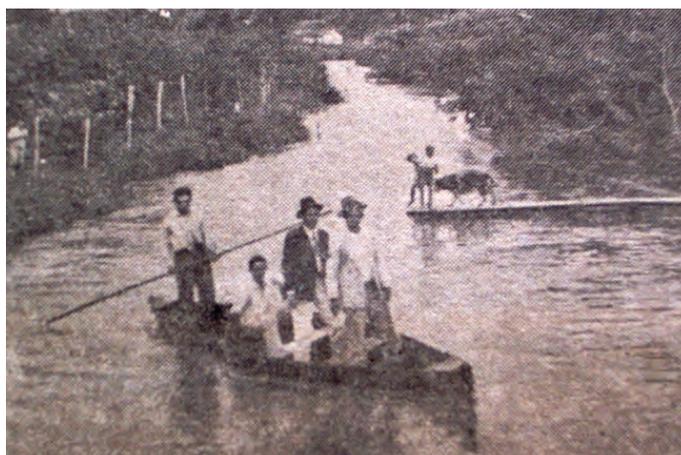
Eu me lembro uma vez, teve um baile aqui em baixo, ali onde faz embalagem. Era um salão de baile, meu irmão, mais o Zulato, o proprietário e um outro, montaram um salão de baile. Faziam um baile extraordinário. Uma vez eu andei tomando... Eu não sou de beber nada... Eu e um grupinho tomamos e eu fiquei ruim prá burro. Fiquei andando na estação, ida e volta, umas 100 vezes, cheguei em casa meio ruim ainda. Molecão, não estava acostumado com bebida quente, eu vomitei e tudo, mas eu me lembro que eu medi aquela estação bem umas cinqüenta vezes. Esse é um outro fato também que eu me lembro, da época. Mas a estação foi demais. Todo dia você estava nela, né? Chegava lá prá tomar o trenzinho, depois na volta. Pelo menos durante o tempo que eu fiz o ginásio. Depois no colégio era mais complicado. Aí tinha que ir de ônibus por causa do horário.

Mas tinha dia que o pessoal brigava. A turma daqui com a turma de Analândia. Eles brigavam lá em Rio Claro, na estação. Era uma briga lá... Eita! Uma turma encrespada! Tinha essa rivalidade no futebol, tinha nos estudantes... Hoje parece que já melhorou muito, porque hoje é uma cidade turística e tal. Eles conseguiram, né? Então nesse ponto eles estão pontos acima. A gente ia jogar bola lá, era briga. Eles vinham jogar bola aqui, era briga e na estação era briga... E a briga não era de um contra um, era três,

quatro contra três, quatro. Lá em Rio Claro que a briga era maior, na estação de Rio Claro. No trem era difícil, porque o guarda...



Bom, essa corporação eu já não conheço. É o que eu te falei, eu não lembro. Eu sei que tinha, que o Sylvio Sacomanni era o maestro, né? Ele era sapateiro, o Seo Sylvio morava aqui, nessa casa onde está o Paulo aí, nesse boteco aí na frente, essa lojinha. Mas aqui, eu não consigo identificar nada aqui. Meu irmão era pequenininho e levava ele quando ia... Subia aqui e levava ele prá acompanhar. E ele gostava, ficava no meio da criançada. Mas era só o Phelippe, que era o meu irmão mais velho. Nós éramos muito pequenininhos, então levava só ele.



Esse aqui da frente, com o chapéu meio de lado... Não sei, porque esse aqui está me parecendo o Canhoni, viu? Porque ele tem o jeitão do Geraldo, viu? O pai dele morreu com mais de 90 anos. Olha eu... Não sei. Eu até ia falar prá você, esse aqui está parecendo o pai do Geraldo. O rio. Eu me lembro do rio quando tinha uma ponte de madeira, as

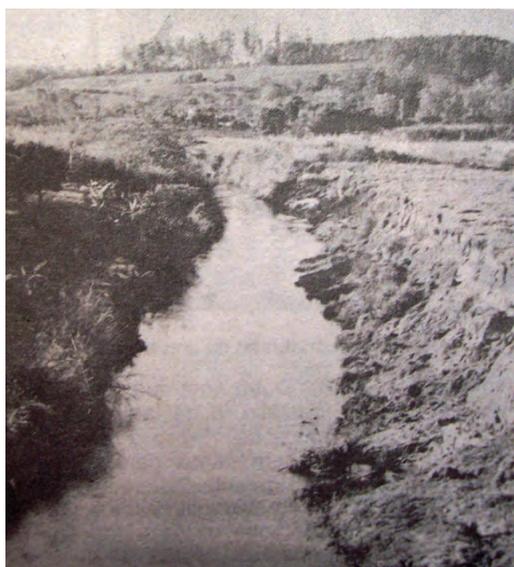
lavadeiras lavavam roupa naquelas tábuas. Ali na ponte. Lembro que punham aquelas tábuas e lavavam roupa ali. E a gente nadava ali, pescava, tudo. Mas era uma ponte de madeira, não é essa ponte que está hoje aí. Inclusive tinham duas... Tinha o rio Corumbataí e do lado de lá tinha um lugar que chamava Ponte Seca. Era tipo de uma lagoa, mas tinha uma ponte também. Era fundo ali e o pessoal pescava à noite. A água do rio Corumbataí ali era mais paradinha e era fundo. Então chamava Ponte Seca. Depois, com o tempo, que eles foram dragando tudo, aí acabou. Não tinha mais nada, ficou só o rio Corumbataí e lá em baixo. Senão inundava Corumbataí até hoje. Eu conheci o rio antes e o rio depois de dragar. Inclusive quando o pessoal plantava arroz na beira do rio, os proprietários. Depois que malhava o arroz... Não era com máquina, era na mão. Então sobravam aqueles feixes, ficava lá. A gente jogava aquilo no rio, pulava em cima e descia o rio... Vinha lá de cima, passava por baixo da ponte, né? Porque aquilo boiava e eu era levianinho, boiava em cima. Então fazia isso. Olha, hoje até dá prá fazer o mesmo, mas não tem arroz mais, não tem mais nada. Tem bóia, às vezes, a molecada enche uma bóia e desce.

Em matéria de poluição eu não sei, porque tiram areia do rio, isso sempre vai dar um pouco de poluição. Analândia eu não sei como é que está, porque aqui nós temos o lixo reciclável e o tratamento é feito. Daqui prá baixo está tratado o rio. Agora, o problema, acho que é daqui prá cima, não é? Bom, prá você ter uma idéia, naquela época, a gente ia nadar, aqui na ponte mesmo ou aí prá baixo, na água, ou pescar, dava sede, tomava água do rio. Tomava água do rio normalmente, como toma água da torneira, pegava com a mão assim e tomava, até matar a sede.

Todo mundo fazia isso. Nunca vi acontecer nada com ninguém. Você vê, dá prá ver que a água não era poluída. Isso... Quer ver... Na década de 50. Até um pouco antes de eu nascer... Em 1941, os moleques ficavam direto no rio ou no campo. Depois, quando começa a estudar já complica mais, mas é final da década de 40 e começo da década de 50, que eu estava aqui ainda porque quando eu comecei a fazer o ginásio já ficava mais difícil, né? Ia de manhã, voltava de tarde, com o colégio já não teve mais jeito de sair de casa. Então foi entre nove anos, dez anos, até talvez doze anos, treze, por aí. Eu ia fazer isso, ia pescar, pescava direto, nadava... No rio a gente só nadava. Às vezes o pessoal ia nadar pelado, vinha o policial, O Pernambuco, fazia subir, pegava todo mundo prá levar prá delegacia, tudo pelado. Era até engraçado, todo mundo parava prá ver.

Teve um período que Corumbataí teve uma população bem maior. Nós chegamos a ter aqui 13.000 habitantes mais ou menos e hoje tem 4.000 mais ou menos. Mas tinha bastante gente. Porque a zona rural tinha muita gente. Porque o café, o arroz, tudo isso

precisava de gente. Eu te falei, meu pai abria a loja dia de domingo, o pessoal vinha à missa e depois ia fazer compra. Armazém abria dia de domingo. O pessoal vinha, tinha aquelas argolas na calçada prá amarrar os cavalos. No nosso quintal aqui, punha os cavalos aí dentro. O quintal que hoje é garagem, ficava um monte ali. E galinha, nós tínhamos galinha aí em cima também. Aí na época não tinha banheiro, era fossa. Ainda era fossa, depois o meu pai fez o banheiro aqui dentro de casa. A fossa era lá no fundo, hoje é a garagem e tudo, mas ali era um quintal grande e o pessoal vinha e podia amarrar cavalo ali. Tinha aquelas coisas de argola e prendiam, a maior parte era cavalo ou carroça. Não tinha carro, caminhão, não. O carro eu me lembro do Gibimba, o carrinho dele estava sempre quebrado.



Essa é o rio também. Eles foram tirando areia, tirando areia e... Tinha muita capivara aí no rio. Vinham caçar capivara, matavam na época, né? Não tinha essa história de não poder matar, eles matavam. Tinha a ponte de madeira, aquelas carnes que saiam assim, eles amarravam ali, né? Eu me lembro que uma vez eu fui lá e eles estavam fazendo uma capivara e eu acabei comendo um pedaço prá experimentar. Mas tinha bastante. Aqueles que plantam, qualquer planta, elas estão estragando, mas agora não pode matar. Então está dando problema, inclusive o Geraldo... Não sei se falou alguma coisa prá você, mas na parte deles ali prá baixo e tal, está aparecendo capivara. Então é aquela

preocupação. Um cara aqui pegou meia dúzia de rãs vivas, está com um processo até hoje, não pode. Ainda está livre porque não matou, se tivesse matado estava enrolado. Bom, depois, eu não me lembro a época, mas aí começaram a dragar o rio. Aí começaram a sumir as lagoas, quer dizer, a gente já não ia mais pescar à noite, não é? Ia caçar rã, porque a rã pegava com a mão, punha o farolete no olho e ela paralisava. Meu irmão era o maior caçador de rã aqui. Ele vinha com aquele saco, com um monte de rã e a minha mãe fazia. É uma delícia. Mas essa aqui, porque nós comemos de cativeiro, que o cara montou um cativeiro aí em Ferraz, não tem o mesmo gosto não. Não é que seja ruim, mas não é o gosto daquelas. E ele pegava muitas. Na época tinham muitas. Tudo em função do rio. Das lagoas principalmente.

Aí tinha jacaré também. Mas o mais que tinha no rio era lambari. Que tem ainda até hoje, só que na parte lá de cima, porque aqui prá baixo já... Nego bate de tarrafa, arrebenta, esculhamba com tudo, então acaba com tudo. Mas ainda na época que tem siriri, que é aquele bichinho que dá no cupim. Não o cupim, mas siriri, aquele com asa. Pesca por cima da água. O meu irmão é um especialista nisso. Então você pega por cima, então o peixe vem... Fica mexendo, né? Porque está vivo. O lambari vem, quando você pega um lugar que tem um cardume, você fica duas horas ali, você pega 200 lambaris. Ainda pega. Aqui prá baixo é difícil. Por causa dessa porcariada... Vem com tarrafa e coisa.

Mas lá prá cima, tem um cara, por exemplo, o Papesso tem um tanque de peixe. Mas ele não deixa qualquer um entrar lá prá dentro do rio... Nem podia, né? Mas o meu irmão, que é muito amigo dele, eu também, a gente vai lá e ele deixa a gente pescar. Então, ali você vai pelo leito da antiga ferrovia, no sítio do Papesso. É a estradinha prá Analândia indo no sentido Rio Claro, pela vicinal, chegando ali onde tem várias casas, pega uma entradinha a esquerda. Na frente da olaria, onde tem aquela chaminé... Ali que era o caminho do trem, onde era a estrada de ferro. Na frente tem um areieiro lá, do lado é a ferrovia. E vai até Ferraz. Agora eles deram uma limpada, parece que estava meio interrompido lá, mas está passando. Ali era a ferrovia. E a estaçãozinha de Ferraz ainda está lá. Prá você ter uma idéia, nós estávamos disputando o campeonato amador de Rio Claro, em 1958. E às vezes tinha jogo lá em Rio Claro, num campo bem longe, antes de chegar na estação. E o jogo era de domingo. Então a gente pedia prô maquinista diminuir a marcha do trem e a gente pulava antes. Prá não chegar até lá e ter que voltar. No Clube Veridiana ali. Porque ali só tinha terra, né? Na fazenda São José, um pouquinho prá lá,

agora é tudo construído. A gente pedia, ele diminuía a marcha e a gente pulava do trem, prá jogar. Porque o campo era ali perto.



Bom, aqui já é mais complicado. Tem cara de Venturolli, porque é o que eu te falei, Venturolli aqui só tem a Elisinha, né? O Silvio, que era o pai dela, teve acho que 10 filhos. Tem um também que chama Sílvio, foi prefeito de Araçatuba, casado com a irmã do Osvaldinho Dolce. Ele faz muito tempo que eu não vejo, ela não, ela está sempre por aqui. E... Tem vários irmãos já falecidos também. E o Sílvio ainda tem uma parte na fazenda Guaraciaba, que é da Germínia, mulher dele, a Germínia Dolce.



Bom, naquela época as enchentes eram comuns, não é? Então quer dizer, tiraram foto aqui nesse dia, mas na verdade já devia ter um monte. Em 61 ainda tinha trenzinho. Ah, agora... Deixa eu perguntar prô meu irmão quando acabou o trenzinho, quase mataram o governador na época. Em 1967. É, porque eu lembro, o governador escreveu uma carta prá justificar porque que estava tirando o ramal. Tiraram porque era deficitário. Aliás, tiraram todos, né? Lá na região de Ribeirão, que eu fiquei muito tempo em Ribeirão, só tem um ramal que é prá levar o álcool de Sertãozinho para Ribeirão Preto. O trem que tinha prá Brasília parou, parou tudo, a estação está lá, mas... Na carta dizia que no lugar da ferrovia eles iam fazer uma rodovia, não fizeram nada. E sumiu tudo, sumiu dormente, sumiu... Tudo o que tinha na ferrovia desapareceu. Bom, é o que eu falei prá você, nessa época as enchentes eram comuns. Eu fui prá Ribeirão em 1967, no comecinho de 1967. Eu já estava meio acostumado, porque quando dava enchente o trenzinho já não vinha, então você já viu. Aquilo virava festa. Todo mundo ia lá prá olhar.



Teve um pracinha que foi daqui, o Alcides Brito. Quando ele voltou fez a maior festa, mas foi o que? A guerra acabou em 1945, então eu tinha 4, 5 anos. O pessoal que fala que foi todo mundo na estação esperar, foguetório, tudo. E o Sr. Alcides, parece que ele levou um tiro na perna, uma coisa assim. Mas ele voltou. Fez parte da FEB, Força Expedicionária Brasileira.

Na Segunda Guerra Mundial. Parece que foi mais gente daqui, mas eu me lembro só dele. Quer dizer, eu lembro porque as pessoas falaram. Era muito moleque. Mas essa aqui é mais antiga. Porque foi na Revolução. Aqui no jardim tinha uma época que

tinha a Festa das Nações.

Então tinha a barraca árabe, como os outros lugares fazem. Árabe, italiana, espanhola e tinha o pessoal vestido a caráter também. A maioria já faleceu também. O senhor Amin Bichara também é descendente de árabe. Ele estava lá vestido de árabe. Então eu imaginei que fosse... Podia até ser uma festa junina, né? Porque eu me lembro que lá em Ribeirão tinha a Festa das Nações. Eram várias barracas, todo mundo vestido a caráter e tal, mas isso quando eu fui prá lá, em 1967, 1968. Mas isso aqui é mais antigo, porque não fizeram mais depois. Eu não me lembro de nenhuma que eu tenha participado. Só se foi quando eu não estava mais aqui, mas eu acho que não. Talvez no período da guerra ali ou perto disso.



Bom, essa aqui é a olaria. É, a olaria. Eles só mantiveram lá uma chaminé. Mas ela era desse estilo aqui. De fazer tijolo. E não tinha só essa, tinham mais olarias por aí. Tinha uma onde onde passava a ferrovia, do lado, havia também... Tinha mais por aí. Mas essa foi a mais famosa, que era do Schmidt. Ele fazia tijolos, inclusive quando fizeram o filme... Ah, meu Deus... É... Diário da Província. Diário da Província. Fala de Santa Gertrudes, Cordeirópolis, aqui em Corumbataí fizeram várias cenas, inclusive algumas aqui. Tem mais de 30 anos que fizeram esse filme... Teve até uma festa de aniversário, que a Dona Cota, que era dona do restaurante aqui, fez o bolo. Depois teve um velório, chamaram a minha mãe prá ir e ela não quis ir... Mas teve várias cenas aqui em Corumbataí, já passou na televisão. Passou em Rio Claro, no cinema. É um filminho

daqueles bem simples, mas tinha o Gianfrancesco Guarniere, tinha um pessoal de categoria. Eles vinham aí e ficavam na pensão da Dona Cota.

E essa olaria eu lembro, eu era um moleque e ela já funcionava. E funcionou ainda por muito tempo. Mesmo o pessoal que comprou lá, durante algum tempo eles fizeram... A família Franco. Fizeram tijolo... Depois abandonaram. E lotearam lá aquela parte de cá. Parece que o Bertagna, que compra tudo aqui, comprou essa parte, mas preservaram a chaminé, parece que está tombada, eu não sei bem como é que é. Mas parece que lá não vai poder mexer.

Na época nós tivemos a fábrica de martelos, uma indústria de martelos do Bianchi... Como é que é o nome do mais velho? Eu lembro até o nome... Era o... Osmar. Que mais que teve? Fábrica, indústria, não teve grande coisa não. Teve a Corumbataí Metais, mas foi mais recente, mexia com estanho. Mas foi fechada.

Agora o forte, o que dá mais empregos é a prefeitura. Deve ser mais ou menos uns 200 empregos. Tem o João Afonso, que é a cesta básica, a gente conhece mais o pai dele o Bertagna, o Toninho Bertagna... Tem mais de 100 funcionários. Ele fornece cesta básica quase que prô estado inteiro, prefeituras, creches e tal. Indústria forte. Tem o Ivo que embala bala e... lápis. Faz embalagens. Também tem bastante gente trabalhando. Tem uma indústria aqui que mexe com mesinhas de centro, uma coisa assim, aqui na avenida aqui, mas ela é pequena. E... Eu acho que é só.

Ah, e tem a CB, perto do cemitério, que faz cotonetes e alguns acessórios para hospital. Ele está ampliando lá, o ano que vem ele já vai ter o laboratório aqui também. Eu estava conversando com ele... Porque ele almoça aqui, o Paulo, nem sempre, mas ontem, por exemplo, ele estava aí. Eu falei: “Paulo, seus produtos são exportados?”. Ele falou: “Através de uma empresa de Curitiba, mas o ano que vem vai ser a partir daqui”. E falou ontem. E os cotonetes, eu estava lendo numa revista especializada, negócio de laboratório, tem uma página dele lá, um negócio muito bonito, uma revista muito bem feita. É por isso que eu perguntei prá ele. Ele falou: “O ano que vem... eu estou ampliando lá, já tá contratando mais pessoas” E é um negócio de bastante precisão, a coisa hospitalar é de um cuidado mais especial. Mas essa já é mais recente. É aí do lado do cemitério... Ele vende prô Brasil inteiro. Ele foi agora há pouco tempo em Milão, fazer contatos, ficou uma semana lá, disse que é uma maravilha aquilo lá. E parece que o ano que vem ele vai querer exportar... Prá ele mesmo exportar. Por enquanto não compensa então ele faz através de uma empresa de Curitiba, com certeza ela tem outros produtos, então coloca o dele lá. Essa é a mais recente e a nível de produto assim... Mais elaborado, né? Agora a cesta básica, é

uma cesta. Embala a cesta aí, milhares de cestas. Agora no Natal está fornecendo aí prá meio mundo, eles entram em concorrência em tudo que é canto. Ganha a maior parte. Então tá aí tocando, com bastante gente trabalhando, bastante cliente.

E a prefeitura é o que mais dá emprego. Por incrível que pareça é a prefeitura. Quer dizer, com esse negócio de levar e trazer estudante. Antigamente o cara morava a 10 quilômetros da escola, ele vinha a pé ou a cavalo, com chuva ou com sol... Amassava barro... Hoje se o aluno está a 100 metros da escola tem que buscar. Levam lá e o cara não entra na aula, fica no jardim. Está desse jeito. Isso aí é um fato. Então, eu... Eu pessoalmente sou contrário. Dar comida prôs caras tudo bem, não sou contra, sou favorável. Agora buscar o cara a 100, 200 metros da escola e ele nem entra na escola? Eu sou contra. Então tem um monte de motoristas, carros. É um movimento, você pode ver, a partir das 17 horas, é ônibus escolar prá todo lado, prá cima e prá baixo. É ônibus levando uma turma, trazendo outra, vai buscar não sei aonde, vai não sei aonde... Até onde vai o município. E o município é grande. A área é grande, não tem gente, mas a área é bem grande. Vai até Leme e Ajapi, vai longe. Faz divisa com Itirapina, com Rio Claro, até lá na frente. Com Analândia também... Então tem um monte de motoristas. Tem mecânico, tem a parte administrativa também. O pessoal da rua, que faz limpeza no lixo, quer dizer, você vai somando isso aí, eu acredito que dá umas 200 pessoas, se não der mais.

E tem um Secretário de Educação, tem Secretário de Saúde. Não sei se tem mais algum tipo de secretário. Agora tem secretário até de Esporte, Turismo... Não sei. Tem bastante gente, a prefeitura é onde tem mais gente trabalhando.

Comércio você vê, é esse comércio fraquíssimo. Tem um rapaz aí que tem uma imobiliária, não é? Agora estão loteando lá perto do cemitério. Mas é um pessoal de Limeira que tem vindo aí, fim de semana monta a casinha deles lá.

E escola. De escola estamos muito bem, tem uma escola aqui em baixo que é primeiro mundo. O reservatório de água foi feito pela prefeitura, 400 mil litros, com filtro, primeiro mundo também. Agora, falta uma série de coisas, por exemplo, falta um ginásio de esportes, porque aquele caiu. Foi muito mal feito. Deu uma ventania e derrubou. Ainda bem que não tinha ninguém em baixo. Mas o estado foi avisado que estava com problema e não tomaram providência. Bom... Caiu. Uma piscina pública faz falta aqui. Mas organizada, né? Com exame médico, como deveria ser. Então, esse tipo de coisa que há. Eu não sei como estão os outros lugares, sabe?

A partir do momento que o governo facilitou tudo prô estudante, complicou tudo prô professor, na minha opinião... Ele acabou com o ensino. Quer dizer, hoje, você vê uma

menina no terceiro colegial... A menina que trabalhou aqui em casa, ela não sabia fazer uma redação nem nada. Quer dizer, é horrível. É claro que têm alguns que se destacam e vão prá frente, tem gente muito boa. Mas podia ter muito mais. Então é um nível baixíssimo. Tem um rapaz que faz caminhada comigo... Rapaz nada, tem 78 anos, o Nilton, talvez até você pudesse conversar com ele que ele vai te dar mais informações e algumas fotografias. O Nilton tem uma moça que de vez em quando ia buscar jornal lá: Você não vai ler o jornal não? Quer dizer, não sabe ler, terceiro colegial, aí vai fazer concurso prá não sei o que, não passa em nada. Então o que vai ser? Tem que ser doméstica e olha lá ainda, não é? Uma judiação, uma moça bonita e tudo, 20 anos. E esse é um exemplo. Mas tem muito disso aí. É uma pena, né?

Mas a escola, na verdade, a partir do momento que facilitou demais... Prá você ter uma idéia, num programa de televisão lá em Ribeirão. A TV Clube, é da Band. Vinte pais de alunos foram até lá uns 3 anos atrás pedir prá reprovar os filhos. Na televisão, no ar, ao vivo, fazer um pedido. Mas o estado não permite, na época não permitiu hoje eu não sei se mudou alguma coisa. Não podia, só por falta. Então... Pois é. O Alckmin dizia que escola não é prá reprovar aluno. Mas na verdade ele fala isso da boca prá fora, porque na época do Mário Covas, o problema era isso: se o cara reprova o estado vai gastar 2 vezes com ele, se ele for aprovado só gasta uma vez. Então não interessa se o cara sabe ou não sabe. Só interessa o número e a economia. Você vê que ele diminuiu as aulas e mandou 30.000 professores prá rua, mais ou menos. Só em Ribeirão foram 4 ou 5 mil, quer dizer, porque isso? Prá economizar e dizer que no final o estado colocou em dia as suas contas.

O índice de alfabetização é muito grande, também teoricamente. Porque a gente considera alfabetizado o cara que sabe desenhar o nome. Mas ele só sabe desenhar o nome dele, saiu daquilo ele não desenha mais nada, não sai mais nada. Então na verdade é um analfabeto, né? Então o que eles contam como alfabetizados aí, na verdade não são alfabetizados, eu acho que não. E outro dia eu vi uma publicação do IBGE, que 75% dos brasileiros não sabem ler... Quer dizer, até sabem ler... Nós que somos da área de exatas sabemos, pontuação é fundamental. Uma vírgula muda tudo. E eles não sabem, não lêem nada, não lêem nada. Essa menina que estava aqui ficou bastante tempo comigo. Eu falava: “Tem biblioteca aí, você quer livro você pode pegar, leva, lê.” Levou um, um livro. Eu falava: “A hora que você quiser, que você vai prá sua casa, pode levar o livro prá você ler. Vê as coisas que te interessam aí.” Mas nem um gibi, nem nada. Nem um gibi, que seria uma boa. Sem a leitura você não tem vocabulário. Fora uma meia dúzia de gatos pingados aí, a maioria não lê é nada. Nem na televisão, se algo vier com legenda eles não

conseguem. Não dá conta dos dois, ler a legenda e ao mesmo tempo assistir, eles não conseguem. Pode ver que 90% não consegue, por isso que eles querem filme dublado. Quer dizer que é essa a situação da educação, na minha opinião. Eles acham que o computador é a salvação da pátria. Pode até ser, né? Mas eu queria saber, por exemplo, se não tiver energia. Como aqui ontem, na hora do almoço ficou uma hora e vinte, uma hora e meia sem energia, depois a noite parou e ficou mais uns quarenta minutos. Quer dizer, isso queima qualquer coisa, ainda mais que veio e parou, veio, parou. Ah... esses piques de energia. Então...

Tinha um professor de Rio Claro, não sei se você ouviu falar, o professor Vitorino Machado... De matemática. Foi o que mais marcou na minha vida, o Vitorino... Você conhece o Ribeiro? Tem aquela parte no segundo andar... Tem uma escada, uma escada muito bem feita por sinal... Eu estudava na primeira sala ali, eu me lembro. Ele começava a subir na escada, a segunda parte da escada ele começava a chamada. Então tinha que estar todo mundo atento, quietinho lá, prá responder a chamada. Quando chegava na classe ele tinha quase acabado a chamada, entende? E ele dizia sempre o seguinte: “Existem 3 chaves que abrem todas as portas: 'por favor', 'com licença' e 'muito obrigado’”. E isso eu não esqueço nunca, então toda vez que eu ia dar aula eu falava isso prós alunos. Mas hoje, ó... Você acha que alguém respeita isso? Acabou, né? E outra, você acha que nego deixava a sala prá ver se o professor veio? Mas você não saía da sala de jeito nenhum. Naquela época do científico só tinha no Ribeiro uma classe de manhã, primeiro, segundo, terceiro e uma classe á noite. E depois era só em Limeira, nenhuma escola particular de Rio Claro tinha o científico. Nenhuma, nem o Alem, nem o Bilac, nem ninguém. Nem o Koelle, nada. E teve um cara na classe, o Eusébio Montenegro, lembro o nome dele até hoje, um cara muito bom, um dia ele escreveu na lousa: “Aqui os corruptos nos ensinam a ser corruptos.” Teve uma sindicância e ele conseguia fazer letras de vários jeitos, vários tamanhos, estava tentando escapulir. Não conseguiu, foi expulso. Teve que terminar o científico em Limeira. Imagina se fosse fazer isso hoje, igual o pessoal faz... Expulsava a metade. Então mudou completamente.

Você tinha respeito, o professor era uma autoridade respeitada no município. Era como o delegado, o prefeito, como as autoridades maiores do município. E não tanto pela parte financeira, é claro que o professor ganhava muito melhor. Mas pela parte do respeito da família principalmente. Pela profissão em si. Então... Nossa, é o professor fulano! Eu lembro que quando eu me formei no ginásio em Rio Claro o professor que dava História foi o paraninfo. No ginásio não, no colégio. Minha mãe foi junto. Então ele começou lá na

época medieval e veio... Já estava todo mundo dormindo, falou duas horas. Quem é que agüenta escutar? Já eram dez horas da noite. Imagina se é hoje? Aí era vaia, nego saia, assobiava... Minha mãe também cochilou um pouco, mas ficou lá. Prá você ver a diferença. Então é o que eu falo, não tem que chegar a tanto de você chegar na sala de aula e encontrar todo mundo sentado, mas também não é nego fumando lá, outro puxando a cortina ali... Também não. E outra, eu não acredito mais que melhore, eu não tenho nenhuma esperança no governo não. Porque o cara fala: “Não, porque tem panela, porque tem aquele grupinho...”. Tem que ter o grupinho mesmo, porque senão não tem jeito. Você falar: “Não, não vai fazer... E não faz”. É sempre a mesma turma que organiza, não adianta, é uma panela mesmo. Não tem como mudar. Eu vejo aqui, qualquer tipo de movimento que sai... Pelo menos eles estão se importando em fazer alguma coisa. E tome cacetada, e tome paulada, mas estão tentando fazer alguma coisa e ainda escutam... Quer dizer, isso aí é o que eu estou vendo hoje, né? Tanto é que eu me desliguei, sabe?

**Carta de Cessão**

Eu, (nome, estado civil, R.G.) 3942-212  
Michal Luan - casado, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 12/12/2005 por Luciana Schreiner de Oliveira Zanardi, R.G.3.918.534-2, para que ela possa usá-la integralmente, bem como a sua transcrição e textualização, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Instituição que tem a sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Corumbatai, 14 de Junho de 2006

Sujeito de pesquisa: Michal Luan

**Carta de Cessão**

Eu, (nome, estado civil, R.G.) Vergílio Giacck, casado  
15.161.753, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 12/12/2005, por Luciana Schreiner de Oliveira Zanardi, R.G.3.918.534-2, para que ela possa usá-la integralmente, bem como a sua transcrição e textualização, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Instituição que tem a sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Corumbataí, 10 de Janeiro de 2006

Sujeito de pesquisa: Vergílio Giacck

## Michel Zaine e Vergílio Gigeck

Duas pessoas tão diferentes, dois amigos de tantos anos ali estavam neste dia e cederam um depoimento para esta pesquisa. A história deste inusitado depoimento já foi contada anteriormente, então vou somente descrever estes dois depoentes.

“O Michel nunca pára”, esta é uma frase de sua esposa, mas pude comprovar sua veracidade. Nasceu em Corumbataí e fala de sua cidade com muito carinho. Simpático e bem falante ele só é encontrado em sua casa na hora do almoço ou bem no finzinho da tarde. Este era meu truque para poder encontrá-lo a fim de conseguirmos conversar. E olha que eu precisava ficar atenta, pois ele comia alguma coisa rapidamente e já saía novamente. Uma mente muito esclarecida e ativa, um senhor irrequieto que conhece todo mundo em Corumbataí. Anda pelas ruas conversando com todos, cumprimentando os amigos, descobrindo as novidades, recolhendo as últimas notícias. Cumpriu três mandatos como vereador de Corumbataí (1961 a 1965, 1965 a 1968, 1973 a 1977) e um como prefeito (1978 a 1981). É representante comercial, mas alguns dias por semana ele passa a tarde em Rio Claro trabalhando no comitê de seu partido, continua ativo politicamente. O Sr. Michel ainda encontra tempo para trabalhar com o grupo dos veteranos e nas festas e bingos da igreja. Com muito orgulho ele nos conta que foi ele quem instituiu a Bandeira e o Brasão do Município, isto em 1979.

O Sr. Vergílio é totalmente diferente. Quietos, tímido e fala baixinho. Mas até que ele me contou muita coisa sobre sua história e sobre a história da cidade e do rio. Também é nascido em Corumbataí e também vive nesta mesma até hoje. Muito observador, seu depoimento chama a atenção por ele emitir suas opiniões de maneira muito precisa, sem medo e com muita sinceridade. Tem idéias muito claras e consistentes sobre economia. Mãos de trabalhador, olhos de trabalhador. Hoje, aposentado, passa as tardes sentado no banco do jardim público central vendo o movimento e “proseando” de vez em quando.

Estes dois amigos foram convidados e concordaram em nos ceder este depoimento no bar da praça. Junto com eles estava o Sr. Adolpho Borgo, mas como ele não se lembrava de fatos novos ou diferentes suas possíveis contribuições foram incorporadas nas vozes dos dois outros depoentes.

## **Bar da Praça – Michel Zaine e Vergílio Gigeck**

**Entrevista realizada com Michel Zaine e Vergílio Gigeck**

**Data: 12/12/2005**

**Local: Bar da praça, centro de Corumbataí.**

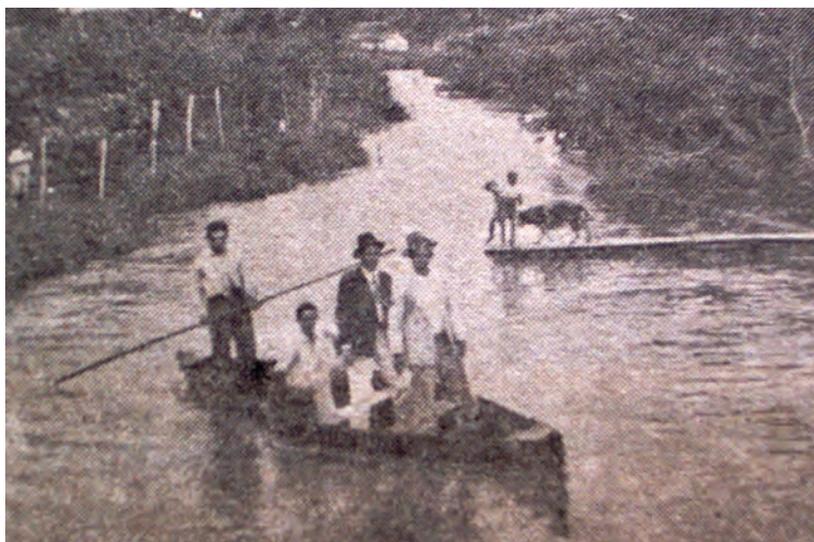
**Entrevistador: Luciana S. de Oliveira Zanardi**

Identificação:

M – Michel Zaine

V – Vergílio Gigeck

**“Antigamente era muito divertido.... A gente ia prá escola e primeiro esperava o trenzinho. Depois subia, atravessava o rio e ia prá escola. Às vezes chegava até a molhar a roupa, mas era muito divertido, viu! Tempo bom aqui em Corumbataí...”.**



V - Essa aqui é da canoa, não é? É que aqui sem óculos não dá prá distinguir. O rio aí era bem mais fundo. Só que depois quando fez a retífica no rio o rio abaixou. Ele era mais ou

menos largo. Mas é que já era fundo. Essa canoa aqui era dos Canhoni, né? O rio aí tinha lugar que tinha dois metros de fundura.

M - As pessoas iam pescar, tinha muita canoa. Aqui a turma tá de chapéu ainda. Aqui eu não sei quem é, mas eu até queria saber, queria conhecer quem é. Essa turminha é por ali: Seo Vitório Canhoni, o Geraldo Canhoni quando era mocinho.

V - Um tempo aí tinha peixe. Tinha corimba, tabarana... Bastante... Por isso chama Corumbataí. Porque tinha muito corumbatá. Hoje não tem mais nada.

M – “Corumbatá-hy”, na língua tupi-guarani é “Rio dos corumbatás”. Acontece o seguinte: o rio Corumbataí antigamente tinha muito zigue-zague assim, né? E depois no governo do Nicolau Marotti, o Silvio Venturolli, que é corumbataiense, ele era Deputado Federal e conseguiu a retificação do rio Corumbataí. Então acabou um pouco com essas enchentes. Em parte isso foi bom, mas em parte nós não gostamos muito porque acabou com as lagoas que formavam e traziam os peixes, né. Então você ia pescar prá lá e prá cá. Em todo lugar tinha lagoa. Depois que foi feita a retífica do rio o rio enxugou e não tem mais nada. Ele ficou fundo. E com os areieiros que tem cada vez vai afundar mais. O areieiro é um negócio ruim prô futuro, né?

Vai tirando areia vai afundando... Principalmente estes pequenos rios que correm e desembocam no Corumbataí. Tem barranco aí de 5 metros prá mais... Porque vai afundando.

V - Não foi bom retificar o rio. O rio tava tudo alagado. Alagava a cidade, a estação enchia de água, tudo. Então fizeram este serviço no rio. Mas agora ainda tem a draga tirando areia aqui e sorta a poluição, né? Porque eles coloca uma química na areia. O rio não é muito poluído, mas peixe agora só tem lambari. Num tempo era tudo mata em vorta do rio. É como ta mostrando aí. Era tudo preservado.

M - Ali em Ferraz tem fábrica de fazer vidro, mas ali eles não tiram areia do rio. Eles compram areia e transformam prá uma indústria. Eles dão muito trabalho prô pessoal daqui de Corumbataí.



M - É a banda! Não sei os nomes. Eu gosto muito de banda e acho que deve ter banda. Eu, quando estava na prefeitura, cada vez que podia eu trazia a corporação musical prá tocar aqui. A cada dois meses, que eu acho bonito demais. A gente lembra de uns sobrenomes: Antonini, Zaccaro, Sacomanni... Quem mais tocava em banda? Tinham duas bandas. Eu não peguei esse tempo, mas ouvia falar. Sacomanni era o maestro, Sylvio Sacomanni. Acho que depois que acabou o tempo das bandas acabaram as praças. Tinha o coreto, que era muito bonito, mas hoje não tem mais banda tocando. Hoje em dia fica um sonzinho lá, mas não tem banda tocando. Eles até falam banda, mas é uma guitarra e mais não sei o que e eles falam banda. Prá mim banda é isso aqui, cada um tem uma opinião. Era uma vida diferente. Vinha circo, vinha banda. Subia a avenida aí tocando. Era uma coisa gostosa, né?

V – Acho que aqui tinha 4 ou 5 bandas. Tinha um que era professor de música. Chamava Dimusio o nome dele. Dimusio Platinete. Morreu não faz muito tempo em Rio Claro. Aqui tinha uma porção de músicos. Ah, o pessoal naquele tempo gostava, né? Aí tinham umas que tocavam meus parentes e só na casa deles tinha 4 ou 5 pessoas. Tocava também separado. E tinha também os sanfoneiros. Eu sou nascido e criado aqui.



M - Isso aqui eu lembro, foi quando encheu. O caminhão do Perin tava lá prá transportar o pessoal lá da olaria prá cá. Foi quando minha mulher tava lá. Na última enchente ela tinha que levar minha filha pequena no médico. Era a única criança que tava no trem e ela se assustava, né? Chorava. Porque choveu muito e o trem parou lá na olaria antiga e o trem não podia passar. E antigamente tinha aqueles guarda trilho, que falavam. Eles tinham aqueles carrinhos que colocavam no trilho quando tinham que trabalhar longe. Levavam os empregados prá trabalhar. Então eles foram lá. Foi onde pode vir criança e tudo, no vagãozinho. Fazer o que? Até abaixar a água. Agora não enche mais, porque abaixou o rio. Ontem mesmo choveu muito aqui prá cima. Eu estava em Rio Claro e nós vínhamos vindo eu disse: “Vamos embora”. Choveu muito. Eu fui de tarde ali perto do rio e o rio tava cheio. O rio vinha vindo cheio de lá de Analândia.

V - Isso aqui é lá embaixo, na Paulista. Lá embaixo. Ih... Isso aí entrava dentro da estação. Nesse tempo tinha foto tirada de gente tomando banho na plataforma da estação. Na enchente. A água batia na janela da bilheteria. Enchia bastante. A molecada ia se banhar. Isso aqui é aonde vinha a estrada, a linha telefônica. Um pouco prá cá da ponte. Sempre teve enchente aí na estação. Uma porção de anos. Quando dava enchente atrapalhava um pouco na cidade.

M - A enchente atrapalhava muito a vida aqui na cidade. Lógico, você ficava preso. O meio de transporte era o trem e as estrada antigas que eram de terra. A jardineira do José Alexandre ainda. Isso no tempo que aqui era bom.



V - Essa aqui é a olaria, lá adiante. Isso aqui é quando minhas crianças moravam aqui no sítio. Eu passava ali. A olaria funcionou muitos anos. Era do Schimidt, Augusto Schimidt. Trabalhou até um tio meu nisso aí. Ela era tocada a vapor, né? Eles faziam tijolo com máquina. Depois parou. Ficou um par de anos parada. Funcionaram com burro. Até eu trabalhei. Trabalhei aí uns 6 meses, amassando tijolo. Uma judiação deixar isso aí estragar. Aqui tinha a serraria de madeira aqui embaixo. Ela dava muito emprego. Tinha também uma fábrica de martelo também. Precisava bastante gente. Agora tem uma coisa de cesta base que dá emprego bastante e a outra aqui embaixo de embalagem de lápis. Olaria. Eh, olaria...

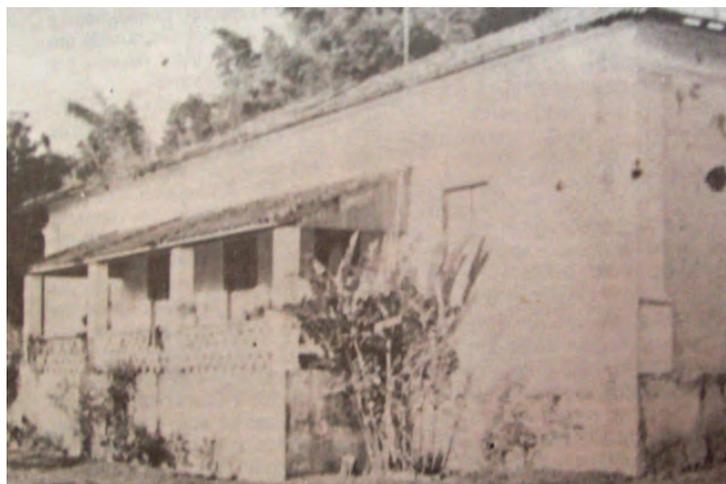
M - É um pecado o que fizeram com a olaria. Era muito bonito. Eu não cheguei a ver funcionar. Fazia só tijolo. O trem encostava lá. Antigamente o trem aqui levava lenha. Ele encostava o vagão de carga, levava lenha, carregava algodão. Tinha aqui muita plantação de algodão e tinha a máquina aqui que beneficiava. Então saia aqueles fardão de algodão. A gente era criança, a gente lembra. Ia tudo pelo trem. Não tinha transporte rodoviário do jeito que tem hoje. Cavalos aqui tinha bastante.



V - Isso aí tá pegando fogo. É ali embaixo, né? Onde era a estação. Ali tinha a fábrica de sofá prô lado de cima e fechou. Eles tinham espuma. Prá depósito. Estocado, aí pegou fogo e acabou. Agora sabe o que é ali embaixo? É a creche.

M - Pegou fogo... Um pecado, viu? E gozado é que destruiu tudo. Não teve como recuperar. Do jeito que ficou teve que acabar de desmanchar. Hoje podia ser aproveitada prá fazer um centro turístico, alguma coisa lá. Deixar o histórico da cidade. Hoje na prefeitura tem uma foto dela lá. Acho que eu tenho até aqui. Chegava domingo não tinha o que fazer, ia tudo mundo lá. Três horas ou três e quinze ia todo mundo ver o trem passar. Era divertido. Pegava muito o trem, a gente ia fazer o preparatório ali em Rio Claro. Pegou fogo acho que mais ou menos 1981.

V - O trem lembra muitos anos. Aí tinha muito tambor de lenha. As coisas eram feitas tudo de trem porque as estradas aqui tinham estado ruim. Vinha tudo pelo trem, mantimento, tinha tudo essas coisas. Tora prá serraria. Bastante coisa. Faz uma farta medonha isso aí. Isso aqui que faz farta. Teve um tempo que ela dava a vorta aqui e saia prá Visconde de São Carlos e ia prá São Carlos, depois cortaram um trecho e vinha até Analândia. Depois no fim acabou fechando.



M - A Santo Urbano. Nós dormíamos aqui na área. Acabavam os bailes... Era a fazenda dos Venturolli. Hoje é uma fazendona. Reformaram. A última vez que eu fui ainda estava assim. Hoje é de gente muito rica, muito bem cuidada. Tem gado, café.

V - Tinha uma fazenda aqui, a Boa Vista. Fazenda grande, ainda tem. A mais grande aqui é a Santo Urbano. A casa tá reformada. O dono que tá lá agora, o último dono. Tá uma maravilha agora lá. Nas fazendas tinha lavoura de café. Depois acabou o café.

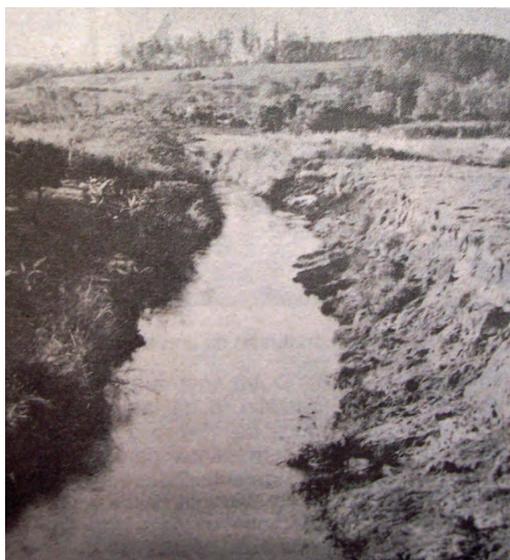
Isso deve valer prá turma. A única vez que a gente teve dinheiro, era quando meu pai ia prá Campinas receber o dinheiro do bicho da seda. Então vinha aquelas notas de quinhentos e eram deste tamanho. Minha mãe tinha uma coberta que a mãe dela trouxe da Itália. Ela deixava o dinheiro em baixo do colchão. Punhava as notas. Então a gente oiava por baixo, tudo guardado. A única coisa que eu via que hoje não existe mais é aquilo, né? Naquele tempo não tinha ladrão. Hoje tem bastante. A molecada hoje mexe em tudo. Hoje se fica alguma casa aí e você vai passear, se eles percebem que não tem ninguém eles já entram na casa. A gente não pode facilitar.

Na minha opinião antigamente era melhor porque aqui chegou a ter 17 mir habitantes. Tinha lavoura de café, algodão, batata. Aqui foi um lugar famoso por causa da batata, dava muito. Então é uma coisa que se você chegasse dia de semana sempre tinha uns três cavaleiros que vinham fazer compra. Gente do sítio que vinha a cavalo prá fazer compra porque naquele tempo não tinha condução. Então tinha gente. Hoje já não tem mais ninguém. O comércio tinha mais do que tem agora.

Agora diminuiu por farta de serviço. Que a lavoura fracassou, começaram com o gado de leite. O gado de leite usava pouca gente, né? E hoje mesmo no gado usa menos gente. Tem

a fazenda, mesmo no Santo Urbano, que é um fazendão, mas lá tem 3 ou 4 empregados só. Até o meu primo tem duas fazendas aqui, tem três empregados só. O gado é tudo gado prá cria, prá corte. Então é só olhar... E quando vai prá ir embora é só montar no caminhão e sair.

Tem bastante gente que trabalha ali em Ferraz, que tem uma firma ali fazendo vidro ali e tira areia do rio. Tem pouco emprego aqui.



M - É o Corumbataí esse aqui. Tá vendo como o rio afundou, né? Mas é o que eu tô dizendo, acabou...

V - Agora ficou um barranco tudo arto. Não tem mais vegetação, mas a turma andou prantando agora um pouco. Aqui em baixo, ali onde estava a foto do caminhão na enchente, até uns 2 quilômetros mais está reflorestado os dois lados. O rio não aumentou... Era fundo. Eu só andava de canoa só quando vinha aí embaixo, aí no meu parente. No Canhoni. Eles que tinham canoa.

M - Antigamente era muito divertido. O grupo não era aqui, era lá no Núcleo. A gente ia prá escola e primeiro esperava o trenzinho. Depois subia, atravessava o rio e ia prá escola. Às vezes chegava até a molhar a roupa, mas era muito divertido, viu! Tempo bom aqui em Corumbataí... Uma infância muito boa.



V - É a igreja? O tamanho foi aumentado. Agora mesmo fizeram uma reforma nela e nem acabou. Farta dinheiro.

M – Tá mesma cara, não? Isso é de 1912. Minha mãe que contava. Em volta deste campo da igreja tinha um campo de futebol. Tinha campeonato de futebol aqui. O Corumbataí Futebol Clube disputava campeonato em Rio Claro. Agora tem futebol, mas acabou a graça. Naquele tempo a gente jogava à tarde, aos domingos à tarde. Aos domingos a gente ia tudo prô campo aqui embaixo, numa várzea. Esse tempo eu ainda peguei, jogava ali. Depois que mudou. Daí começou a história de jogar domingo de manhã. Ninguém queria jogar em dois times, queriam um time só. Antigamente a gente falava preliminar. Era primeiro e segundo lugar só. Mas a gente ia jogar lá prô lado de Itirapina, Torrinha, Analândia, Santa Gertrudes, Cordeirópolis. Tudo em cima de caminhão. Não tinha perua, não tinha nada disso não. Era tudo assim. De pé, em cima de caminhão, não ganhava nada. Todo mundo lavava sua camisa. Não tinha lavadeira, massagista. Hoje nego cai um tombinho e já correm dez lá e passa remédio da pele... Ah, não tinha nada disso. E nunca aconteceu nada. Mudou hoje, né? E Corumbataí continua gostosa prá se viver. Quem pode viver aqui. Quem tem a felicidade de tá morando aqui. Eu nasci aqui e tô aqui ainda. Caminhando, graças a Deus... Tomando conta de veterano, do futebol. A gente gosta, né?

V - Ah, as festas... As festas da igreja que eram um colosso. As festas antigamente davam uma coisa! Mas hoje o que estragou um pouco a religião católica é que é muita religião aqui. Tem sete religião. Antes não tinha essas outras religiões nada.



V - Teve uma época que tiveram bastante imigrantes. Nas fazendas lá perto do nosso sítio tinha muita gente. Mas lá veio bastante austríaco, da Áustria. Meu pai era também. Veio com um ano de idade. Ele veio porque os pais veio. Veio tudo morar aqui em cima numa fazenda. Atrás de serviço. E quase tudo eles que eu conheço arrumaram um pouco a vida aqui. Trabalhavam de colono. Pegava café. Conforme a quantidade que a pessoa pegava o dono da casa dava um pedaço prá ele prantá. Prá eles prantá milho, arroz, feijão. Se ele era seguro então comprava um sítio. Uma parte que tinha propriedade foi embora. Os fazendeiros acabaram em nada. Os filhos quase tudo foram embora. Ficou um pouco aí. Agora aqui tem pouca gente descendente de estrangeiro que tá aqui.

M - Teve muito estrangeiro. Eu não sei como era a imigração. Se eles chegavam de São Paulo ou de Santos. Eu não sei se vieram já designados prá trabalhar em fazenda. Aqui tinham muitos da família Ometto, são muito ricos em Piracicaba. Grande parte saiu daqui. Os que vieram depois, os descendentes, foram casando. O João Ometto, Julio Ometto. O dono da usina lá de Iracemápolis.

V - Agora aqui tem muito nortista. Um do Ceará, outro da Bahia... Tudo eles tem propriedade deles mesmo. Vieram aqui e trabaíram. Deu um tempo eles trabaíavam nesta

cesta básica aí. Tudo eles já tem casa deles prá morar. Eles são trabalhador. Os que vieram são gente boa.

Nas casinhas mora tudo gente que era um tempo era bem de vida. Tão morando agora nas casinhas porque morava no sítio, aí venderam. Bem dizer aqui quem mora lá nas casinhas é tudo gente daqui mesmo.

Aqui o que tá faltando, se pudesse vir mais, é indústria. Que agora mesmo tem não sei quantas crianças aí. Tem umas duzentas e não sei quantas crianças aí de 14, 15 anos e isso aí vai prá onde? E isso aí vai ser mais difícil prá frente...

Aqui tinha muita criação de bicho da seda. Eu trabalhei com bicho da seda. Tinha uns dez ranchos grandes que criavam. Nós tinha, falava um tempo, terceiro. A gente dava prá outro criar e eles davam uma parte prá gente. Então era o terço. Ficava duas partes prá eles e ficava uma parte prá gente. Depois a gente tinha mais de 20 alqueires em amora, prá tirar o bicho da seda. Bicho da seda foi uma coisa que deu dinheiro na época da guerra. Então era tudo exportado lá pró Japão prá eles fazer pára-quadras. Aí deu um fracasso que acabou. Até nós vendemos prá partir prá lavoura, criar porco no sítio, fomo tocando... Nós era em 11 e depois foram se casando. Tinha pai, mãe. Já morreram faz tempo. Morreu já dois irmãos.

Eu aposentei, mas trabalhei com açougue. Trabalhei mais ou menos uns 35 anos com açougue. Matei muito boi. E assim mesmo ainda trabalhei num açougue de um sobrinho meu aqui. Tenho um sobrinho que tinha um açougue, mas agora ele comprou um caminhão e resolveu alugar o açougue prá outro sobrinho. Então ele não sabe desossar, pois ele só trabalhou em escritório, numa firma que tinha aí.

M - O carnaval aqui também era bom. Era muito animado. Muito, muito animado. Tinha aqui muito sangue de italiano, espanhol, português, russo, alemão. Um sangue que gosta de festa. Turcajada... O que tinha aqui tá sobrando meia dúzia só. É verdade...

V - Os que mais sambavam eram os pretos. Que tinha muito preto, gente de cor. Por causa das fazendas. 13 de maio aqui era um festão! Que quando eles foram libertados era 13 de maio, né? Eles amanheciam aí fazendo passeata na rua e dançando. O salão deles era aqui. O Ringue, porque tinha um ringue de patinação lá também. Eles moravam no núcleo, pelas fazendas. Eles vinham de longe. Moravam mais afastado.

E tinha também o salão dos Perin. Era um salão de cinema. Então quando chegava o carnaval eles encostavam as cadeiras tudo num canto e os caipiras do sítio dançavam.

Tinha o dos pretos e das gentes mais assim. Podia dançar quem quisesse, mas a turma não gostava de... misturar. Eu vinha mais no dos Perin.

M – Hoje em dia é só aqui, no sítio não tem mais nada. Aqui tem dia que eles fazem baile aí, tem pouca gente... Mas agora tem o barracão aí, que fazem bingo, essas coisas. Faz o bingo depois faz o baile e é pouca gente. Agora, quando eles fazem um baile, vem bastante gente de fora. Antigamente tinha baile, em tudo quanto era sítio tinha baile. Aqui tinha no cinema, tinha tudo. Ali em baixo tinha cinema, aqui em cima tinha salão de baile.



M - Aí deve ter Venturolli, a Judite. Esta é a festa de São José, da igreja. Esta foi minha professora primária, A Glorinha Chiossi. Ela já morreu. Eu lembro de todas. As moças se vestiam assim porque era o uniforme, todos que trabalhavam na quermesse usavam uniforme. Era muito lindo. Até hoje usa uma camiseta, mas naquela época era este uniforme bonito aqui. Era uma festa diferente. Tinha muito sangue diferente, vontade de trabalhar. Tinha muita moça aqui. Hoje em dia tem as meninas, mas não conseguem enfrentar uma quermesse assim. Mudou o sistema, né? A meninada hoje não quer saber de nada. Vê lá! Você faz festa hoje e não acha um prá trabalhar no bingo! Só acha nós aí, os velho. Eu canto bingo faz cinqüenta anos, quarenta anos. A meninada precisava estar fazendo mais, participando prá continuar. Mas a gente procura não deixar morrer nada não. Vê lá!

**Carta de Cessão**

Eu, (nome, estado civil, R.G.) Genny Paiuta Borges Casada,  
da, 8.410.805, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em 13/12/2006, por Luciana Schreiner de Oliveira Zanardi, R.G.3.918.534-2, para que ela possa usá-la integralmente, bem como a sua transcrição e textualização, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Instituição que tem a sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Corumbataí, 10 de Janeiro de 2006

Sujeito de pesquisa: Genny Paiuta Borges

## Genny Paiuta Borgo

“Dona” Genny me foi apresentada e indicada por João Batista Canhoni, que me levou até sua casa para que eu explicasse o teor da pesquisa e para que marcássemos o depoimento se ela estivesse de acordo, o que acabou acontecendo alguns dias mais tarde. No mais não houve nenhuma outra indicação de seu nome como depoente. Fico pensando em tudo o que a pesquisa perderia se o acaso não se incumbisse de colocá-la em meu caminho.

Uma senhora irrequieta, olhos ligeiros e espertos, atentos nos detalhes. Faz ginástica, canta no coral, é “Filha de Maria”, ela simplesmente não pára. Religiosa, é uma católica fervorosa e praticante, sempre engajada nas obras da igreja. Cheia de sorrisos, apesar das grandes dores que já passou na vida. Muito vaidosa e simpática. Ela é uma pessoa forte e lutadora. É assim que vejo “Dona” Genny.

De seu depoimento vieram as descrições de época mais detalhadas, os simples hábitos cotidianos como a alimentação dos que moravam no sítio, o tipo de vestuário, a mobília das casas, as crenças e crendices do povo, as festas da igreja, a religião e a religiosidade da população, seus bailes de carnaval, as figuras folclóricas da cidade, alguns tipos de preconceitos, o modo como era conduzida a educação escolar, enfim, a maneira de viver de uma época.

Seu depoimento foi muito natural, divertido e interessante. Conversamos como se fôssemos amigas de longa data. Através das descrições contidas em sua narrativa é possível visualizarmos como era a vida do povoado antigamente.

## Genny Paiuta Borgo

Entrevista realizada com Genny Paiuta Borgo.

Data: 13/12/2005

Local: casa de Genny Paiuta Borgo, Corumbataí.

Entrevistador: Luciana S. de Oliveira Zanardi

**“É minha filha, os tempos mudaram tanto, viu? Tem coisas que mudou prá melhor e tem coisas que mudou prá pior”.**



Essa aqui deve ser a olaria. Ah, essa olaria, que bonita que era quando trabalhava... Quando funcionava, viu? Quanta gente que trabalhou ali. As casas aí, quantas que foram derrubadas. Tinha bastante funcionário que trabalhava prá fazer tijolos. E nós tínhamos o trenzinho, um trem de carga. A linha do trem de carga ia até lá, na olaria, perto dessa... Do prédio aqui. Prá pegar os tijolos, prá levar embora prá... Prá Rio Claro, prá outras cidades, né?

O trem fazia baldeação em Rio Claro. Eu ia na escola naquela época, eu vinha do sítio. Eu morava prá cá, a gente via o trenzinho. O vagão que encostava. É... O trenzinho de carga carregando os tijolos.

Nossa... Eu tinha quanto? Eu tinha... Ah, de 12, 13 anos. Porque eu tirei diploma em 1940, deve... Ah, era menos ainda, menos. Eu tinha 10 anos quando tirei o diploma... Do quarto ano. Quarto ano.

Eu só fiz quarto ano, não fui estudar prá fora, porque aqui não tinha ginásio, esse ginásio bonitão que tem aí. Meus filhos estudaram nele, mas eu não. A gente tinha uma escola lá em cima... Foi derrubada. Tinha primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Agora, quem quisesse estudar fora, poderia, mas era só filhinho de papai. E a gente tinha que trabalhar na roça... Só isso, só quatro anos de estudo. Mas os quatro anos de estudo foram bem feito, viu? Porque naquela época era um ensinamento mesmo, a gente aprendia. E hoje... Até meus filhos, quando iam à escola, eles estavam na terceira série, segunda, terceira série (ensino médio), davam coisas que a gente aprendeu no quarto ano (ensino fundamental). Terceiro e quarto ano. O que hoje fala primeira série é primeiro ano, né? Modificou tudo. Vai até oitava série, né? Primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, sétima, oitava... Oitava série. E... Quanto que eu ensinava meus filhos, eu falava: “Meu Deus, vocês estão aprendendo isso agora. E eu aprendi no quarto ano.” História, Geografia, eu gostava muito de Geografia, sabe? Adorava Geografia. Era um ensino lindo, maravilhoso, viu? A gente aprendia mesmo. Professora era assim, ó. Não fazia um pio na classe. Você contando ninguém acredita, porque hoje é uma tristeza. Ai daquele que fizesse barulho, ia já para a diretoria. Não faziam um barulhinho. Conversar com a pessoa do lado? Nossa! Ia prá diretoria, ia se ver lá com o diretor. Nossa, e o diretor era enérgico, meu Deus... A gente fazia de tudo prá não ir para a diretoria. É minha filha, os tempos mudaram tanto, viu? Tem coisas que mudou prá melhor e tem coisas que mudou prá pior. Essa parte mesmo mudou prá pior. Infelizmente.

Agora, era interessante porque a gente tinha aula de segunda a sábado, porque nós tínhamos de manhã e à tarde. De manhã era o primeiro e segundo ano, a tarde era terceiro e quarto ano. Tinha as professoras que vinham de fora, não eram daqui. Daqui era só a professora do quarto ano e do segundo. Mas elas vinham de fora, e eram todas boas, viu? Nossa senhora! Eu tinha uma professora do primeiro ano... Ela segurou o meu caderno de primeiro ano prá ensinar os outros alunos que vinham depois. E quando ela já estava casada, depois de muitos anos, que ela me entregou. Eu já tinha até esquecido do meu caderno, e ela: “Tá guardado aí” o meu caderno, “Tá guardado.” Até tá apagada a letra, porque era tudo a lápis, né? Não se escrevia a caneta, era tudo a lápis. Não existiam essas canetas esferográficas que existe agora. Ou senão, quando você fazia a prova, eram aquelas canetas de pena. Que tinha o tinteirinho assim, na carteira mesmo. Você molhava a caneta

ali, a pena ali, e escrevia. Se a pena estivesse aberta ela não escrevia coisa nenhuma, você precisava sempre comprar pena. Eram umas coisinhas assim que enfiava na caneta...

Não borrava não, escrevia bem. Só que era mais difícil. Antigamente não se escrevia com a pena mesmo? Nossa, na época de... Não sei quantos anos mesmo, a gente vê na televisão, filmes, que eles pegavam a pena e molhavam no tinteiro e escreviam com a pena, a própria pena da ave. Então? E depois foi mudando, mudando e agora tem até a esferográfica aí, que é uma maravilha. Essa daí. Nossa! É uma beleza. Tem do jeito que você quer. Escrita fina, escrita grossa. Colorida. Tem de todas as cores. Tem aquela que você aperta e escreve azul, ou escreve vermelho ou verde, né? Tem quatro cores. Modificou muito a vida da gente.



Ai essa... Tô vendo que é a enchente. Você sabe que enchia muito aqui, quando tinha temporal, que chovia muito... Nossa! Enchia a estação, a linha do trem ficava cheia, então o trem tinha que parar prá lá da olaria até abaixar a água. Até abaixar a água prá aqueles que vinham de trem, vir prá casa. Às vezes chegava oito, nove horas da noite... O trem chegava 05h45min. E tinha que esperar baixar a água. E a gente que vinha da escola, então a gente atravessava a pé... Erguia a sainha assim... E ia embora. Mas puxa... Que medo. Daquela água que corria. A estrada cheia, a linha cheia... Nossa Senhora! Até a minha mãe ficou com tanto medo, que quando acontecesse isso, ela... Nós tínhamos um

casal de amigos aqui em Corumbataí, e a minha mãe pediu para eu pousar ali quando chovesse desse jeito, prá não ir prá casa. No dia seguinte então eu ia. Eu morava no sítio. Era perto, eram 4 quilômetros, né bem? Não era longe. Mas a água era... É perigoso, né bem? A gente era pequenina...

Podia a água levar embora. E era tudo cheio. Ah, meu Deus do céu. Não era muito fundo, mas tinha vezes que era... Tinha vezes que era. Era fundo sim, às vezes batia na cintura aqui. Então às vezes eu ia e voltava prá trás. Porque não dava e tinha medo. E se você cai?

Quando não tinha enchente o rio não era tão fundo. Era por isso, porque tinha muita areia, depois passaram a draga e aí já não dava mais enchente. Depois parou de dar enchente, mas primeiro... Nossa! Antigamente não era como agora, chovia muito antigamente, bem... Nossa! Nessa época de novembro, dezembro, janeiro, era época que chovia 20 dias sem parar, aquela chuvinha branda, sabe? Nossa! Eu me lembro, eu era criança, a gente vinha da escola... Que tristeza meu Deus do céu. Que tristeza! E era só barro, porque não tinha asfalto. Era estrada de pedregulho. Mas onde eu morava era outra estrada, que passava carroça, cavalo.. A estrada mesmo, que passava carro, era de pedregulho. E a gente... Até na olaria vinha pela estrada de pedregulho, depois mudava prá debaixo que era a estrada ruim. Que quando chovia era triste. Era triste meu Deus do céu. Chegava a tirar o sapato e ia com o sapato na mão até chegar em casa. Tudo... Tudo... Às vezes o vento levantava. Chovia, não tinha levado sombrinha, chegava em casa tudo molhada. Êh... Mas como a gente sofria, viu? Isso mudou prá melhor. Mudou... Mudou prá melhor.

Ah, a vida no sítio era boa. Só que nós não tínhamos luz elétrica, era lamparina de querosene. A gente bordava o enxoval, tudo a mão, minha filha, com lamparina. Eu e a minha irmã que faleceu, coitadinha. Ela faleceu com 31 anos. Eu com ela, a gente ficava... Durante o dia ia na roça e a noite bordava. Cada bordado que a gente fazia prô enxoval. E hoje tem tudo pronto, né? Naquele tempo não tinha não. Não tinha nada prá se comprar dessas coisas. Tinha que fazer em casa. E quanto que a gente bordou, meu Deus do céu! A gente tinha... Eu me lembro que a minha mãe tinha prateleira, acho que você nem conhece o que é esse móvel na cozinha. A prateleira é assim, ela é... É comprida assim, e tem uma tábua aqui, numa distância assim, outra tábua, outra tábua, até... Tinham algumas que tinham quatro, outras tinha cinco. Então ali botava xícara, botava prato, panela. Aí depois, quem tinha um pouquinho mais de dinheiro comprava um guarda-louça. Ai, meu pai comprou um guarda-louça prá guardar... Era bonito até, tinha as portas de vidro, aquele

vidro... Era desenhado em branco, aquela... Sabe? Era lindo, lindo, lindo. Guardava a louça. Nossa! Quem tinha um guarda-louça era chique, viu? Um guarda-louça, prá guardar xícaras, louça. Por isso essa palavra, guarda-louça. E hoje é tudo diferente, né bem? Os móveis... É móveis que eu nem conheço. Nem conheço o nome, porque mudou tudo... Diferente.



Mas eu não conheço ninguém aqui. Engraçado, esse aqui está parecido com o meu filho... Esse que viaja. É a banda. Ah, tinha uma banda sim. Corporação Musical Carlos Gomes. 1919. Acho que morreram todos. Ah, sim, já era terceira idade naquela época. Terceira idade. Nossa! Que banda que nós tínhamos no coreto. Tinha um coreto, não é esse aí agora, era um coreto mais alto e mais estreitinho... Então subia lá em cima, então tinha a banda. Era uma vez por mês que tocava. Até nós morávamos no sítio e minha mãe falava assim: “Hoje nós vamos na vila, porque hoje tem banda”. Prá ver a banda tocar. Ah, meu Deus do céu! Eu tinha acho que 4 aninhos naquela época. Quatro aninhos, três para quatro anos. Então nós descíamos para ver a banda tocar, depois a banda ia pró cinema, né? E a gente ia embora prá casa. Nós não íamos no cinema, porque o meu pai não gostava. Agora circo sim, quando tinha circo, meu pai não perdia um espetáculo, ele adorava circo. Ele não gostava e... Não queria que a gente fosse também, não deixava a gente ir.

Até eu me lembro, que quando eu era mocinha, o meu cunhado, casado com a minha irmã mais velha, ele se dava muito com o pessoal da banda. Então quando o filho dele fez aniversário lá no sítio, convidou a banda para ir tocar lá. É, mas só prá ir tocar. Prá festejar o aniversário do menino. E você acredita que apareceu tanta gente pensando que

era baile. Que tinha baile no sítio! Porque eles gostavam, tinha muito baile no sítio, sabe? E o pessoal... Nossa! Tinha tanta moça e tanto moço aqui em Corumbataí. Meu Deus do céu, quanta moça! Mas apareceu tanta daquela gente... Aí depois o que aconteceu? Minha mãe falou assim: “Bom, então vamos fazer o seguinte...” ela pegou e tirou todas as coisas da sala. E deixou o pessoal dançar. Dançaram... Ninguém tinha falado nada que tinha baile, ele só convidou os músicos. E o pessoal vai aparecendo, daqui a pouco aparece uma leva, daqui a pouco outra... Ai, que é que é isso? Ah, meu Deus do céu. Eles não podiam ver música, ouvir música, que eles já iam pensando que era baile. Que tinha muito baile no sítio, tinha em todo lugar, né? Era uma beleza. Tinha muita gente que morava aqui. Era... Tinha 14 mil pessoas! E hoje não chega a 4 (mil), bem. Entre a zona rural e aqui. A cidade... Nossa, quantas casas tinha no sítio meu Deus, era uma maravilha. Agora no sítio você não vê muita casa, porque foram derrubadas. As pessoas foram tudo embora. Você precisava ver, teve uma época que era só mudança, todo dia, era duas, três mudanças. Prá onde ia? Prá São Paulo, São Caetano, Santo André e prá Americana... Eu sei que prá São Paulo, você precisava ver quanta gente que foi, e prá Americana. E a maioria fez a vida lá, sabe? Naquela época, nossa... Estudaram os filhos, alguns filhos ficaram médicos, outros engenheiros. Ficaram bem de vida. Então o pessoal foram tudo embora, e o que ficou aqui, alguns que ficaram... morreram, né? Quantos que morreram! Quantos! Ficou mais o pessoal de idade. Os mais novos saíram prá trabalhar. O de lá falava que estava bom... “Ô, aqui arrumei serviço, tá tudo bem!”, o outro ia também. O pessoal do sítio. Todos os dias você via mudança. Ah, que pena, que dó que dava, viu bem. Senão tinha muita gente aqui. O pessoal começou a sair... Eu acho... Eu ia na escola naquela época. Na escola. Foi acho que... Quarenta, quarenta e um. 1941... Certo? E eu fiquei... Meu pai também se mudou, depois de muito tempo. Ele foi... Nós casamos, né? E ele tinha casas em Americana que ele comprou, ele vendeu o sítio e empregou em casas e alugou, sabe? Então ele com a minha mãe mudaram para Americana para tomar conta das casas que ele tinha lá. E a gente ficou aqui, porque era casada. Só eu que fiquei, porque a outra minha irmã que morreu, foi embora também. Meu irmão também foi embora... Eu sei que fiquei só eu aqui. Porque o meu marido tinha os pais dele aqui. Então não queria largar dos pais, depois os pais dele morreram também... Meus pais também morreram, lá em Americana.

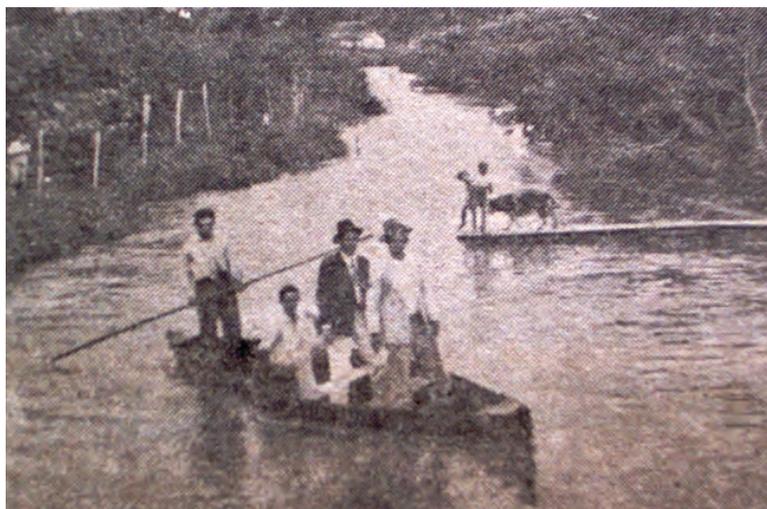
E eu fiquei sozinha aqui, depois eu tive meus filhos. E aqui tenho só um, porque um morava aqui do lado... O que morreu. Até vou mostrar a fotografia dele, ele estava com 40 anos. Eu deixei na gaveta que eu abro sempre, então eu converso com ele todos os dias. Morreu de desastre, de caminhonete. Ele foi... Ele trabalhava pró patrão dele que mora em

Rio Claro, ele chama Eduardo Baroni. Então ele trabalhava com ele, ele tomava conta das fazendas, sabe? E ele era pau para toda obra. Ele era grandão, sabe? Tinha 1,70 m. Forte. E ele gostava... Ele saiu da terceira série, ele não queria estudar de jeito nenhum. A gente pôs ele para estudar, não quis saber de estudar. Aí ele foi trabalhar, ele gostava de trabalhar na roça, aí meu marido pôs ele prá estudar... Foi lá no, no... Meu Deus, o que foi meu Deus... Não lembro o que foi. Até ele estava cortando eucalipto quando... Ele já tinha feito a inscrição e tinha uma turma que ia daqui prá lá, prá fazer exame. Aí meu marido precisou ir buscar ele lá onde ele estava cortando eucalipto. Ele falou assim: “Você esqueceu que você tinha que ir hoje fazer exame?” Ele falou: “Ah pai, esqueci”. Trouxe ele, ele tomou banho e aí foi junto com os outros. Foi lá e passou. Então ele fez, não sei se foi 2 anos ou 3, tirou diploma, mas não adiantou nada, porque ele foi... Ele ia trabalhar na... Prá cá e prá lá, para um e prá outro. Fazer silos, cortar arroz, malhar arroz, isso que ele gostava. Aí ele achou esse patrão dele, que deu o serviço prá ele, nossa! Lidar com boi? Era o chá dele. Então ele transportava boi de um... De uma fazenda prá outra, nossa! Como ele gostava dessa vida. O patrão dele vendeu duas fazendas que tinha aqui em Araçatuba e comprou uma lá no Mato Grosso do Norte. Você lembra daquela novela do Rei do Gado? Era gravada lá. Ele falava sempre, falava: “Mãe, esse Rei do Gado foi gravado lá.”, que tinha aqueles boi Nelore. Que aparecia nas fazendas, né? Então fazia 6 meses que o patrão tinha comprado a fazenda lá e ele... Ele de vez em quando ia lá. Primeiro foi prá negociar a fazenda, depois foram prá comprar, aí depois ele ia com o patrão lá prá ver a fazenda. Aí ficava uns 20 dias. E nessa vez que ele morreu, ele foi sozinho, o patrão não pode ir. E ele parava em Barra do Garça, é longe prá caramba, viu bem? Não sei se você já ouviu falar? Barra do Garça. E além de Barra do Garça, ficava a 40 quilômetros além, a fazenda. E ele estava, ele saiu no dia 19 de agosto e... Depois numa quarta... Isso foi numa terça feira, na quarta feira ele ligou, ele falou: “Mãe, eu volto a ligar só semana que vem”. Mas a semana que vem não voltou mais. No sábado de madrugada... De madrugada não, era 09h40min da noite, ele estava no hotel e ele saiu prá ir... Ele já tinha feito umas amizades lá naquela cidade que só vendo. Ele era muito comunicativo, e ele gostava de todo mundo, prá ele não tinha rico, não tinha pobre, não tinha preto, branco ou criança, todo mundo gostava dele, sabe? Ele dava atenção prá tudo. E ele saiu com a caminhonete do patrão, parou no farol vermelho e veio um caminhão pesado sem freio, o motorista bêbado ultrapassou o farol e foi bater nele. Do lado da perna dele. Só que ele estava sem o cinto de segurança, com a pancada... Porque não exigia na cidade o cinto de segurança, só exigia na pista, né? Depois de um ano que começou a exigir dentro da cidade também. O cinto de segurança. E ele

levou aquela pancada assim na... Conforme bateu lá, depois o caminhão ainda foi bater atrás. Estragou tudo a caminhonete do patrão dele e ele ficou preso pela perna. E ele bateu aqui, ele teve hemorragia interna e traumatismo do tórax. Aí o farmacêutico correu para ir lá atender ele, para ver o que tinha acontecido, e ele falava assim: “Tira eu daqui, por favor”. O farmacêutico foi tirar e não conseguiu, porque ele estava preso com as pernas, ele falou: “Calma, calma, você é forte. O resgate já vem vindo.” Aí quando chegou o resgate foi serrar a coisa lá, a caminhonete, prá tirar ele. Aí colocou na maca, veio a médica junto, olhou o olho dele e falou assim: “Imediatamente prô hospital porque ele está com hemorragia interna”. Mas no colocar na maca ele morreu, não deu tempo nem de ir no hospital. E ele falou prô farmacêutico, o farmacêutico perguntou: “Da onde você é?” “Eu sou de Corumbataí e eu trabalho prô patrão tal, tal. Eu tenho uma mulher”, falou o nome da mulher, “tenho dois filhos...” e deu o telefone do patrão. Aí depois telefonaram prô patrão e avisaram e o patrão. Daqui ele telefonava prá lá prá fazer as coisas lá tudo direitinho. Isso foi 09h40min da noite, quando foi 1:00 h o patrão dele veio avisar a gente. Ele passou aqui, mas não teve coragem de falar, ele foi falar com o Michel lá, que era sogro dele, porque ele é casado com a filha do Michel. Mora aqui. E aí quando foi 04h00min da manhã o Michel veio avisar. A campainha tocou e eu falei com o meu marido: “Nossa Senhora, será que é ladrão? A essa hora”, era 3:50 h. Ele falou: “Você acha que o ladrão vai apertar a campainha?” Aí ele foi ver e ele não voltava, fiquei sentada na cama. Aí eu peguei fui lá na porta e aí tava a mulher dele, do Michel, o Michel, a minha nora aí e a irmã dela. Eu pensei assim: “Nossa, eu acho que aconteceu alguma coisa com os meus netos”, né? Aí falei: “O que está acontecendo?”, aí o Michel falou: “Vem cá um pouco”. Eu falei: “O que foi Michel?”, ele falou: “Genny, eu tenho uma coisa muito triste prá falar prá você”, “O que foi?” Ele falou: “Olha, o Gilberto” ele chamava Gilberto, “Ele foi acidentado e teve morte instantânea”. Nossa! Menina... Aquilo o mundo acabou prá mim, né? Aí eu falei: “Meu Deus, coitado do meu filho, lá sozinho”. Aí então o Michel falou assim: “Vocês não se preocupem porque eu já mandei avisar todos os seus filhos, e o Augusto”, ele chama José Augusto o mais velho, “Vai ter que ir lá buscá-lo de avião, que o patrão contratou um bimotor em São Carlos”. Levaram o meu filho lá quando ele chegou, de manhã as 07h00min ele ia sair. Foram lá em São Carlos, ele foi buscar ele, levou três horas prá ir e três prá voltar. Aí desceu em Rio Claro, o carro fúnebre já estava esperando. Aí quando chegou aqui era 03h20min da tarde, o corpo. E eu sofrendo. Mas você sabe que eu não chorava? Eu não chorava, eu senti que Jesus me carregou no colo. Eu tenho muita fé, bem. Eu tenho muita fé em Deus. Aí quando ele chegou, ele tava bonito, aí eu falei: “Nossa...”

quando falaram prá mim eu falei: “acho que o caixão vai vir lacrado”, mas não. Ele estava todo enfaixado, aqui estava tudo duro aqui, enfaixado, né? Acho que estourou tudo por dentro. E ele estava bonito no caixão. Mas olha, bem, passei uma fase muito difícil, já fez oito anos. Em agosto, dia 23, oito anos. Sofri bastante, mas só que a gente quando tem Deus no coração, a gente lê muito a bíblia, a gente sabe que não é por aí. Não é por choro. Chorar eu chorava, ai, tinha dia que dava um desespero, eu chorava, chorava, chorava, depois falava assim: “Não, não vou chorar mais. Não vou chorar mais porque meu filho era muito alegre, muito comunicativo e não merece choro.” Aí eu já partia prá outra. Então, eu... Eu vivo assim, né? Eu vivo assim... E converso sempre com ele. Tá até amassado, de tanto pegar, ó... Toda hora eu vou lá, pego e converso com ele. Eu passava a mão nas costas dele e falava: “Ai, filho, que costas que você tem”, eu falava: “Deixa eu passar a mão nas suas costas”, ele falava: “Passa mãe, passa” Aqui, ó, ele trazia o leite da fazenda prá mim, que o patrão dava ordem prá trazer, porque eles jogavam leite fora... Ah... Ele trazia leite prá mim. Ele me pegava no colo e virava assim, quantas vezes ele me virava. Ah meu Deus do céu.

Eu tive quatro homens com ele. Não tive nem uma mulher. Esse Ricardo é o caçula, já tá com 43 anos... O caçula. Eu casei com 17 anos. Com 18 eu já tive o primeiro filho, ele mora em Valinhos. É ele tá com 50 e... Eu vou fazer 58 de casada... Ele vai fazer 57. 57 ele vai fazer. É uma maravilha. Passei... Sofri muito na minha vida, mas tô aqui, né bem? A gente sempre tem fé em Deus e eu acho que quem tem fé em Deus e segura na mão de Deus, a gente vai. A gente não sofre tanto. E eu, você sabe que, por causa disso, eu não paro em casa. Eu vou na terceira idade, eu vou fazer yoga, eu tenho problema de coluna, então isso é bom prá mim. Enquanto você está exercitando, fazendo as coisas... Eu trabalho muito na igreja. Estou fazendo a novena do Natal, eu faço a Campanha da Fraternidade. Eu já fui legionária, fui presidente da Legião de Maria, quantas vezes eu fui prá Rio Claro, todo mês a gente tinha que prestar conta lá, fazer Legião de Maria em Rio Claro, nossa! Depois eu mandei vir a Mãe Peregrina, fui coordenadora da Mãe Peregrina, agora não sou mais porque eu já fui 5 anos e não pode ficar mais de 5. Então têm 30, 60 famílias que têm... Que recebe a Mãe Peregrina aqui, então... Você conhece a Mãe Peregrina? Em Rio Claro tem. Toda cidade tem a Mãe Peregrina. Então eu tenho muita fé em Deus e em Nossa Senhora, então tudo isso me ajuda muito. Me ajuda muito. Então agora eu converso com ele com alegria, nem choro mais. Falo: “Ah, que saudade que eu tenho de você! Que Deus te abençoe.” Aqui foi em 1997.



Ah, aqui era no rio, é. A canoa... No rio Corumbataí. Mas aqui parece que eles estão de terno, né? Gravata, esse aqui tá de gravata, aí... Terno, gravata. Estão todos bem arrumados, vai ver que iam prá algum lugar, acho, atravessando o rio. Tem outros prá cá, ó... Eu não sei que local que é esse, viu? Aqui parece que tem uma casa, ó... É uma casa sim. Aqui, parece que aqui tem mais, ó, telhado... Mas não sei que local que é esse não, viu? Era o rio antigo, ele era mais raso e mais largo, e depois que passou a draga ficou estreitinho. Ficou estreito o rio e ficou fundo, ficou bem fundo. Então por isso que não dá mais enchente, quando ele enche dificilmente ele vaza prá fora, porque ele tá fundo. Mas antigamente ele era bonito, a gente atravessava o rio quando ia prá escola. “Vamos atravessar o rio”, então ia um monte de menina atravessar o rio, porque ele batia a água até pelo joelho só. Então a gente atravessava aquela água limpa, sabe? Bonita, você via o pé na água. E hoje tá tudo poluído, né bem? Tudo poluído. Bom, foi bom passar a draga por causa das enchentes. Porque estragava todas as estradas. Naquela época passava o trem, agora já foi tirado o trem. É uma pena que foi tirado, viu bem? Uma pena mesmo. Você vê, Rio Claro também não tem mais. Então, não foi uma pena? Eu acho que é uma pena ter tirado os trens, é uma coisa tão linda. Engraçado que quando chegava o trem, todo mundo saia na porta prá ver quem vinha. O trem chegava na cidade todo mundo corria na porta prá ver quem vinha. E quando era a tarde era os alunos que chegavam, né? Meus filhos chegavam, então a gente ia esperar... Ai meu Deus do céu. A estação não era bem onde é o velório, ali passava a linha. É um pouco mais prá lá, onde tem uma escola, uma escola grande. A estação era ali, acho que eu tenho a fotografia da estação.



Ah, sim, houve a Revolução Integralista de 1932. A minha mãe falava sim, porque eu tinha um ano. É, teve a Revolução de 32, o pessoal foi todo prô sítio, em Corumbataí não ficou ninguém, foram todos prá casa dos parentes no sítio, porque disse que vinha a Revolução. E foi triste, viu? Não ficou ninguém na cidade. Não sei quem se alistou nessa época não. Agora teve uma outra época que tinha a guerra lá na Itália, teve um irmão do meu cunhado que foi prá guerra. Até acho que faz um mês que ele faleceu, ele estava com 83 anos, 84, por aí. Eu me lembro que ele foi prá lá. Eles foram enganados, né? Os pracinhas. Foram enganados e foram de navio, depois chegaram lá e tinham que guerrear. Ele disse que era tanto frio que eles ficavam congelados e precisavam colocar eles num forno prá descongelar... De tanto frio, prá não morrer. Olha, no final faziam buracos e eles entravam dentro dos buracos. Ele que contava. Eu me lembro muito bem o dia que ele chegou, nossa! Foi uma festa, viu? Quando ele chegou. Nossa! Quando ele chegou de trenzinho... Todos. O prefeito daqui, o de Rio Claro, veio prá acompanhar... Nossa, foi aquela festa! E ele veio vestido de... fardado e tudo, com aquele... Quepe na cabeça. Ele... Nossa! A família dele morava aqui. A mãe, só não tinha o pai que já tinha falecido, tinha a mãe, tinha os irmãos que moravam todos aqui. E tinha a minha irmã, que era casada com o irmão dele. Aí depois, nós morávamos lá no sítio, prá lá da olaria, aí ele foi lá na nossa casa também. Foram todos lá, aí Nossa Senhora! Fizeram baile lá. Nossa! Foi uma festa por causa da chegada dele. Tudo era motivo de baile! Nossa! Que festa. E hoje não, hoje é só churrasco. Naquele tempo não era, não tinha essas coisas de churrasco. Era baile. E dava pão, pão doce e dava... Anisete. Licor... Licor, anisete. Não tinha essas bebidas que tem hoje em dia. Não, bem. E era tudo caseiro. Tinha cerveja... Sei lá se tinha cerveja ou não tinha. Eu lembro, quando eu era moça formada já, que a gente tomava... Maçã, falava guaraná, maçã. Era uma delícia, de garrafa mesmo, de vidro. Então a gente tomava no

Natal, no Ano Novo e na Páscoa, só. É. E não era só nós, era todo mundo. Não era que nem hoje que todo mundo bebe todo dia, todo dia, todo dia. E que isso faz um mal! As crianças ficam todas obesas. De tanto tomar guaraná. A gente pega os médicos... entrevista com os médicos, eles falam que isso aí é muito mal. Lanche... Quanto lanche, né? De tudo quanto é jeito. Aquilo é um veneno para o coração, para a circulação. Por isso que hoje tem muita gente com colesterol, pressão alta... Por causa disso. Come muito lanche. Por que é gostoso o lanche. Não resta dúvida, é uma delícia. Pizza, essas coisas, nossa! É por isso que hoje todo dia tem hipertensão, é... Nossa! Sofre disso, daquilo... Antigamente não, o povo de antigamente tinha muita saúde. Porque era tudo comida natural. Comida natural, bem. E hoje já não, hoje é tudo diferente, mudou muito, nossa! É como eu falo, tem coisas que mudou prá melhor e tem coisas que mudou prá pior. Alimentação era natural e hoje não.



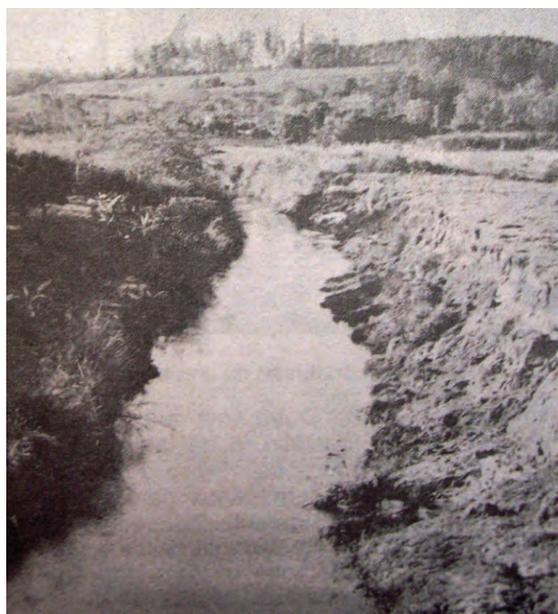
Aqui é uma família. Eu conheço essa família... Venturolli? Ah, vai ver que era os pais do Sílvio, acho que era Emigdio Venturolli. Pai do Silvio Venturolli que eu conheci. É... Eu sei que o pai do Silvio Venturolli... O Silvio Venturolli que morava aqui, ele tinha 14 filhos e hoje resta uma só aqui. Ela chama Elisa Marotti. É a D. Elisinha. Esse daqui eu acho que é o avô dela, os avós.



Ah, essa é a nossa igreja, ela foi construída em 1912, viu bem? Tá lá marcado, 1912. A nossa igreja... É... Aqui eu fui batizada, eu fui crismada, eu fiz a primeira comunhão, eu me casei nessa igreja, tudo aqui. Tudo nessa igreja. Eu fui filha de Maria... Quanto tempo... Eu saí de filha de Maria quando me casei. A gente se vestia toda de branco e a fita azul, aquela fita larga.... Aquela faixa azul assim larga na cintura, hoje nem existe mais, não? Não se vê mais. Era tudo vestida de branco, vestido de manga comprida, né? É... Quando ia na missa, nas procissões, mas tinha moça... Meu Deus do céu! Quanta moça que tinha. Que maravilha! Era uma coisa linda mesmo. O povo era muito católico aqui, não tinha tanta religião como tem agora. Depois que apareceu a... Até chamavam da religião da Eva... Religião da Eva. Todo mundo conhece por religião da Eva, não sei se é Cristã do Brasil, não sei como é que é. Agora tem nove. É, nove minha filha! Num lugar desses! Você já pensou? Você só vê aquelas moças de saiona comprida, você viu uma de saiona comprida pode contar que é outra religião. É evangélica. E a igreja mesmo, católica, perdeu bastante fiel. Perdeu, infelizmente perdeu. Aqui mesmo quantas que saíram da igreja, quantas... Umas por causa do padre, outras porque tem amiga que foi prá lá, levou e ficou gostando e tá indo... Depois não tem mais volta não, viu bem? Não tem mais volta não. Alguns voltam, mas a maioria não volta não. Até essa que morreu hoje é evangélica, ela é lá da Eva lá... A sogra dela era, mas já morreu. A sogra dela que chamava ela prá religião da Eva que a gente falava... E essa aí morreu de repente, coitada.

E as festas na igreja? Nossa, tinha cada festa, viu? Bom, até hoje tem. Até hoje tem, mas não é como antigamente. Antigamente tinha a procissão de São José, no último dia da festa, ai que coisa linda, quanta gente que tinha. Meu Deus do céu, quanta gente de fora

que vinha. Aí depois começou a vir os bingos, né? Aquelas cartelas, sabe? Marcava na própria cartela, com feijão, com arroz. Marcava assim, não marcava a lápis, porque vendia as cartelas, nem lembro por quanto, porque naquela época não jogava, era só de maior idade que podia jogar. Agora hoje tem os bingos que vende a... Eles fazem nos... Bloquinhos de 5 cartelinhas e vendem. Quantos bingos que eu vendo prá festas. Outro dia, não faz muito tempo, sábado passado teve bingo da... Não é da quermesse, mas é prá angariar dinheiro para arrumar a igreja. Então um mês fica prá primeira dama e outro mês fica prá igreja, é assim, então, sábado passado foi o bingo da igreja. Agora, nas quermesses, o padre não faz mais a procissão. Ele faz sabe o quê? Agora tem a... Como é que fala? Tem a... Os cavaleiros que vem de fora, tem os daqui, mas mais os que vem de fora... Tem cavaleiro, tem boi, sabe? Carro de boi... Trazem de fora. Então faz aquela... Como é que se diz? Esqueci o nome dela. E arrumam numa charretinha pequenininha o São José, puxado por um burrinho ou por um pônei e São José vai na frente. É assim que faz, não faz mais aquela procissão que era tão bonita... O povo gostava das procissões. É assim que fazem agora. Muda tudo, né bem? Muda tudo.



Aqui é o rio também, mas aqui não é a enchente. A água do rio tá suja. Claro que tá poluído. Tá. Tá poluído sim, porque quando eu ia na escola a água era limpa, você via a areia lá no fundo. Hoje você vê a água suja, porque o esgoto vai todo no rio. E como que não é poluído? Qual é o rio que não é poluído hoje em dia? Você não vê o rio Tietê, que

triste que tá? Meu Deus! Então, agora, tem alguns lugares que a gente vê na televisão que você vê aquelas cascatas que caem assim... Aquele rio que vai, aquela água limpa, você vê o pessoal tomando banho. Aquilo ali não é poluído. Mas fica longe, no meio da mata. Agora, quase todo rio é poluído, todo rio. E o nosso também é.



Ah, eu nunca fui na Santo Urbano, nunca tive oportunidade de ir lá, nunca. Até outro dia tinha exposição lá no Centro Profissionalizante, um cara que pinta, não sei se ele é de Ferraz ou de Ajapi. Ele pintou todas as casas das fazendas aqui de Corumbataí, todas. Você precisa ver que bonito que era. Tava lá naqueles quadros grandes no pedestal assim, sabe? Nós vimos, eu falei: “Nossa! Que coisa linda!” Como elas estão agora. Porque a fazenda São José tinha, a fazenda do Altarugio, aqui em cima tinha... Não tem nenhuma que está assim como era, de época, porque elas foram todas arrumadas, né? Agora eu acho que essa daqui de cima não está muito... Ela tá como era mesmo. Ela foi arrumada, mas não é reformada. Essa daqui de cima, a que tem a estrada que passa... Em vez de ir para o asfalto, prá via de acesso, desce o morro, sabe? Então passa em frente da fazenda, da casa da fazenda que era antigamente. Agora fala “do Altarugio”, agora antigamente eu não sei de quem foi. Agora essa aqui não sei o que é não.



Ah, a estação! Deixa ver se eu acho... O meu filho pegou na internet. Olha, a estação era assim. Era bonita. Corumbataí está escrito, o meu filho pegou na internet. Nossa, é bem antiga, viu? Essa foto. Meu Deus... Nossa, foi uma judiação, aí os trilhos... Ó o portãozinho aqui... Até aqui tinha um jardim, sabe? Tinha um jardim cercado, toda a cerca com... Essa coisa aqui... Essas ripas brancas aqui. Aqui atrás também tinha... Um jardim. Olha quanta gente que ia tomar o trem. É bem antiga, porque olha, todos de paletó, gravata. Chapéu. Hoje não usa mais chapéu.

E o *footing*, ah, que a gente dava volta no coreto. Nossa, era uma maravilha! Então, era assim... Tinha o coreto. Você viu a fonte? Ali onde é a fonte, ali que era o coreto. Ele era bem alto, até embaixo morava um jardineiro, ele chamava Marcondes, parece que eu estou vendo ele. Ele morava sozinho. É, tinha uma casinha ali debaixo da fonte, tinha uma porta e ele era o jardineiro, tomava conta do jardim. Ele tinha o cabelinho branco, aqui atrás era... aqui era careca e tinha um cabelinho branco, uma barba branca. Chamava Marcondes. Eu não sei o nome dele. Até ele está sepultado aí, fizeram uma capela, a família mora em... não sei onde que mora a família dele. Então ele está sepultado lá e tem ele, a fotografia dele sentado numa cadeira... Bem grande, assim no fundo da capelinha, é uma capelinha que fizeram. E ele tá lá. Eu falei: “Nossa! É o jeitinho dele mesmo”. Ele usava aquelas alpargatas. E ele andava pelo jardim assim, me lembro... Sempre assim ó, desse jeito ele andava, sabe? Aqui teve muitas figuras. Nossa! Cada figura que tinha. Ah... Deixa eu contar primeiro das voltas que dava no jardim. Então a gente dava a volta ali, descia a avenida um, ia até na esquina ali em baixo, depois voltava. Olha o trajeto nosso, até passar as horas. Depois, quando era a hora do cinema, o pessoal ia prô cinema e nós íamos prá casa. Quando eu morava lá prá cima a gente ia prá lá e quando meu pai mudou

prá cá, nós íamos prá cá, era mais perto. Então todo domingo a gente vinha na vila. Prá dar voltas na rua. Então quando chovia bastante, a minha mãe vinha na... Porque naquela época não tinha missa à noite, só de manhã. Nós vínhamos, eu, minha mãe e aquela minha irmã que morreu, nós vínhamos na missa, saíamos 5:30 h de casa. Porque a missa era as 6:30 h. O padre morava em Analândia e vinha rezar missa aqui, então ele rezava às 6:00 h, era 6:00 h a missa. No inverno era escuro e precisa ver como enchia de gente na igreja. A missa era de manhã e à noite era a reza, com a Bênção do Santíssimo. Todo domingo tinha a Bênção do Santíssimo e a minha mãe vinha prá ir na reza. E depois ela ficava sentada no banco do jardim com as comadres dela. E nós ficávamos dando voltas. Subia e descia... Eram três, quatro, cinco (meninas) e ia. Atrás vinham mais cinco, seis, mais três, quatro, e ai ia... Enchia a rua assim. e os moços ficavam do lado, paquerando né? Outras saiam e iam na calçadinha conversar, não é que nem hoje que tem carro. Hoje é só motel. Antigamente não, era um namoro lindo, maravilhoso. Não é como hoje não, bem. E depois quando era 9:00 h, terminava porque aí começava o cinema. O pessoal ia todo prô cinema e nós íamos prá casa, era todo domingo assim. Todo domingo. Nossa Senhora! Não via a hora que chegasse domingo. Ai meu Deus do céu.

E quando tinha carnaval então? Quanta gente que tinha. O Rei Momo vinha de trem, ele ia prá Rio Claro e vinha de trem, ele, a rainha. Iam buscar de trole, tinha trole, naquele tempo tinha muito trole. E todo enfeitado, com serpentina, sabe? Então subia de trole... Meu Deus do céu, todos cantando e jogando serpentina. E ele passava com a rainha e a princesa. Subia, aqui tinha uma passarela assim, que ficava a banda. A banda vinha atrás. Vinha junto, depois a banda subia naquela passarela lá, que era um redondo assim, e ficava tocando lá em cima, prô povo escutar. E a rua ficava assim de gente, ó. Agora, tinha os cordões. E tinha bastante gente, cordão de um jeito, de outro, vestuário, tudo diferente. E tinha o cordão dos negros, você precisa ver que coisa linda. Eles saiam de lá de cima do Núcleo, todos vestidos de branco, roupa comprida. Tanto os homens como as mulheres, vinham de fora também, porque aqui tinha muito preto, sabe? Gente de cor. E eles vinham de fora, e descia aquela fila... Parecia uma procissão. E vinha... Eles tocavam aquela cuíca. E dançando, e dançando. E vinha com estandarte escrito, sabe? Ah, mas era bonito, viu? E tinha o salão deles. Aqui tinha o salão deles, só prá eles. E tinha o salão de cima, tinha outro que chamava Ritz e tinha o outro de baixo aqui, enchia todos. Enchia todos. Mas era um carnaval lindo, maravilhoso, sem malícia, sem nada. Era lança perfume que rodava, que era a coisa mais linda do mundo. Lança perfume, que tinha um perfume tão gostoso. Meu pai não deixava a gente dançar, então a gente ia apreciar. Então eu com as minhas

amigas, nós íamos lá em cima, íamos lá em baixo, aqui, dar uma olhada. Até lá nos pretos nos íamos. Você precisava ver, nossa... Aquilo enchia de gente. Era a coisa mais linda, viu? Ai que coisa linda! Que bailes que tinha, meu Deus. Era tudo misturado. Porque rico tinha bem pouco. Agora, os ricos antigamente eram assim, eles não se misturavam com os pobres. De jeito nenhum! Nós morávamos no sítio e quando a gente vinha na vila, eles falavam assim... Ah... Como é que fala... Esqueci o nome... “Os calu vem vindo”. Os calu. Era o nome que eles davam prôs pobres. As pessoas pobres... Eles não gostavam, né? Os calu. “A caluzada vem vindo”. São pessoas simples. A gente se vestia como podia, né, bem? Como podia. Agora eles, nossa... Nem conversavam com os pobres, imagina! Hoje já mudou, já é diferente. Dificilmente tem um rico que não dá confiança prá pobre, dificilmente. Mas antigamente tinha muita rejeição. Que triste, né bem? Era triste, viu? Então pode até ser que tivesse o baile dos ricos e dos pobres, podia até ser, isso eu não lembro. Porque a gente não dançava. Meu pai não deixava. E você vê, aquela época era uma época onde dançava... Era um respeito, nossa! Não é que nem hoje, se não bebe não dança. E só faz folia, só faz anarquia. É briga, é maconha que rola. Até os médicos falam, você vai num baile toma cuidado, não deixa seu copo com bebida e vai ao banheiro porque depois quando volta ele já está batizado. Toma muito cuidado porque eles batizam mesmo. Pois é, antigamente não tinha nada dessas coisas. Não tinha, bem. Então era um baile, não tinha... Assim... Sem-vergonhice nenhuma. E aquelas fantasias que faziam, era todas umas fantasias lindas, os ricos. Aquelas fantasias... Hoje, que tem essas escolas de samba aí, pelo amor de Deus! Quantas que vão peladas? Ai, Jesus do céu. É isso aí.

Então, eu estava falando dos personagens que tinha antigamente... Tinha esse Marcondes, tinha o “João das Moças”... Sabe por que ele tinha apelido de “João das Moças”? Porque ele queria namorar todas as moças e toda moça corria dele. Ele só se vestia de terno de linho branco, sabe? E a palheta branca na cabeça, porque usava muito e uma bengala. E ele ficava na esquina, girando a bengala, nessa esquina aí ó. Eu era menina ele já era homem formado. Então as moças apelidaram ele de “João das Moças”. Mulherengo. Tinha outro que era... Chamavam ele de Gibi. Eu não sei se ele foi soldado. Ele estava sempre vestido de soldado, porque naquela época os soldados vestiam roupa cor de caqui, sabe? Daquela cor. Então ele se vestia daquele jeito e ele ia prô sítio e pedia as coisas. E todo mundo dava, sabe? E eu tinha tanto medo dele, que quando eu via ele, eu era pequenininha, eu começava a gritar e a chorar. Aí então a minha mãe precisava mandar ele embora, dava as coisas prá ele e falava: “Vai embora porque a minha filha está com medo de você”. Chamavam ele de Gibi... Gibi. Agora que faz pouco tempo que eu não vejo mais

ele, porque ele era bem velho. Nem sei aonde que ele morreu, de que jeito que ele morreu. E era um personagem da cidade, tinha um outro que chamava “Zé Milpé”. Sabe por quê? Eu acho que ele teve paralisia, e ele andava com a ponta do pé. Assim, ó. E os dedos dele eram encolhidos, e ele andava assim, ó. Desse jeito. Então puseram apelido nele de “Zé Milpé”. Até me lembro que uma vez, era dia de ano, ele foi lá na nossa casa e minha mãe, minha mãe não, eu dei comida prá ele. Estavam os meus filhos todos, aí meu marido falou: “Dá comida prá ele”. Aí ele comeu na mesa junto com a gente, o que tinha? Não tinha nada demais, tadinho. E ele comeu. Ele não queria sentar, aí eu falei: “Não, você vai sentar aí na mesa junto com a gente”. Foi num dia de Ano Novo, estavam todos os meus filhos e a gente fazia aquele almoço. E ele almoçou com a gente. Ele tinha a mãe. Aí depois foram embora daqui, depois que ela soube que ele morreu. E tinha outras personagens que a gente não lembra agora, viu? E fica na história. Fica na história. Eles eram pobrezinhos, né? E fica na cabeça da gente. O “Zé Milpé”, ele era preto, magrinho, alto, coitadinho, ele andava com a ponta do pé. Não dava prá pôr o calcanhar no chão. O que mais a gente podia falar, não? É que no momento assim, a gente não lembra muito.

### Carta de Cessão

Eu, Heraldo Antonio Britski, R.G. 1976.591, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita de gravação realizada em 25 de fevereiro de 2006 por Luciana Shreiner de Oliveira Zanardi, R.G. 3.918.534, na forma em que foi revisada e corrigida por mim, para que possa usar essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data; essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso por terceiros desta transcrição revista e corrigida, ficando vinculado seu controle à instituição que tem sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Corumbataí, 16 de janeiro de 2007

Sujeito de pesquisa:



### Carta de Cessão

Eu, Peny Marion Calderini Britskii, R.G. 2.588.743, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita de gravação realizada em 25 de fevereiro de 2006 por Luciana Shreiner de Oliveira Zanardi, R.G. 3.918.534, na forma em que foi revisada e corrigida por mim, para que possa usar essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data; essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso por terceiros desta transcrição revista e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Corumbataí, 16 de janeiro de 2007

Sujeito de pesquisa: .....*Peny Britskii*.....

## **Heraldo Antonio Britski e Peny Marion Calderini Britski**

Este depoimento foi o mais simples e surpreendente dentre todos nesta pesquisa. Eles não se encaixavam ao perfil de depoentes primeiramente traçado. Então marquei um horário com este amável casal com a expectativa de conversarmos a respeito do rio Corumbataí e as questões ambientais que o cercam, já que o Sr. Heraldo é um dos maiores especialistas em Ictiologia do Brasil. Realmente conversamos, e muito.

Vários moradores da cidade e alguns dos outros depoentes já haviam indicado o Sr. Heraldo para a pesquisa, mas como o seu conhecimento era muito acadêmico e específico e o casal mora em São Paulo há muitos anos, resolvi não colocar seu depoimento no mesmo nível dos demais. Por esta razão não foi utilizado o roteiro de fotografias. Simplesmente conversamos... Realmente o conhecimento do Sr. Heraldo deu a este depoimento uma visão diferente a respeito do rio, de sua retificação e à problemática ambiental de desequilíbrio da fauna e da flora no local, tudo isto já era esperado.

A surpresa ficou por conta de tanto o Sr. Heraldo como sua esposa Peny serem pessoas muito ligadas à cidade, ao rio e possuírem uma ótima memória de sua infância e uma parte da adolescência passada na cidade de Corumbataí. Ele por ter nascido em Corumbataí e só ter saído da cidade a fim de dar continuidade aos seus estudos. E ela por freqüentar assiduamente a casa de seus avós em Corumbataí, desde sua infância.

Por fim a nossa conversa foi tão cheia de descrições das práticas sociais de uma época, com diferentes pontos de vista e importante para a pesquisa que resolvemos anexar a narrativa de ambos ao corpo do trabalho com o status de depoimento.

Tenho que agradecer de maneira especial o cuidado, o carinho e a atenção que tanto o Sr. Heraldo quanto a Sr<sup>a</sup>. Peny dispensaram a todas as etapas de seus depoimentos – desde o primeiro contato até sua validação - o que revelou verdadeiro respeito a esta pesquisa. Foi uma tarde relaxante, descompromissada, que fluiu com muita naturalidade, enfim, foram horas muito agradáveis.

## **Heraldo Antonio Britski e Peny Marion Calderini Britski**

**Entrevista realizada com Heraldo Antonio Britski e Peny Marion Calderini Britski.**

**Data: 25/02/2006**

**Local: sítio de Heraldo Antonio Britski e Peny Marion Calderini Britski, zona rural de Corumbataí.**

**Entrevistador: Luciana S. de Oliveira Zanardi**

Identificação:

H: Heraldo Antonio Britski

P: Peny Marion Calderini Britski

**“Não sei como era primitivamente, mas tenho referências de que antes dessa fase de agricultura intensa, o rio tinha margens altas como agora”.**

H – O nível atual do rio está hoje uns três metros abaixo do nível anterior, quando eu era criança. O rio tinha uma várzea imensa, cheia de taboa e outras plantas aquáticas; lagoas que acompanhavam o leito do rio nessa várzea, com muitas aves aquáticas. Depois que retificaram o rio, ele passou a correr mais rápido e, obviamente, o leito afundou, levou os sedimentos e as várzeas secaram totalmente; conseqüentemente, todos os riachos também se afundaram nas suas próprias várzeas. Em todos esses cursos eu coletei peixes com propósitos científicos, tanto no rio Corumbataí como nos afluentes, como o córrego do Machadinho que faz divisa de meu sítio. Coletei muitos peixes, identifiquei esses peixes e mais recentemente me surgiu a idéia de fazer uma nova coleta para ver quais as conseqüências da modificação do rio na composição da ictiofauna; mas acabei não fazendo isso porque tenho muitos outros projetos em andamento e esse ficou para trás. Mas seria uma coisa interessante comparar para ver as modificações. Agora, eu acho que com a retificação do rio, ele voltou ao nível anterior, vamos dizer assim, anterior à colonização de Corumbataí. Porque eu acho que anteriormente ele corria nessa mesma profundidade atual, ou seja, ele estava encravado na formação Corumbataí, nessa rocha da formação

Corumbataí. Com a divisão dessa área toda, para formar o Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, começou uma fase de agricultura intensa, com muita erosão; o material foi todo carreado para o leito do rio e se formou a várzea que anteriormente não existia. Então, voltamos à condição mais primitiva, no meu entender. Não sei como era primitivamente, mas tenho referências de que antes dessa fase de agricultura intensa, o rio tinha margens altas como agora. Quando eu era criança, 60, 70 anos atrás, o nível do rio era bem mais alto, mas ele era muito raso e havia muita enchente, muita enchente. Aliás, tem fotografias mostrando enchentes do rio Corumbataí, inclusive, invadindo até a estação da estrada de ferro. Isso eu me lembro bem, que quando criança isso ocorreu com frequência.

P – Para mim era uma festa. Sabe por quê? Quando eu era criança, na década dos anos 40, eu morava em Itirapina e vinha passar minhas férias aqui no sítio do meu avô, Antonio Cagnoni. A casa ficava no fundo da rua 3, depois da linha do trem. O rio dividia o sítio ao meio e para ir nessa outra metade, onde ficavam as plantações na encosta do morro, era preciso atravessar o rio. Tinha uma ponte de madeira por onde passava a carroça, mas eu gostava de atravessar o rio ali onde ele era raso, arenoso e espriado. Era uma delícia. Mas quando dava enchente, no mês de janeiro e fevereiro, o pasto ao lado da casa ficava cheio de água, porque o rio transbordava e inundava tudo. Para mim aquilo era uma verdadeira piscina. Eu adorava. Quer dizer, eu era criança. O prejuízo que aquilo acarretava para os adultos era imenso. Mas eu me lembro assim, dessa fase da história. Eu me lembro que meus tios tinham canoa lá no rio. Na parte funda do rio. Quando não era usada, ela ficava embaixo da mangueira, virada para baixo, e servia de banco. Ela servia também, nessa época de enchente, para atravessar toda aquela parte inundada. Tinha pinguela. A gente atravessava por cima da água, sabe? Em pinguelas. Meus tios armavam covos para pegar peixes, porque os peixes saíam do leito do rio e se espalhavam pelo monte de água, não é isso? Era uma coisa tão gostosa, tão diferente! Agora, com a retificação, acabou tudo. Acabou tudo. Acabaram os problemas da população, mas essa coisa gostosa... E diferente... Acabou. Que bom que eu usufruí.

Você tem fotos da estação da estrada de ferro? Adoro o trem e a estação do trem. Ah, essa aqui é do incêndio da “estaçãozinha”. O que houve mesmo? Que idade você tinha, Heraldo, quando teve esse incêndio aqui?

H – Não sei. Eu já era adulto, bem adulto. Isso foi... na década de 60.

P – E o que foi que ocorreu? Curto circuito? Então a amperagem não era suficiente para agüentar.

H – O que chamam de gambiarra.

P – Que prejuízo; mas será que não tinha seguro? E aqui? Aqui é a fazenda Santo Urbano? Aqui é o rio retificado. Tirada da ponte ali embaixo? É.

H – Tem uma publicação de um geógrafo sobre Corumbataí, que eu não consigo me lembrar exatamente, mas devo ter tomado nota dessa publicação. Lembro-me que ele discute algumas coisas sobre geografia e depois faz menção, ou sugere que seja feita uma investigação sobre essa questão do governo comprar terras e dividir, vamos dizer, em lotes pequenos e dar ou vender a pessoas diferentes para cultivarem a terra. Ele estava questionando isso, pois parecia que não dava muito certo, como ocorreu aqui em Corumbataí. Aqui existia uma grande fazenda, antigamente. Depois dessa fazenda ser comprada pelo governo e ser dividida... – o governador era Jorge Tibiriçá – em pequenas propriedades e serem vendidas, principalmente para imigrantes italianos, espanhóis etc., isso determinou um período de grande progresso. Corumbataí teve uma população bem maior, considerando a área rural, mas depois, com a erosão das terras – a terra aqui é muito sujeita a erosão – elas se tornaram improdutivas e aí começou uma migração, um êxodo muito grande e hoje tem apenas 4000 habitantes no município. Então esse geógrafo queria estudar Corumbataí sob esse ângulo. É uma bibliografia interessante, eu acho. Você teve acesso, por exemplo, a questão de como foi essa divisão dos terrenos aqui durante o governo Jorge Tibiriçá? Eu tenho o livro do Oscar Arruda Penteadado que historiou alguma coisa sobre Corumbataí, só que de forma muito rápido. Eu estava querendo escrever alguma coisa sobre a história de Corumbataí, mas sempre me faltou tempo para dedicar a isso: fazer um levantamento bibliográfico e buscar essas raízes da divisão da terra. Para mim existem algumas etapas muito claras no desenvolvimento de Corumbataí. Primeiro uma etapa primitiva anterior à chegada do europeu, quando deveria haver índios por aqui. Eu tenho pouca informação sobre essa etapa, mas seria interessante ter alguma informação sobre ela. Acho que deve ter alguma coisa publicada, mas eu não pude ir atrás disso. Depois a etapa das sesmarias, quando existiam áreas de terras muito grandes. Na seqüência, uma época de fazendas, principalmente de café e açúcar; e, a seguir, essa divisão do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá em muitas propriedades pequenas. Este aqui –

mostrando o mapa de seu sítio que é formado de vários lotes originais do Núcleo Colonial –, por exemplo, é o lote 125... 125, 126, para cima vai até o 128, o último lote. Depois já começa a fazenda Guaraciaba, que era do Pedro Dolce. Então eu tenho também uma pequena parte dessa fazenda vizinha com o lote 128. Esta aqui – apontando o mapa – é uma divisão... Nós estamos aqui, esta vendo? Vamos tomar a posição certa. Aqui é o norte. Nós estamos aqui nesta área. Então este é o lote 125; este é o lote vizinho, o 124, que agora, tendo morrido os proprietários, foi dividido em várias chácaras entre os herdeiros. Então entramos em uma nova fase, que é a subdivisão em chácaras pequenas.

Mas meu pai comprou, inicialmente, este lote que era da fazenda Pico Alto, não do Núcleo Colonial; depois comprou este, que é da Guaraciaba... Depois, na sequência, comprou este aqui, que é o lote 128, depois este... Aí ele comprou o 125 e depois estes dois pedaços desses dois lotes (126 e 127), unindo com o 128. E finalmente este outro aqui, que também é da fazenda Pico Alto. Então tem estas duas partes da fazenda Pico Alto, uma da Guaraciaba e os lotes do Núcleo Colonial, sendo o 128 o último dessa série. Os lotes do Núcleo Colonial vêm assim ao longo desse riacho, depois vão, ao longo do rio Corumbataí e descem lá para baixo, e devem vir para cá também. Este aqui, o 128 é o último, ao longo do riacho. Então, com a reunião de todos esses lotes meu sítio ficou com a forma e um “Z”. A área maior está para o lado norte. Daqui a gente pode ver Corumbataí lá em baixo. Eu peguei uma fotografia aérea da região e em cima dela tracei este mapa que acabou dando esse efeito aí. Não é muito perfeito não, mas dá uma boa idéia da área e da conformação do sítio. Então essa reunião de lotes se iniciou depois que começou esse período de degradação das terras. O proprietário não conseguia mais o sustento num lote desses. Todos esses lotes tinham uma casa. Aqui – mostrando o mapa – tinha uma casa, aqui tinha outra; todos os lotes tinham casa, como aqui também neste que estamos tem duas casas velhas. Então viviam aí, em cada um deles, um casal com, por exemplo, 10 filhos pequenos... Os filhos foram crescendo, o solo foi-se empobrecendo... O pessoal não tinha como sobreviver ali e foram saindo; primeiro os filhos, depois os próprios proprietários originais desses terrenos; não conseguiam mais ter uma vida boa em seus lotes e os puseram à venda. As famílias originais desses lotes eram quase todas de imigrantes: italianos, espanhóis, poloneses, russos, alemães, austríacos e outros.

P – Cagnoni é italiano. Gigeck é o quê?

H – Gigeck é austríaco. Conversando com o Osvaldinho Dolce – o Virgílio Gigeck trabalhou para ele – ele me disse: “Bom, austríaco naqueles tempos”, porque a Áustria tinha um domínio muito grande na Europa no século XIX, envolvendo grande parte da Itália e parte da Alemanha também. Então, acho que no norte da Itália muitos se consideravam austríacos... Então ele me pôs essa dúvida e eu não sei exatamente se eles são austríacos mesmo ou se são italianos. Mas eu sei que grande parte, quase todos esses lotes foram comprados realmente por imigrantes. Principalmente italianos. Mas tinham espanhóis, como os da família Tróia, os Cruz... (Se bem que os Cruz eram moradores da cidade; tinham loja.), os Pantoja. O Fernandinho Pantoja, tem uma lista de todas as famílias de Corumbataí, porque ele tinha um açougue e anotava todos esses nomes.

P – Ah, das pessoas que compravam.

H – Você sabia disso? Eu o encontrei uma vez e ele, sabendo do meu interesse, me falou que tinha uma lista de nomes preparada para mim. E eu falei: “Qualquer dia eu vou à sua casa pegar essa lista”. Mas o tempo...

P – É, nem eu sabia. Estou sabendo agora, da lista. Minhas tias sempre falavam muito os nomes. Era comum nas conversas as pessoas falarem o sobrenome, o nome e o sobrenome. Então me lembro muito desses sobrenomes citados nas conversas em família: Galdini, Bortolin, Cóstola, Frenedoso, Fontebasso, Romano, Machadinho, Bortolozzo, Catai... Agora, parece que dá um branco, a gente quer citar mais e não consegue. A lista de matrícula da escola deve ter todos esses sobrenomes antigos. Das décadas dos 30, dos 40. Dos anos 20, não é isso?

Todas essas coisas mais antigas têm um valor histórico. Tem algo de arte em tudo o que você vê. Olha essas fotos aí. São artísticas. Não sei se eu vejo essa época com os olhos da infância, da adolescência. Mas eu acho ela assim, tão mais bonita! E tem outra coisa: você está vendo agora essa degradação ambiental... Eu me recordo que quando vinha passar as minhas férias aqui, na década dos anos 50 – eu nasci em 1939, no dia em que começou a II Guerra Mundial, 2 de setembro de 1939... mas eu sou de muita paz –. Bem, eu me lembro que naquela época, o ambiente e o clima eram diferentes. Era tudo mais limpo. Agora as coisas se emboloram com essa água que nós temos. Até a grama, a relva era cheirosa. Era gostoso deitar nela. Tem muito valor essas sensações que se tinha pelo cheiro, pelo olfato. Os poentes eram maravilhosos, com aquela poeira suspensa na linha do horizonte,

principalmente em julho, na época de inverno. O clima era diferente. Tudo era mais limpo. Eu tinha essa sensação de limpeza naquela época. Engraçado, agora eu não tenho isso. Eu não vejo mais isso.

H – Na época de criança, eu me lembro, tinha caçadores em Corumbataí. O pessoal tinha espingardas em casa. Então era muito comum ver o Arlindo Báccaro, por exemplo, sair de sua casa com uma espingarda a tiracolo e, conversando na rua com as pessoas, dizia “Vou lá matar umas perdizes” e não sei o que mais. Então era comum ver pessoas com espingardas que iam caçar. Hoje, jamais, se o cara sair com espingarda, eles prendem. Vai preso, se sair com uma espingarda.

P – Quando eu era criança e morava em Itirapina, meu pai saía às vezes, em fim de semana, para caçar codorna e perdiz. Saía com um grupo de amigos, pelo meio do mato, no cerrado e voltava trazendo codornas e perdizes. Hoje não tem mais isso. Ainda bem.

H – Eu acho que agora os animais estão voltando: muitos pássaros, por exemplo, parentes de pombas, pomba-do-ar, rolinhas e pomba-amargosa, várias espécies de pombas que não existiam em Corumbataí. Pelo menos essas espécies de pombas não se viam por aqui; eram muito ariscas. Hoje são muito comuns. E elas nem se importam muito com a gente: a gente passa de carro e elas estão ali na beira da estrada e continuam ali se alimentando, sem voar. Periquitos estão voltando, maritacas. Tem um outro periquito que agora está surgindo aos bandos por aqui.

P – Garça também, voltou. Há alguns anos atrás não tinha.

H – Essas garças que acompanham o gado hoje não são as garças que nós tínhamos na várzea antigamente; são de outra espécie.

P – Não, eu digo garça, aquela branca que ficava nas várzeas. Quando a gente passava de trem, perto da estação de Ferraz, tinha um charco grande cheio de nenúfares lilases. Era um espetáculo tão lindo de ver... E garças por ali, sabe? Então, aquele contraste do lilás com o branco no meio do verde, era realmente muito bonito.

H – Essas aves não aparecem mais porque acabaram as várzeas e acabaram os peixes que ficavam nas várzeas, naquelas lagoas marginais. Hoje quase não tem mais, por causa da retificação do rio.

P – E tinha o charco também aqui, não só as várzeas; mas depois da retificação... Então aconteceu algo, acho que faz uns três ou quatro anos mais ou menos, deu uma infestação muito forte de besouros aqui na vila... – eu chamo a cidade de vila. É um hábito que vem desde a infância porque era assim que eu ouvia na casa do meu avô. – Sabe uma jabuticabeira, quando as jabuticabas maduras caem e forram o chão? O chão fica cheio daqueles pontinhos pretos? Era assim em volta dos postes de luz à noite. Os besouros forravam o chão. Agora eles estão rareando de novo porque deve ter aumentado o número de sapos. Esses predadores naturais estão trazendo de volta o equilíbrio. Não se vê tanto. Mas eu nunca tinha visto isso antes não.

H – Nesse córrego aqui em baixo, no limite de meu sítio, a várzea era larga e um dos métodos de pescaria que a gente tinha quando criança, até uns 12 anos, era descer até lá na época da seca e, com auxílio de enxadas, pás, enxadões, cavoucar a margem e jogar os terrões no leito do riacho. Assim o leito ia se enchendo de terra, até formar uma espécie de represa; quando represado, o rio desviava o curso, correndo para um outro lado da várzea, até desembocar mais abaixo num outro ponto do leito original. E naquele trecho do leito anterior a água ia diminuindo; assim a gente pegava todos os peixes que ficavam ali nesse trecho. Então se enchia uma lata de peixes pequenos porque ali não tinha peixe grande. Depois se repartia os peixes apanhados.

P – Muito gostoso.

H – Era uma das diversões essa pescaria. Hoje em dia é impossível fazer isso porque o rio está encaixado. Totalmente. Se você percorre hoje o riacho aí em baixo, dá para ver aqueles extratos no barranco de três metros mais ou menos, quatro metros... quatro metros não chega, mas uns três metros. O leito afundou e deixou um barranco, de três metros por quase toda a extensão do riacho. Ou seja, todo aquele material depositado ali durante algumas décadas, formou aquela várzea de sedimentos e o nível do leito subiu. Depois ele foi novamente afundado com a retificação do rio Corumbataí, sulcando os sedimentos e

deixando à mostra as camadas no barranco. Então a história de Corumbataí tem várias etapas em vários aspectos. Eu acho isso interessante.

P – Uma das coisas que acabou, depois da retificação do rio, foi o caçador de rã. A família do meu avô era grande. Eram seis moças e seis rapazes, quatorze com os pais. Naquela época, assim que alagava, meus tios diziam: “Ah, essa noite nós vamos caçar rã”. Então eles se muniam de várias coisas, lanternas principalmente. No dia seguinte, na hora do almoço, por exemplo... Quem nunca comeu rã não sabe o que é, que delícia que é. Então tinha rã, sabe? Como prato principal. Mas depois... Isso já é história do passado. Isso aí também acabou.

H – Ah, os peixes... Sempre teve muito lambari no rio. Peixe pequeno sempre teve muito. Sempre... Eu, quando criança, sempre peguei muito lambari com anzol... A criançada toda, todo mundo ia pescar lambari. Mas não tinha peixe grande. Não tinha peixe muito grande. Isso era consequência também da barragem que foi feita lá em Rio Claro, na usina hidrelétrica do rio Corumbataí. Lá foi construída aquela barragem, e eu acho que ela impediu a subida de peixes maiores. Houve uma época em que a represa se rompeu. E aí houve uma conexão da parte alta com a parte baixa, e começou a aparecer em Corumbataí alguns peixes que naturalmente não havia por aqui, como a piapara, por exemplo, um peixe que chega até a 4, 5 quilos. Então, eu me lembro bem, o pessoal ia pescar piapara. Mas depois, novamente, se refez a barragem lá em baixo e aí desapareceram os peixes grandes totalmente. Eu acho que a represa tem alguma influência na qualidade das espécies de peixes que tem aqui para cima. Então o que sempre predominou aqui foram os lambaris-de-rabo-amarelo, lambaris-de-rabo-vermelho; a gente pegava fieiras enormes: cinquenta, sessenta, cem peixinhos e vinha para casa com uma fieira enorme ou o embornal cheio. Dependia também da época; na época da migração se pegava mais. Com essa isca de siriri era uma facilidade muito grande: o anzol caía na água e zás... Nesse riacho aqui, quando criança, eu me lembro de ir pescar à noite várias vezes, mas havia uma quantidade de pernilongos terrível. O meu primo inventou de passar esse inseticida na pele pra evitar os pernilongos. Como é que chamava? Não era repelente não, era inseticida.

P – Detefon?

H – Detefon. Passava no braço e no rosto. E a gente ia pescar meio ensopado de inseticida.

P – Vocês não conheciam citronela. Muito melhor passar uma coisa assim saudável do que...

H – E a gente pegava muito peixe. Aí se pegava traíra, um peixe que sempre teve muito nessa época em que se tinha a várzea. Meu avô era um pescador inveterado de traíra; ele já estava com 70, 80 anos e ia pescar todo dia. Então todo dia tinha traíra no almoço e no jantar em sua casa.

P – Naqueles covos, que meu avô e meus tios armavam, vinha tudo isso: lambari, traíra, bagre...

H – Bagre a gente pegava à noite também. Traíra ao entardecer e bagre à noite; também as tuviras, o chamado peixe-espada, também tinha bastante e se pegava à noite. Hoje eu não sei como é que está aí no riacho. Tenho essa idéia de fazer uma outra coleta para saber a composição da fauna, mas até hoje não fiz. Falei sobre isso lá para meu aluno, o Flávio, e ele disse: “Podemos fazer juntos” e tal, e eu falei: “Podemos...”

P – Outra coisa gostosa também era ir pescar no rio, de vara. A isca era minhoca e quando não era minhoca a gente preparava uma misturinha com fubá, dava uma massinha, então fazia uma bolinha e colocava no anzol. Mas o melhor mesmo era nadar no rio. Eu ia sempre com minha tia Júlia. E quando a gente nadava no rio, na época de ingá, eles vinham rodando pela correnteza. Então passavam assim bem perto. Era só pegar, abrir e comer. Aquele ingá delicioso, madurinho, que tinha nas margens. Nos ingazeiros. Outra coisa interessante daquela época eram as lavadeiras do rio Corumbataí. Alguém já citou isso para você? Tinha aquelas tábuas compridas. Era uma armação de madeira. Parecia essa parte do tanque onde a gente esfrega a roupa, sabe? Era um banco de madeira que só tinha dois pés numa extremidade. Era uma prancha comprida que descia até a água mesmo. Então as lavadeiras ficavam ali, ajoelhadas, com aquela pilha de roupa... Eu me lembro, minha tia Elena lavava as roupas. Meu avô e meus tios eram agricultores. Aquelas roupas sujas que vinham da lida no campo... ela ficava ali esfregando e punha para quicar ao sol. Depois de limpas, as peças eram colocadas nas cercas de arame farpado, para secar. Podia ventar que não caíam. Em compensação furavam o tecido. Quando ameaçava chover, todo mundo corria para ajudar a recolher a roupa. Desde essa ponte, ao longo das duas margens, tinha

essas pranchas de madeira onde as lavadeiras lavavam roupa. Porque a água era limpa. O leito era baixo. Espreado. Então era algo que depois, com a retificação, também acabou. Isso fazia parte do folclore aqui da cidade, do cotidiano daquelas pessoas irem lavar roupa no rio. Faziam o sabão em casa, o sabão de cinza, naqueles tachos enormes. Eu me lembro, a minha tia fazia muito disso. E depois cortava aquela massa redonda, muito grande. Cortava e ficava na tulha, armazenado lá. Quando precisava de um pedaço de sabão ia lá buscar. E funcionava, o sabão era muito bom. Limpava muito bem. Era feito de uma mistura de sebo, cinzas, etc. Era uma receita própria delas. Todos os ingredientes vinham dali mesmo, do próprio sítio. Naquela época o fogão era a lenha e o forno, que ficava lá fora no quintal, também era a lenha. Ficava protegido, em baixo do rancho. Faziam pão em casa, faziam tudo em casa. Não tinha geladeira, armazenavam a carne em latas de 20 litros. Matavam o porco, derretiam a gordura e a carne cozida ia para dentro da gordura, para proteger e não estragar. Essa carne depois era cozida junto com o arroz. Era chamado arroz de suã. Delicioso. E a horta... Todo casa tinha a sua. Então, o que fosse preciso era só buscar ali, não tinha agrotóxico, não tinha nada. Como fertilizante só estrume de vaca e cavalo e muito zelo. Era uma maravilha, viu? Mas as lavadeiras, hein, Heraldo? Pelas margens do rio aqui, era uma coisa muito bonita. Era um trabalho muito duro, mas muito bonito de ver. Diferente.

H – Meu pai era dentista prático; naquele tempo muitos dentistas eram práticos, ou seja, aprendiam com outro dentista, assumiam a profissão e iam em frente. Meu pai nasceu em 1903.

P – Seu pai? 1903?

H – Portanto, no final da década de 20, ele devia ter 20 e poucos anos. Ele morava em Rio Claro, num sítio; meu avô tinha um sítio na estrada da Rua Seis, em Rio Claro. Ele nasceu e passou a juventude no sítio e numa oportunidade veio aqui para Corumbataí para o casamento de algum parente; ele ficou na casa de seu tio que era Infanger. Infanger era o sobrenome da minha avó, casada com esse meu avô lá de Rio Claro. Ela tinha um irmão que morava aqui em Corumbataí e meu pai veio com outros familiares, ficando em sua casa. Acho que esse foi o primeiro contato dele com Corumbataí. Ele passou a vir outras vezes para cá, e depois surgiu essa oportunidade de aprender odontologia com um dentista que morava aqui. Então ele e o Zezinho – José Hebling, que depois se mudou para Rio

Claro e já faleceu também – aprenderam odontologia com esse dentista. Isso deve ter sido lá pelo final da década de 20. Tendo aprendido odontologia, meu pai montou um gabinete e começou a funcionar aqui em Corumbataí, quando ele ainda era solteiro. Mas ao mesmo tempo ele ia atender lá na Jacutinga. Ia a cavalo uma vez por semana e atendia o pessoal daquele bairro, onde tinha muitos parentes da família Britski. Acho que isso continuou por alguns anos. Em 1933 ele se casou com minha mãe Olinda Doimo. Quando eu era criança, ele já tinha deixado a Jacutinga, mas passou a atender em Ajapi, que naquele tempo era chamada de Morro Grande. Então ele pegava o trem, não sei se era uma ou duas vezes por semana, ia até Morro Grande e voltava também de trem para cá. Eu devia ter já uns 3 ou 4 anos, quando ele já tinha um dinheirinho para comprar um sítio. Então ele comprou esse primeiro sítio a que me referi, que devia ter uns 10 alqueires mais ou menos.

Embora fosse dentista, ele gostava mesmo era das atividades de sítio, de fazenda. Comprou esse primeiro sítio exatamente nessa fase em que o pessoal mais antigo, que tinha comprado lote do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, já estava com as terras se esgotando e já não produziam mais. Era a fase que estava passando para a pecuária, a pecuária de leite. Meu pai adquiriu esse primeiro sítio e na seqüência foi adquirindo outros. E ele também teve sorte. Sorte ou talvez visão dele naquele tempo, não é? Ele começou a cultivar eucaliptos, a produzir as mudas de eucaliptos, ele mesmo. Ele podia comprar as mudas, mas acho que era mais barato naquela época pôr um empregado que fosse cultivando essas mudas de eucalipto. Então plantou, nesse primeiro sítio, plantou cerca de nove alqueires de eucalipto. Isso foi mais ou menos em 1937, 38 talvez. Acho que foram 40 mil pés de eucalipto. Naquela época era um investimento grande. E nesse momento, ele já tinha comprado um outro sítio de frente para esse dos eucaliptos, uma outra parte da fazenda Guaraciaba. Plantou nessa primeira parte da fazenda Pico Alto esses eucaliptos, e aí foi uma seqüência: foi ampliando a atividade, começou a comprar gado leiteiro, pôs empregado para tirar o leite. Em toda região se começou a explorar essa atividade; o Pedro Dolce também e outros, como os Duckur: muita gente envolveu-se com o gado leiteiro. Começou a mudar o panorama, nada de agricultura mais. A agricultura era pequena já nessa época de 1940 e um pouco para frente. Eu me lembro que quando criança eu passava lá na estação da estrada de ferro e já existiam alguns panfletos de propaganda incitando os lavradores a cuidarem das terras, fazendo plantações em curvas de nível. A propaganda era assim: de um lado aparecia um lavrador pobre, com as terras todas erodidas porque ele não tinha feito curvas de nível no terreno; do outro um lavrador bem sucedido, com terras bonitas, cheias de curvas, acompanhando a inclinação do terreno, tudo direitinho,

mostrando que tinha que se cuidar das terras. Mas aí já era tarde, o solo de Corumbataí era muito fértil originalmente, mas muito sujeito a erosão, argiloso. E nessa época da década de 40, que eu comecei a ir à escola, devia ter 8, 9, 10 anos, os terrenos já estavam todos erodidos e os sedimentos foram formar a várzea do rio. Então, de certa forma, a pecuária, substituiu a agricultura por uma questão lógica. Não tinha outro caminho a seguir. Tudo isso aqui no meu sítio era área de agricultura, nessa área toda, e virou tudo pastaria. E também, vamos dizer assim, a própria fase da pecuária de leite acabou, quando o leite se tornou uma coisa extremamente barata. Hoje em dia um litro de leite não vale nada. O José Eduardo, meu irmão, fala que, na época em que meu pai vendia leite para a Nestlé, um litro de leite valia igual a um litro de gasolina; hoje um litro de leite vale um quinto, um sexto de um litro de gasolina. Hoje me parece que pagam 30, 40 centavos o litro de leite ao produtor. Quando, depois de 7 anos, meu pai deu o primeiro corte no eucaliptal, ele recebeu um bom dinheiro. Aí ele investiu, comprando uma outra fazenda lá para o lado do Santo Urbano, de um senhor chamado Zampim. Depois ele comprou uma parte da fazenda Pico Alto e comprou outras fazendas. Quando, num determinado momento, ele resolveu dividir as propriedades dele entre os filhos, já tinha uma fazenda para cada um. Naquela época o alqueire neste sítio aqui, sendo perto da cidade e estando na época ainda do gado leiteiro, valia muito mais que naquelas propriedades. Aqui estamos com 50 e poucos alqueires, mas lá para cima eram 130 alqueires para cada um dos meus irmãos. Na divisão, que foi feita por sorteio por meu pai, cada um ficou com uma propriedade. O valor delas era mais ou menos igual. Depois a coisa se inverteu: aquelas terras que eram de cerrado, pobres, que produziam pouco, hoje têm grande valor. Os terrenos planos, hoje, têm muito valor. Ou seja, eu fiquei com a parte menor, mas estou satisfeito assim. Mas meus irmãos ficaram proprietários de áreas com mais que o dobro, quase três vezes da minha. As terras de cerrado começaram a adquirir valor recentemente, começaram a corrigir a acidez do solo com calcário e elas começaram a produzir mais, começaram a plantar cana, etc.

Meu pai pegou exatamente essa fase de transição: da lavoura, do cultivo intensivo das terras com lavouras de batata, algodão, etc., para esse período que passou para pecuária leiteira. O pessoal da zona rural queria vender suas terras, ir embora para a cidade, trabalhar na indústria para ganhar mais. Alguns poucos, mesmo tendo apenas 10 hectares de terra continuaram aqui, pois no geral tinham família pequena e deu pra continuar. Mas muitos, muitos foram embora. Muita gente. Uma grande migração. Muita gente foi para o Paraná. Houve uma época que começou a se desenvolver a área do norte do Paraná, na década de 40, talvez 50, lá por Maringá e Londrina. Maringá é uma cidade nova,

novíssima, muito recente. E o pessoal começou a migrar para lá: vendia aqui para comprar lá. Para Americana foram muitos para indústria de tecidos; outros para São Paulo. Hoje em dia tem gente derivada de Corumbataí por todo o estado e fora do estado também. Foi uma necessidade. Por isso é que esse geógrafo – Não é? – diz que seria interessante estudar o assunto sobre esse aspecto social. O que acontece com essas áreas que são ultra-divididas e vendidas a preço baixo? Que acontece no final disso tudo? No final, você veja aí neste mapa de meu sítio: ele é a reunião de 1um, dois, três, quatro, cinco..., seis propriedades. Agora esse vizinho meu, desse lado, o primeiro aqui, comprou este lote e uniu com o seu anterior e está plantando eucalipto em tudo. Se você olhar para lá, você só vê eucalipto. Então estamos entrando numa outra fase aqui em Corumbataí. Uma outra fase. Esse meu vizinho, o José Antonio Padovan, planta eucalipto, mas ele mesmo corta, ele mesmo empilha e vende. Então ele trabalha no seu sítio, mas faz também serviços como autônomo. O eucalipto está num bom preço hoje em dia: trinta reais o metro cúbico, daí pra mais. A gente sempre contrata o José Antonio para fazer algum serviço aqui no sítio. Eu também tenho um pouco de eucalipto aqui em cima, que meu pai plantou. Alguns eucaliptos são muito altos, como você pode ver daqui, pois não foram cortados e hoje são toras de 80 centímetros de diâmetro, um metro; de vez em quando seca um desses eucaliptos, não sei se por velhice ou se devido a alguma doença. Aí ele tem que ser cortado. Outro dia o José Antonio foi com sua moto-serra cortar um desses eucaliptos secos e deu seis toras de quatro metros de comprimento, além de muita lenha que sobrou dos galhos. Deu seis toras! Então é mais ou menos essa a história da nossa vida aqui, da nossa relação com esse sítio. Tudo devemos ao nosso pai e nossa mãe também, que estava junto, lutando.

Depois do grupo escolar, eu tinha que cursar o ginásio, mas aqui não tínhamos esse curso – Naquele tempo era o curso ginásial. – Então, em 1946, eu fui estudar em Rio Claro; fui para o ginásio Koelle. Como não estudava muito, fui reprovado e, no ano seguinte, fui estudar em São Carlos. Fiquei 4 anos estudando lá no Ginásio Diocesano de São Carlos; isso foi nos anos de 47, 48, 49 e 50. Fui então fazer o curso científico em Rio Claro, de 1951 a 53. Depois fui me preparar para a faculdade; fiquei um ano aqui em Corumbataí e depois fui para São Paulo; ingressei no curso de História Natural da Universidade de São Paulo e, acabando o curso, fiquei por lá mesmo.

Todos esses anos que estudei fora de Corumbataí, tive que pegar o trem, porque não era época do transporte rodoviário. As estradas eram de terra, então era muito complicado o transporte rodoviário. O trem era o melhor meio de transporte. Para São Carlos, eu pegava

o “trenzinho”, ia até Rio Claro, depois pegava a larga (bitola larga), como se dizia, porque aqui a bitola era estreita.

P – Eu vinha de Itirapina, junto com meus pais, Lyria e José Calderini. Fazia baldeação em Rio Claro e pegava o trenzinho, a estreita, pra vir para cá. Uma das coisas que eu mais lamento, dessa época, foi terem desativado essa malha ferroviária que atendia todas essas cidadezinhas. Foi uma pena. Hoje em dia faz muita falta isso. E aqui em Corumbataí, as pessoas não tiveram, como em Analândia, a idéia de preservar a estação e fazer um museu, uma Casa da Cultura... Fazer algo que preservasse a história da cidade. Eles acabaram com essa construção, foi uma pena, uma coisa lamentável que foi feita aqui. Não preservaram a estação... A memória. E a perda do “trenzinho”. Quem conheceu, quem usou, sente falta até hoje. O trem, isto é, a estrada de ferro, passava em frente da casa do meu avô. Por esse motivo a rede elétrica não chegava até a casa. A casa era junto da vila, mas não tinha energia elétrica. Era tudo na base do lampião e da lamparina. Quando eu tinha 18 anos não havia banheiro com chuveiro elétrico. O rádio era de pilha. Já pensou a gente se arrumar, se pentear e se maquiar para subir lá para vila, para os bailes que tinha no Salão e o “footing” no jardim, fazer tudo só com luz de lamparina? E as improvisações. Para o chuveiro, meu tio Danilo adaptou uma lata de 20 litros com um chuveiro embaixo. Isso ficava na tulha. A lata ficava suspensa no teto, presa na parede por uma corda com roldana. Tínhamos que levar um balde com água quente para colocar dentro dessa lata adaptada. Tomávamos banho de chuveiro assim. Para não tomar banho de bacia, que é anti-higiênico. Era tudo um folclore, sabe? Mas dá saudade. Mesmo com toda a trabalhadeira, dá saudade dessa época. Quando chovia e tinha baile no Salão – onde hoje é o Centro Comunitário – minhas tias e eu tínhamos que subir um quarteirão e meio cheio de barro, passando pela Coloninha. Em frente do Salão, do outro lado da rua, tinha uma cerca com ciprestes e nós deixávamos os sapatos velhos sujos de barro escondidos ali e calçávamos os outros limpos para ir dançar. Na volta, repetíamos o mesmo processo e íamos para casa dormir, amassando barro e conversando alegremente sobre o que havia acontecido de importante para cada uma. Bons tempos aqueles. Era preciso muito pouco para sentir alegria.

H – Época boa essa do trenzinho.

P – Era a alma da cidade. Era a alma da cidade.

H – É verdade, era. Tinha a jardineira também.

P – Não podiam conviver, as duas coisas?

H – A jardineira fazia o caminho aqui por baixo, por Ajapi, Ferraz; para a Jacutinga não existia conexão por aqui; quer dizer, existia, mas não era utilizada. E depois era muito mais prático o trem. Viajava-se de jardineira também que fazia o percurso até Rio Claro diariamente. Seu proprietário era o José Alexandre.

P – Isso, José Alexandre. Ou era carro para quem tinha, ou era o “trenzinho”. Veja só, um país tão grande como o Brasil, não é? Que necessita de uma rede ferroviária boa, acabaram com isso. Nos outros países todos, sempre foi preservado...

H – Países da Europa.

P – A Índia, por exemplo, um país que sempre foi pobre, tem uma rede ferroviária Nacional.

H – Mas eu acho que existe uma tendência nas pessoas, generalizada, de... – E isso é algo de natureza psicológica. – de reclamar das coisas.

Quando eu era criança aqui em Corumbataí, eu me lembro que tinha uns dois ou três carros, automóveis. Um automóvel era do Gibimba, que fazia transporte de aluguel, um taxi. Os Perin tinham um automóvel e talvez também os Venturolli. Eram uns três automóveis na cidade.

P – Família Duckur.

H – Caminhão também tinha alguns. Então a movimentação toda era por charrete, carroça, cavalo. As calçadas todas tinham aquelas argolas na frente das lojas para amarrar o cavalo. A vida era muito mais difícil: o fogão era a lenha, não existia outra coisa senão fogão a lenha; você tinha que arrumar lá um montão de lenha seca, fazer fogo, esquentar a chapa do fogão para fazer a comida. Geladeira...

P – Depois veio a serragem. Não era mais lenha.

H – Alguns aproveitavam o pó de serra da serraria para fazer o fogo no fogão. Mas geladeira não tinha, no meu tempo de criança. Era a década de 30, 40, não havia geladeira. Rádio, poucos tinham. Lá em casa tinha um rádio; meu pai era dentista, então podia ter um rádio. Poucas pessoas podiam comprar um rádio. Televisão ainda não existia. Enfim, a vida era muito mais difícil, para o homem e para a mulher. Mas à medida que foi passando o tempo, todas esses avanços tecnológicos facilitaram muito as coisas. Um idoso hoje fica em frente à televisão assistindo seus programas, tem o fogão a gás, tem a geladeira; qualquer casa tem uma geladeira. Mas parece que as pessoas estão desgostosas da vida e comentam “Não, porque está ruim”. Eu observava muito esse descontentamento em minha mãe. Se você assiste programas de televisão, vê que se transmitem notícias desagradáveis, em grande maioria; é assalto, é roubo, é o governo que não faz isso, “governo ladrão” e uma série de coisas negativas. Então ela reclamava, eu me lembro que ela reclamava das coisas e eu dizia para ela: “Mãe, você não acha que melhorou a vida?”. E recordava todos esses avanços tecnológicos; há 40, 50 anos não havia todas essas... esses aparelhos, todas essas facilidades que a gente tem hoje. “Não melhorou?” “É, melhorou, mas não está bom.”, dizia ela. “A coisa está ruim, sabe?” Mas no fundo era só a influência desses pensamentos alheios, que jornais, revistas, rádios, transmitem: uma insatisfação que é transmissível. Eu acho que antigamente não existia isso. Por exemplo, ocorria um desastre lá na China, você ia saber depois de.... Um tsunami lá na Índia, chegava a notícia: “Ah, sabe que o ano passado ocorreu lá na...”.

P – Não afetava o ânimo de momento.

H – Então, as pessoas não têm muita defesa contra essas notícias. Não sabem filtrar essas coisas, são muito sujeitas; então, esse avanço todo não trouxe felicidade para as pessoas. Pelo menos no que eu posso observar, as pessoas não são mais felizes por isso. E eu acho que essas coisas todas estão muito relacionadas com essa influência da mídia. Transmitindo notícias...

P – Negativas.

H – É, notícias que repercutem nas mentes de uma forma negativa. E as pessoas, indefesas, não conseguem filtrar essa coisa; poderiam pensar: “Olha, não tenho nada a ver com isso”.

O cara morreu lá não sei onde: um esportista, com motocicleta, tentando saltar sobre cinco carros, morreu. E daí? Não foi ele que quis arriscar a vida? Não é? Tem que ter um jogo de cintura, mental, para deixar essas coisas de lado e pensar em outras coisas. Mas essas coisas é que ficam depois dominando as mentes. Então eu vinha de São Paulo para cá e minha mãe falava: “Por que lá não sei onde, lá em São Paulo, ocorreu um roubo, um acidente, ou outra coisa qualquer.” Eu não estava nem sabendo, e ela, relatando casos terríveis que aconteceram na cidade de São Paulo, preocupada comigo. Mas isso ocorre hoje em todo lugar: procuram atrair a atenção das pessoas com notícias alarmistas e poucos são os que conseguem escapar dessa rede de intrigas, eu diria, uma rede de intrigas. Há pouco se estava falando sobre esse último show que houve lá em São Paulo, recentemente; um acidente lá num shopping em que pisotearam pessoas e morreram pessoas. Eu estava dizendo para eles que eu não vou a lugares que tenha essa gentarada. E vão todos atraídos pelas notícias da mídia. Eu, quando já era jovem, ainda jovem...

P – Mesmo quando era jovem eu não ia. Evitava.

H – Eu me lembro de ter dito para mim mesmo: “Não existe filme, por melhor que seja, que eu não possa perder, que não possa assistir na minha vida”. Porque parece que se um filme foi produzido, então você tem que assistir, pois se não assistir você estaria perdendo – faz crer a mídia – uma coisa tremendamente importante. Por que tem que assistir? Não, não tem que assistir, não precisa assistir. Então não existe filme, por melhor que seja, que eu tenha que assistir, obrigatoriamente. Mas a mídia produz uma coisa tão forte que você tem que assistir, que aquilo é importante na vida. Não é nada. Eu acho que um filme que não for ver, um livro que você não ler também não faz a menor diferença; é tudo a mesma coisa. Mas essas pressões de idéias e pensamentos ocorrem em todos os ambientes e formam-se assim aglomerações muito grandes em locais não adequados. Eu estou lendo um livro agora que se chama “A Caixa Preta de Darwin”. Você conhece Darwin, o criador da teoria da Evolução? Como estou nesse meio científico relacionado com zoologia, esse assunto do Darwin está na roda. O autor desse livro apresenta argumentos contrariando a proposta de Darwin. Diz que não dá para aceitar a teoria porque ela é muito simplista: as modificações que ocorrem por acaso e a seleção dos mais aptos, é essa a Lei de Darwin. Mas a natureza é muito mais complexa do que isso. Então existe muita gente, hoje, que não concorda totalmente com a teoria, e esse é um deles, um bioquímico. Então, eu estava pensando hoje: “Puxa, eu estou num ambiente que se fala muito disso e tal, mas as pessoas

por aí nem sabem da existência do Darwin, não sabem nem quem ele é, e estão vivendo do mesmo jeito, da mesma forma”. E, às vezes, para algumas pessoas de nosso meio, parece que aquilo ali é a vida. Eu tenho visto colegas que exageram. Eu acho que tudo isso, essas modificações todas, ambientais, sociais, elas têm muito a ver também com essa parte psicológica. O ser humano tem que evoluir também nessa parte, ter defesas mentais contra idéias diversas, como por exemplo a das crenças que propagam cada coisa... Os caras fazem cada absurdo devido ao fanatismo. Eu acho que o grande mal está aí, em não conhecer essa realidade interna e se equilibrar frente a essas situações que ocorrem. Isso é o pior de tudo. O sujeito enche o corpo de bomba e vai lá matar o outro, supondo que vai para o céu, não sei para onde. Quer dizer, são verdadeiros teleguiados, não são mais humanos, não têm nada que caracterize um ser humano, racional, sensato. Estão completamente dominados.

P – Foram inculcados já desde a infância para dar a vida por uma causa “nobre” como essa. São essas brigas entre grupos religiosos. Quer dizer, é uma aberração encaminhar uma vida, desde criança, para ser um homem-bomba. E eles aceitam isso como sendo a coisa mais sublime que pode acontecer com um ser humano, o supra-sumo da felicidade. Então, nesse século que nós vivemos ainda tem essas... aberrações, fanatismos. Desvirtuamento de conceitos básicos de vida. Desvio de valores morais. A juventude está desorientada porque esses conceitos básicos se perderam. Foram deturpados, mudados, então estamos vendo agora os resultados disso, não?

H – Eu comecei a estudar, a me interessar mais por História depois de um certo tempo. Comecei a investigar a história da minha família, da família Britski; o nome original é Britschgi, com “chgi” no final, não Britski; a modificação foi feita aqui no cartório de Corumbataí por um tal de Otávio Guimarães. A família Britschgi é de origem suíça. Um dia, lá pelo começo da década de 90, visitou-nos no Museu de Zoologia um colega de Genebra, Claude Weber, que ficou lá no Museu um tempo. Eu disse a ele, numa de nossas conversas, que era de descendência suíça. Ele voltou para a Suíça e, no ano seguinte, vindo novamente ao Museu, ele me trouxe uns frios, falou: “Olha, eu acho que esses frios são fabricados na terra de onde vieram os seus ancestrais”. Mais tarde, numa outra oportunidade, eu recebi um cartão dele dizendo: “Heraldo, o mundo é pequeno e a Suíça é menor ainda”. Acompanhando o cartão, tinha uma carta escrita em alemão, dirigida a ele lá na Suíça. A carta era de um tal de Ignaz Britschgi. Fiquei sabendo depois que, viajando de

avião, o Claude viu na lapela de uma aeromoça o sobrenome Britschgi. Perguntou-lhe, então: “Ah, Britschgi, de que área vocês são? Onde vocês moram? Eu tenho um amigo no Brasil que é Britski”. Ela disse a área e ele depois procurou na lista telefônica, encontrando o nome do Ignaz Britschgi; escreveu para ele dizendo que tinha um amigo no Brasil e perguntando se ele se interessava pela família. O fato é que ele escreveu exatamente para o sujeito que lá na Suíça era um interessado na genealogia e história dos Britschgi. Aí o Ignaz escreveu para ele, respondendo a carta, dizendo que conhecia os Britschgi de Jundiaí, mas que do Heraldo ele não tinha notícia. Chegando a carta em alemão em minhas mãos, eu, que não entendo muito alemão, traduzi a carta com auxílio de dicionário e escrevi para o Ignaz, informando-lhe sobre algumas coisas. Ignaz pensava que só existia um ramo dos Britschgi aqui no Brasil, o de Jundiaí; ele não sabia que existia outro em Rio Claro. Investigando, acabei descobrindo que meu bisavô suíço veio para cá antes do seu primo de Jundiaí. Ali em Jundiaí existe a Colônia Helvécia, e, num determinado ano da década de 80, eles fizeram a comemoração do centenário da Colônia e publicaram alguma coisa sobre a história da migração suíça. Disseram lá que os primeiros colonos suíços do Cantão de Obwalden vieram para o Brasil em 1854; entretanto, e acabei descobrindo que os primeiros imigrantes desse cantão vieram para cá em 1952, ou seja, meu bisavô e outros amigos e parentes dessa região de Obwalden, vieram antes. Assim, eu estava corrigindo um fato histórico. Isso me entusiasmou muito.

Isso tudo coincidiu com o interesse também de uma prima minha, Francis, que se casou com um alemão e foi morar na Alemanha, tendo então oportunidade de visitar os parentes distantes na Suíça, inclusive o Ignaz. Com isso, eu comecei a escrever a história dos Britschgi, entrei em contato com uma tia que era a última das filhas do meu avô, a irmã mais nova do meu pai; ela já estava com cerca de 80 anos quando comecei a entrevistá-la; perguntava e anotava o que ela dizia. Mas ela morreu logo depois. Ela tinha uma memória fantástica e eu registrei tudo o que pude. Ainda não terminei essa história, e agora estou procurando encaixar fotografias no texto. Preciso terminar essa história, mas a sensação é que você nunca sabe tudo. Meu bisavô veio para cá, mas não sobrou documento nenhum. Eu fui até Rio Claro no ano passado, lá no fórum, e fiz um pedido ao juiz para ver os documentos do inventário do fazendeiro Benedito Antônio de Camargo. Meu bisavô foi para a fazenda dele em 1852, quando chegou ao Brasil. Em 1860 esse Antônio Benedito de Camargo faleceu, e o inventário dele mostra que a fazenda, que era relativamente grande, foi dividida entre uns dez herdeiros; depois foi re-dividida entre os filhos desses dez herdeiros e a fazenda se acabou como tal. Hoje, em Rio Claro, não se tem mais uma

fazenda com esse nome no local original, e eu não consegui localizar o lugar da sede da fazenda Boa Vista para onde meu bisavô foi; sei que é do lado da Jacutinga, por ali. Vi no inventário que meu bisavô tinha ainda uma dívida com o proprietário. É que o imigrante vinha de lá com uma grande dívida; ele tinha que pagar a passagem de navio e tudo mais, e permanecia em dívida por muitos anos, sei lá quanto. Chegando na fazenda, ele tinha que comprar comida e outros bens e aumentava sua dívida; até pagar aquilo tudo demorava. Mas no ano de 1860, quando foi feito o inventário, meu bisavô tinha uma dívida em réis que equivalia mais ou menos ao preço de um burro. Era o que ele estava devendo lá para o dono da fazenda. Obviamente, logo depois ele deve ter pago, ficando independente. Só então eu entendi porque todos os meus parentes, os Britschgi, estão por ali, bem perto do rio Corumbataí. Meu avô, por exemplo, tinha um sítio na estrada da rua seis que vinha até às margens do rio Corumbataí. Outros parentes moravam na Jacutinga e muitos Britschgi estão agora em Rio Claro. A história é interessante e começo a ver aspectos muito bons nela. Mas eu não me interessava muito pela genealogia, porque na minha compreensão atual a genealogia é útil para seguir a história através do nome do pai, sempre, do homem, mas o sobrenome da mãe desaparece. Nós herdamos caracteres físicos e psicológicos tanto do pai como da mãe, ou seja, numa análise mais ou menos grosseira, eu tenho 50% de caracteres de meu pai e 50% de minha mãe, que era da família Doimo. Se eu vou a um nível acima, do meu avô paterno, eu vejo que ele era casado com Infanger, então eu tenho 25% aqui dos Britski e 25% dos Infanger; se for para os bisavós, fica 12,5% de Britschgi. Então, a tendência é de se caminhar para zero de caracteres Britschgi. Não é? Então essa genealogia baseada só no nome do pai para mim não quer dizer muita coisa. Então é como se a gente fosse irmão de todo mundo, ao final das contas. O que é mais interessante nessa questão é a história de cada um. Por que meu bisavô teria saído lá de Alpnach, daquele lugar bonito e veio para cá? Nós fomos para Genebra em 2004 e aproveitamos para ir até Obwalden, onde fomos recebidos por parentes distantes. Minha idéia era que a Europa nessa época do século XIX estava numa situação precária, como consequência ainda das guerras napoleônicas: muito complicada as coisas. Os ingleses entraram na era industrial antes dos demais países europeus; em consequência, eles dinamizaram a indústria, por exemplo, de tecelagem e fiação e acabaram com as indústrias de outros países europeus, inclusive da Suíça. Estava tudo entregue às traças lá. Na sequência também houve uma série de pragas de batata na Suíça nesses anos; o país estava empobrecido, saiu gente para todos os lados. Então, minha idéia era que meu bisavô saiu de lá porque estava com grandes dificuldades, passando fome. Mas em chegando lá, em Obwalden, e conversando com os Von Atzingen

– Nós temos uma ascendência também dos Von Atzingen de Obwalden, pois minha tataravô era Von Atzingen. Assim, quem nos atendeu lá e nos acompanhou, foram os Von Atzingen. Além disso, um dos que veio junto com meu bisavô para o Brasil foi Sebastião Von Atzingen –, conversando com os Von Atzingen eu expus a minha idéia e eles a acharam estranha e disseram: “Não... não, foi por isso que saíram daqui?”

P – É... “A questão não é dinheiro”, ela falou, “aqui tem tudo.”

H – É. Então a Peny, perguntou: “Por que seria então? Aventura?”. A resposta: “Ah, não sei, mas não foi por pobreza”. Eu, depois, refleti: realmente quando começa a sair muita gente de um lugar, por situações angustiosas, muitos outros vão junto, às vezes por aventura, às vezes por outras razões, porque todo mundo está saindo... Ocorre que é muito difícil saber exatamente a razão pela qual meu bisavô saiu de lá, se isso não ficou escrito, não ficou manifestado. Muito difícil. Então não sei se meu bisavô veio por essas dificuldades; agora, essa migração em massa foi produto disso mesmo.

P – Dessa época. Por outro lado, a tradição suíça é que o primogênito vai herdar as terras, vai herdar... Sabe? Tudo. E os outros irmãos? Muitos iam para as ordens religiosas, porque não tinham outras alternativas. Se o primogênito ficava com tudo, o que sobrava? Então tinham que buscar fora dali muita coisa. Eu acho que essa foi uma das influências que fizeram aqueles jovens procurar outras perspectivas de vida e sair de lá.

H – Temos agora nossa genealogia, dos Britschgi, desde 1530. Toda a seqüência está lá. Mas as famílias das mulheres todas não aparecem. Muitas outras famílias entraram aí no meio dos Britschgi: Iöre, Wallimann, etc. Lá em Obwalden, eu acho que eles se casaram todos entre eles mesmos. Quando estávamos lá, prepararam um almoço num restaurante e estavam lá os Von Atzingen, os Wallimann e outros. Minha bisavó era Iöre e minha tataravó era Wallimann. É como aqui em Corumbataí onde todo mundo é parente de todo mundo.

P – Até porque são aquelas pessoas que nasceram, viveram e morreram aqui. Nunca saíram daqui, então tudo acontecia aqui. Quando se tornavam jovens se apaixonavam por aqueles que estavam aqui. Com aqueles que estavam disponíveis aos olhos. Não é? Então... Tudo

fica uma grande família. Uma grande família. Estava vendo aqui nessas fotos tem o Vander, tem o Fábio...

H – Ah, tem mais fotos? Eu não vi.

P – Tem aí o irmão mais novo do Heraldo, o Vander; tem o Fábio, que é o nosso sobrinho, numa foto aí ele está bem jovenzinho. O Vander também jovem, no casamento da Cinira Picolli.

H – Esse senhor João Batista Perin ficou cego depois de certa idade.

P – É mesmo?

H – Quando o conheci, ele já era cego e ficava lá no armazém – Casa Marconi –, sentado lá, conversando.

P – Passando o tempo.

H – Quando eu era jovem, às vezes ia ao armazém e o Tônico, um de seus filhos, falava: “Pai, esse é o filho do Valentim, o Heraldo.” Aí o velho Perin dizia: “Ah, o Heraldo. Como vai?” Ele ficava muito satisfeito de conhecer outras pessoas.

P – Em que década isso? Ah, década do anos 10. Faz tempo.

H – O Pedro Cóstola, foi empregado de meu pai durante muitos anos. E o Bertin, irmão dele, foi também amigo de meu pai durante muito tempo e se associou a ele em vários negócios. O Alcides era o mais novo dos irmãos Cóstola.

P – Minha irmã, Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, é professora de geografia na UNESP em Rio Claro. Ela fez a tese de doutoramento e... sobre o que foi mesmo a tese? Sobre a atuação da sensibilidade na geografia. Foi algo inédito, uma coisa super diferente. Foi uma contribuição à ciência. Essa parte sensível... Os sentimentos estão ali presentes, sempre, é o ser humano. O ser humano por completo. Tem que haver esse lado humano do cientista, até mesmo do matemático ou seja lá o que for. E as sensações que ele tem? E as

experiências que ele tem? As vivências que ele tem nessa área? Não é? É de um ser humano, com toda essa parte emocional, sentimental. Tudo isso. Emotiva. Isso tudo tem a ver, isso tudo. Todas as áreas na ciência têm esse lado humano, não é? Não é só uma ciência pura, fria, não é isso. É um ser humano interagindo. Muitos cientistas não pensam assim e perdem uma grande oportunidade de ampliar seu campo de visão, de conhecimento... Por causa dessa barreira. Não conseguem transcender, extrapolar isso. Só vê aquela parte científica, e não é assim. E o ser humano que chegou ali? Ele não tem valor nenhum? Como é que é? Tem relação sim, tanto a parte física como a psicológica. Essa coisa psicossomática. Não é só mente, não é só corpo. São as duas interagindo. Em qualquer profissão é assim. Não é o ser humano que está aí? A menos que seja computador, robô, isso é outra coisa. Mas o ser humano é o ser humano. Com toda a sua complexidade. Tem que levar em conta; quem não leva está perdendo uma grande oportunidade. De melhorar um pouco mais. Valorizar mais as pessoas, os sentimentos... Experiências de uma vida. Converse com alguém de 90 anos aí para ver quanta coisa ela aprendeu, não é? Essa parte é importante, quem menospreza isso... Nunca vai ser um ser humano completo. Essa parte do que está sentindo. Não pode ser posta de lado. Mesmo você no seu trabalho... quanta coisa. Você é formada em matemática, mas quanta coisa de humano você tem que resgatar? Está resgatando o ser humano. No seu trabalho. Senão não teria valor. Não teria valor para alguém que fosse ler, não é? Não iria se identificar com nada, não iria reviver nada, não iria valorizar nada se não fosse toda a experiência humana passada através de um trabalho nessa área. Tão diferente de você ler um mero documento, que não diz nada. Que não diz nada pra você. Você faz um trabalho assim, desses resgates todos. Reminiscências. Essa parte de memórias... isso mexe com o ser humano. Ler uma página dessas emociona qualquer um. Tem eloquência. Isso é que tem valor, quando a pessoa se identifica com algo ali. Se não ele não tem valor, para a posteridade não. E nem para si mesmo. Seria uma perda de tempo.

H – Eu comecei a fazer um resgate da infância, sabe? Escrever as passagens da infância. Estudando Logosofia, chegou um momento em que por sugestão do próprio conhecimento logosófico, comecei a recordar a infância de outra maneira, ver que a infância não era uma coisa amorfa. Tinha coisas muito interessantes na minha infância: alguns pensamentos, sensações, momentos que mostravam que ali havia um grau de..., não digo de reflexão, mas um grau de amadurecimento, de percepção que mostravam que aquele ser não era uma coisa, como disse, amorfa. Como criança, havia já uma inteligência, uma sensibilidade... A

propósito, eu estava lembrando uma dessas passagens. No início, somente as recordava e refletia sobre elas, mas depois chegou um momento em que comecei a escrever essas passagens. Eram flashes, porque sobre a infância é difícil escrever numa seqüência cronológica. Procurei deixar esses relatos numa seqüência cronológica, mas, obviamente, dentro do possível. Numa dessas passagens eu saí... – Você já passou lá na Rua Dois? No número 213 era a casa dos meus pais. – Então eu saí de casa, passei em frente ao cinema e da casa comercial do João Cassab e lá dentro conversavam o João Cassab, o Herculano Basile e o Roberto Yesser; o Yesser era russo, o Basile provavelmente italiano e o...

P – Cassab.

H – O Cassab era libanês. E sabe? Sendo criança, com 8 ou 9 anos, ficou aquela impressão de que as coisas não estavam bem, mas eu não sabia o que realmente estava ocorrendo; continuei minha caminhada e fui até o armazém dos Perin, do outro lado da rua. Não sei quanto tempo passei ali, mas me recordo de ter saído do armazém dos Perin logo depois, e estar atravessando a rua em direção à outra loja em frente, do Pedro Cassab, que era irmão do João Cassab. Nesse momento eu olhei para cima e vi que vinham descendo o Yesser, o Basile e outras pessoas no meio da Avenida Um; de repente a discussão se encrespou: o Yesser arrancou um revólver e apontou diretamente para a cara do Basile. O Herculano Basile, meio gordo, não se intimidou: foi para cima dele com o revólver e tudo; segurou seu braço e ambos derivaram para a calçada e para o muro logo acima da loja do João Cassab. Nesse momento fui agarrado por meu tio, que, para me proteger, temendo uma bala perdida, me pôs atrás do batente da porta da loja do Pedro Cassab. Sei que logo depois eu vi o Basile com um ferimento na testa. O Yesser deve ter dado com a coronha do revólver na cabeça do Basile. Só mais recentemente, relembro essa passagem, eu deduzi que isso havia ocorrido na época da guerra, da segunda guerra mundial. Então tinha ali um russo, um provável italiano que era do eixo, o Basile, e o João Cassab, que provavelmente era neutro. Então aqui em Corumbataí tinha uma comunidade muito interessante, formada com o Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, uma mistura de elementos europeus de várias nacionalidades. Mas isto agora está acabando, com a construção dessas “casinhas” (casas populares). Foi-me dito por alguém que os prefeitos, para angariarem votos, conseguiram muitas “casinhas” para cá. Houve então, uma migração de muitas pessoas de fora, principalmente do Nordeste do Brasil, que agora moram nessas

“casinhas”. Parece que essa população de migrantes já está superando a própria população original da cidade.

P – Aqui de Corumbataí... Os nativos da terra.

H – Você já tinha ouvido algum relato sobre isso? Então seria interessante você conversar com a Maria Teresa Jóia. Há algum tempo eu sugeri a ela escrevermos a história de Corumbataí e ela concordou, mas realmente nunca pegamos a coisa para valer. Mas ela, quando seu irmão José Luis Jóia se candidatou a prefeito nessa última eleição, ela andou fazendo propaganda política para o irmão e visitou casas de Corumbataí, inclusive as “casinhas”. Acho que ela tem uma boa idéia dessa questão. Mesmo porque, como disse, ela se interessa por História e deve ter observado uma série de coisas. Mas o que me disseram foi que na construção dessas casas se atendeu à gente de Corumbataí, original, mas se atendeu muito mais a pessoas que vieram de fora. Então o sujeito que veio de fora e conseguiu uma “casinha” aqui, trazia os parentes para morar com ele; aí, mais um lote de casas era construído e esses parentes se candidatavam e também compravam sua casa. Dessa forma, muitas pessoas que não são originariamente daqui afluiram para a cidade. Isso, conseqüentemente, está modificando a face de Corumbataí. Eu acho que Corumbataí está entrando em uma outra fase nesse aspecto, que poderá apagar, talvez totalmente, essa fase do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, constituído de uma colônia européia pobre dentro do Estado de São Paulo.

P – Então o seu trabalho vai ter mais esse valor também, de resgatar. Essa parte da história, desse Núcleo, porque daqui a pouco a história vai ser mudada. Esses cidadãos que já moram e os cidadãos do futuro que vão morar em Corumbataí, não vão ter nada mais a ver com essa parte da história aí do rio, das enchentes, da estação da estrada de ferro, do “trenzinho”... Vai mudar tudo. Vai acabar isso tudo.

H – Aqui, por exemplo, quase não ocorriam crimes. Ocorreu um crime aqui, quando da organização política de Corumbataí, quando um dos Venturolli, Humberto Venturolli, foi assassinado.

P – Só se falava nisso.

H – Tirando isso, eu acho que não houve outros crimes. Mas, recentemente, teve um sujeito que matou um outro cara no meio da rua aqui na cidade.

P – Uma velhinha de 90 anos foi estuprada.

H – É. Tinha essa idade?

P – Foi. A dona Benedita falou.

H – Uma velha... Entraram lá e...

P – Num “reveillon” de fim de ano, nós reunimos a nossa família aqui, a do Herald e a minha, nessa casa aqui... Quando faltavam dez minutos para meia noite, todos foram para o terraço pra ver os fogos de artifício que ia ter lá em baixo, na vila. Nesse momento teve um apagão. Nunca aconteceu isso. Um apagão. Porque os assaltantes produziram isso, ficamos sabendo depois, produziram esse apagão para roubar uns dólares numa casa bem em frente da delegacia de polícia.

H – Jogaram um cabo de aço por cima da rede elétrica e provocaram o curto circuito.

P – Um “blackout” total.

H – Aí, com tudo às escuras, roubaram os dólares de um morador. Ele tinha vendido suas propriedades e recebeu tudo em dólar. O dinheiro estava na casa dele e foi todo embora.

P – Antes não tinha nada disso.

H – Então, de assassinatos, no passado, não me lembro de nenhum outro, a não ser esse do Venturolli.

P – Eu cresci ouvindo a história desse crime. E ficou por décadas. Também foi o único fato que ocorreu.

H – Quando meu pai era solteiro, ele tinha o gabinete dentário dele ali na Rua Três, em frente à igreja, onde agora tem uma farmácia, ou um pouquinho para cá. Ele dormia na mesma casa do consultório com um outro companheiro dele. Esse companheiro tinha um revólver e gostava de ficar puxando o gatilho: pá, pá, pá.

P – Usando o revólver?

H – É, mas sem bala.

P – Ah, tá.

H – Pá, pá, pá. Eu ri tanto ouvindo meu pai contar essa história. Um dia o amigo deitado de costas na cama apertava o gatilho: “pá”, “pá” e, de repente, “páááá”, houve uma explosão e a bala furou o forro do quarto.

P – Tinha uma bala.

H – Ele esqueceu de tirar uma das balas; ela furou o forro, e o susto foi terrível. Meu pai estava de lado. Vê se pode um negócio desses?

P – Que perigo!

H – O cara acabou com a brincadeira, nunca mais...

P – Viu que não era tão inocente assim a brincadeirinha.

H – Naquele tempo tinha muito mais revólver e não acontecia nada de grave.

P – Não se usava para outros fins, né? Era pra caçar, pra matar codorna, era pra isso. Não se tinha esses pensamentos assim de roubo...

H – Sempre houve roubos, mas eram raros.

P – Depende muito da cultura. A gente não trancava a porta, nem levava a chave. Você se lembra? Ninguém levava a chave à noite quando ia para o baile no salão. As pessoas sentem saudades disso: encostava a porta e ia. Só quando ia viajar, aí é outra coisa, mas não trancava a porta da sala com chave, não era necessário. Bons tempos aqueles.

H – Eu vou introduzir algumas fotografias nos meus contos de criança, nesses flashes, mas só tenho duas fotos com a idade de três anos. Naquela época não se tirava muita fotografia.

P – Tinha que ir a Rio Claro, tirar no estúdio lá. No Foto Knudsen, na avenida 1, perto da Estação.

H – Mas essas fotos, quando eu tinha três anos, foram tiradas em frente de minha casa mesmo, em frente ao numero 213. Depois disso, tem umas fotografias de quando eu já tinha 10 anos, talvez 11; essas foram tiradas quando vieram nos visitar alguns parentes de São Paulo que ficaram um tempo por aqui. Desse período tem várias fotos minhas, de toda a família, do eucalipto que meu pai tinha plantado.

P – Não tem.

H – Nos relatos. Da infância.

P – Mas ele tem umas 65 páginas digitadas com relatos de resgates e reminiscências da infância. Muito agradável de ler. É uma fase gostosa, que normalmente as pessoas esquecem. São marcas do que a gente foi um dia. Falta saber que isso é importante para vida. O Heraldo citou antes essa ciência que nós estudamos, a Logosofia; o autor, Carlos Bernardo Gonzalez Pecotche, diz que o ser é uma sucessão de seres. Então, se esquece a criança que foi, ele mata essa criança dentro de si. Da mesma forma o adolescente, o jovem. Então ele está matando esse ser que um dia ele foi. E esse ser que um dia ele foi tem muito a ensinar para ele. Em vista disso, o Heraldo levou ao pé da letra a recomendação e começou a resgatar. Agora está na fase da adolescência.

H – É, certas passagens são muito interessantes, conceitualmente para mim, para minha vida. Algumas outras que recordei parecem não ter maior significado; não sei o que tirar delas, mas mesmo assim pensei: “Se está na memória, vou escrever.” No futuro talvez até

possa tirar alguma coisa delas. Mas têm outras que são muito interessantes. Acho que quando criança já temos uma noção clara da importância de certas coisas e da falta de importância de outras. Na criança, o que prevalece é a imaginação; as outras faculdades, como a da razão, da reflexão, não são desenvolvidas. A criança não vai raciocinar. Então a imaginação supre muito essa parte e a defende também. Ela faz coisas com a imaginação que é uma realidade para ela: pega um pauzinho, faz de carrinho, e aquilo passa a ser realidade para ela. Então a imaginação supre muito. Depois que passa à adolescência, obviamente, vem a idade da razão e aí a imaginação tem que ser colocada de lado mesmo. Tem-se que enfrentar uma realidade e não se pode enfrentá-la com a imaginação, que são imagens que passam pela mente, desconectadas da realidade. Mas muitos continuam numa vida imaginativa, que prejudica muito a vida do adulto. Então, na criança, a imaginação é normal, é natural.

P – Cumpre uma função.

H – Mas ela paulatinamente tem que ir deixando a imaginação. Eu me lembro de uma situação em que nós estávamos em casa de minha avó e um dos meus tios sugeriu: “Ah, lá na casa do Valentin tem uma parreira cheia de uva. Vamos lá chupar uva?” “Vamos.” Nós saímos de lá e fomos até a minha casa, ali no 213 da rua Dois. Eu me lembro que havia ali um cacho de uvas espetacular, era o mais bonito de todos, mas estava ainda meio verde, não estava bom para ser colhido. Meu pai gostava daquela parreira e cuidava dela com carinho, particularmente daquele cacho bonito. Nós viemos da casa do meu avô, entramos em casa, e meu pai e minha mãe não estavam lá. Foi só chegar, meu tio viu o cacho bonito e “tá”, arrancou-o e começou a chupar aquelas uvas ainda verdes. Eu tinha uns sete, oito anos, e vendo aquilo pensei: “Mas que coisa injusta”. Aquela coisa ficou repercutindo dentro de mim, pois a minha preocupação era com meu pai. “Como é que o meu pai vai se sentir, depois de ter cuidado do cacho mais bonito, para que outro viesse ali e se aproveitasse dele?”

P – Uma pessoa estranha chega na sua casa e faz uma coisa dessa. Sem cerimônia.

H – Então, aquilo para mim pareceu uma atitude egoísta. Essas coisas ficam na criança, e ensinam. Aquilo ficou na minha vida: uma atitude similar minha seria vista da mesma forma pelos demais. Então ensina, sabe? Então muitas passagens assim, penso que são

interessantes. São passagens comuns, nada extraordinárias, mas que têm um reflexo muito interessante na vida. Então essa vida da criança tem muito a ver com o adulto que nós somos. Tem muito a ver, não é desconectado. E voltando a essas passagens a gente consegue resgatar coisas interessantes. Para mim, antes de realizar esse estudo de Logosofia, não me lembrava da infância. Lembrava sim de uma coisa ou outra, uma travessura ou outra, mas não atribuía valor a elas. Depois disso comecei a ver que naquela criança já havia um senso, que havia uma espécie de maturidade, face às coisas que observava, que via, que sentia. Não era um ser vazio. E isso é importante também levar em consideração quando a gente pensa em educar: essa volta ao passado é muito importante.

Para ir para a escola que ficava no Núcleo, a gente tinha que atravessar a linha do trem e caminhar pela rua que atravessava a várzea, a Avenida Três, que na verdade era uma estrada que ligava o centro de Corumbataí ao bairro do Núcleo. Nesse trajeto tinha uma ponte sobre o rio Corumbataí e uma outra ponte sobre a chamada Ponte Seca. Então, geralmente, a criançada passava por dentro do rio. Punha a sacola com os livros na cabeça e atravessava o rio; ele era rasiño nesse ponto abaixo da ponte. Numa oportunidade eu estava atravessando o rio e um menino estava à minha frente; mas ele atravessava mais para baixo, onde o rio se estreitava e era mais correntoso. Mais para baixo dele, tinha uma cerca de arame farpado que atravessava o rio; essa cerca acompanhava a estrada do lado de baixo e continuava atravessando o rio. Esse garoto foi-se desequilibrando e acabou se enroscando no arame farpado; eu vi aquilo e fui até ele rapidamente, tirei a farpa da perna dele porque ele estava enganchado e não conseguia se soltar sozinho. Saímos dali e fomos para a escola. Esse era um procedimento quase que diário, a gente todo dia atravessava o rio. Mas, chegando na escola, eu me lembro de ter ouvido uma referência de outros garotos que tinham observado o acontecido no rio. Eles comentavam que eu tinha sido um herói por ter ajudado o menino. Aquilo me constrangeu, pois pensava que aquilo que tinha feito qualquer um faria. Mas na minha reflexão atual eu coloquei um ponto de interrogação. Será mesmo? Será que qualquer um? Mas naquele momento, quando ouvi aquele elogio, fiquei constrangido. Hoje penso que nem todas as crianças agiriam da mesma forma.

Houve um tempo que encheram a estrada que ia para o Núcleo com blocos de piçarra, porque ela estava muito ruim. Eram pedaços grandes de piçarra. Então a diversão dos alunos era pegar os blocos de piçarra, carregar até à Ponte Seca e jogar aquilo por cima da guarda para fazer o maior estardalhaço... “páááá, paááá”. Eu não sei quanto tempo essa brincadeira persistiu, mas depois disso começou o movimento contrário. A Ponte Seca era, um braço do rio abandonado; antigamente o rio passava por ali, mas com a mudança do

curso ficou aquele meandro abandonado que era muito fundo; tinha mais de 2 metros de profundidade, talvez dois metros e meio. Então: os meninos mergulhavam de cima da ponte, iam até o fundo, pegavam os blocos de piçarra e voltavam para a superfície, levando o bloco até a margem. Cada um queria trazer o bloco maior agora: “Ah, peguei um grande”. Eu nunca consegui trazer um bloco; uma vez toquei o fundo e já me dei satisfeito por isso. Não quis trazer pedra nenhuma para cima não. Eu tinha um tio, o Flávio, que era apenas dois anos mais velho que eu e era o rei da peraltice; ele era o maior tirador de blocos da Ponte Seca. Num desses mergulhos ele pegou foi um caco de vidro, porque jogavam de tudo ali: fez um corte profundo na mão. O Flávio era mesmo terrível! Uma vez nós fomos à serraria. – Você conhece a tupia? Tupia é uma espécie de plaina que apara uma tábua e faz “ráááá”, apara a tábua tanto em baixo como de lado. – Nós fomos lá para aparar uma tábua, me parece que para fazer um carrinho. A tupia foi ligada, o Flávio passou a tábua uma vez, “ráááá”; na segunda vez ele esqueceu o dedo e “ráááá”, foi só sangue.

P – Ele era da pá virada também. Fazia coisas do arco da velha.

H – Ele morreu cedo, do coração.

P - Ele não podia jogar bola, não podia beber cerveja, tinha problemas com pressão alta, mas fazia tudo isso. Então não teve jeito. Falando de criança, as recordações de infância que as nossas filhas mais gostam são as entrevistas que o Heraldo fazia com elas, quando elas eram pequenas. Ele gravava naquele gravador antigo a voz delas, as risadas, as “briguinhas”, as tiradas engraçadas. É do que elas mais gostam. Ver fotografia é uma coisa muito agradável, mas ouvir como as coisas estavam acontecendo naquele momento... Isso tem vida. Nós temos a idéia de gravar muita coisa, porque meu pai, hoje com 90 anos, tem uma memória muito lúcida. Então ele se lembra de tudo. Gravar isso para não ficar perdido. São muitas histórias: a revolução de 32, o carro que era do presidente Washington Luís, sabe? Foi parar lá em Itirapina e meu pai comprou esse carro... São coisas assim diferentes.

### **Adendo à entrevista à Luciana S. de Oliveira Zanardi em 25/02/2006**

Gostaria de acrescentar que, após começar minha carreira profissional como ictiólogo, no ano de 1960, iniciei atividades de coleta de peixes da bacia do Rio Corumbataí, principalmente nas imediações da cidade de Corumbataí, mas que se estenderam até as cabeceiras do rio, em Analândia, e para jusante até a ponte de Ferraz, na estrada de rodagem para Rio Claro. Essas coletas são, na sua quase totalidade, do período que precedeu à retificação do rio. Os peixes coletados em grande número estão depositados na Seção de Peixes do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Como resultado dessas coletas, já no ano de 1964 utilizei como objeto de pesquisa os exemplares de uma das espécies de lambari, num trabalho que realizei com outros dois pesquisadores (Vanzolini et al., 1964). Mais tarde descrevi (Britski, 1980) uma espécie nova de sagüiru do rio Corumbataí ao qual dei o nome de *Curimata vanderi*, em homenagem ao meu irmão Vander M. Britzki, que me auxiliou na coleta desse peixe. Mais recentemente (Britski, 1997) descrevi um novo gênero e espécie de um pequeno cascudo desse rio; denominei esse novo gênero de *Corumbataia*, procurando gravar o nome do rio Corumbataí na literatura científica. Coincidentemente, neste último mês, dois pesquisadores de Ribeirão Preto (Ferreira e Ribeiro, 2007) descreveram uma nova espécie desse gênero descoberta no Mato Grosso e lhe deram o nome de *Corumbataia britskii*, numa homenagem a mim; com isso meu nome fica definitivamente ligado ao gênero que criei e ao rio e à cidade de Corumbataí, onde passei boa parte de minha vida. Coletei também duas espécies novas de um pequeno caracídeo e os autores que recentemente as descreveram (Menezes, Weitzman & Burns, 2003) homenagearam-me com o nome de uma delas, *Planaltina britskii*.

Muitos outros desses exemplares que coletei na bacia do Rio Corumbataí, principalmente na década de 1960, foram mencionados em múltiplos trabalhos científicos relacionados com a ictiologia. Torna-se impraticável relacionar todos esses trabalhos que mencionam espécies do rio Corumbataí por mim coletadas. Certamente, ainda existem espécies novas dessas coletas para serem descritas no futuro, quando outros peixes dessas coleções forem estudados.

Dessa forma, meu envolvimento com o Rio Corumbataí, vai muito além de minhas vivências da infância e juventude. Meus vínculos com o rio envolvem diferentes tipos de recordações e sentimentos.

No decorrer desses anos a paisagem ao longo do rio mudou; as pessoas mudaram; muitos se foram, porque se mudaram ou faleceram; muitos aqui nasceram e aqui continuam; muitos vieram de longe e se radicaram próximo ao rio; só se espera que estes últimos conheçam um pouco da história que se desenrolou à beira do rio e saibam apreciá-la e respeitá-la.

Apesar de todas as transformações ocorridas na paisagem que envolve sua bacia, o rio Corumbataí continua a correr... A grande esperança é que as modificações antrópicas não acelerem a degradação do rio e que não sejam causa de maior empobrecimento de sua fauna, especialmente da ictiofauna.

#### Bibliografia citada

- Vanzolini, P.E., Rebouças, R. & Britski, H.A., 1964. Caracteres morfológicos de reconhecimento específicos em três espécies simpátricas de lambaris do gênero *Astyanax* (Pisces, Characidae). **Pap. Avulsos Depto. Zool.** São Paulo, vol **16**: 267-299.
- Britski, H.A., 1980. Sobre uma nova espécie de *Curimata* da bacia do Paraná, no Estado de São Paulo (Pisces, Curimatidae). **Pap. Avulsos Zool.** São Paulo, vol. **33**: 327-333.
- Britski, H.A., 1997. Descrição de um novo gênero de Hypoptopomatinae, com duas espécies novas (Siluriformes, Loricariidae). **Pap. Avulsos Zool. São Paulo**, vol. **40**: 231-255.
- Ferreira, K.M. & Ribeiro, A.C., 2007. *Corumbataia britskii* (Siluriformes: Loricariidae: Hypoptopomatinae) a new species from the upper Rio Paraná basin, Mato Grosso do Sul, Central Brazil. **Zootaxa** (1386): 59-68.
- Menezes, N.A., Weitzman, S.H. & Burns, J.R., 2003. A systematic review of *Planaltina* (Teleostei: Characiformes: Characidae: Glandulocaudinae: Diapomini) with a description of two new species from the upper rio Paraná, Brazil. **Proc. Biol. Soc.** Washington, vol **116** (3): 557-600.

São Paulo, 14 de janeiro de 2007.

Heraldo A. Britski



**Capítulo 3**

**MÚTIPLAS VOZES,  
MÚTIPLAS OLHARES:  
UM RIO**

## Múltiplas vozes, múltiplos olhares: um rio.

O tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro. (Machado de Assis, 1984, p. 52).

O processo de coleta, organização, edição e apresentação do resultado final advindo da coleta dos depoimentos desta pesquisa em História Oral e do material fotográfico encontrado resultou inevitavelmente em uma espécie de “recontagem da história”. Cada depoente viajou pela memória despertada pelas fotografias, pelas histórias vividas, pelos “causos” contados. Os depoentes disseram as palavras, mas as narrativas sofreram algumas alterações durante a textualização e durante a edição dos depoimentos para que este capítulo fosse composto, que foram moldados no momento em que incluímos certas coisas e excluímos outras. Como resultado, a história recontada reflete não apenas palavras, impressões e pensamentos dos depoentes, mas também as lentes através das quais percebemos os seus mundos. Embora nossa meta e intenção sejam contar a história do rio e da cidade de Corumbataí através das histórias de seus moradores, nossa própria história jamais fica inteiramente de fora do quadro. Nisto concordamos com as palavras de Rouverol quando diz que “A edição de textos de história oral nos lembra que a objetividade não é apenas um mito, é uma ilusão”. (ROUVEROL, A., 2000, p. 193).

A maneira como percebemos a história do rio e da cidade de Corumbataí a partir dos depoimentos está refletida em como o texto foi editado, intencional ou não intencionalmente, e colocado ao lado das fotos cedidas pelos depoentes para que esta história fosse contada. Usando tais estratégias podemos ter dado maior destaque ao tema central da pesquisa e às questões ambientais encontradas nos depoimentos coletados.

Já lá se vão os dias em que um etnógrafo presumia que poderia estudar uma comunidade e então apresentar um texto escrito – um estudo científico ‘objetivo’- sobre a cultura do ‘Outro’. Hoje, quem trabalha no campo não mais tenta ser observador objetivo; antes, luta para ‘entender a conduta humana à medida que ela se revela ao longo do tempo em relação com seus significados para os atores’. (ROSALDO, R., apud ROVEROL, A., 2000, p. 194).

Nossa intenção ao (re)contar esta história é apresentar este diálogo não apenas porque queremos que esta história seja “ouvida”, mas porque queremos que esta história provoque a discussão sobre a degradação ambiental do rio Corumbataí.

De acordo com as considerações acima citadas faremos, neste capítulo, uma tentativa de caracterizar a população através da aproximação das falas dos depoentes para transformar uma voz na voz de todos, construindo um discurso comum polifônico. A nossa edição dos depoimentos, que foram moldados de modo a contar uma história do rio e da cidade de Corumbataí, alteraram a forma de apresentação das narrativas desta pesquisa, criando uma nova maneira de contar a história em que palavras e imagens engendram vidas identificadas por aqueles que as viveram compondo quadros de compreensão de problemáticas sociais e ambientais narradas nesta pesquisa.

Este discurso polifônico foi dividido em seis categorias: o rio que conta a história de sua retificação e das recorrentes enchentes; as questões ambientais que envolvem problemáticas como a poluição, o desequilíbrio da fauna e da flora após a retificação do rio; o povoamento que reconstrói a maneira como foi povoada a cidade no início do século XX; as práticas sociais que reconta o modo de vida dos antigos moradores da cidade, tendo como subitens o trem, a igreja, a escola e as festas; as famílias tradicionais e antigas fazendas, que conta como eram as antigas fazendas cafeeiras, as famílias de imigrantes que se instalaram na cidade, a formação do Núcleo Jorge Tibiriçá; e a economia de seu povo.



Décima segunda foto: vista aérea atual da cidade de Corumbataí. Sem data. Retirada do site: [www.corumbatai.com.br:8000/imagem/](http://www.corumbatai.com.br:8000/imagem/), em pesquisa feita em 21 de janeiro de 2006.

### 3.1 O rio, as enchentes e as questões ambientais

Sinuoso mas não muito,  
Estreito sim, e pouco profundo,  
Serenos no mais das vezes,  
Poucas vezes tempestuosos,  
O rio da minha infância,  
O rio da infância de todos.  
(CASSAB, P., 1978, p. 23)<sup>14</sup>



Décima terceira foto: Rio Corumbataí. Acervo pessoal de Maria José de Oliveira Jóia. Sem Data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Aqui veio uma foto do rio. Pelo jeito isso foi antes de dragarem o rio!

O rio tinha muito corumbatá, então ficou Corumbataí. Isso aí é o começo do nome do município. É, já é moderno, depende do diâmetro (do rio). Ele agora tá afunilando. De que época é essa foto? Ela é atual. É, ela é atual! Porque na verdade foi mudado o curso do rio. Antigamente, antes de ser modificado o rio, as margens *era* tudo árvore. E era baixo, o barranco dele era baixinho.

<sup>14</sup>Tanto este fragmento como os próximos que constam neste capítulo foram retirados do livro de poemas “Atrás do tempo seguro”, de autoria de Phelippe Cassab, que dedicou muitos dos poemas deste livro a cidade de Corumbataí e a seu rio, já que nasceu na cidade.



Décima quarta foto: Travessia do carro de boi, Rio Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira.  
Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Tinha o rio Corumbataí e do lado de lá tinha um lugar que chamava Ponte Seca. Era tipo de uma lagoa, mas tinha uma ponte também. Era fundo ali e o pessoal pescava à noite. A água do rio Corumbataí ali era mais paradinha e era fundo. Então chamava Ponte Seca. Depois, com o tempo, que eles foram dragando tudo, aí acabou. Não tinha mais nada, ficou só o rio Corumbataí e lá em baixo. Senão inundava Corumbataí até hoje. Eu conheci o rio antes e o rio depois de dragar. Inclusive quando o pessoal plantava arroz na beira do rio, os proprietários. Depois que malhava o arroz... não era com máquina, era na mão. Então sobravam aqueles feixes, ficava lá. A gente jogava aquilo no rio, pulava em cima e descia o rio... Vinha lá de cima, passava por baixo da ponte, né? Porque aquilo boiava e eu era levianinho, boiava em cima. Então fazia isso. Olha, hoje até dá prá fazer o mesmo, mas não tem arroz mais, não tem mais nada. Tem bóia, às vezes, a molecada enche uma bóia e desce.

Ah, aqui era no rio, é. A canoa... No rio Corumbataí. Mas aqui parece que eles estão de terno, né? Gravata, esse aqui tá de gravata, aí... Terno, gravata. Estão todos bem arrumados, vai ver que iam prá algum lugar, acho, atravessando o rio. Tem outros prá cá, ó... Eu não sei que local que é esse, viu? Aqui parece que tem uma casa, ó... É uma casa sim. Aqui, parece que aqui tem mais, ó, telhado...

### Enquanto isso no bar da praça....

V - Essa aqui é da canoa, não é? É que aqui sem óculos não dá prá distinguir. O rio aí era bem mais fundo. Só que depois quando fez a retífica no rio o rio abaixou. Ele era mais ou menos largo. Mas é que já era fundo. Essa canoa aqui era dos Canhoni, né? O rio aí tinha lugar que tinha dois metros de fundura.

M - As pessoas iam pescar, tinha muita canoa. Aqui a turma tá de chapéu ainda. Aqui eu não sei quem é, mas eu até queria saber, queria conhecer quem é. Essa turminha é por ali: o Geraldo Canhoni quando era mocinho.

V - Um tempo aí tinha peixe. Tinha corimba, tabarana... Bastante... Por isso chama Corumbataí. Porque tinha muito corumbatá. Hoje não tem mais nada.

Mas não sei que local que é esse não, viu? Era o rio antigo, ele era mais raso e mais largo, e depois que passou a draga ficou estreitinho. Ficou estreito o rio e ficou fundo, ficou bem fundo. Então por isso que não dá mais enchente, quando ele enche dificilmente ele vaza prá fora, porque ele tá fundo. Mas antigamente ele era bonito, a gente atravessava o rio quando ia prá escola. “Vamos atravessar o rio”, então ia um monte de menina atravessar o rio, porque ele batia a água até pelo joelho só. Então a gente atravessava aquela água limpa, sabe? Bonita, você via o pé na água. E hoje tá tudo poluído, né, bem? Tudo poluído.



Décima quinta foto: Rio Corumbataí. Trecho próximo ao Núcleo Jorge Tibiriçá. Foto tirada pela pesquisadora em 13 de maio de 2006.

Bom, foi bom passar a draga por causa das enchentes. Porque estragava todas as estradas. Naquela época passava o trem, agora já foi tirado o trem. É uma pena que foi tirado, viu, bem? Uma pena mesmo. Você vê, Rio Claro também não tem mais. Então, não foi uma pena? Eu acho que é uma pena ter tirado os trens, é uma coisa tão linda. Engraçado que quando chegava o trem, todo mundo saía na porta prá ver quem vinha. O trem chegava na cidade todo mundo corria na porta prá ver quem vinha. E quando era à tarde era os alunos que chegavam, né? Meus filhos chegavam, então a gente ia esperar...



Décima sexta foto: Chegada do trem na Estação em Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

**Mas no sítio...**

H – O nível atual do rio está hoje uns três metros abaixo do nível anterior, quando eu era criança. O rio tinha uma várzea imensa, cheia de taboa e outras plantas aquáticas; lagoas que acompanhavam o leito do rio nessa várzea, com muitas aves aquáticas. Depois que retificaram o rio, ele passou a correr mais rápido e, obviamente, o leito afundou, levou os sedimentos e as várzeas secaram totalmente; conseqüentemente, todos os riachos também se afundaram nas suas próprias várzeas. Em todos esses cursos eu coletei peixes com propósitos científicos, tanto no rio Corumbataí como nos afluentes, como o córrego do Machadinho que faz divisa de meu sítio. Agora, eu acho que com a retificação do rio, ele voltou ao nível anterior, vamos dizer assim, anterior à colonização de Corumbataí. Porque eu acho que anteriormente ele corria nessa mesma profundidade atual, ou seja, ele estava encravado na formação Corumbataí, nessa rocha da formação Corumbataí. Com a divisão dessa área toda, para formar o Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, começou uma fase de agricultura intensa, com muita erosão; o material foi todo carregado para o leito do rio e se formou a várzea que anteriormente não existia. Então, voltamos à condição mais primitiva, no meu entender. Não sei como era primitivamente, mas tenho referências de que antes dessa fase de agricultura intensa, o rio tinha margens altas como agora. Quando eu era criança, 60, 70 anos atrás, o nível do rio era bem mais alto, mas ele era muito raso e havia muita enchente, muita enchente. Aliás, tem fotografias mostrando enchentes do rio Corumbataí, inclusive, invadindo até a estação da estrada de ferro. Isso eu me lembro bem, que quando criança isso ocorreu com frequência.

P – Para mim era uma festa. Sabe por quê? Quando eu era criança, na década dos anos 40, eu morava em Itirapina e vinha passar minhas férias aqui no sítio do meu avô, Antonio Cagnoni. A casa ficava no fundo da rua 3, depois da linha do trem. O rio dividia o sítio ao meio e para ir nessa outra metade, onde ficavam as plantações na encosta do morro, era preciso atravessar o rio. Tinha uma ponte de madeira por onde passava a carroça, mas eu gostava de atravessar o rio ali onde ele era raso, arenoso e espraído. Era uma delícia. Mas quando dava enchente, no mês de janeiro e fevereiro, o pasto ao lado da casa ficava cheio de água, porque o rio transbordava e inundava tudo. Para mim aquilo era uma verdadeira piscina. Eu adorava. Quer dizer, eu era criança. O prejuízo que aquilo acarretava para os adultos era imenso. Mas eu me lembro assim, dessa fase da história. Eu me lembro que meus tios tinham canoa lá no rio. Na parte funda do rio. Quando não era usada, ela ficava embaixo da mangueira, virada para baixo, e servia de banco. Ela servia também, nessa época de enchente, para atravessar toda aquela parte inundada. Tinha pinguela. A gente atravessava por cima da água, sabe? Em pinguelas. Meus tios armavam covos para pegar peixes, porque os peixes saíam do leito do rio e se espalhavam pelo monte de água, não é isso? Era uma coisa tão gostosa, tão diferente! Agora, com a retificação, acabou tudo. Acabou tudo. Acabaram os problemas da população, mas essa coisa gostosa... E diferente... Acabou. Que bom que eu usufruí.

Aqui é o rio também, mas aqui não é a enchente. A água do rio tá suja. Claro que tá poluído. Tá. Tá poluído sim, porque quando eu ia na escola a água era limpa, você via a areia lá no fundo. Hoje você vê a água suja, porque o esgoto vai todo no rio. E como que não é poluído? Qual é o rio que não é poluído hoje em dia?



Décima sétima foto: Rio Corumbataí, trecho próximo a olaria. Foto tirada pela pesquisadora em 13 de maio de 2006.

Você não vê o rio Tietê, que triste que tá? Meu Deus! Então, agora tem alguns lugares que a gente vê na televisão que você vê aquelas cachoeiras que caem assim... Aquele rio que vai, aquela água limpa, você vê o pessoal tomando banho. Aquilo ali não é poluído. Mas fica longe, no meio da mata. Agora, quase todo rio é poluído, todo rio. E o nosso também é.

### De volta ao bar da praça....

M – *Corumbatá-hy*, na língua tupi-guarani é *Rio dos corumbatás*. Acontece o seguinte: o rio Corumbatá antigamente tinha muito zigue-zague assim, né? E depois no governo do Nicolau Marotti, o Silvio Venturolli, que é corumbataiense, ele era Deputado Federal e conseguiu a retificação do rio Corumbatá. Então acabou um pouco com essas enchentes. Em parte isso foi bom, mas em parte nós não gostamos muito porque acabou com as lagoas que formavam e traziam os peixes, né. Então você ia pescar prá lá e prá cá. Em todo lugar tinha lagoa. Depois que foi feita a retífica do rio o rio enxugou e não tem mais nada. Ele ficou fundo. E com os areieiros que tem cada vez vai afundar mais. O areieiro é um negócio ruim pro futuro, né? Vai tirando areia, vai afundando... Principalmente estes pequenos rios que correm e desembocam no Corumbatá. Tem barranco aí de 5 metros prá mais... Porque vai afundando.

V - Não foi bom retificar o rio. O rio tava tudo alagado. Alagava a cidade, a estação enchia de água, tudo. Então fizeram este serviço no rio. Mas agora ainda tem a draga tirando areia aqui e *sorta* a poluição, né? Porque eles *coloca* uma química na areia. O rio não é muito poluído, mas peixe agora só tem lambari. Num tempo era tudo mata em *vorta* do rio. É como tá mostrando aí. Era tudo preservado. Agora ficou um barranco tudo *arto*. Não tem mais vegetação, mas a turma andou *prantando* agora um pouco. Aqui em baixo, ali onde estava a foto do caminhão na enchente, até uns 2 quilômetros mais está reflorestado os dois lados. O rio não aumentou... Era fundo. Eu só andava de canoa só quando vinha aí embaixo, aí no meu parente. No Canhoni. Eles que tinham canoa.

M - Antigamente era muito divertido. O grupo não era aqui, era lá no Núcleo. A gente ia prá escola e primeiro esperava o trenzinho. Depois subia, atravessava o rio e ia prá escola. Às vezes chegava até a molhar a roupa, mas era muito divertido, viu! Tempo bom aqui em Corumbatá... Uma infância muito boa.

Isso aqui eu posso falar. Isso aqui é o trecho aqui debaixo que inundava. É o trecho aqui perto da olaria aqui do *Seo* João Gobesso. Olha os postes de telefone aqui e a energia que vinha por baixo. Esse caminhão é do Zeca Perin. O Zeca Perin deve ter ainda. Tava lá no barracão dele, lá na marcenaria. Chamam *Não sei o que lá bode*, ah, é *Pé de bode*.

Quando chovia muito... O rio vazava. Subia uns trinta por cento... Nada mais do que isso. Aumentava uns trinta por cento de água no rio. Até na estação do trem chegava a inundar! O trecho da olaria é o trecho mais baixo. Porque o rio abria, porque é mais afunilado e é onde alargava mais a ferrovia. O trem inclusive parava esperava a enchente abaixar prá depois ele poder passar neste trecho aqui embaixo. Então ele apitava quando o maquinista via a água. Ele já vinha buzinando.



Décima oitava foto: Enchente no Rio Corumbataí. Trecho próximo a Estação Ferroviária. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Hoje, nesse lugar que tá alagado, já tem construção. Foi construído o bairro das Laranjeiras. E era tudo área de inundação. Parou de inundar *por causa que* foi dragado, o rio foi retificado e afundado. Mudou o leito do rio e aprofundou em linha reta, né? Porque o rio tinha curvas! Tinha lugar que ele fazia um “S” assim ó. A água voltava prá trás prá depois descer. E quando dava enchente a água passava reto. Então ela tampava de areia, depois o rio não tinha força de afundar mais. Então ia jogando pros lados a areia. E se você for no rio dá prá você ver as camadas. Tem a camada de areia, depois jogou a água barrenta, então são várias camadas. A terra dos lugares mais altos ia rodando e descendo e ia decantando nas margens, formando as camadas. Da ponte de concreto bem na baixada até a propriedade do Marcucci o rio foi dragado, que chega quase até a divisa do município de Analândia já. Foi feito pela companhia do governo. Então foram duas dragas, dois monstros. Aquelas dragas que têm em São Paulo. Daquelas que têm aquele guindaste que nem se fosse uma escavadeira. Aquele braço. Se eu não me engano foi aberto vinte metros de largura no leito do rio. Vinte metros! Só que como ele foi feito fundo quando dava enchente, ele inundava vinte e cinco, trinta metros. Ele desbarrancou. Cada prancha de água! Formou duas montanhas monstruosas nas laterais do rio. Foi aberto e depois essa terra foi doada. A gente doou prá fazer aterro da avenida um. A avenida ali é a terra do meu terreno que foi tirada do rio. Tem lugar aqui embaixo que ainda sobrou pedaço de

terreno vazio. Ainda tem *uns par* de morro de terra que tinha sido feito na época. As dragas trabalhavam e jogavam prá trás.

O único rio do Estado de São Paulo que não tem escada é o rio Corumbataí. Só na Usina Corumbataí, Rio Claro a água cai de uns 6 ou 7 metros de altura daquela cachoeira e os peixes não sobem. Eu tenho umas fotos antigas! Tem uma foto bem nítida que eu tirei ali na cachoeira. A coisa mais linda.

O sogro do meu irmão do restaurante tinha um caminhão, sabe? Na enchente ele ia buscar a gente em Ferraz, porque o trem chegava até Ferraz só e não vinha prá cá. Então vinha todo mundo apavorado. Mas tinha que vir, não tinha outro jeito.

Bom, naquela época as enchentes eram comuns, não é? Então quer dizer, tiraram foto aqui nesse dia, mas na verdade já devia ter um monte. Em 1961 ainda tinha trenzinho. Ah, agora... deixa eu perguntar prô meu irmão quando acabou o trenzinho, quase mataram o governador na época. Em 1967. Bom, é o que eu falei prá você, nessa época as enchentes eram comuns. Eu fui prá Ribeirão em 1967, no comecinho de 1967. Eu já estava meio acostumado, porque quando dava enchente o trenzinho já não vinha, então você já viu. Aquilo virava festa. Todo mundo ia lá prá olhar.

Ai essa... tô vendo que é a enchente. Ah, aqui era no rio, é. A canoa... No rio Corumbataí. Mas aqui parece que eles estão de terno, né? Gravata, esse aqui tá de gravata, aí... Estão todos bem arrumados, vai ver que iam prá algum lugar, acho, atravessando o rio. Tem outros prá cá, ó... Eu não sei que local que é esse, viu? Aqui parece que tem uma casa, ó... É uma casa sim. Aqui, parece que aqui tem mais, ó, telhado...

Você sabe que enchia muito aqui, quando tinha temporal, que chovia muito... Nossa! Enchia a estação, a linha do trem ficava cheia, então o trem tinha que parar prá lá da olaria até abaixar a água. Até abaixar a água prá aqueles que vinham de trem vir prá casa. Às vezes chegava oito, nove horas da noite... O trem chegava quinze prá seis. E tinha que esperar baixar a água. E a gente que vinha da escola, então a gente atravessava a pé... erguia a *sainha* assim... e ia embora. Mas puxa... Que medo daquela água que corria. A estrada cheia, a linha cheia... Nossa Senhora!

Podia a água levar embora. E era tudo cheio. Ah, meu Deus do céu. Não era muito fundo, mas tinha vezes que era... Tinha vezes que era. Era fundo sim, às vezes batia na cintura aqui. Então às vezes eu ia e voltava prá trás. Porque não dava e tinha medo. E se você cai?

Quando não tinha enchente o rio não era tão fundo. Era por isso, porque tinha muita areia, depois passaram a draga e aí já não dava mais enchente. Depois parou de dar enchente, mas primeiro... Nossa!



Décima nona foto: Moças no Rio Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Antigamente não era como agora, chovia muito antigamente, bem... Nossa! Nessa época de novembro, dezembro, janeiro, era época que chovia 20 dias sem parar, aquela chuvinha branda, sabe? Nossa! Eu me lembro, eu era criança, a gente vinha da escola... Que tristeza meu Deus do céu. Que tristeza! E era só barro, porque não tinha asfalto. Era estrada de pedregulho. Mas onde eu morava era outra estrada, que passava carroça, cavalo.. Êh... Mas como a gente sofria, viu? Isso mudou prá melhor. Mudou... Mudou prá melhor.

**Ainda no bar da praça...**

M - Isso aqui eu lembro, foi quando encheu. O caminhão do Perin tava lá prá transportar o pessoal lá da olaria prá cá. Foi quando minha mulher tava lá. Na última enchente ela tinha que levar minha filha pequena no médico. Era a única criança que tava no trem e ela se assustava, né? Chorava. Porque choveu muito e o trem parou lá na olaria antiga e o trem não podia passar. E antigamente tinha aqueles *guarda trilho*, que falavam. Eles tinham aqueles carrinhos que colocavam no trilho quando tinham que trabalhar longe. Levavam os empregados prá trabalhar. Então eles foram lá. Foi onde pode vir criança e tudo, no vagãozinho. Fazer o quê? Até abaixar a água. Agora não enche mais, porque abaixou o rio. Ontem mesmo choveu muito aqui prá cima. Eu estava em Rio Claro e nós vínhamos vindo eu disse: “Vamos embora”. Choveu muito. Eu fui de tarde ali perto do rio e o rio tava cheio. O rio vinha vindo cheio de lá de Analândia.

V - Isso aqui é lá embaixo, na Paulista. Lá embaixo. Ih... Isso aí entrava dentro da estação. Nesse tempo tinha foto tirada de gente tomando banho na plataforma da estação. Na enchente. A água batia na janela da bilheteria. Enchia bastante. A molecada ia se banhar. Isso aqui é aonde vinha a estrada, a linha telefônica. Um pouco prá cá da ponte. Sempre teve enchente aí na estação. Uma porção de anos. Quando dava enchente atrapalhava um pouco na cidade.

M - A enchente atrapalhava muito a vida aqui na cidade. Lógico, você ficava preso. O meio de transporte era o trem e *as estrada* antigas que eram de terra. A jardineira do José Alexandre ainda. Isso no tempo que aqui era bom.

Outra coisa gostosa também era ir pescar no rio, de vara. A isca era minhoca e quando não era minhoca a gente preparava uma misturinha com fubá, dava uma massinha, então fazia uma bolinha e colocava no anzol. Mas o melhor mesmo era nadar no rio. Eu ia sempre com minha tia Júlia. E quando a gente nadava no rio, na época de ingá, eles vinham rodando pela correnteza. Então passavam assim bem perto. Era só pegar, abrir e comer. Aquele ingá delicioso, madurinho, que tinha nas margens. Nos ingazeiros.

A quantidade de poluição que tem aqui na nossa região é bem pouca ainda. O maior perigo é se algumas empresas soltarem algum produto no rio, mas como eles têm *os coletor, os decantador* de areia. Então poluição no nosso trecho é mínima. Porque agora praticamente tem rede de esgoto para toda a cidade, tem a lagoa na estação de tratamento. Então o nível da poluição é baixo.

A prefeitura é que faz a medição. Eu acredito que eles devem ter dados sobre a poluição deste trecho. Vamos supor, quando eles vêem alguma alteração na cor da água eles pegam a amostra e mandam prá Rio Claro, para analisar. É porque na prefeitura... (trabalha uma moça que) é meia... É quase prima. Ela trabalha com a prefeitura de Rio

Claro. Então se ela vê algum problema na coloração da água, se está diferente, é só pôr uma amostra em alguma garrafa e mandar prá ela que ela analisa. Se é só sujeira de terra, de areia ou se é algum material que tem algum produto químico. Então, *vira e mexe* tem um acompanhamento. A poluição do Corumbataí até Rio Claro não existe! É muito pouquinho. Além disso, a cidade tem estação de tratamento. Em Analândia também parece que já fizeram, ou vão fazer... Quando você lê no jornal que o rio Corumbataí tá poluído é errado, tem que falar que é de Rio Claro prá baixo que tá poluído. Tem gente direto que vem nadar na cachoeira e no rio. Tem final de semana que tem mais de 100 pessoas. O pessoal vem nadar, tomar banho, tomar sol.

Quem tá em pé aí é o meu pai (na foto). *Mamma mia!* Com certeza! Eu tô desconfiado que esse aqui é o meu tio Júlio Canhoni, pai do Sérgio. Sem o chapéu é o tio Júlio. O meu tio Júlio não usava chapéu. O jeito do chapéu, o jeito do chapéu, pode ver. Quem levava o chapéu meio assim, ó, era meu pai. (Risadas). Pode olhar!

De canoa. Era eu e o Sérgio que tinha canoa aqui. E o Israel e o Evair também tinham... Parece um bode, um cabrito que tá aí. Quem tinha canoa também era o Zeca Perin. Ah, mas o Zeca teve canoa depois. O Zeca só usava a canoa dele aos domingos. A canoa na foto é minha! Porque eu tinha canoa. Eu e o meu primo. Nós dois pescava com linha amarrada na mão, no rio ali embaixo. De lá da outra beira da cidade, da baixada da linha do trem, nós pegava e vinha de canoa até aqui porque aqui era tudo alagado. Era um pantanal, na verdade, a região.

*Nós plantava* arroz em início de julho e início de agosto, porque depois começava a chover e ficava um tanto assim de água. Inundava tudo! A gente ficava com a água aqui em cima da cintura. Quando dava a enchente, entrava água na estação de trem! Chegou dezembro a margem enchia de água e só ia diminuir a água quando chegava o tempo do inverno. Abril, maio, então diminuía a água. O leito do rio não tinha profundidade. Então ficava um pantanal. O rio passava lá na beira da cidade. Então o terreno era inclinado assim, porque como ele era raso, ele jogava areia nas barrancas, então ele foi crescendo. Se você for lá no rio você vai ver a quantidade de areia, mas areia branca mesmo. Ainda existe um pedaço do percurso que dá para você fotografar e filmar. Dentro da nossa propriedade e na propriedade do vizinho ali, que planta maracujá dentro do antigo leito.

Naquela época era muito difícil câmera fotográfica na região, né? Na família mesmo não existia, ninguém tinha câmera fotográfica! Essa foto foi tirada por alguma outra pessoa. Algum jornal ou alguma coisa desse tipo. Existem fotos que são como documentos, em Rio Claro, no jornal. Os arquivos que as famílias deixam. O que foi se

perdendo muito *foi essas documentação* que as pessoas antigas vão passando para filhos e netos e eles não vão cuidando. *Acaba* abandonando ou até jogando fora e queimando. Então fica difícil. A retificação do rio foi boa no início. Na época melhorou porque foi um projeto do governo prá incentivo para o plantio de arroz. Prá incentivar a agricultura no estado. Então prá nós ajudou. Na época ele favoreceu porque nessa área aqui você perdia toda a safra de arroz. Você plantava e muitos anos a enchente cobria e você perdia tudo o que tinha prá colher.

A parte prejudicial foi depois porque drenou todas as lagoas do município inteiro, todos os proprietários foram abrindo por conta depois. Prá fazer o que? Prá escoar prá plantar, aproveitou o que? Uns 10 anos, depois... Graças a Deus, prá nós foi bom. Nós estamos tirando proveito até hoje. Mas assim, perante a natureza, a forma aquática, os animais de espécie aquática aí foi o caos total. Porque as lagoas, maternidades de peixes, jacaré, várias espécies foram *extinta*. Jacaré, por exemplo, você não encontra mais e aqui circulava jacaré embaixo da ponte do rio.

#### **De volta ao sítio...**

H – Nesse córrego aqui em baixo, no limite de meu sítio, a várzea era larga e um dos métodos de pescaria que a gente tinha quando criança, até uns 12 anos, era descer até lá na época da seca e, com auxílio de enxadas, pás, enxadões, cavoucar a margem e jogar os terrões no leito do riacho. Assim o leito ia se enchendo de terra, até formar uma espécie de represa; quando represado, o rio desviava o curso, correndo para um outro lado da várzea, até desembocar mais abaixo num outro ponto do leito original. E naquele trecho do leito anterior a água ia diminuindo; assim a gente pegava todos os peixes que ficavam ali nesse trecho. Então se enchia uma lata de peixes pequenos porque ali não tinha peixe grande. Depois se repartia os peixes apanhados.

P – Muito gostoso.

H – Era uma das diversões essa pescaria. Hoje em dia é impossível fazer isso porque o rio está encaixado. Totalmente. Se você percorre hoje o riacho aí em baixo, dá para ver aqueles extratos no barranco de três metros mais ou menos, quatro metros... quatro metros não chega, mas uns três metros. O leito afundou e deixou um barranco, de três metros por quase toda a extensão do riacho. Ou seja, todo aquele material depositado ali durante algumas décadas, formou aquela várzea de sedimentos e o nível do leito subiu. Depois ele foi novamente afundado com a retificação do rio Corumbataí, sulcando os sedimentos e deixando à mostra as camadas no barranco. Então a história de Corumbataí tem várias etapas em vários aspectos. Eu acho isso interessante.

Aqui no sítio da gente a gente via jacarés enormes. E onde tem hoje montado a Creche, a Casa da Agricultura e o Velório tinha lagoa lá, os cara ainda pescava jacaré lá na época. Capivara. Nossa! Tinha um taboá aqui! Onde hoje tem essas corridas de moto. Você passava e olhava prô lado de cá e você vê tudo lagoa, tudo taboá. Mas taboá mesmo. Andava de canoa neles, pescava traíra.

Porque hoje você vê a área que é prá agricultura, a gente ficou mesmo na agricultura de várzea. O meu tio Júlio já plantou e outro primo nosso vizinho que faz a agricultura mesmo, pratica a agricultura. O resto faz pastagem, tudo gado. É, a turma foi caindo fora da plantação, principalmente depois de saírem os militares, porque até que *tavam* os militares, nossa! Tudo o que eu tenho aqui eu devo aos militares. Comprei trator, caminhão, irrigação, tem encanamento que sobe com tudo até lá em cima no fim do terreno, tubulação. Foi tudo comprado no tempo *dos militar!* Saiu militar... Não comprei mais nada!

Em matéria de poluição eu não sei, porque tiram areia do rio, isso sempre vai dar um pouco de poluição. Analândia eu não sei como é que está, porque aqui nós temos o lixo reciclável e o tratamento é feito. Daqui prá baixo está tratado o rio. Agora, o problema acho que é daqui prá cima, não é? Bom, prá você ter uma idéia, naquela época, a gente ia nadar, aqui na ponte mesmo ou aí prá baixo, na água, ou pescar, dava sede, tomava água do rio. Tomava água do rio normalmente, como toma água da torneira, pegava com a mão assim e tomava, até matar a sede. Todo mundo fazia isso. Nunca vi acontecer nada com ninguém. Você vê, dá prá ver que a água não era poluída. Isso, quer ver, na década de 50. Até um pouco antes de eu nascer. Em 1941, os moleques ficavam direto no rio ou no campo. Depois, quando começa a estudar já complica mais, mas é final da década de 40 e começo da década de 50. Ia de manhã, voltava de tarde, com o colégio já não teve mais jeito de sair de casa. Eu ia fazer isso, ia pescar, pescava direto, nadava... No rio a gente só nadava. Às vezes o pessoal ia nadar pelado, vinha o policial, o Pernambuco, fazia subir, pegava todo mundo prá levar prá delegacia, tudo pelado. Era até engraçado, todo mundo parava prá ver.

Essa é o rio também. Eles foram tirando areia, tirando areia e... Tinha muita capivara aí no rio. Vinham caçar capivara, matavam na época, né? Não tinha essa história de não poder matar, eles matavam. Tinha a ponte de madeira, aquelas carnes que saiam assim, eles amarravam ali, né? Eu me lembro que uma vez eu fui lá e eles estavam fazendo uma capivara e eu acabei comendo um pedaço prá experimentar. Mas tinha bastante. Aqueles que plantam, qualquer planta, elas (as capivaras) estão estragando, mas agora não

pode matar. Um cara aqui pegou meia dúzia de rãs vivas, está com um processo até hoje, não pode. Ainda está livre porque não matou, se tivesse matado estava enrolado. Bom, depois, eu não me lembro a época, mas aí começaram a dragar o rio. Aí começaram a sumir as lagoas, quer dizer, a gente já não ia mais pescar à noite, não é? Ia caçar rã, pegava com a mão, punha o farolete no olho e ela paralisava. Meu irmão era o maior caçador de rã aqui. Ele vinha com aquele saco, com um monte de rã e a minha mãe fazia. É uma delícia. Mas essa aqui, porque nós comemos de cativo, que o cara montou um cativo aí em Ferraz, não tem o mesmo gosto não. Não é que seja ruim, mas não é o gosto daquelas. E ele pegava muitas. Na época tinham muitas. Tudo em função do rio. Das lagoas principalmente.

**Ainda no sítio...**

P – Uma das coisas que acabou, depois da retificação do rio, foi o caçador de rã. A família do meu avô era grande. Eram seis moças e seis rapazes, quatorze com os pais. Naquela época, assim que alagava, meus tios diziam: “Ah, essa noite nós vamos caçar rã”. Então eles se muniam de várias coisas, lanternas principalmente. No dia seguinte, na hora do almoço, por exemplo... Quem nunca comeu rã não sabe o que é, que delícia que é. Então tinha rã, sabe? Como prato principal. Mas depois... Isso já é história do passado. Isso aí também acabou.

Aí tinha jacaré também. Mas o mais que tinha no rio era lambari. Que tem ainda até hoje, só que na parte lá de cima, porque aqui prá baixo já... Nego bate de tarrafa, arrebenta, esculhamba com tudo, então acaba com tudo. Mas ainda na época que tem siriri, que é aquele bichinho que dá no cupim. Não o cupim, mas siriri, aquele com asa. Pesca por cima da água. O meu irmão é um especialista nisso. Então você pega por cima, então o peixe vem... Fica mexendo, né? Porque o siriri está vivo. O lambari vem, quando você pega um lugar que tem um cardume você fica duas horas ali, você pega 200 lambaris. Ainda pega. Aqui prá baixo é difícil. Por causa dessa porcariada... Vem com tarrafa e coisa.

Mas lá prá cima, tem um cara, por exemplo, o Papesso tem um tanque de peixe. Mas ele não deixa qualquer um entrar lá prá dentro do rio... Nem podia, né? Mas o meu irmão, que é muito amigo dele, eu também, a gente vai lá e ele deixa a gente pescar. Então, ali você vai pelo leito da antiga ferrovia, no sítio do Papesso. É a estradinha prá Analândia indo no sentido Rio Claro, pela vicinal, chegando ali onde tem várias casas, pega uma entradinha à esquerda. Na frente da olaria, onde tem aquela chaminé... Ali que era o caminho do trem, onde era a estrada de ferro. Na frente tem um areieiro lá, do lado é a ferrovia. E vai até Ferraz. Agora eles deram uma limpada, parece que estava meio interrompido lá, mas está passando. Ali era a ferrovia. E a estaçãozinha de Ferraz ainda está lá.



Vigésima foto: Fernandinho, Otávio e Paulo. Rio Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira.  
Data: 23 de março de 1936. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

**E a conversa no sítio vai longe...**

H – Eu acho que agora os animais estão voltando: muitos pássaros, por exemplo, parentes de pombas, pomba-do-ar, rolinhas e pomba-amargosa, várias espécies de pombas que não existiam em Corumbataí. Pelo menos essas espécies de pombas não se viam por aqui; eram muito ariscas. Hoje são muito comuns. Periquitos estão voltando, maritacas. Tem um outro periquito que agora está surgindo aos bandos por aqui. Essas garças que acompanham o gado hoje não são as garças que nós tínhamos na várzea antigamente; são de outra espécie. Essas aves não aparecem mais porque acabaram as várzeas e acabaram os peixes que ficavam nas várzeas, naquelas lagoas marginais. Hoje quase não tem mais, por causa da retificação do rio.

P – E tinha o charco também aqui, não só as várzeas; mas depois da retificação... Então aconteceu algo, acho que faz uns três ou quatro anos mais ou menos, deu uma infestação muito forte de besouros aqui na vila... – eu chamo a cidade de vila. É um hábito que vem desde a infância porque era assim que eu ouvia na casa do meu avô. – Sabe uma jabuticabeira, quando as jabuticabas maduras caem e forram o chão? Era assim em volta dos postes de luz à noite. Os besouros forravam o chão. Agora eles estão rareando de novo porque deve ter aumentado o número de sapos. Esses predadores naturais estão trazendo de volta o equilíbrio. Não se vê tanto. Mas eu nunca tinha visto isso antes não.

H – Ah, os peixes... Sempre teve muito lambari no rio. Peixe pequeno sempre teve muito. Sempre... Eu, quando criança, sempre peguei muito lambari com anzol... A criançada toda, todo mundo ia pescar lambari. Mas não tinha peixe muito grande. Isso era consequência também da barragem que foi feita lá em Rio Claro, na usina hidro-elétrica do rio Corumbataí. Lá foi construída aquela barragem, e eu acho que ela impediu a subida de peixes maiores. Houve uma época em que a represa se rompeu. E aí houve uma conexão da parte alta com a parte baixa, e começou a aparecer em Corumbataí alguns peixes que naturalmente não havia por aqui, como a piapara, por exemplo, um peixe que chega até a 4, 5 quilos. Então, eu me lembro bem, o pessoal ia pescar piapara. Mas depois, novamente, se refez a barragem lá em baixo e aí desapareceram os peixes grandes totalmente. Eu acho que a represa tem alguma influência na qualidade das espécies de peixes que tem aqui para cima. Então o que sempre predominou aqui foram os lambaris-de-rabo-amarelo, lambaris-de-rabo-vermelho; a gente pegava fieiras enormes: cinquenta, sessenta, cem peixinhos e vinha para casa com uma fieira enorme ou o embornal cheio. Dependia também da época; na época da migração se pegava mais. Com essa isca de siriri era uma facilidade muito grande: o anzol caía na água e zás... Nesse riacho aqui, quando criança, eu me lembro de ir pescar à noite várias vezes, mas havia uma quantidade de pernilongos terrível. E a gente pegava muito peixe. Aí se pegava traíra, um peixe que sempre teve muito nessa época em que se tinha a várzea. Meu avô era um pescador inveterado de traíra; ele já estava com 70, 80 anos e ia pescar todo dia. Então todo dia tinha traíra no almoço e no jantar em sua casa. Bagre a gente pegava à noite também. Traíra ao entardecer e bagre à noite; também as tuviras, o chamado peixe-espada, também tinha bastante e se pegava à noite. Hoje eu não sei como é que está aí no riacho. Tenho essa idéia de fazer uma outra coleta para saber a composição da fauna.

## 3.2 Povoamento

A gente,  
O olhar, o sorrir, o falar,  
A vida, o escoar pacato,  
O gesto acolhedor.  
(CASSAB, P., 1978, p. 19)

### Ainda no sítio...

H - Eu fui até Rio Claro no ano passado, lá no fórum, e fiz um pedido ao juiz para ver os documentos do inventário do fazendeiro Benedito Antônio de Camargo. Meu bisavô foi para a fazenda dele em 1852, quando chegou ao Brasil. Em 1860 esse Antônio Benedito de Camargo faleceu, e o inventário dele mostra que a fazenda, que era relativamente grande, foi dividida entre uns dez herdeiros; depois foi re-dividida entre os filhos desses dez herdeiros e a fazenda se acabou como tal. Hoje, em Rio Claro, não se tem mais uma fazenda com esse nome no local original, e eu não consegui localizar o lugar da sede da fazenda Boa Vista para onde meu bisavô foi; sei que é do lado da Jacutinga, por ali. Vi no inventário que meu bisavô tinha ainda uma dívida com o proprietário. É que o imigrante vinha de lá com uma grande dívida; ele tinha que pagar a passagem de navio e tudo mais, e permanecia em dívida por muitos anos, sei lá quanto. Chegando na fazenda, ele tinha que comprar comida e outros bens e aumentava sua dívida; até pagar aquilo tudo demorava. Mas no ano de 1860, quando foi feito o inventário, meu bisavô tinha uma dívida em réis que equivalia mais ou menos ao preço de um burro. Era o que ele estava devendo lá para o dono da fazenda. Obviamente, logo depois ele deve ter pago, ficando independente.

Em 1953, Corumbataí foi o segundo maior produtor de batata do estado de São Paulo, isso pouca gente sabe. Mas tem isso, é uma lista telefônica, que tinha um prefácio, né? E ali falava uma série de coisas sobre a cidade. Inclusive dos russos que vieram inicialmente e se instalaram ali em cima no núcleo e tal, depois com o tempo eles foram embora. E claro, deve ter outras coisas escritas.

No jardim não, foi na rua de baixo, perto do bar ali, que teve um assassinato que mudou um pouco a cara da cidade também. Faleceu o senhor Humberto Venturolli, foi assassinado. Foi na época que Corumbataí estava ficando independente de Rio Claro, alguns queriam, outros não queriam. Foi em 1949, mais ou menos por aí. E ele foi assassinado na porta do bar lá. Saiu de uma sessão na câmara, estava conversando e tal, né? Mas aí já não tem nada que ver com a igreja. Foi na proximidade. E ela estava lá, no

mesmo lugar que está hoje. Acontece o seguinte: essa pessoa era muito bem quista, sabe? Aqui em Corumbataí. A família Venturolli... Quer dizer, é aquela velha história de política. Uns são de um lado, uns querem uma coisa, outros não querem, então acham que outros vão ter prioridade em uma série de coisas. Na verdade, do que eu conhecia dele, que eu lembro muito pouco também, era uma pessoa muito boa. Honesto, dedicado, meu pai gostava muito dele. Então foi triste. E com isso, a família Venturolli aqui era monstruosa foi acabando, o pessoal foi embora, isso aí também abateu um pouco o ânimo da turma, né? Eu acho que teve influência também.

**Proseando no sítio...**

H – Aqui, por exemplo, quase não ocorriam crimes. Ocorreu um crime aqui, quando da organização política de Corumbataí, quando um dos Venturolli, Humberto Venturolli, foi assassinado.

P – Só se falava nisso.

H – Tirando isso, eu acho que não houve outros crimes.

P – A gente não trancava a porta, nem levava a chave. Você se lembra? Ninguém levava a chave à noite quando ia para o baile no salão. As pessoas sentem saudades disso: encostava a porta e ia. Só quando ia viajar, aí é outra coisa, mas não trancava a porta da sala com chave, não era necessário. Bons tempos aqueles.

Não tanto como a parte econômica, por exemplo, porque aqui tinha muito café, tinha batata, morava gente prá chuchu. A loja aqui ficava aberta dia de domingo, porque o pessoal só podia vir dia de domingo. A gente não dava conta, meu pai, minha mãe, minha tia, irmã do meu pai até ajudava lá, porque na lavoura você precisava de bastante gente, né? O café principalmente, naquela época era tudo manual. Depois já veio um depósito de leite da Nestlé. Aí já começou a passar pro gado. Já começou a diminuir, quer dizer, se precisava de eu e você, passou a precisar só de mim. E foi diminuindo. Aí veio a industrialização em São Paulo, foi um monte de gente também, inclusive alguns voltaram, outros já não voltaram. Então, uma série de fatores foram contribuindo. Essa foi só uma das causas, a menor eu acho, que a parte econômica foi a maior.

**E no sítio...**

H – Tem uma publicação de um geógrafo sobre Corumbataí, que eu não consigo me lembrar exatamente, mas devo ter tomado nota dessa publicação. Lembro-me que ele discute algumas coisas sobre geografia e depois faz menção, ou sugere que seja feita uma investigação sobre essa questão do governo comprar terras e dividir, vamos dizer, em lotes pequenos e dar ou vender a pessoas diferentes para cultivarem a terra. Ele estava questionando isso, pois parecia que não dava muito certo, como ocorreu aqui em Corumbataí. Aqui existia uma grande fazenda, antigamente. Depois dessa fazenda ser comprada pelo governo e ser dividida... – o governador era Jorge Tibiriçá – em pequenas propriedades e serem vendidas, principalmente para imigrantes italianos, espanhóis etc., isso determinou um período de grande progresso. Corumbataí teve uma população bem maior, considerando a área rural, mas depois, com a erosão das terras – a terra aqui é muito sujeita a erosão – elas se tornaram improdutivas e aí começou uma migração, um êxodo muito grande e hoje tem apenas 4000 habitantes no município. Então esse geógrafo queria estudar Corumbataí sob esse ângulo.

Para mim existem algumas etapas muito claras no desenvolvimento de Corumbataí. Primeiro uma etapa primitiva anterior à chegada do europeu, quando deveria haver índios por aqui. Depois a etapa das sesmarias, quando existiam áreas de terras muito grandes. Na sequência, uma época de fazendas, principalmente de café e açúcar; e, a seguir, essa divisão do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá em muitas propriedades pequenas. Então essa reunião de lotes se iniciou depois que começou esse período de degradação das terras. O proprietário não conseguia mais o sustento num lote desses. Todos esses lotes tinham uma casa. Então viviam aí, em cada um deles, um casal com, por exemplo, 10 filhos pequenos... Os filhos foram crescendo, o solo foi-se empobrecendo... O pessoal não tinha como sobreviver ali e foram saindo; primeiro os filhos, depois os próprios proprietários originais desses terrenos; não conseguiam mais ter uma vida boa em seus lotes e os puseram à venda. As famílias originais desses lotes eram quase todas de imigrantes: italianos, espanhóis, poloneses, russos, alemães, austríacos e outros.

Teve um período que Corumbataí teve uma população bem maior. Nós chegamos a ter aqui 13.000 habitantes mais ou menos e hoje tem 4.000 mais ou menos. Mas tinha bastante gente. Porque a zona rural tinha muita gente. Porque o café, o arroz, tudo isso precisava de gente. Eu te falei, meu pai abria a loja dia de domingo, o pessoal vinha à missa e depois ia fazer compra. Armazém abria dia de domingo. O pessoal vinha, tinha aquelas argolas na calçada prá amarrar os cavalos. No nosso quintal aqui, punha os cavalos aí dentro. O quintal que hoje é garagem, ficava um monte ali. E galinha, nós tínhamos galinha aí em cima também. Aí na época não tinha banheiro, era fossa. Ainda era fossa, depois o meu pai fez o banheiro aqui dentro de casa. A fossa era lá no fundo, hoje é a garagem e tudo, mas ali era um quintal grande e o pessoal vinha e podia amarrar cavalo ali. Tinha aquelas coisas de argola e prendiam, a maior parte era cavalo ou carroça. Não tinha carro, nem caminhão. O carro eu me lembro do Gibimba, o carrinho dele estava sempre quebrado.

**A conversa no sítio continua...**

H – Quando eu era criança aqui em Corumbataí, eu me lembro que tinha uns dois ou três carros, automóveis. Um automóvel era do Gibimba, que fazia transporte de aluguel, um taxi. Os Perin tinham um automóvel e talvez também os Venturolli. Eram uns três automóveis na cidade.

P – Família Duckur.

H – Caminhão também tinha alguns. Então a movimentação toda era por charrete, carroça, cavalo. As calçadas todas tinham aquelas argolas na frente das lojas para amarrar o cavalo. A vida era muito mais difícil: o fogão era a lenha, não existia outra coisa senão fogão a lenha; você tinha que arrumar lá um montão de lenha seca, fazer fogo, esquentar a chapa do fogão para fazer a comida. Geladeira...

P – Depois veio a serragem. Não era mais lenha.

H – Alguns aproveitavam o pó de serra da serraria para fazer o fogo no fogão. Mas geladeira não tinha, no meu tempo de criança. Era a década de 30, 40, não havia geladeira. Rádio, poucos tinham. Lá em casa tinha um rádio; meu pai era dentista, então podia ter um rádio. Poucas pessoas podiam comprar um rádio. Televisão ainda não existia. Enfim, a vida era muito mais difícil, para o homem e para a mulher.



Vigésima primeira foto: Primeiros carros. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Ah, a estação, nossa! Essa aqui.... Essa é a que mais deixou saudades, sem dúvida nenhuma. A estação de trem, né? Ela pegou fogo. Eu não sei se pegou, se puseram. Mas naquela época o rio não estava no nível que está lá em baixo não. Não tinham dragado o rio, tinha várias lagoas, sabe? Então quando dava enchente, enchia a estação também. O trenzinho não chegava, às vezes ele vinha até Ferraz e voltava. Porque inundava tudo e não passava. Tinha o pau de sinal, onde o cara ficava lá na hora que o trem ia passar, chancela que eles chamam. Mas a gente chamava pau de sinal. Tinha um viaduto, não sei se você tem alguma foto do viaduto aí. Não sei se eu vou ter também prá te mostrar... Que é um negócio nunca visto, inédito. E eu não sei por que destruíram, que aquilo lá era uma obra de arte. Era um negócio de cimento armado, sabe? Uma coisa feita aí na década... No comezinho de 1900, 1900 e pouco. E as pessoas desciam do trem, subiam o viaduto, passavam pro lado de cá. Mas o vão do viaduto, era um vão mesmo, porque os trens passavam por baixo. Quer dizer, era um negócio fantástico..



Vigésima segunda foto: Rua em Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

**Ainda no sítio...**

H - Meu pai pegou exatamente essa fase de transição: da lavoura, do cultivo intensivo das terras com lavouras de batata, algodão, etc., para esse período que passou para pecuária leiteira. O pessoal da zona rural queria vender suas terras, ir embora para a cidade, trabalhar na indústria para ganhar mais. Alguns poucos, mesmo tendo apenas 10 hectares de terra continuaram aqui, pois no geral tinham família pequena e deu pra continuar. Mas muitos, muitos foram embora. Muita gente. Uma grande migração. Muita gente foi para o Paraná: vendia aqui para comprar lá. Para Americana foram muitos para indústria de tecidos; outros para São Paulo. Hoje em dia tem gente derivada de Corumbataí por todo o estado e fora do estado também. Foi uma necessidade. Que acontece no final disso tudo? No final, você veja aí neste mapa de meu sítio: ele é a reunião de um, dois, três, quatro, cinco..., seis propriedades. Agora esse vizinho meu, desse lado, o primeiro aqui, comprou este lote e uniu com o seu anterior e está plantando eucalipto em tudo. Se você olhar para lá, você só vê eucalipto. Então estamos entrando numa outra fase aqui em Corumbataí. Uma outra fase.

Os papéis *foi que nem se fosse* a Reforma Agrária. As fazendas eram a Santo Urbano, Boa Vista, Monte Alegre... Só que era fora... No município, mas fora... A do Dr. Benedito era a Fazenda Morro Grande. Tinha também a do dono do laboratório.... Esqueci o nome dele... *Alembrei*, Renato Pires, era o dono da Fazenda São José. Pena que o vô já foi. Ele conhecia a história do município! Ele sabia bem. Ele e o tio Pedro. Os dois.

Essa casa aqui... Eu cheguei a ver essa varanda. É a fazenda Santo Urbano. Ah! Essa casa não existe mais. Hoje reformaram, mudou toda a estrutura. O que fizeram lá! O tamanho da cozinha... E é de vidro. Eles ampliaram o casarão inclusive. Assim no estilo mais antigo. Cobriram com telha comum! Mas se você vai hoje lá para fotografar vai ver a mudança que deu! Tiraram toda essa fachada, não existe mais essa casa. Tanto é que lá existia a parte de senzala, dos escravos. Era tudo de pedra, hoje só têm as ruínas porque caiu tudo. Algum pedaço de parede da época dos escravos ainda existe. É... Hoje lá tá mudado completamente, têm várias casas diferentes. Mais modernas. Mas a sede ainda tem as palmeiras os coqueiros da época, são árvores gigantescas e ainda estão lá.

Mas hoje a casa é outro estilo completamente diferente. Inclusive as janelas, tudo aqui eu conheci deste jeito. Eu cheguei a ver antes de demolir a outra casa. Antes de reformar! Conheço o proprietário atual, que acho que tem os seus noventa e poucos anos, eu já conversei com ele. O filho e a nora dele também, numa festa que eles fizeram lá, sabe?

**Retornando ao bar da praça...**

M - A Santo Urbano. Nós dormíamos aqui na área. Acabavam os bailes... Era a fazenda dos Venturolli. Hoje é uma *fazendona*. Reformaram. A última vez que eu fui ainda estava assim. Hoje é de gente muito rica, muito bem cuidada. Tem gado, café.

V - Tinha uma fazenda aqui, a Boa Vista. Fazenda grande, ainda tem. A *mais grande* aqui é a Santo Urbano. A casa tá reformada. O dono que tá lá agora, o último dono. Tá uma maravilha agora lá. Nas fazendas tinha lavoura de café. Depois acabou o café.

O meu pai diz que ele chegou a ir lá quando tinha café. Então, diz que o café vinha do meio do *cafezar*, por uma canaleta. Que lá tem bastante água dos lados. Então eles iam colhendo o café. Jogava o café naquelas canaletas. A canaleta vinha até no terreiro. No terreiro eles tinham um ralo, então o café ia parar em cima de um ralo. Pedra não vinha no café porque parava na água da canaleta. Não jogava fora a pedra, então eles tiravam ela fora quando começava a amontoar. Porque era café catado do chão e vinha com muita pedra. O café vinha no terreiro pela água, você vê que fazenda que era, hein? Era uma fazenda modelo, o café vinha pela água, não precisava ninguém carregar saco de café, nada. Ia apanhando... Ah, isso daí faz mais ou menos uns... Isso daí foi prá época de 30, mais ou menos. Isso é do tempo do meu pai, que ele é que conta. Ele falava que era cada coisa mais bonita de ver, ninguém fazia força, o café vinha e os *cara puxava* o café com rodo num terreiro. Um terreiro grande prá danar. Ia esparramando e secava. Mas o café já tava limpo! Mas era a única fazenda que (o café) vinha por causa da água. De abundância de água que tinha. Vinha da serra.

A Morro Grande que também tem bastante coisa. Mas essa é um pouco mais longe. É na mesma direção. Só que mais prá adiante.

Nossa, e a Roncador! Ah, meu Deus do céu! Aquilo era uma maravilha. Era do Venturolli, isso eu me lembro bem. Ele morreu e hoje os filhos venderam a fazenda. Tinha também a família Dolce em Corumbataí. Esses o pai fazia *trabaiá*, ele dava mesada, acabou tinha que trabalhar! E não é que era pobre. O homem era forte, estudou tudo os filhos. Em Rio Claro tinha um que era médico, o outro é doutor de livro... O Osvaldo? Ele é professor de matemática e editor de livro. O Pedrinho, esse que foi candidato a prefeito, mas ele morreu. Era fiscal de venda, ele e a esposa. Todos eles tão bem de vida. A família conservou e aumentou o patrimônio.

Nossa! Os Roque Gervásio tinham 400 alqueires de terra. E na cidade acho que eles tinham quase que metade das casas de Corumbataí. A família Gervásio foi muito poderosa em Corumbataí. Os Duckur também. Tem gente da família Duckur em Rio Claro também. Inclusive eles têm uma fazenda próximo a Washington Luiz. É da época dos escravos. Tinha até corrente, aquelas bolas de ferro de pôr nos pés, tudo lá embaixo no porão da casa. E lá existe a mobília original da casa, a coisa mais linda do mundo. A mesa, aquelas *cadeira*, parece que foram cadeiras da época imperial. Precisa de uns sete ou oito homens prá arrancar a mesa lá do chão da cozinha. Eles venderam prá usina! Só lá na fazenda o Pedro Duckur tinha quinhentos alqueires de terra. Tudo campo aonde nós ia buscar gabioba, coco indaiá. No tempo que eu era moço. Nossa! Tinha fruta naquele campo lá que era fora de série. E era tudo do Pedro Duckur. E a usina que comprou. O Pedro Duckur tinha, a gente fala fábrica de *argodão*, *é que nem* desfia o algodão, mas é uma fábrica. Hoje já foi vendido, mas era tudo do Pedro Duckur. Ali aonde tem a fiação de seda. Ali uma moça enroscou o cabelo na correia de uma máquina, tinha cabelo comprido, arrancou inteirinho o couro da cabeça dela. Isso no tempo que eu era moleque, tempo do Pedro Duckur. Era o maior casarão que tinha. Praticamente uma mansão ali no centro da cidade. Na esquina que hoje é um terreno vazio, porque foi demolida. Era uma das casas mais bonitas que tinha na cidade. Tinha uma pintura de época na parede. Aquele homem era importante! Os lustres eram todos de cristais, tudo importado de outros países.

A família Venturolli, também é daqui de Corumbataí. O Silvio Venturolli, o filho desse aqui (da foto), ele é vivo. Ele já foi prefeito de Araraquara e depois, por *último* foi a mulher dele prefeita. A Dona Germínia Dolce. Acho que foi duas vezes prefeito de Araçatuba. E eles também moram lá. E inclusive ele tem propriedade aqui no município. Ele tem o sítio aqui que é herança da mulher dele por parte do *Seo* Pedro Dolce. A fazenda Guaraciaba. A sede da fazenda ficou prá ela.

Meu avô Pedro Canhoni ele veio da Itália prá Corumbataí. A minha avó eu me *alembro* que ela veio com doze anos, era austríaca. Ela veio da Áustria. Mas o meu avô, acho que ele devia ter os seus dez, doze anos por aí também. Eles tinham a mesma faixa de idade. O meu avô era da província de Orovigo, que nem cidade é. O da parte da minha mãe, Bortolin veio da província de Treviso. Eles vieram em três irmãos: Pedro, Júlio e Antônio, nós puxamos na internet. Tem 375 Canhoni na Itália, tem até fabricante de vinho na família, descendência do bisavô. Família grande lá. Que na verdade o meu avô tava aqui e os Gigeck vieram prá Corumbataí. Família da minha avó. Não vieram para o Núcleo Jorge Tibiriçá, vieram prá cidade. Os terrenos eles compraram por aqui mesmo. O

Bortolin, meu avô, veio da Itália prá Campinas. O lugar chamava Fonte Sonia, hoje não sei que nome que dão lá. Entre Valinhos e Campinas. É Sousas, isso mesmo! É porque a maioria das famílias de Corumbataí é tudo descendente de estrangeiro. É russo, polonês, alemão, espanhol, italiano, português. Tinha todas essas descendência aqui em Corumbataí.

**Enquanto isso no sítio...**

H – Você já passou lá na rua dois? No número 213 era a casa dos meus pais. – Então eu saí de casa, passei em frente ao cinema e da casa comercial do João Cassab e lá dentro conversavam o João Cassab, o Herculano Basile e o Roberto Yesser; o Yesser era russo, o Basile provavelmente italiano e o...

P – Cassab.

H – O Cassab era libanês. E sabe? Sendo criança, com 8 ou 9 anos, ficou aquela impressão de que as coisas não estavam bem, mas eu não sabia o que realmente estava ocorrendo; continuei minha caminhada e fui até o armazém dos Perin, do outro lado da rua. Não sei quanto tempo passei ali, mas me recordo de ter saído do armazém dos Perin logo depois, e estar atravessando a rua em direção à outra loja em frente, do Pedro Cassab, que era irmão do João Cassab. Nesse momento eu olhei para cima e vi que vinham descendo o Yesser, o Basile e outras pessoas no meio da avenida um; de repente a discussão se encrespou: o Yesser arrancou um revólver e apontou diretamente para a cara do Basile. O Herculano Basile, meio gordo, não se intimidou: foi para cima dele com o revólver e tudo; segurou seu braço e ambos derivaram para a calçada e para o muro logo acima da loja do João Cassab. Nesse momento fui agarrado por meu tio, que, para me proteger, temendo uma bala perdida, me pôs atrás do batente da porta da loja do Pedro Cassab. Sei que logo depois eu vi o Basile com um ferimento na testa. O Yesser deve ter dado com a coronha do revólver na cabeça do Basile. Só mais recentemente, lembrando essa passagem, eu deduzi que isso havia ocorrido na época da guerra, da segunda guerra mundial. Então tinha ali um russo, um provável italiano que era do eixo, o Basile, e o João Cassab, que provavelmente era neutro. Então aqui em Corumbataí tinha uma comunidade muito interessante, formada com o Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, uma mistura de elementos europeus de várias nacionalidades.

Tem a família Raven, que foi muito importante aqui em Corumbataí. É russo. Inclusive é dona de uma propriedade aqui em cima que hoje é dos Vergana. Aqui tinha muito estrangeiro mesmo, de vários países. Depois foi diminuindo. Ainda existe Habermann, Raven ainda tem, mas a maioria ou foi indo embora prá outros estados ou cidades. Ou se misturando aqui. É só ir no cemitério aqui e você começa a olhar os sobrenomes lá. Você vai ver a descendência ucraniana, polonesa. A família Kviatkovisk

ainda tem. Tem um amigo meu que é engenheiro agrônomo da Casa da Agricultura, o Marcelo. Tem a Ruth Kviatkovisk, que trabalha na prefeitura. Então você vai vendo e lembrando os nomes. Você olha no cemitério lá é praticamente uma colônia de estrangeiros.

De poucos anos prá cá é que tá entrando esse pessoal do nordeste, mas antes era tudo pessoal descendente. E tinha os negros que eram descendentes de escravos que tinham aqui. Tinha bastante escravo. Nossa! O cordão dos negros no carnaval batia o dos brancos de longe! Meus colegas eram tudo negro. Nós *brincava* junto e nem, nem dava conta da cor. Mas sabe por quê? Era tudo gente honesta! Não tirava uma agulha de ninguém.

**De volta ao bar da praça...**

V - Agora aqui tem muito nortista. Um do Ceará, outro da Bahia... Tudo eles têm propriedade deles mesmo. Vieram aqui e *trabaiaram*. Deu um tempo eles *trabaiavam* nesta cesta básica aí. Tudo eles já tem casa deles prá morar. Eles são trabalhador. Os que vieram são gente boa.

Nas casinhas mora tudo gente que era um tempo era bem de vida. Tão morando agora nas casinhas porque morava no sítio, aí venderam. Bem dizer aqui quem mora lá nas casinhas é tudo gente daqui mesmo.

Meus pais, eles não vieram como imigrantes. Tanto a família do meu pai quanto a da minha mãe tinha propriedades. Então eles venderam e não vieram como imigrantes. A minha mãe chegou em 1926 e meu pai já estava aqui. Meu pai veio antes da primeira guerra, ele estava em São Paulo antes. Ele mascateava, foi o que a maioria fez, né? Aí depois se instalou aqui, ele mascateava na região, conheceu a minha mãe em Ajapí e tal, aí casaram em Rio Claro. Foi assim. No caso da minha mãe, o meu pai eu não sei, é mais difícil, ele estava aqui antes. Mas a minha mãe, uma das causas fundamentais foi a guerra de 1914 a 1918. Naquele período as pessoas passaram um apuro danado, quase morreram de fome. Por qualquer pedaço de alimento o pessoal quase se matava. Porque não tinha, vinha tudo da Europa e a Europa estava em guerra. E passaram... Olha, o que ela conta ia além disso, a guerra de religiões também. Os drusos com os católicos e tal, isso aí formavam brigas dos caras brigarem lá e virem matar alguém aqui no Brasil. Fulano morreu lá e vieram matar o sobrinho do fulano aqui, quer dizer, essas coisas de vingança, né? A minha mãe tinha 3 irmãos aqui no Brasil. Eles já estavam aqui estabelecidos, vieram antes. Então não tinha porque ela ficar lá. Já tinham perdido os pais, ela tinha uma irmã, que faleceu depois. Então um dos meus tios foi lá e a buscou. Ela chegou em 1926, eu me

lembro bem porque ela falou que chegou um ano antes do centenário de Rio Claro, que foi em 1927.

Eles chegaram de navio em Santos, vieram pelo trenzinho. Por Jundiá. O trenzinho ainda funcionava na época, ela contava. Mas ela veio mais porque os irmãos já estavam aqui. E a guerra também foi muito dolorosa. Foi muito triste, como qualquer guerra é. Naquela época dependiam muito dos alimentos da Europa. Porque o Oriente você sabe, tem petróleo, mas não tem mais nada. E foi muito duro prá ela, sofreu muito. Vir prá cá... prá ela o Brasil é uma terra abençoada, ela sempre falava prá gente: “Não reclama disso aqui não, porque isso aqui é uma terra abençoada”. Eu me lembrei muito dela quando teve aquele terremoto em Kobi, e aquela japonesa quando desceu no Brasil beijou o chão como o Papa fazia, né? E falou a mesma coisa. Que ela estava lá passeando, não sei se tinha parentes e deu o terremoto, mas ela sobreviveu. Quer dizer, então, por aí você vê, realmente é uma terra abençoada. Com todos os problemas, com todos os ladrões, bandidos, corruptos. Mas tem muitos aspectos positivos. Não é? Então ela gostava muito daqui, nossa. Minha mãe morreu faz 5 anos, morreu em janeiro de 2001, tinha mais de 90 anos. O meu pai não, meu pai morreu em 64.

**E a conversa no bar da praça foi longe...**

V - Teve uma época que tiveram bastante imigrantes. Nas fazendas lá perto do nosso sítio tinha muita gente. Mas lá veio bastante austríaco, da Áustria. Meu pai era também. Veio com um ano de idade. Ele veio porque os pais *veio*. *Veio tudo* morar aqui em cima numa fazenda. Atrás de serviço. E quase *tudo* eles que eu conheço arrumaram um pouco a vida aqui. Trabalhavam de colono. Pegava café. Conforme a quantidade que a pessoa pegava o dono da casa dava um pedaço prá ele *prantá*. Prá eles *prantá* milho, arroz, feijão. Se ele era seguro então comprava um sítio. Uma parte que tinha propriedade foi embora. Os fazendeiros acabaram em nada. Os filhos quase *tudo* foram embora. Ficou um pouco aí. Agora aqui tem pouca gente descendente de estrangeiro que tá aqui.

M - Teve muito estrangeiro. Eu não sei como era a imigração. Se eles chegavam de São Paulo ou de Santos. Eu não sei se vieram já designados prá trabalhar em fazenda. Aqui tinham muitos da família Ometto, são muito ricos em Piracicaba. Grande parte saiu daqui. Os que vieram depois, os descendentes, foram casando. O João Ometto, Julio Ometto. O dono da usina lá de Iracemápolis.

Ah, eu nunca fui na Santo Urbano, nunca tive oportunidade de ir lá, nunca. Até outro dia tinha exposição lá no Centro Profissionalizante, um *cara* que pinta, não sei se ele

é de Ferraz ou de Ajapi. Ele pintou todas as casas das fazendas aqui de Corumbataí, todas. Você precisa ver que bonito que era. Tava lá naqueles quadros grandes no pedestal assim, sabe? Nós vimos, eu falei: “Nossa! Que coisa linda!” Como elas estão agora. Porque a fazenda São José tinha, a fazenda do Altarugio, aqui em cima tinha... Não tem nenhuma que está assim como era, de época, porque elas foram todas arrumadas, né? Agora eu acho que essa daqui de cima não está muito... Ela tá como era mesmo. Ela foi arrumada, mas não é reformada. Essa daqui de cima, a que tem a estrada que passa... Em vez de ir pelo o asfalto, pela via de acesso, desce o morro, sabe? Então passa em frente da fazenda, da casa da fazenda que era antigamente. Agora fala *do Altarugio*, agora, antigamente eu não sei de quem foi. Agora essa aqui não sei o que é não.

### 3.3 Práticas sociais

O ranger monótono de eixos gastos  
 Puxados pelo caminho a boi moroso,  
 Aves solitárias contemplam  
 Borboletas fugidias sob o sol.  
 (CASSAB, P., 1978, p. 21)

Nossa, tem cada história, se você soubesse! A divisa de Corumbataí era perto de Rio Claro, você não conheceu. Tinha uma coluna de cipreste. Como é que chama aquele lugar que tem a igrejinha? Pró frente de Ajapi? É quase perto de Rio Claro... Cachoeirinha! A divisa de Corumbataí era lá! Mas como *os cara* que *tava* emancipando Corumbataí (Risadas) sabiam que iam perder a eleição lá, então eles venderam Ferraz e Ajapi prá Rio Claro por 18 conto de réis. Isso eu nunca mais na minha vida eu esqueci. Aquele tempo falava conto, né? Não falava mil! Isso não chegou a ser divulgado em jornal. Mas você acha que eles iam... Tudo camuflado! Foi descoberto porque tinha o Dr. Castilho. Ele era de Rio Claro e ele sabia de todas as *maracutaia*. Que isso começou errado. Era tudo *maracutaia*. Veja bem naquele tempo já existia político... Não vou nem falar o nome! É tudo coisa que... Tudo deturpado. Então se você vai analisar em livro, biografia, mas não

existe nada disso! Eles só põem o que interessa. O que é pesado eles *corta* fora, porque depois que a pessoa morreu aí fica tudo bonzinho.



Vigésima terceira foto: Corporação Musical, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Data: 1919. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Essa aqui era da corporação musical, olha aí, 1919. Do grupo dos veteranos. A foto tá meio apagada. O baixinho... o Justino não fazia parte também? O tio Pedro eu sei que fazia. O Justino também, o pai do Nelson. Porque vários da família tocavam na corporação. Bom, quer ver quem tocava da família na corporação? Meu tio Zé Canhoni, o primo dele Toninho Canhoni, o Germano Canhoni, deixa eu ver quem mais... E o tio Pedro. O tio Pedro tocava trombone. Se tivesse o trombone era fácil de... Ah! Olha aqui! Olha aqui que é o Pedro Canhoni aqui, olha o trombone aqui! Agora que eu vi! Era o instrumento que ele tocava!

Esse daqui é meu tio. O tio Zé Canhoni era clarinete. Zé Canhoni, esse eu conheço. (Risadas). Dá prá conhecer bem por causa da roupa branca, destaca um pouquinho do fundo.

O pai dele, meu avô Pedro não tocava. Não na corporação. Meu avô era sanfoneiro. Essa foto deve ter 50 anos, pelo o que tá aí é mais ou menos, 50 ou mais! Engraçado que nas fotos eles aparecem. Muito interessante! Muito difícil de acontecer. Essa banda funcionou bastante tempo. Era tida como a *Banda dos Batateiros*.

Quando tocava a banda aqui, Rio Claro *escuitava*, conforme o vento tava do norte. De Analândia era um primo do meu pai que era o maestro lá. Chamava-se Euclides Sereda. Quando eles tocavam, daqui de Corumbataí, quando o vento vinha de lá prá cá, escutava a banda tocar. Primo do meu pai também! (Risadas) Ele era o maestro da banda! Essa banda aqui eu acho que funcionou até 1940, por aí. 1940. Quando eu era bem moleque. Depois já parou. Tinham duas bandas em Corumbataí! Eram amigas. Mas *tinha* duas bandas. Porque nessa época aqui era distrito de Rio Claro. Inclusive Ferraz e Ajapi. Depois foi desmembrado.

Bom, essa corporação eu já não conheço. É o que eu te falei, eu não lembro. Eu sei que tinha, que o Sylvio Sacomanni era o maestro, né? Ele era sapateiro, o Seo Sylvio morava aqui, nessa casa onde está o Paulo aí, nesse boteco aí na frente, essa lojinha. Meu irmão era pequenininho e ele subia aqui e levava ele prá acompanhar. E ele gostava, ficava no meio da criançada. Mas era só o Phelippe, que era o meu irmão mais velho. Nós éramos muito pequenininhos, então levava só ele.

Ah, a vida no sítio era boa. Só que nós não tínhamos luz elétrica, era lamparina de querosene. A gente bordava o enxoval, tudo à mão, minha filha, com lamparina. Eu e a minha irmã que faleceu, coitadinha. Ela faleceu com 31 anos. Eu com ela, a gente ficava... Durante o dia ia na roça e a noite bordava. Cada bordado que a gente fazia pró enxoval. E hoje tem tudo pronto, né? Naquele tempo não tinha não. Não tinha nada prá se comprar dessas coisas. Tinha que fazer em casa. E quanto que a gente bordou, meu Deus do céu! A gente tinha... Eu me lembro que a minha mãe tinha prateleira, acho que você nem conhece o que é esse móvel na cozinha. A prateleira é assim, ela é... É comprida assim, e tem uma tábua aqui, numa distância assim, outra tábua, outra tábua, até... Tinham algumas que tinham quatro, outras tinham cinco. Então ali *botava* xícara, *botava* prato, panela. Aí depois, quem tinha um pouquinho mais de dinheiro comprava um guarda-louça. Ai, meu pai comprou um guarda-louça prá guardar... Era bonito até, tinha as portas de vidro, aquele vidro... Era desenhado em branco, aquela... Sabe? Era lindo, lindo, lindo. Guardava a louça. Nossa! Quem tinha um guarda-louça era chique, viu? Um guarda-louça, prá guardar xícaras, louça. Por isso essa palavra, guarda-louça. E hoje é tudo diferente, né bem? Os móveis... É moveis que eu nem conheço. Nem conheço o nome, porque mudou tudo... Diferente.

Mas eu não conheço ninguém aqui (na foto). Engraçado, esse aqui está parecido com o meu filho... Esse que viaja. É a banda. Ah, tinha uma banda sim. Corporação Musical Carlos Gomes. 1919. Acho que morreram todos. Ah, sim, já era terceira idade

naquela época. Terceira idade. Nossa! Que banda que nós tínhamos no coreto! Tinha um coreto, não é esse aí agora, era um coreto mais alto e mais “estreitinho”... Então subia lá em cima, então tinha a banda. Era uma vez por mês que tocava. Até nós morávamos no sítio e minha mãe falava assim: “Hoje nós vamos na vila, porque hoje tem banda”. Prá ver a banda tocar. Ah, meu Deus do céu! Eu tinha acho que 4 aninhos naquela época. Quatro aninhos, três para quatro anos. Então nós descíamos para ver a banda tocar, depois a banda ia pro cinema, né? E a gente ia embora prá casa. Nós não íamos no cinema, porque o meu pai não gostava. Ele não gostava e... não queria que a gente fosse também, não deixava a gente ir. Agora circo sim, quando tinha circo, meu pai não perdia um espetáculo, ele adorava circo.

Até eu me lembro, que quando eu era mocinha, o meu cunhado, casado com a minha irmã mais velha, ele se dava muito com o pessoal da banda. Então quando o filho dele fez aniversário lá no sítio, convidou a banda para ir tocar lá. É, mas só prá ir tocar.

Prá festejar o aniversário do menino. E você acredita que apareceu tanta gente pensando que era baile. Que tinha baile no sítio! Porque eles gostavam, tinha muito baile no sítio, sabe? E o pessoal... Nossa!

Tinha tanta moça e tanto moço aqui em Corumbataí. Meu Deus do céu, quanta moça! Mas apareceu tanta daquela gente... Aí depois o que aconteceu? Minha mãe falou assim: “Bom, então vamos fazer o seguinte...” ela pegou e tirou todas as coisas da sala. E deixou o pessoal dançar. Dançaram... Ninguém tinha falado nada que tinha baile, ele só convidou os músicos. E o pessoal vai aparecendo, daqui a pouco aparece uma leva, daqui a pouco outra... Ai, que é que é isso? Ah, meu Deus do céu. Eles não podiam ver música, ouvir música, que eles já iam pensando que era baile. Que tinha muito baile no sítio, tinha em todo lugar, né? Era uma beleza.

Tudo era motivo de baile! Nossa! Que festa. E hoje não, hoje é só churrasco. Naquele tempo não era, não tinha essas coisas de churrasco. Era baile. E dava pão, pão doce e dava... Anisete. Licor... Licor, anisete. Não tinha essas bebidas que tem hoje em dia. Não, bem. E era tudo caseiro. Tinha cerveja... Sei lá se tinha cerveja ou não tinha. Eu lembro, quando eu era moça formada já, que a gente tomava... Maçã, falava guaraná, maçã. Era uma delícia, de garrafa mesmo, de vidro. Então a gente tomava no Natal, no Ano Novo e na Páscoa, só. É. E não era só nós, era todo mundo. Não era que nem hoje que todo mundo bebe todo dia, todo dia, todo dia. E que isso faz um mal! As crianças ficam todas obesas. De tanto tomar guaraná. A gente pega os médicos... Entrevista com os médicos, eles falam que isso aí é muito mal. Lanche... Quanto lanche, né? De tudo quanto é jeito.

Aquilo é um veneno para o coração, para a circulação. Por isso que hoje tem muita gente com colesterol, pressão alta... Por causa disso. Come muito lanche. Por que é gostoso o lanche. Não resta dúvida, é uma delícia. Pizza, essas coisas, nossa! É por isso que hoje todo dia tem hipertensão, é... Nossa! Sofre disso, daquilo... Antigamente não, o povo de antigamente tinha muita saúde. Porque era tudo comida natural. Comida natural, bem. E hoje já não, hoje é tudo diferente, mudou muito, nossa! É como eu falo, tem coisas que mudou prá melhor e tem coisas que mudou prá pior. Alimentação era natural e hoje não.

O rio. Eu me lembro do rio quando tinha uma ponte de madeira, as lavadeiras lavavam roupa naquelas tábuas. Ali na ponte. Lembro que punham aquelas tábuas e lavavam roupa ali. E a gente nadava ali, pescava, tudo. Mas era uma ponte de madeira, não é essa ponte que está hoje aí. Inclusive tinham duas...

**E no sítio continua a conversa...**

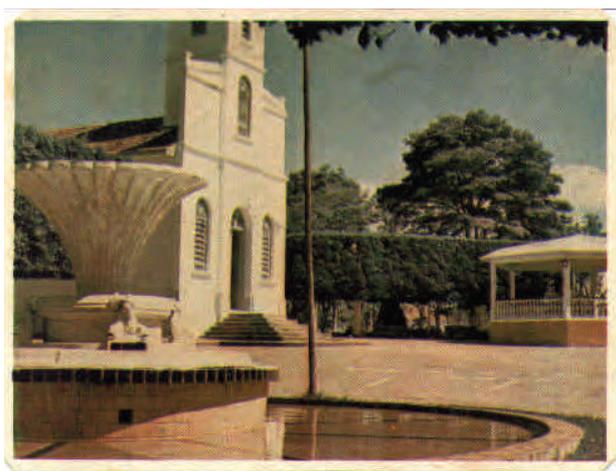
P - Outra coisa interessante daquela época eram as lavadeiras do rio Corumbataí. Alguém já citou isso para você? Tinha aquelas tábuas compridas. Era uma armação de madeira. Parecia essa parte do tanque onde a gente esfrega a roupa, sabe? Era uma prancha comprida que descia até a água mesmo. Então as lavadeiras ficavam ali, ajoelhadas, com aquela pilha de roupa... Eu me lembro, minha tia Elena lavava as roupas. Meu avô e meus tios eram agricultores. Aquelas roupas sujas que vinham da lida no campo... ela ficava ali esfregando e punha para quicar ao sol. Depois de limpas, as peças eram colocadas nas cercas de arame farpado, para secar. Podia ventar que não caíam. Em compensação furavam o tecido. Quando ameaçava chover, todo mundo corria para ajudar a recolher a roupa. Desde essa ponte, ao longo das duas margens, tinha essas pranchas de madeira onde as lavadeiras lavavam roupa. Porque a água era limpa. O leito era baixo. Espreado. Então era algo que depois, com a retificação, também acabou. Isso fazia parte do folclore aqui da cidade, do cotidiano daquelas pessoas irem lavar roupa no rio.

Faziam o sabão em casa, o sabão de cinza, naqueles tachos enormes. Eu me lembro, a minha tia fazia muito disso. E depois cortava aquela massa redonda, muito grande. Cortava e ficava na tulha, armazenado lá. Quando precisava de um pedaço de sabão ia lá buscar. E funcionava, o sabão era muito bom. Limpava muito bem. Era feito de uma mistura de sebo, cinzas, etc. Era uma receita própria delas. Todos os ingredientes vinham dali mesmo, do próprio sítio. Naquela época o fogão era a lenha e o forno, que ficava lá fora no quintal, também era a lenha. Ficava protegido, em baixo do rancho. Faziam pão em casa, faziam tudo em casa. Não tinha geladeira, armazenavam a carne em latas de 20 litros. Matavam o porco, derretiam a gordura e a carne cozida ia para dentro da gordura, para proteger e não estragar. Essa carne depois era cozida junto com o arroz. Era chamado arroz de suã. Delicioso. E a horta... Toda casa tinha a sua. Então, o que fosse preciso era só buscar ali, não tinha agrotóxico, não tinha nada. Como fertilizante só estrume de vaca e cavalo e muito zelo. Era uma maravilha, viu? Mas as lavadeiras, hein, Heraldo? Pelas margens do rio aqui, era uma coisa muito bonita. Era um trabalho muito duro, mas muito bonito de ver. Diferente.

E o *footing*, ah, que a gente dava volta no coreto. Nossa, era uma maravilha! Então, era assim... Tinha o coreto. Você viu a fonte? Ali onde é a fonte, ali que era o coreto.



Vigésima quarta foto: Missa de 7º dia, Tia Paula. Jardim Central, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.



Vigésima quinta foto: Coreto novo, jardim central, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Ele era bem alto, até embaixo morava um jardineiro, ele chamava Marcondes, parece que eu estou vendo ele. Ele morava sozinho. É, tinha uma casinha ali debaixo da fonte, tinha uma porta e ele era o jardineiro, tomava conta do jardim. Ele tinha o cabelinho branco, aqui atrás era... aqui era careca e tinha um cabelinho branco, uma barba branca. Chamava Marcondes. Até ele está sepultado aí, fizeram uma capela, a família mora em... Não sei onde que mora a família dele. Então ele está sepultado lá e tem ele, a fotografia dele sentado numa cadeira... Bem grande, assim no fundo da capelinha, é uma capelinha que fizeram. E ele tá lá. Eu falei: “Nossa! É o jeitinho dele mesmo”. Ele usava aquelas alpargatas. E ele andava pelo jardim assim, me lembro... Sempre assim ó, desse jeito ele andava, sabe? Aqui teve muitas figuras. Nossa! Cada figura que tinha. Ah... Deixa eu contar primeiro das voltas que dava no jardim. Então a gente dava a volta ali, descia a avenida um, ia até na esquina ali em baixo, depois voltava. Olha o trajeto nosso, até passar as horas. Depois, quando era a hora do cinema, o pessoal ia pô cinema e nós íamos prá casa. Quando eu morava lá prá cima a gente ia prá lá e quando meu pai mudou prá cá, nós íamos prá cá, era mais perto. Então todo domingo a gente vinha na vila. Prá dar voltas na rua. Então quando chovia bastante, a minha mãe vinha na... Porque naquela época não tinha missa à noite, só de manhã. Nós vínhamos, eu, minha mãe e aquela minha irmã que morreu, nós vínhamos na missa, saíamos 5:30 h de casa. Porque a missa era às 6:30 h. O padre morava em Analândia e vinha rezar missa aqui, então ele rezava às 6:00 h, era 6:30 h a missa. No inverno era escuro e precisa ver como enchia de gente na igreja. A missa era de manhã e à noite era a reza, com a Benção do Santíssimo. Todo domingo tinha a Benção do Santíssimo e a minha mãe vinha prá ir na reza. E depois ela ficava sentada no banco do jardim com as comadres dela. E nós ficávamos dando voltas. Subia e descia... Eram três, quatro, cinco (meninas) e ia. Atrás vinham mais cinco, seis, mais três, quatro, e ai ia... Enchia a rua assim. E os moços ficavam do lado, paquerando né? Outras saiam e iam na *calçadinha* conversar, não é que nem hoje que tem carro. Hoje é só motel. Antigamente não, era um namoro lindo, maravilhoso. Não é como hoje não, bem. E depois quando era 9:00 h, terminava porque aí começava o cinema. O pessoal ia todo pô cinema e nós íamos prá casa, era todo domingo assim. Todo domingo. Nossa Senhora! Não via a hora que chegasse domingo. Ai meu Deus do céu.

E quando tinha carnaval então? Quanta gente que tinha. O Rei Momo vinha de trem, ele ia prá Rio Claro e vinha de trem, ele, a rainha. Iam buscar de trole, tinha trole, naquele tempo tinha muito trole. E todo enfeitado, com serpentina, sabe? Então subia de trole... Meu Deus do céu, todos cantando e jogando serpentina. E ele passava com a rainha

e a princesa. Subia, aqui tinha uma passarela assim, que ficava a banda. A banda vinha atrás. Vinha junto, depois a banda subia naquela passarela lá, que era um redondo assim, e ficava tocando lá em cima, pro povo escutar. E a rua ficava assim de gente, ó. Agora, tinha os cordões. E tinha bastante gente, cordão de um jeito, de outro, vestuário, tudo diferente. E tinha o cordão dos negros, você precisa ver que coisa linda. Eles saíam de lá de cima do Núcleo, todos vestidos de branco, roupa comprida. Tanto os homens como as mulheres, vinham de fora também, porque aqui tinha muito preto, sabe? Gente de cor. E eles vinham de fora, e descia aquela fila... Parecia uma procissão. E vinha... Eles tocavam aquela cuíca. E dançando, e dançando. E vinha com estandarte escrito, sabe? Ah, mas era bonito, viu? E tinha o salão deles. Aqui tinha o salão deles, só prá eles. E tinha o salão de cima, tinha outro que chamava Ritz e tinha o outro de baixo aqui, *enchia* todos. *Enchia* todos. Mas era um carnaval lindo, maravilhoso, sem malícia, sem nada. Era lança perfume que rodava, que era a coisa mais linda do mundo. Lança perfume, que tinha um perfume tão gostoso. Meu pai não deixava a gente dançar, então a gente ia apreciar. Então eu com as minhas amigas, nós íamos lá em cima, íamos lá em baixo, aqui, dar uma olhada. Até lá nos pretos nós íamos. Você precisava ver, nossa... Aquilo enchia de gente. Era a coisa mais linda, viu? Ai que coisa linda! Que bailes que tinha, meu Deus! Era tudo misturado. Porque rico tinha bem pouco.



Vigésima sexta foto: Baile carnavalesco, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Data: 9 de fevereiro de 1931. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Agora, os ricos antigamente eram assim, eles não se misturavam com os pobres. De jeito nenhum! Nós morávamos no sítio e quando a gente vinha na vila, eles falavam assim... Ah... Como é que fala... Esqueci o nome... “Os *calu* vêm vindo”. Os *calu*. Era o nome que eles davam pros pobres. As pessoas pobres... Eles não gostavam, né? Os *calu*. “A *caluzada* vem vindo”. São pessoas simples. A gente se vestia como podia, né bem? Como podia. Agora eles, nossa... Nem conversavam com os pobres, imagina! Hoje já mudou, já é diferente. Dificilmente tem um rico que não dá confiança prá pobre, dificilmente. Mas antigamente tinha muita rejeição. Que triste, né bem? Era triste, viu? Então pode até ser que tivesse o baile dos ricos e dos pobres, podia até ser, isso eu não lembro. Porque a gente não dançava. Meu pai não deixava. E você vê, aquela época era uma época onde dançava...

#### Retornando ao bar da praça...

M - O carnaval aqui também era bom. Era muito animado. Muito, muito animado. Tinha aqui muito sangue de italiano, espanhol, português, russo, alemão. Um sangue que gosta de festa. *Turcajada*... O que tinha aqui tá sobrando meia dúzia só. É verdade...

V - Os que mais sambavam eram os pretos. Que tinha muito preto, gente de cor. Por causa das fazendas. 13 de maio aqui era um festão! Que quando eles foram libertados era 13 de maio, né? Eles amanheciam aí fazendo passeata na rua e dançando. O salão deles era aqui. O Ringue, porque tinha um ringue de patinação lá também. Eles moravam no Núcleo, pelas fazendas. Eles vinham de longe. Moravam mais *afastado*.

E tinha também o salão dos Perin. Era um salão de cinema. Então quando chegava o carnaval eles encostavam as cadeiras tudo num canto e os caipiras do sítio dançavam.

Tinha o dos pretos e das gentes mais assim. Podia dançar quem quisesse, mas a turma não gostava de... misturar. Eu vinha mais no dos Perin.

M – Hoje em dia é só aqui, no sítio não tem mais nada. Aqui tem dia que eles fazem baile aí, tem pouca gente... Mas agora tem o barracão aí, que fazem bingo, essas coisas. Faz o bingo depois faz o baile e é pouca gente. Agora, quando eles fazem um baile vem bastante gente de fora. Antigamente tinha baile, em tudo quanto era sítio tinha baile. Aqui tinha no cinema, tinha tudo. Ali em baixo tinha cinema, aqui em cima tinha salão de baile.

Era um respeito, nossa! Não é que nem hoje, se não bebe não dança. E só faz folia, só faz anarquia. É briga, é maconha que rola. Até os médicos falam, você vai num baile toma cuidado, não deixa seu copo com bebida e vai ao banheiro porque depois quando volta ele já está batizado. Toma muito cuidado porque eles batizam mesmo. Pois é,

antigamente não tinha nada dessas coisas. Não tinha, bem. Então era um baile, não tinha... assim... sem-vergonhice nenhuma. E aquelas fantasias que faziam, eram todas umas fantasias lindas, os ricos. Aquelas fantasias... Hoje, que tem essas escolas de samba aí, pelo amor de Deus! Quantas que vão peladas? Ai, Jesus do céu. É isso aí.

Tinha dia que o pessoal brigava. A turma daqui com a turma de Analândia. Eles brigavam lá em Rio Claro, na estação. Era uma briga lá... “Eita!” Uma turma encrespada! Tinha essa rivalidade no futebol, tinha nos estudantes... Hoje parece que já melhorou muito, porque hoje é uma cidade turística e tal. Eles conseguiram, né? Então nesse ponto eles estão pontos acima. A gente ia jogar bola lá, era briga. Eles vinham jogar bola aqui, era briga e na estação era briga... E a briga não era de um contra um, era três, quatro contra três, quatro. Lá em Rio Claro que a briga era maior, na estação de Rio Claro. No trem era difícil, porque tinha o guarda...

#### **Ainda no bar da praça...**

M – Em volta do campo da igreja tinha um campo de futebol. Tinha campeonato de futebol aqui. O Corumbataí Futebol Clube disputava campeonato em Rio Claro. Agora tem futebol, mas acabou a graça. Naquele tempo a gente jogava à tarde, aos domingos à tarde. Aos domingos a gente ia tudo pro campo aqui embaixo, numa várzea. Esse tempo eu ainda peguei, jogava ali. Depois que mudou. Daí começou a história de jogar domingo de manhã. Ninguém queria jogar em dois times, queriam um time só. Antigamente a gente falava preliminar. Era primeiro e segundo lugar só. Mas a gente ia jogar lá pro lado de Itirapina, Torrinha, Analândia, Santa Gertrudes, Cordeirópolis. Tudo em cima de caminhão. Não tinha perua, não tinha nada disso não. Era tudo assim. De pé, em cima de caminhão, não ganhava nada. Todo mundo lavava sua camisa. Não tinha lavadeira, massagista. Hoje *nego* cai um tombinho e já correm dez lá e passa remédio da pele... Ah, não tinha nada disso. E nunca aconteceu nada. Mudou hoje, né? E Corumbataí continua gostosa prá se viver. Quem pode viver aqui. Quem tem a felicidade de tá morando aqui. Eu nasci aqui e tô aqui ainda. Caminhando, graças a Deus... Tomando conta de veterano, do futebol. A gente gosta, né?

L - Prá você ter uma idéia, nós estávamos disputando o campeonato amador de Rio Claro, em 1958. Às vezes tinha jogo lá em Rio Claro, num campo bem longe, antes de chegar na estação. E o jogo era de domingo. Então a gente pedia pro maquinista diminuir a marcha do trem e a gente pulava antes. Prá não chegar até lá e ter que voltar. No Clube Veridiana ali. Porque ali só tinha terra, né? Na fazenda São José, um pouquinho prá lá, agora é tudo construído. A gente pedia, ele diminuía a marcha e a gente pulava do trem, prá jogar. Porque o campo era ali perto.



Vigésima sétima foto: Carteira de identificação de sócio do Corumbataí Futebol Clube pertencente a Victorio Canhoni. Acervo pertencente à família Canhoni. Data: 17 de setembro de 1947. Cedida para a pesquisa em 21 de maio de 2005.



Vigésima oitava foto: Partida de futebol. Acervo pertencente à família Canhoni. Sem data. Cedida para a pesquisa em 21 de maio de 2005.

Então, eu estava falando dos personagens que tinha antigamente... Tinha esse Marcondes, tinha o *João das Moças*... Sabe por que ele tinha apelido de *João das Moças*? Porque ele queria namorar todas as moças e toda moça corria dele. Ele só se vestia de terno de linho branco, sabe? E a palheta branca na cabeça, porque usava muito e uma bengala. E ele ficava na esquina, girando a bengala, nessa esquina aí ó. Eu era menina ele já era homem formado. Então as moças apelidaram ele de *João das Moças*. Mulherengo! Tinha outro que era... chamavam ele de Gibi. Eu não sei se ele foi soldado. Ele estava sempre vestido de soldado, porque naquela época os soldados vestiam roupa *cor de caqui*, sabe?

Daquela cor. Então ele se vestia daquele jeito e ele ia pro sítio e pedia as coisas. E todo mundo dava, sabe? E eu tinha tanto medo dele, que quando eu via ele, eu era pequenininha, eu começava a gritar e a chorar. Aí então a minha mãe precisava mandar ele embora, dava as coisas prá ele e falava: “Vai embora porque a minha filha está com medo de você”. Chamavam ele de Gibi... Gibi. Agora que faz pouco tempo que eu não vejo mais ele, porque ele era bem velho. Nem sei aonde que ele morreu, de que jeito que ele morreu. E era um personagem da cidade, tinha um outro que chamava *Zé Milpé*. Sabe por quê? Eu acho que ele teve paralisia, e ele andava com a ponta do pé. Assim, ó. E os dedos dele eram encolhidos, e ele andava assim, ó. Desse jeito. Então puseram apelido nele de *Zé Milpé*. Até me lembro que uma vez, era dia de ano, ele foi lá na nossa casa e minha mãe, minha mãe não, eu dei comida prá ele. Estavam os meus filhos todos, aí meu marido falou: “Dá comida prá ele”. Aí ele comeu na mesa junto com a gente, o que tinha? Não tinha nada demais, *tadinho*. E ele comeu. Ele não queria sentar, aí eu falei: “Não, você vai sentar aí na mesa junto com a gente”. Foi num dia de Ano Novo, estavam todos os meus filhos e a gente fazia aquele almoço. E ele almoçou com a gente. Ele tinha a mãe. Aí depois foram embora daqui, depois que ela soube que ele morreu. E tinha outras personagens que a gente não lembra agora, viu? E fica na história. Fica na história. Eles eram pobrezinhos, né? E fica na cabeça da gente. O *Zé Milpé*, ele era preto, magrinho, alto, coitadinho, ele andava com a ponta do pé. Não dava prá pôr o calcanhar no chão.

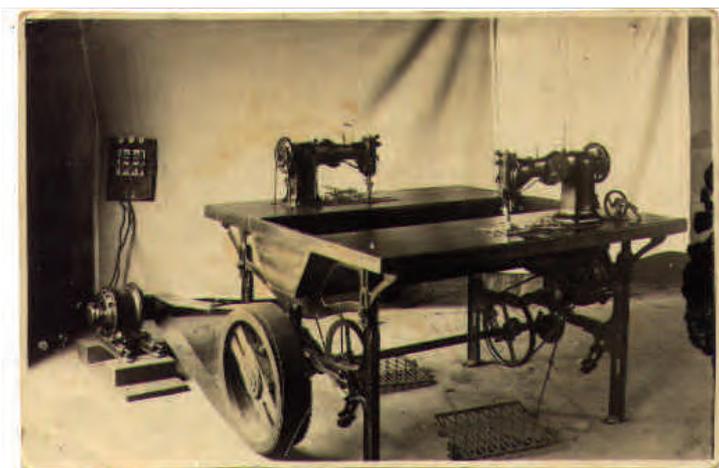
### 3.3.1 O trem

Tempo seguro. O trem a vapor, seguro. As pessoas chegavam, as cargas chegavam. As estações limpas e espanadas, as cidades de nomes nítidos nas fachadas, os homens cuidando. Ocorrem-me até fisionomias, o chefe da estação ordenando as partidas, olhos no relógio preso à corrente dourada, o telégrafo avisando. (CASSAB. P., 1978, p. 99)

Isso aí é a antiga estação pelo jeito, que pegou fogo. Funcionava uma fábrica de móveis. Foi filmado quando pegou fogo! Olha, foi uma pena isso aí. Foi um crime, porque hoje só existe uma foto da estação na Prefeitura, na sala do prefeito. Lá em Analândia tá

*conservadinha*, tem até escrito: Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Tá pintadinha, tem o vagão conservado! Acho que Ajapi, Ferraz também têm.

Há sempre falta de barracão nos municípios, de localidade para se instalar alguma empresa. Na época acho que deixaram funcionar uma fábrica de móveis lá. Não sei se era de sofá. Parece que tinha espuma guardada, também tinha cinta de couro, de pneu. Então acho que deu um problema de curto-circuito porque as instalações eram bem precárias. Não se isolava os fios *direitinho*, não padronizava. Eu sei que aí entrou em curto-circuito e pegou fogo, queimou inteirinha, não deu prá socorrer nada, nem as máquinas não sobrou. Foi uma pena! Mas foi uma pena! Até as máquinas de ferro que tinha lá por causa do café chegou a entortar tudo por causa do calor.



Vigésima nona foto: Fábrica de sofá, estação ferroviária, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

O trem passava lá e era ali que era todo o carregamento. Tinham muitos carregamentos de batata. Ali era o armazém e *tava* sempre lotado de café até o teto. Café e outros produtos da região. Batata, essas coisas, já chegava e já embarcava. Encostava os vagões fechados na esplanada e tinham catorze pessoas que trabalhavam ali dentro, fora o chefe da estação. Então era grande. Tinha uma lâmina de aço assim na porta do vagão e subia com o carrinho. Puxava com cabo de aço. Depois era embarcado nas vagonetas aqui do trenzinho e ia por aí. Acho que até as madeiras da serraria eram despachadas no trem

prás outras cidades. Da serraria de Corumbataí. As toras vinham lá de Mato Grosso, vinha tudo de trem.

**No bar da praça...**

V - O trem lembra muitos anos. Aí tinha muito tambor de lenha. As coisas eram feitas tudo de trem porque as estradas aqui tinham estado ruim. Vinha tudo pelo trem, mantimento, tinha tudo essas coisas. Tora prá serraria. Bastante coisa. Faz uma *farta* medonha isso aí. Isso aqui que faz *farta*. Teve um tempo que ela dava a *vorta* aqui e saia prá Visconde de São Carlos e ia prá São Carlos, depois cortaram um trecho e vinha até Analândia. Depois no fim acabou fechando.

Isso aí tá pegando fogo. É ali embaixo, né? Onde era a estação. Ali tinha a fábrica de sofá prô lado de cima e fechou. Eles tinham espuma. Prá depósito. Estocado, aí pegou fogo e acabou. Agora sabe o que é ali embaixo? É a creche.

M - Pegou fogo... Um pecado, viu? E gozado é que destruiu tudo. Não teve como recuperar. Do jeito que ficou teve que acabar de desmanchar. Hoje podia ser aproveitada prá fazer um centro turístico, alguma coisa lá. Deixar o histórico da cidade. Hoje na prefeitura tem uma foto dela lá. Acho que eu tenho até aqui. Chegava domingo não tinha o que fazer, ia tudo mundo lá. Três horas ou três e quinze ia todo mundo ver o trem passar. Era divertido. Pegava muito o trem, a gente ia fazer o preparatório ali em Rio Claro. Pegou fogo acho que mais ou menos 1981.

Às vezes vinha adubo. Era o tempo que vinha *nitrofosca* da Alemanha. Então ao invés de vir parar aqui ia parar em outra cidade. Uma que tinha aqui ao lado de Piracicaba, que hoje o nome é Santa Terezinha. Lá mudaram o nome para Santa Terezinha e aqui ficou, que aqui já era maior.

E aí o trem parou de passar aqui. Ah, o leito foi arrancado todo ele da ferrovia. Primeiro arrancaram de Visconde de São Carlos. Que é essa estrada de terra que era ligada a São Carlos. Arrancou naquele trecho só. Arrancou porque o que acontece: você comprava uma passagem de Rio Claro até Corumbataí. Ficava mais fácil você comprar uma passagem de Rio Claro prá Visconde de São Carlos. Ficava mais barato. Então isso daí sabe o que foi acontecendo? Foi dando prejuízo. Antes era tudo de trem, hoje é tudo no caminhão. E outra o custo era muito mais barato para transportar o gado. E antigamente, antes de pôr o trem ia daqui a Santos, o gado ia tudo tocado, né? A pé. Tinha o trem aqui de Corumbataí, arrancaram aquele de Campinas. Falava *trem das cabritas*. Tinha o que ia para Pirassununga que foi arrancado. O de Leme tinha até poucos anos atrás. Que a usina

puxava adubo, só circulava adubo. Mas parece que arrancaram tudo. Dentro de Rio Claro também já acabou, ali na estação. Acho que já tá tudo praticamente desativado.

A estação marcou. Marcou porque você vê, foram 4 anos que eu viajei ali no trenzinho, né? E era uma alegria. Porque nós íamos de manhã e almoçávamos em pensão lá em Rio Claro, não tinha como não fazer isso. Aí à tarde ia pro colégio, voltava e pegava o trenzinho. Só que o trenzinho, o horário dele era 5 horas, você chegava 5:01, você perdia. Chegava um trem de São Paulo, entrava na estação de Rio Claro, ele parava 4:47, quem vinha de São Paulo dava tempo de atravessar uma parte da estação prá pegar o trenzinho que vinha prá cá, né? Você olhava no relógio... Aquele *relogião*, ainda tem na entrada da estação em Rio Claro. E o nosso trenzinho lá, esperando. Mas não esperava, horário era horário. Então ele saía às 5 horas da tarde, eu me lembro que aos sábados, tinha aula aos sábados naquela época. Normal, não tinha nada de não ter aula nos sábados não. No sábado a gente estava mais contente porque ia passar o domingo numa folguinha. Então a molecada estava mais ativa. E tinha o guarda, a gente já conhecia alguns guardas, o Eduardo, não sei mais quem... Já morreram todos. Tinha o maquinista, a gente já conhecia o maquinista, de nome não, mas assim... O chefe da estação. Mas essa estação aqui... Era muito bonita. Muito bonita. Tinha uma parte, um depósito que deixavam a mercadoria... Prá loja mesmo, vinha tudo por trem. Aí o carroceiro ia buscar. Prá nós, aqui pró Perin, prá todos que tinham comércio. Aqui tinha algodão também. Embarcava algodão pelo trem, era tudo no trem. Que em minha opinião é o melhor transporte que tem, ainda mais prá carga. Mais barato também. E tinha que ficar um carrinho de mão, comprido assim, com quatro rodas, de ferro, que punha as coisas em cima. Então tinha... Um vagão era prá passageiros, às vezes vinha dois, dependendo do dia. E um vagão prá carga. Uns fardos prá nós aqui, pro Perin, não sei prá quem aí, então descia tudo ali na estação. Eu acho que eu tenho uma foto aqui do trenzinho, eu vou te mostrar. Tem o pessoal uniformizado do colégio das freiras, em Rio Claro, que naquela época era só mulher. Colégio das irmãs ali na frente da matriz. O Puríssimo. Tinha bastante gente daqui que estudava lá.



Trigésima foto: Foto no trem. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

E a estação, com aquele viaduto então... O viaduto é que a gente não esquece nunca, sabe? Um negócio muito bem feito. Não sei quem fez, mas muito bem feito. A estação tinha aqui na frente uma salinha do guarda. Do chefe. Você atravessava a linha, tinha um barranco e uma escada. A casa do chefe era ali. Ele morava ali, bem encostadinho. A casa, acho que já era da Companhia Paulista mesmo, né? A casa dele não alagava porque ela ficava no alto. Em baixo inundava. Então você vê que mesmo assim a gente não deixava de ir à escola. Hoje em dia cai uma chuvinha e ninguém vai à escola. Mas olha, tinha inclusive aqui uma marca da altitude de Corumbataí, que eu não me lembro mais se era 523 metros. A altitude em relação ao nível do mar. Tinha uma *bolota* assim, que tinha o número marcado.

Quando pegou fogo, aí eu já não lembro direito não. Eu sei que pegou fogo. Pegava mercadoria, aqui por trás. Tinha onde ficava a mercadoria armazenada, então tinha uma porta trás, os carroceiros encostavam lá e punham a mercadoria. Tinha que dar a volta, né? Porque o viaduto era para as pessoas. Carroças, alguns carros e caminhão tinham que dar a volta lá no final, não dava prá passar aqui.



Trigésima primeira foto: Maria fumaça. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Tinha a linha e era só lá adiante que passava, agora está completamente mudado. Eu já não consigo mais lembrar como é que era na época, mudou tanto que... Mas aqui tinha primeiro a sala do chefe, depois tinha uma sala de estar, vamos dizer assim, onde o pessoal ficava esperando o trem. E domingo o *footing* era na estação. O trem ia descer prá Rio Claro, acho que era 13h45min, se eu não me engano. Próximo de 13h todo mundo ia à estação. Prá ver o trem. Então era a diversão, todo mundo ia prá estação nesse horário. E o trem, inicialmente ele ia até São Carlos, depois cortaram, ele ficou até Analândia. Passava pelo Cuscuzeiro, que era ali pertinho, punha água em Cuscuzeiro, em uma torneirona lá, porque era a vapor, né? E de Analândia ia a Rio Claro e vice versa. Passava lá em Ajapi... Na época era Morro Grande, depois passou a chamar Ajapi. Ferraz não, Ferraz continuou. Cachoeirinha, que é uma estaçãozinha lá perto de Rio Claro, que parava lá também. Dificilmente descia alguém lá, mas parava. E Rio Claro.

**De volta ao sítio...**

P – O trem, isto é, a estrada de ferro, passava em frente da casa do meu avô. Por esse motivo a rede elétrica não chegava até a casa. A casa era junto da vila, mas não tinha energia elétrica. Era tudo na base do lampião e da lamparina. Quando eu tinha 18 anos não havia banheiro com chuveiro elétrico. O rádio era de pilha. Já pensou a gente se arrumar, se pentear e se maquiar para subir lá para vila, para os bailes que tinha no Salão e o *footing* no jardim, fazer tudo só com luz de lamparina? E as improvisações. Para o chuveiro, meu tio Danilo adaptou uma lata de 20 litros com um chuveiro embaixo. Isso ficava na tulha. A lata ficava suspensa no teto, presa na parede por uma corda com roldana. Tínhamos que levar um balde com água quente para colocar dentro dessa lata adaptada. Tomávamos banho de chuveiro assim. Para não tomar banho de bacia, que é anti-higiênico. Era tudo um folclore, sabe? Mas dá saudade. Mesmo com toda a trabalhadeira, dá saudade dessa época. Quando chovia e tinha baile no Salão – onde hoje é o Centro Comunitário – minhas tias e eu tínhamos que subir um quarteirão e meio cheio de barro, passando pela Coloninha. Em frente do Salão, do outro lado da rua, tinha uma cerca com ciprestes e nós deixávamos os sapatos velhos sujos de barro escondidos ali e calçávamos os outros limpos para ir dançar. Na volta, repetíamos o mesmo processo e íamos para casa dormir, amassando barro e conversando alegremente sobre o que havia acontecido de importante para cada uma. Bons tempos aqueles. Era preciso muito pouco para sentir alegria.

H – Época boa essa do trenzinho.

P – Era a alma da cidade. Era a alma da cidade.

O trem fazia baldeação em Rio Claro. Eu ia na escola naquela época, eu vinha do sítio. Eu morava prá cá, a gente via o *trenzinho*. O vagão que encostava. É... O *trenzinho* de carga carregando os tijolos.

Ah, a estação! Deixa ver se eu acho... O meu filho pegou na internet. Olha, a estação era assim. Era bonita. Corumbataí está escrito, o meu filho pegou na internet. Nossa, é bem antiga, viu? Essa foto. Meu Deus... Nossa, foi uma judiação, aí os trilhos... Oh! O portãozinho aqui... Até aqui tinha um jardim, sabe? Tinha um jardim cercado, toda a cerca com... Essa coisa aqui... Essas ripas brancas aqui. Aqui atrás também tinha... Um jardim. Olha quanta gente que ia tomar o trem. É bem antiga, porque olha, todos de paletó, gravata. Chapéu. Hoje não usa mais chapéu.



Trigésima segunda foto: Estação ferroviária de Corumbataí. Foto cedida por Carlos Bacco. Sem data. Retirada do site: [www.estacoesferroviarias.com.br/c/corumbatai.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/c/corumbatai.htm), em pesquisa feita em 21 de janeiro de 2006.

### 3.3.2 A fé e suas festas

A terra,  
O suor do trabalho coagulado nas entranhas,  
Abrigo e pão dos que já foram,  
Pão e abrigo dos que a herdaram.  
(CASSAB, P., 1978, p. 19)

Essa é fácil. Isso aqui é de 1912, né? A estrutura dela tá a mesma coisa. Inclusive ainda é forro de madeira o teto dela. O pátio a gente tentou reformar, mas sabe que faz tempo que eu nem vejo mais. Mas a pintura é original, a gente restaura ela do jeito que ela é. Que foi feita a primeira vez. Mas ela mudou em algumas coisas: lustre, essas coisas. Porque naquela época lustre era diferente. O altar também foi modificado. O lustre era tudo de cristal, pendurado assim, antigo. Era tudo de bolinha de cristal furada. Deve existir uma aqui em casa ainda. Ela vinha meio arredondada assim. Depois ela vinha prá baixo assim, tipo de um sino. Tinha tudo ganchinho de arame e era tudo emendado um no outro prá passar a corrente. Depois ela virava assim e tinha lugar de colocar vela. Não tinha luz. Quando *energizou* tudo foi mudando. Mas o perfil dela ainda é original. A mesma coisa!

Agora eu não sei como é que tá porque tão reformando a igreja. Eu não sei por que eles devem ter arreventado o reboque. Eles *tavam* querendo aumentar mais a igreja. Do jeito que o povo tem dinheiro hoje em dia... Tem 4.000 habitantes em 15 igrejas. Só aqui perto tem duas: a Católica e a Congregação Cristã.

Bom, a igreja, a data é 1912. Está na plaquinha lá de inauguração. Olha, eu me lembro do jardim, do coreto... Aquele coreto antigo, né? Agora é completamente diferente, tem a fonte ali onde era o coreto.



Trigésima terceira foto: Sr. Alberto na Matriz. Jardim central, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Eu fui batizado lá. Todos aqui de casa foram. Tinha a quermesse, que era feita no jardim. Já houve várias reformas, eu me lembro. O primeiro padre que eu me lembro... o padre Antônio Centelha, um senhor alto, uma simpatia, sabe? Mas já tinha idade quando veio. Depois vieram outros aí, inclusive com alguns de encrenca. Mas com relação à igreja, bom, ela foi reformada, ela era menor, agora é maior. Não tanto, mas ela agora tem a casa paroquial, tem o barracão onde fazer as promoções e tal. Então... Eu fiz a primeira comunhão aqui, eu era Congregado Mariano também. Fui Congregado Mariano por um tempo. Tinha uma Congregação Mariana com bastante gente, tinha as Filhas de Maria também, tudo isso hoje eu não sei se tem. Acho que não tem mais nada, eu também parei de frequentar. Não parei de ser católico, mas quase não frequento a igreja.

Ah, essa é a nossa igreja, ela foi construída em 1912. Tá lá marcado, 1912. A nossa igreja... É... Aqui eu fui batizada, eu fui crismada, eu fiz a primeira comunhão, eu me casei nessa igreja, tudo aqui. Tudo nessa igreja.



Trigésima quarta foto: casamento de Victor Canhoni e Anna Bortolin Canhoni. Damas de honra: Aparecida Queiroz e Zeneide de Melo. Matriz, jardim central, Corumbataí. Acervo da família Canhoni. Data: 27 de julho de 1935. Cedida para a pesquisa em 24 de maio de 2005.

Eu fui Filha de Maria... Quanto tempo... Eu saí de Filha de Maria quando me casei. A gente se vestia toda de branco e a fita azul, aquela fita larga.... Aquela faixa azul assim larga na cintura, hoje nem existe mais, não? Não se vê mais. Era tudo vestida de branco, vestido de manga comprida, né? É... Quando ia na missa, nas procissões, mas tinha moça... Meu Deus do céu! Quanta moça que tinha. Que maravilha! Era uma coisa linda mesmo. O povo era muito católico aqui, não tinha tanta religião como tem agora. Depois que apareceu a... Até chamavam da *religião da Eva... religião da Eva*. Todo mundo conhece por *religião da Eva*, não sei se é Cristã do Brasil, não sei como é que é. Agora tem nove. É! Nove minha filha! Num lugar desses! Você já pensou? Você só vê aquelas moças de *saiona* comprida, você viu uma de *saiona* comprida pode contar que é outra religião. É evangélica. E a igreja mesmo, católica, perdeu bastante fiel. Perdeu, infelizmente perdeu.

Aqui mesmo quantas que saíram da igreja, quantas... Umas por causa do padre, outras porque tem amiga que foi prá lá, levou e ficou gostando e tá indo... Depois não tem mais volta não, viu, bem? Não tem mais volta não. Alguns voltam, mas a maioria não volta não. Até essa que morreu hoje é evangélica, ela é lá *da Eva* lá... A sogra dela era, mas já morreu. A sogra dela que chamava ela prá *religião da Eva* que a gente falava... E essa aí morreu de repente, coitada.

E as festas na igreja? Nossa, tinha cada festa, viu? Bom, até hoje tem. Até hoje tem, mas não é como antigamente. Antigamente tinha a procissão de São José, no último dia da festa, aí que coisa linda, quanta gente que tinha. Meu Deus do céu, quanta gente de fora que vinha.



Trigésima quinta foto: Paróquia São José de Corumbatahy, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Aí depois começou a vir os bingos, né? Aquelas cartelas, sabe? Marcava na própria cartela, com feijão, com arroz. Marcava assim, não marcava a lápis, porque vendia as cartelas, nem lembro por quanto, porque naquela época não jogava, era só de maior idade que podia jogar. Agora, hoje tem os bingos que vende a... Eles fazem nos... Bloquinhos de 5 cartelinhas e vendem. Quantos bingos que eu vendo prá festas. Outro dia, não faz muito tempo, sábado passado teve bingo da... Não é da quermesse, mas é prá angariar dinheiro para arrumar a igreja. Então um mês fica prá primeira dama e outro mês fica prá igreja, é

assim, então, sábado passado foi o bingo da igreja. Agora, nas quermesses, o padre não faz mais a procissão. Ele faz sabe o quê? Agora tem a... Como é que fala? Tem a... Os cavaleiros que vem de fora, tem os daqui, mas mais os que vêm de fora... Tem cavaleiro, tem boi, sabe? Carro de boi... trazem de fora. Então faz aquela... Como é que se diz? Esqueci o nome dela. E arrumam numa *charretinha* pequenininha o São José, puxado por um burrinho ou por um pônei e São José vai na frente. É assim que faz, não faz mais aquela procissão que era tão bonita... O povo gostava das procissões. É assim que fazem agora. Muda tudo, né bem? Muda tudo



Trigésima sexta foto: Festa de São José, Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Data: 28 de abril de 1929. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

### 3.3.3 A escola

Centenas de tardes, de noites iguais,  
E o velho rio segue o seu curso,  
Levando em seu bojo as recordações  
De mil crianças nadando em suas águas  
De mil sonhos mergulhados em seu seio!  
(CASSAB, P., 1978, p. 23)

A escola era de nome Grupo Escolar Jorge Tibiriçá. A escola nova na verdade quem construiu foi o Ademar de Barros, quem inaugurou foi o Jânio Quadros. E esse grupo era prá ter sido feito em Araraquara. Mas o que fizeram? Inverteram o projeto e veio uma escola maior prá cá. Segundo essa história era prá ter ido prá Araraquara que é uma cidade bem maior. É gigantesca perto de Corumbataí. Foi sorte! Acabou construindo uma escola grande. Ela é grande até hoje.

Então *os professor* daquele tempo lá eu me lembro até hoje. Teve um professor, ele era um baiano. Ele dava sabatina de tabuada, 1 a 15 salteado! Mas também saía. Bom, tinha aluno que eu vou te contar... Sabe tem gente que não sei... O cérebro eu acho que não desenvolve, não sei. Que o meu avô falava que quem nasce bom já nasce feito. E eu concordo com ele mesmo. Porque uma maioria ficava *cobra* na sabatina. As primeiras vezes *dava* umas *engasgadinhas*, mas depois conforme fazia a pergunta já você multiplicava o redondo e somava o quebrado. Na hora você *dava* a resposta, então você ficava *cobra* na matemática. Quando esses aí (os filhos) começaram a ir na escola não podia ensinar nada! Modificaram tudo. E agora então, agora acabou de piorar. Só prá gastar caderno e lápis, aquelas continhas lá que você não entende patavina nenhuma. E outra, a *mardita* maquininha de somar, a calculadora. Se a maquininha parar o *nego* tá perdido de tabuada, não sabe mais nada. Às vezes o *nego* tá com maquininha fazendo conta, eu falo: — “Deu tanto”. O *cara* olha bem, eu falo: — “Eu sou o mais ligeiro da turma”. Nunca peguei nem na mão, quando eu vou fazer conta é tudo no lápis. Somo de cabeça, se é coisa pequena já multiplico na cabeça, já falo. Antes do *cara* pensar eu já falei.

Aí eu detestava ir na escola. Ia na escola, não faltava, mas nunca fiz uma lição em casa. Fazia cinco minutos antes de entrar na aula. Naquele tempo foram reclamar pro *Seo* Israel que o professor não *dava* lição prá casa, porque eu não fazia lição em casa. E ele disse: — “Mas como que não dá, ele faz sempre!” (Risos). Eu fazia antes, que eu ia fazer em casa o quê! Esse professor meu ele falou assim: — “Aquele que souber fazer o problema e já der a resposta sem fazer conta, pode pôr a mão embaixo da carteira!”. A maioria do *pobrema* já era fazer a conta, vê lá! Eu lia o problema e já colocava a mão embaixo. Ele passava duas vezes prá corrigir. E estava certo. Mas eu vou contar, não errava um! Mas por quê? Por causa da tabuada! Então aquilo lá era prô *cara* despertar a inteligência.

Esse é o problema de hoje, não respeita. Mas o mais engraçado, eu soube por que eu sempre fui observador, naquele tempo os alunos que eram de sítio era uma educação...

Os que davam serviço prá professor eram os da cidade. Mas tinha uma meia dúzia aqui da cidade, eram bons colegas da gente, que a gente estima até hoje. Mas arruaceiros prá *mais de metro!* Hoje inverteu. O que é do *mato* os professores tão ferrado! Eu tenho dó do professor! Tudo sem educação. Feito essa gente que anda prô mundo por aí que isso tá aparecendo de monte, né? Então o que acontece? O problema dessa gente já vem de berço, é DNA mesmo. Que nem eu vi uma professora de como é que se diz o nome do que trata desse assunto? É de genética. Ela falou assim: — “Já é genética, é o DNA mesmo, vem de trás”. Então ela tava explicando se, por exemplo, há dez anos atrás um da família foi bandido ou ele não era bandido, mas precisou matar prá defender alguma coisa. Isso há sete, oito, dez gerações atrás. Pode nascer um com aquele instinto. E olha e é verdade isso aí.

Então hoje em dia o que acontece? Se a gente vem lá de cima não teve escola, analfabeto é culpa do governo, né? O governo é que não deu. Porque lá prá cima (Brasília) vou te contar! Que aquilo lá é umas *cambada*, esses *governador*, precisava fuzilar tudo. O que vai de dinheiro da União lá prá cima! Eles não investem nada prô povo. (Risos). Senão o país não estaria nesse buraco. Mas por quê? Lá eles querem a pessoa analfabeta. Daí ele dá um chinelo prá votar nele, depois se ele ganhar ele dá o outro chinelo. Você não viu isso na televisão? Mostrou. Então isso daí que é o atraso do país, é gente sem instrução. *Argum* muda, algum que pensa bem muda, mas a maioria não muda mesmo!

Eu entrei na escola em agosto, no meio do ano, foi por acaso. Eu não podia entrar, não tinha 7 anos ainda, mas aí a Dona Zezé, que é professora, ela mora aqui do lado. Ela passava, via eu no balcão, falou com a minha mãe: “Deixa ele ir na escola comigo?” e eu acabei indo. Quer dizer, eu estava lá por estar, né? Eu não podia fazer o exame de admissão, porque não tinha idade também. Tanto é que eu tive que ficar mais um ano prá depois poder fazer a admissão em Rio Claro.

E escola. De escola estamos muito bem, tem uma escola aqui em baixo que é primeiro mundo. O reservatório de água foi feito pela prefeitura, 400 mil litros, com filtro, primeiro mundo também. Agora, falta uma série de coisas, por exemplo, falta um ginásio de esportes, porque aquele caiu. Foi muito mal feito. Deu uma ventania e derrubou. Ainda bem que não tinha ninguém em baixo. Mas o estado foi avisado que estava com problema e não tomaram providência. Bom... Caiu. Uma piscina pública faz falta aqui. Mas organizada, né? Com exame médico, como deveria ser. Então, esse tipo de coisa que há. Eu não sei como estão os outros lugares, sabe?

A partir do momento que o governo facilitou tudo pro estudante, complicou tudo pro professor. Na minha opinião... ele acabou com o ensino. Quer dizer, hoje, você vê uma menina no terceiro colegial. A menina que trabalhou aqui em casa, ela não sabia fazer uma redação nem nada. Quer dizer, é horrível. É claro que têm alguns que se destacam e vão pra frente, tem gente muito boa. Mas podia ter muito mais. Então é um nível baixíssimo. Tem um rapaz que faz caminhada comigo... rapaz nada, tem 78 anos. O Nilton tem uma moça que de vez em quando ia buscar jornal lá: “Você não vai ler o jornal não?” Quer dizer, não sabe ler, terceiro colegial, aí vai fazer concurso pra não sei o que, não passa em nada. Então o que vai ser? Tem que ser doméstica e olha lá ainda, não é? Uma judiação, uma moça bonita e tudo, 20 anos. E esse é um exemplo. Mas tem muito disso aí. É uma pena, né?

Tinha um professor de Rio Claro, não sei se você ouviu falar, o professor Vitorino Machado... De matemática. Foi o que mais marcou na minha vida, o Vitorino... Você conhece o Ribeiro? Tem aquela parte no segundo andar... Tem uma escada, uma escada muito bem feita por sinal... Eu estudava na primeira sala ali, eu me lembro. Ele começava a subir na escada, a segunda parte da escada ele começava a chamada. Então tinha que estar todo mundo atento, quietinho lá, pra responder a chamada. Quando chegava na classe ele tinha quase acabado a chamada, entende? E ele dizia sempre o seguinte: “Existem 3 chaves que abrem todas as portas: 'por favor', 'com licença' e 'muito obrigado’”. E isso eu não esqueço nunca, então toda vez que eu ia dar aula eu falava isso pros alunos. Mas hoje, ó... Você acha que alguém respeita isso? Acabou, né? E outra, você acha que *nego* deixava a sala pra ver se o professor veio? Mas você não saia da sala de jeito nenhum. Naquela época do científico só tinha no Ribeiro uma classe de manhã, primeiro, segundo, terceiro e uma classe à noite. E depois era só em Limeira, nenhuma escola particular de Rio Claro tinha o científico. Nenhuma, nem o Alem, nem o Bilac, nem ninguém. Nem o Koelle, nada. E teve um *cara* na classe, o Eusébio Montenegro, lembro o nome dele até hoje, um *cara* muito bom, um dia ele escreveu na lousa: “Aqui os corruptos nos ensinam a ser corruptos”. Teve uma sindicância e ele conseguia fazer letras de vários jeitos, vários tamanhos, estava tentando escapulir. Não conseguiu, foi expulso. Teve que terminar o científico em Limeira. Imagina se fosse fazer isso hoje, igual o pessoal faz... Expulsava a metade. Então mudou completamente.

Você tinha respeito, o professor era uma autoridade respeitada no município. Era como o delegado, o prefeito, como as autoridades maiores do município. E não tanto pela parte financeira, é claro que o professor ganhava muito melhor. Mas pela parte do respeito

da família principalmente. Pela profissão em si. Então... Nossa, é o professor fulano! Eu lembro que quando eu me formei no ginásio em Rio Claro o professor que dava História foi o paraninfo. No ginásio não, no colégio. Minha mãe foi junto. Então ele começou lá na época medieval e veio... Já estava todo mundo dormindo, falou duas horas. Quem é que agüenta escutar? Já eram dez horas da noite. Imagina se é hoje? Aí era vaia, *nego* saia, assobiava... Minha mãe também cochilou um pouco, mas ficou lá. Prá você ver a diferença. Então é o que eu falo, não tem que chegar a tanto de você chegar na sala de aula e encontrar todo mundo sentado, mas também não é *nego* fumando lá, outro puxando a cortina ali... Também não. E outra, eu não acredito mais que melhora, eu não tenho nenhuma esperança no governo não. Quer dizer, isso aí é o que eu estou vendo hoje, né? Tanto é que eu me desliguei, sabe?

Nossa... Eu tinha quanto? Eu tinha... Ah, de 12, 13 anos. Porque eu tirei diploma em 1940, deve... Ah, era menos ainda, menos. Eu tinha 10 anos quando tirei o diploma... Do quarto ano. Quarto ano. Eu só fiz quarto ano, não fui estudar prá fora, porque aqui não tinha ginásio, esse ginásio bonitão que tem aí. Meus filhos estudaram nele, mas eu não. A gente tinha uma escola lá em cima... Foi derrubada. Tinha primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Agora, quem quisesse estudar fora, poderia, mas era só *filhinho de papai*. E a gente tinha que trabalhar na roça... Só isso, só quatro anos de estudo. Mas os quatro anos de estudo foram bem feitos, viu? Porque naquela época era um *ensinamento* mesmo, a gente aprendia. E hoje... Até meus filhos, quando iam à escola, eles estavam na terceira série, segunda, terceira série (ensino médio), davam coisas que a gente aprendeu no quarto ano (ensino fundamental). Terceiro e quarto ano. O que hoje fala primeira série é primeiro ano, né? Modificou tudo. Vai até oitava série, né? Primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, sétima, oitava... oitava série. E... Quanto que eu ensinava meus filhos, eu falava: “Meu Deus, vocês estão aprendendo isso agora. E eu aprendi no quarto ano.” História, Geografia, eu gostava muito de Geografia, sabe? Adorava Geografia. Era um ensino lindo, maravilhoso, viu? A gente aprendia mesmo. Professora era assim, ó. Não fazia um pio na classe. Você contando ninguém acredita, porque hoje é uma tristeza. Ai daquele que fizesse barulho, ia já para a diretoria. Não faziam um *barulhinho*. Conversar com a pessoa do lado? Nossa! Ia prá diretoria, ia se ver lá com o diretor. Nossa, e o diretor era enérgico, meu Deus... A gente fazia de tudo prá não ir para a diretoria. É minha filha, os tempos mudaram tanto, viu? Tem coisas que mudou prá melhor e tem coisas que mudou prá pior. Essa parte mesmo mudou prá pior. Infelizmente.



Trigésima sétima foto: Grupo Escolar Jorge Tibiriçá. Núcleo Jorge Tibiriçá. Corumbataí. Sem data. Acervo pertencente à família Canhoni. Cedida para a pesquisa em 24 de maio de 2005.

Agora, era interessante porque a gente tinha aula de segunda a sábado, porque nós tínhamos de manhã e à tarde. De manhã era o primeiro e segundo ano, a tarde era terceiro e quarto ano. Tinha as professoras que vinham de fora, não eram daqui. Daqui era só a professora do quarto ano e do segundo. Mas elas vinham de fora, e eram todas boas, viu? Nossa Senhora!

#### **A conversa no sítio foi longa...**

H – Para ir para a escola que ficava no Núcleo, a gente tinha que atravessar a linha do trem e caminhar pela rua que atravessava a várzea, a avenida três, que na verdade era uma estrada que ligava o centro de Corumbataí ao bairro do Núcleo. Nesse trajeto tinha uma ponte sobre o rio Corumbataí e uma outra ponte sobre a chamada Ponte Seca. Então, geralmente, a criançada passava por dentro do rio. Punha a sacola com os livros na cabeça e atravessava o rio; ele era rasinho nesse ponto abaixo da ponte. Numa oportunidade eu estava atravessando o rio e um menino estava à minha frente; mas ele atravessava mais para baixo, onde o rio se estreitava e era mais correntoso. Mais para baixo dele, tinha uma cerca de arame farpado que atravessava o rio; essa cerca acompanhava a estrada do lado de baixo e continuava atravessando o rio. Esse garoto foi-se desequilibrando e acabou se enroscando no arame farpado; eu vi aquilo e fui até ele rapidamente, tirei a farpa da perna dele porque ele estava enganchado e não conseguia se soltar sozinho. Saímos dali e fomos para a escola. Esse era um procedimento quase que diário, a gente todo dia atravessava o rio. Mas, chegando na escola, eu me lembro de ter ouvido uma referência de outros garotos que tinham observado o acontecido no rio. Eles comentavam que eu tinha sido um herói por ter ajudado o menino. Aquilo me constrangeu, pois pensava que aquilo que tinha feito qualquer um faria. Mas na minha reflexão atual eu coloquei um ponto de interrogação. Será mesmo? Será que qualquer um? Mas naquele momento, quando ouvi aquele elogio, fiquei constrangido. Hoje penso que nem todas as crianças agiriam da mesma forma.

Na estação era onde *nós ia esperar* os professores. Nós *brigava* prá carregar as pastas dos professores que vinha de Rio Claro. Verdade! Quando vinha, quando chegava o trenzinho, você olhava na estação. Mais de metade da criançada tava tudo esperando os professores na estação prá carregar. Que a escola não era onde é agora. Era no Núcleo. Ainda tem duas casinhas que tava ao lado dele. Ligado, na esquina lá da avenida 3. Eu tive professor que quando eu lembro eu rezo prá eles. Que olha...

Eu tinha uma professora do primeiro ano... Ela segurou o meu caderno de primeiro ano prá ensinar os outros alunos que vinham depois. E quando ela já estava casada, depois de muitos anos, que ela me entregou. Eu já tinha até esquecido do meu caderno, e ela: “*Tá guardado aí o teu caderno, Tá guardado*”. Até tá apagada a letra, porque era tudo a lápis, né? Não se escrevia a caneta, era tudo a lápis. Não existiam essas canetas esferográficas que existe agora. Ou senão, quando você fazia a prova, eram aquelas canetas de pena. Que tinha o *tinteirinho* assim, na carteira mesmo. Você molhava a caneta ali, a pena ali, e escrevia. Se a pena estivesse aberta ela não escrevia coisa nenhuma, você precisava sempre comprar pena. Eram umas *coisinhas* assim que enfiava na caneta...

### 3.4 Economia

Voltam os que trabalham:  
Os pés cansados,  
Gotículas do suor remanescente  
E a paz do olhar tranqüilo.  
(CASSAB, P., 1978, p. 21)

O vô Carrera era plantador de batata e caçador. Antigamente a gente morava no sítio, não tinha geladeira, não tinha nada, então comia carne de passarinho, bicho né? Carne de paca, de tatu...

Eu casei em 1958, sabe, quando você casa faz aqueles planos, né? Ainda mais o pessoal antigo. Eu trabalhava que nem um escravo. No primeiro ano nós enchemos a margem inteirinha (de plantação)... Eram quatro sacas de sementes de arroz. Plantada com passarineira. No primeiro ano deu 30 sacas, no segundo ano deu 12 sacas e meia e em 1961 parece que deu 15 ou 18 sacas. Não deu nada! Planta-se no finzinho de julho ou *comecinho* de agosto. Se você esperasse prá plantar no meio de agosto, começava a chover

e você não plantava mais. O arroz era dessa altura, o arroz pratão. Acho que você nunca nem ouviu falar. Ele vinha dessa altura, por isso a gente plantava na margem. Era arroz comprido! Então a enchente, como o leito do rio não era alto, cobria o arroz, passava por cima do *cacho* quando ele tava com o *cacho espetado*, quando ele tá com a flor, né? Então se entrasse água dentro do *cacho* ele não *granava*. Então a gente pegava e batia no *malhador*. Caía uma colher de arroz granado, que até abria a *cana do braço*, pegava o quanto mais prá... Em uma ou duas batidas podia jogar fora a palha porque não caía mais arroz.

Aí em 1962 nós diminuímos o plantio de arroz e começamos a entrar no plantio de alho. Aí nós *plantemo* metade, aí fez uma seca terrível. Então nós *sortô* a água do rio no terreno do meu tio, que era vizinho. O arroz já tava dessa altura, tinha lugar para você enfiar o sapato na terra, era barrenta, né? Aí nós *sortemo* o rio e demorou oito dias, uma canaleta assim, um *parmo* de água. Prá água subir nas trincas e *moiar* até em cima da flor da terra, *sarvemo* a planta. Aí quando chegou em fim de novembro, dia 06 de novembro, não, dia 06 de dezembro, eu lembro até hoje! No dia 05 de dezembro nós pedimos um malhador dum colega do sítio. Ele já tinha malhado as plantas dele porque ele plantou e malhou primeiro. Nós *trouxemo* ali perto da casa do meu filho, tinha um *altinho* ali. Quando foi no sábado a noite começou chuva, chuva! O malhador foi parar lá numa *carreira de toceira* de bambu que tinha do Dr. Eugênio Romano, perto do Ginásio de Esportes. E aí eu mais um colega meu fomos buscar o malhador de canoa prá trazer embora. Então a enchente cobriu o arroz de água e a água parou tudo o *cacho*, só que não estragou a *penca*. Foi o ano que nós fizemos dinheiro que não tinha.

Foi o ano que saiu a música do feijão e nós *tinha* feijão plantado já fazia uns seis anos. A gente pôs o feijão num saco de cimento, dobramos bem a boca dele e pusemos um *tijolão* em cima. Era o *bico de ouro brasileiro* que falava. Dava em cipó, graúdo... Fazia já uns cinco, seis anos que tava lá no rancho, que ele não *caruncha*, ele só escurece, né?

Arroz não existia, que os outros agricultores perderam tudo. E eram vários plantadores que perdiam, não era só eu. Tinha o meu tio, o irmão do meu pai e vizinho debaixo. Tinha um outro mais prá baixo também que perdia e lá prá baixo então nem se fala. Perto de Ferraz. E tinha lugar que a água entrava com tanta força que tombava tudo, deitava no chão e empalhava, a folha azedava com o barro, nossa! Eu não sei como é que não morria tudo, a vontade de *trabaiá* era de gente forte, sadia... A gente fazia cada serviço! A gente tinha coragem! Tem coragem até hoje, mas eu não tenho vontade de fazer mais aquele serviço, não! Deus me livre!

Corumbataí tinha Bortolin, Buscariol, tinha Papesso... Quer dizer, não vou nem enumerar. Perderam tudo porque era tudo plantado em terra alta e nós *coeimo* com metade da margem 120 sacas de arroz. Aquilo foi um milagre! Um arroz que precisava vê... Aí não existia feijão, nem aqui, nem em Rio Claro, e eu falei pro meu pai: “Pai eu vou vender esse feijão agora!” Quando nós *colheu* a 5 cruzeiro o saco ninguém queria, mas ninguém queria mesmo e eu tinha feijão prá jogar fora. Aí eu peguei uma amostra, pus num papel, só que em vez dele tá branco, era feijão brasileiro, ele tava mulatinho. Cheguei lá e falei:

— Ô Zeca! (Era o Zeca Perin, da casa Marconi antigamente).

...Então:

— Ô Zeca, eu tenho um feijão mulatinho aqui!

E ele olhou:

— Isso aí é feijão brasileiro de dez anos!

Falei:

— De dez não é, mas tem de cinco prá seis anos!

E eu sabia que não existia feijão. Daí ele falou:

— Quanto você quer o saco?

Falei:

— Quero sessenta cruzeiro.

Ele falou:

— Você tá ficando louco, eu dou 45.

Falei:

— É seu! Já que a cinco cruzeiros não vendeu.

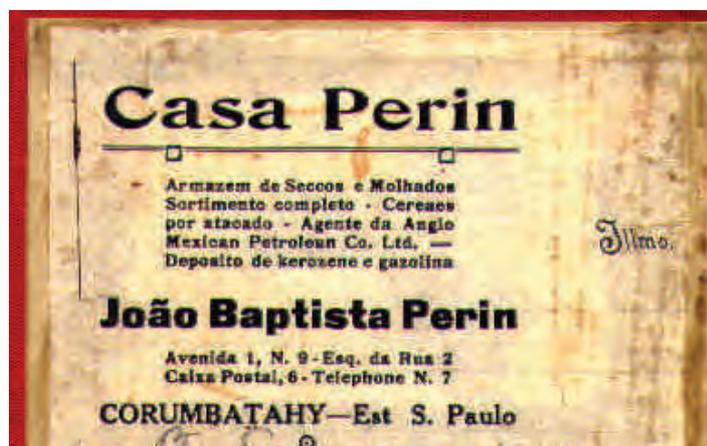
Foi um *coieitão* aquilo lá. Precisava de nove sacos prá fazer o preço de um, quer dizer com cinco sacos foi como se tivesse vendido quarenta e cinco. Aí eu fui na venda de um turco lá em cima, eu fui comprar fumo porque eu fumava cigarro de corda e tive que passar na frente da venda do Zeca Perin. Aí ele virou e disse:

- Ô Geraldo vem cá um pouco.

Contornei umas caixas de madeira, pois antigamente nós *ponhava açúcar redondo*, açúcar mascavo, tinha umas caixas de feijão, milho e arroz, coisa em grão. E ele falou:

- Vem cá um pouco! Você não acredita, não tem mais um grão de feijão, gente de Rio Claro soube e veio de ônibus buscar feijão aqui!

Quando foi de tarde ele tinha vendido *tudo* o feijão. Quer dizer, eu ganhei dinheiro e ele também dava risada. Foi bom prôs dois, né?



Trigésima oitava foto: Anúncio Casa Perin. Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.



Trigésima nona foto: Fachada Casa Marconi, de propriedade da família Perin. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Então isso é coisa que passou na vida da gente. Três anos eu perdi no quarto... Isso foi em... O arroz foi 1958, 1959... Não, 1959, 1960 e 1961. Em 1962 foi quando eu colhi o arroz. Três anos perdidos... Você não recupera o que perde. Mas pelo menos o que a gente ganhou naquele ano deu fôlego... E então passamos a entrar *na planta* de alho e *fiquemos*, eu e os filhos *fiquemos* os maiores produtores de alho de Corumbataí.

Era forte na época do café. O café, o arroz... Aqui, prá você ter uma idéia, o Matão, que é uma região prá cá, tinha um feijão... Que lá é terra roxa e não existia feijão que batesse naquele lá, de tão gostoso que era. Hoje você não acha um quilo de feijão de lado nenhum aqui, nem de nada. Tem um pessoal que planta alho, porque o avô plantava e o pai plantou e eles estão plantando porque são abnegados. São os Galdini, os dois irmãos continuam matutando aí, estão lá... Eles têm uma fazenda grandinha e trabalham com alho.

Corumbataí era *a estrelinha* do estado de São Paulo, tava na constituição do estado... Produtor de café... Ali na estação tinha um armazém, todo dia que você ia lá *tava* a turma puxando café com carroça, com cinco burros, estava até no teto de café! O trenzinho até uma hora da madrugada descia de Analândia. Pegando café em Analândia e em Corumbataí, até Ferraz e Ajapi, carregado! Era café, algodão, batata, feijão e milho. Colhia que era fora de série. Isso em 1940. Quer dizer, café foi desde mil... Desde que foi descoberta Corumbataí. 1910, por aí. Mais ou menos. Porque a igreja é datada de 1912, mas o café foi o primeiro a entrar. Naquela época produzia café *prá daná*.

Quando era o regime militar, então tudo o que vendia ao consumidor você podia pôr na nota. Que os militar queria que você apresentasse produção. Como o país estava no caos eles queriam ver o agricultor produzir. Então eles deram vazão que era prô cara registrar o que tava colhendo, porque senão não se sabe, né? Quer dizer, foi um negócio inteligentíssimo aquilo. E eles tinham a CACEX que era o órgão controlador de importação.

Foi quando nós *comecemos* plantar alho e foi aumentando o plantio. Então em Corumbataí tinham 68 produtores de alho. E até em 1981 veio a Globo fazer uma reportagem, que foi até pro estrangeiro a reportagem. Aqui nós *aclimatemo* o alho peruano em 1960 e 1961. Então foi aumentando a planta com três cabeça, 36 dentes. Foi um alho que veio do Peru, um saco e o Antonio Doimo, meio primo meu, ele era atacadista, ele falou: — “Planta esse alho aqui”. Eu plantei um outro antes e já formou mato. Tinha um alho plantado na *piçarra* ali. Era 25 de julho. Nunca esqueci a data. Então eu plantei um *aru* assim, e contei os dentes. Ele era dente comprido e amarelo. Em 90 dias ele amadurou. Deu dente roxo e chato. Cada dente que era a coisa mais linda. Até os agrônomos e técnicos agrícola que viviam em Campinas aprendendo com os japoneses... Então eles falavam assim: — “Olha, a única coisa que se pode dizer disso chama-se *mutação*”. Porque ele transformou, ao invés dele dar dente cumprido e amarelo ele deu dente chato e roxo. Então eu comecei a esparramar semente, porque no tempo dos militares eles deram chance.

Porque eles barravam a importação. Você ganhava dinheiro, você tinha fôlego. Quando saiu os militares, nós *teimamo* dois anos, 1982 e 1983.

O próximo governo olha o que eles *fez*: extinguiram a CACEX e o BNH, que era o Banco Nacional de Habitação, que fazia casa própria. Eram duas coisas boas que os militares fizeram. Extinguiram os dois. Que aconteceu? Os importadores ganham dinheiro com importado e não nacional. Então começou a vir alho da Espanha, alho da China, alho da Itália, alho do México, do Peru, do Chile. Você não tinha como competir mais, então nós *teimemo* mais dois anos e *paremo*.

Barracão da olaria! Isso aí tem história! Isso aí passava uma ferrovia lá perto prá carregar tijolo e levar prá algum lugar! Ainda tem o restante dela. Agora tá sem o teto. Caiu tudo. Ollaria Schmidt. Isso daqui era moderna. O tijolo vinha em cima de um rolete assim. Era bonito de ver o serviço!

Os primeiros proprietários eram... Eram da família Schmidt! O Augustinho já era neto... *Péra* um pouquinho... Augusto Schmidt Filho. Acho que era Augusto Schmidt o pai dele. Se não me engano ele era Augusto Schmidt Filho. Depois do Schmidt foi o Franco. O último proprietário da olaria foi o Abílio Franco. Daí ficou parado. Eu acho que venderam tudo o maquinário. Ele comprou a propriedade inteira, agora vendeu e esse barracão hoje tá em posse do Comercial João Afonso. Mas preservaram a chaminé, parece que está tombada, eu não sei bem como é que é. Mas parece que lá não vai poder mexer.

#### **Ainda no bar da praça...**

V - Essa aqui é a olaria, lá adiante. Isso aqui é quando minhas crianças moravam aqui no sítio. Eu passava ali. A olaria funcionou muitos anos. Era do Schmidt, Augusto Schmidt. Trabalhou até um tio meu nisso aí. Ela era tocada a vapor, né? Eles faziam tijolo com máquina. Depois parou. Ficou *um par de anos* parada. Funcionaram com burro. Até eu trabalhei. Trabalhei aí uns 6 meses, amassando tijolo. Uma judiação deixar isso aí estragar. Aqui tinha a serreria de madeira aqui embaixo. Ela dava muito emprego. Tinha também uma fábrica de martelo também. Precisava bastante gente. Agora tem uma coisa de cesta *base* que dá emprego bastante e a outra aqui embaixo de embalagem de lápis. Ollaria. Eh, ollaria...

M - É um pecado o que fizeram com a olaria. Era muito bonito. Eu não cheguei a ver funcionar. Fazia só tijolo. O trem encostava lá. Antigamente o trem aqui levava lenha. Ele encostava o vagão de carga, levava lenha, carregava algodão. Tinha aqui muita plantação de algodão e tinha a máquina aqui que beneficiava. Então saia aqueles *fardão* de algodão. A gente era criança, a gente lembra. Ia tudo pelo trem. Não tinha transporte rodoviário do jeito que tem hoje. Cavalo aqui tinha bastante.

Mas na época era uma potência. Tinha amassador e tudo! Porque tinha olaria em que eles amassavam o barro com o pé. Tinha outra olaria aqui em Corumbataí. A do Basílio Naid. Mas essa foi a mais famosa, que era do Schimidt. Ele fazia tijolos, inclusive quando fizeram o filme... Ah, meu Deus... É... Diário da Província. Diário da Província. Fala de Santa Gertrudes, Cordeirópolis, aqui em Corumbataí fizeram várias cenas, inclusive algumas aqui. Tem mais de 30 anos que fizeram esse filme... Teve até uma festa de aniversário, que a Dona Cota, que era dona do restaurante aqui, fez o bolo. Depois teve um velório, chamaram a minha mãe prá ir e ela não quis ir... Mas teve várias cenas aqui em Corumbataí, já passou na televisão. Passou em Rio Claro, no cinema. É um filminho daqueles bem simples, mas tinha o Gianfrancesco Guarniere, tinha um pessoal de categoria. Eles vinham aí e ficavam na pensão da Dona Cota.

Tinha também a de martelo. A fábrica de martelo era do Birzu. O homem era fora de série. A mulher então era uma moça. Uma gente que era fora de série! Ali trabalhava mais ou menos umas 40 pessoas. O martelo ia prá tudo quanto é lado e era caprichado porque eles faziam, né?

Seu Toninho Bertagna, do Comercial João Afonso é o cara mais forte daqui. O Toninho Bertagna! Hoje ele tem um negócio de cesta básica, né? Ele vende cesta básica! Tem mais de 100 funcionários. Ele fornece cesta básica quase que prô estado inteiro, prefeituras, creches e tal. Indústria forte. Tem o Ivo que embala bala e... lápis. Faz embalagens. Também tem bastante gente trabalhando. Tem uma indústria aqui que mexe com mesinhas de centro, uma coisa assim, aqui na avenida aqui, mas ela é pequena.

Ah, e tem a CB, perto do cemitério, que faz cotonetes e alguns acessórios para hospital. Ele está ampliando lá, o ano que vem ele já vai ter o laboratório aqui também. Eu estava conversando com ele... Porque ele almoça aqui, o Paulo. Nem sempre, mas ontem, por exemplo, ele estava aí. Eu falei: “Paulo, seus produtos são exportados?”. Ele falou: “Através de uma empresa de Curitiba, mas o ano que vem vai ser a partir daqui”. E falou ontem. E os cotonetes, eu estava lendo numa revista especializada, negócio de laboratório, tem uma página dele lá, um negócio muito bonito, uma revista muito bem feita. É por isso que eu perguntei prá ele. Ele falou: “O ano que vem... eu estou ampliando lá, já tá contratando mais pessoas” E é um negócio de bastante precisão, a coisa hospitalar é de um cuidado mais especial. Mas essa já é mais recente. É aí do lado do cemitério... Ele vende pro Brasil inteiro.

Agora o forte, o que dá mais empregos é a prefeitura. Deve ser mais ou menos uns 200 empregos. Por incrível que pareça é a prefeitura. Quer dizer, com esse negócio de

levar e trazer estudante. Antigamente o cara morava a 10 quilômetros da escola, ele vinha a pé ou a cavalo, com chuva ou com sol... Amassava barro... Hoje se o aluno está a 100 metros da escola tem que buscar. Levam lá e o cara não entra na aula, fica no jardim. E tem um Secretário de Educação, tem Secretário de Saúde. Não sei se tem mais algum tipo de secretário. Agora tem Secretário até de Esporte, Turismo... Não sei. Tem bastante gente, a prefeitura é onde tem mais gente trabalhando.

Comércio você vê, é esse comércio fraquíssimo. Tem um rapaz aí que tem uma imobiliária, não é? Agora estão loteando lá perto do cemitério. Mas é um pessoal de Limeira que tem vindo aí, fim de semana monta a casinha deles lá. Tem bastante gente que trabalha ali em Ferraz, que tem uma firma ali fazendo vidro ali e tira areia do rio. Tem pouco emprego aqui.

#### Conversando no bar da praça...

V - Aqui o que tá faltando, se pudesse vir mais, é indústria. Que agora mesmo tem não sei quantas crianças aí. Tem umas duzentas e não sei quantas crianças aí de 14, 15 anos e isso aí vai prá onde? E isso aí vai ser mais difícil prá frente...

Eu aposentei, mas trabalhei com açougue. Trabalhei mais ou menos uns 35 anos com açougue. Matei muito boi. E assim mesmo ainda trabalhei num açougue de um sobrinho meu aqui. Tenho um sobrinho que tinha açougue, mas agora comprou um caminhão e resolveu alugar o açougue prá outro sobrinho. Então ele não sabe desossar, pois ele só trabalhou em escritório, numa firma que tinha aí.

Outra coisa que tinha muito era do bicho de seda. A gente criava bicho de seda! Até dentro da cidade tinha gente que criava bicho de seda. Daí foi parando porque o que acontece... Eu tenho um tio, um irmão do meu pai. Aí é que a gente descobriu o que acontecia. Quem tirava, a gente falava *semente*, mas na verdade é o ovo do bicho de seda. Mas falava *semente do bicho de seda*, que era o que usava. “Vou mandar vim *semente* de bicho de seda”, a conversa era essa. Qualquer um. Então o que acontece: uma criada ia bem, duas, três davam errado. Aí um irmão do meu pai, que o nome dele era Gabriel Canhoni, aquele não parava, aquele mudava mais que... Ele foi prá Campinas e acabou trabalhando no Instituto do Governo. Era justamente aonde tirava a semente do bicho da seda. Mas ele fez um *esparamadeio*, mas xingou tudo: — “É por isso que nós lá uma criada vai bem e três, quatro vai ruim!”. Tinha a doença do bicho da seda, a *calcinada*.

Dava calcinada na época que chovia muito. Às vezes a folha ficava úmida, dava *carcinada* e os bichos ficavam tudo branco. Onde você jogava o bicho na terra *carcinava* aranha, grilo, barata, o que tivesse. Pegava a mesma doença. Matava e ficava branco que nem um gesso. Então ele viu lá, primeiro dia aqueles *casulão*. Era quando dava *amarelão* no bicho, ele ficava um bicho tudo sem listra. Aquelas listras que ele tem, aquelas divisões. Então a gente falava bicho com *amarelão*. Ele fazia um casulo grande, mas com pouca seda. Era um bicho doente. E eles escolhiam o casulo graúdo para tirar as *sementes*! Vinha tudo doente! Ah! Meu tio diz que fez um *esparrameio do diabo* lá: — “É por isso que nós morremos de fome prá lá, *trabaiava* que nem besta. Vocês *faz* o serviço errado aqui!”.

Às vezes *vinha* aqueles casulinho porque faltava folha. Tinha pouca amoreira, então ele dava uns casulos *pequeninhas*. Mas você pegava e era um casulo duro de amassar, quer dizer, era um bicho sadio, forte. Ele disse assim: — “É desses aqui que você tem que tirar *semente* não é daquela porcaria lá com *amarelão*! É por isso que lá dá *amarelão*, vocês já mandam a *semente* porcaria daqui!”.

Todas as coisas que são do governo, você não acredita, eles fazem tudo porcaria, porque o empregado não tem interesse nenhum naquilo. Então o chefe lá diz: — “Você tem que pegar o casulo graúdo”. Eles pegavam só que não sabiam que eles tinham doença. Nós *tinha* bastante criação, mas nós *fomo* desanimando, né? Dava quatro criada no ano, uma era boa, outra dava mais ou menos. Uma você perdia com bicho *carcinado* e outra dava *amarelão* com casulo fraco. O valor era menos porque não dá peso.

Mas a criação era grande em Corumbataí. Muita gente criava. Porque tinha o barracão aqui que processava a seda. Tinha o Afonso Rivaben que tinha criação aqui, fazia as meadas depois mandava pro irmão dele, em Campinas. Naquele tempo mandava muita seda prá China, Japão, eles gostavam. Trabalhavam muito com a seda. Mas depois acho que lá eles também pararam de fiar seda, que ela é muito cara.

#### **E a conversa no bar da praça...**

V - Aqui tinha muita criação de bicho da seda. Eu trabalhei com bicho da seda. Tinha uns dez ranchos grandes que criavam. Nós *tinha*, falava um tempo, *terceiro*. A gente dava prá outro criar e eles davam uma parte prá gente. Então era o terço. *Ficava* duas partes prá eles e ficava uma parte prá gente. Depois a gente tinha mais de 20 alqueires em amora, prá tirar o bicho da seda. Bicho da seda foi uma coisa que deu dinheiro na época da guerra. Então era tudo exportado lá pro Japão prá eles fazer pára-quadras. Aí deu um fracasso que acabou. Até nós vendemos prá partir prá lavoura, criar porco no sítio, fomo tocando... Nós *era* em 11 e depois foram se casando. Tinha pai, mãe. Já morreram faz tempo. Morreu já dois irmãos.

Isso deve valer prá turma. A única vez que a gente teve dinheiro, era quando meu pai ia prá Campinas receber o dinheiro do bicho da seda. Então vinha aquelas notas de quinhentos e eram deste tamanho. Minha mãe tinha uma coberta que a mãe dela trouxe da Itália. Ela deixava o dinheiro em baixo do colchão. *Punhava* as notas. Então a gente *oiava* por baixo, tudo guardado. A única coisa que eu via que hoje não existe mais é aquilo, né? Naquele tempo não tinha ladrão. Hoje tem bastante. A molecada hoje mexe em tudo. Hoje se fica *arguma* casa aí e você vai passear, se eles percebem que não tem ninguém eles já entram na casa. A gente não pode facilitar.

Na minha opinião, antigamente era melhor porque aqui chegou a ter 17 *mir* habitantes. Tinha muita gente que morava aqui. E hoje não chega a 4 (mil), bem. Entre a zona rural e aqui. A cidade... Nossa, quantas casas tinha no sítio. Meu Deus, era uma maravilha!



Quadragesima foto: Plantação, zona rural de Corumbataí. Acervo pessoal de Rosália Perin de Oliveira. Sem data. Cedida para a pesquisa em 23 de novembro de 2005.

Agora no sítio você não vê muita casa, porque foram derrubadas. As pessoas foram tudo embora. Você precisava ver, teve uma época que era só mudança, todo dia, era duas, três mudanças. Prá onde ia? Prá São Paulo, São Caetano, Santo André e prá Americana... Eu sei que prá São Paulo, você precisava ver quanta gente que foi, e prá Americana. E a maioria fez a vida lá, sabe? Naquele época, nossa... Estudaram os filhos, alguns filhos ficaram médicos, outros engenheiros. Ficaram bem de vida. Então o pessoal *foram* tudo embora, e o que ficou aqui? Alguns que ficaram... morreram, né? Quantos que morreram! Quantos! Ficou mais o pessoal de idade. Os mais novos saíram prá trabalhar. O de lá falava

que estava bom... “Ô, aqui arrumei serviço, tá tudo bem!”, o outro ia também. O pessoal do sítio. Todos os dias você via mudança. Ah, que pena, que dó que dava, viu, bem. Senão tinha muita gente aqui. O pessoal começou a sair... Eu acho... Eu ia na escola naquela época. Na escola. Foi acho que... quarenta, quarenta e um. 1941... Certo? E eu fiquei... Meu pai também se mudou, depois de muito tempo. Ele foi... Nós casamos, né? E ele tinha casas em Americana que ele comprou, ele vendeu o sítio e empregou em casas e alugou, sabe? Então ele com a minha mãe mudaram para Americana para tomar conta das casas que ele tinha lá.

#### **Enquanto isso lá no sítio...**

H – Meu pai era dentista prático; naquele tempo muitos dentistas eram práticos, ou seja, aprendiam com outro dentista, assumiam a profissão e iam em frente. Eu devia ter já uns 3 ou 4 anos, quando ele já tinha um dinheirinho para comprar um sítio. Embora fosse dentista, ele gostava mesmo era das atividades de sítio, de fazenda. Comprou esse primeiro sítio exatamente nessa fase em que o pessoal mais antigo, que tinha comprado lote do Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, já estava com as terras se esgotando e já não produziam mais. Era a fase que estava passando para a pecuária, a pecuária de leite. Plantou nessa primeira parte da fazenda Pico Alto eucaliptos, e aí foi uma seqüência: foi ampliando a atividade, começou a comprar gado leiteiro, pôs empregado para tirar o leite. Em toda região se começou a explorar essa atividade; muita gente envolveu-se com o gado leiteiro. Começou a mudar o panorama, nada de agricultura mais. A agricultura era pequena já nessa época de 1940 e um pouco para frente. Eu me lembro que quando criança eu passava lá na estação da estrada de ferro e já existiam alguns panfletos de propaganda incitando os lavradores a cuidarem das terras, fazendo plantações em curvas de nível. A propaganda era assim: de um lado aparecia um lavrador pobre, com as terras todas erodidas porque ele não tinha feito curvas de nível no terreno; do outro um lavrador bem sucedido, com terras bonitas, cheias de curvas, acompanhando a inclinação do terreno, tudo direitinho, mostrando que tinha que se cuidar das terras. Mas aí já era tarde, o solo de Corumbataí era muito fértil originalmente, mas muito sujeito a erosão, argiloso. E nessa época da década de 40, que eu comecei a ir à escola, devia ter 8, 9, 10 anos, os terrenos já estavam todos erodidos e os sedimentos foram formar a várzea do rio. Então, de certa forma, a pecuária, substituiu a agricultura por uma questão lógica. Não tinha outro caminho a seguir. Tudo isso aqui no meu sítio era área de agricultura, nessa área toda, e virou tudo pastaria. E também, vamos dizer assim, a própria fase da pecuária de leite acabou, quando o leite se tornou uma coisa extremamente barata. Hoje em dia um litro de leite não vale nada. O José Eduardo, meu irmão, fala que, na época em que meu pai vendia leite para a Nestlé, um litro de leite valia igual a um litro de gasolina; hoje um litro de leite vale um quinto, um sexto de um litro de gasolina. Hoje me parece que pagam 30, 40 centavos o litro de leite ao produtor.

E a gente ficou aqui, porque era casada. Só eu que fiquei, porque a outra minha irmã que morreu, foi embora também. Meu irmão também foi embora... Eu sei que fiquei

só eu aqui. Porque o meu marido tinha os pais dele aqui. Então não queria largar dos pais, depois os pais dele morreram também... Meus pais também morreram, lá em Americana.

Tinha lavoura de café, *argodão*, batata. Aqui foi um lugar famoso por causa da batata, dava muito. Então é uma coisa que se você chegasse dia de semana sempre tinha uns três cavaleiros que vinham fazer *compra*. Gente do sítio que vinha a cavalo prá fazer *compra* porque naquele tempo não tinha condução. Então tinha gente. Hoje já não tem mais ninguém. O comércio tinha mais do que tem agora.

Agora, a população diminuiu por farta de serviço. Que a lavoura fracassou, começaram com o gado de leite. O gado de leite usava pouca gente, né? E hoje mesmo no gado usa menos gente. Tem a fazenda, mesmo no Santo Urbano, que é um *fazendão*, mas lá tem 3 ou 4 empregados só. Até o meu primo tem duas fazendas aqui, tem três empregados só. O gado é tudo gado prá cria, prá corte. Então é só olhar... E quando vai prá ir embora é só montar no caminhão e sair.

Lá na China a mão-de-obra é muito barata. Se você vê o que vem lá da China, de coisa feita, por que vem barato? Porque o custo é barato! Eu falo que a mão-de-obra mais cara do mundo é a brasileira. Porque não tem produção. Uma firma que você vai tem dez que produzem, mas têm vinte que *mama* naquilo. Então encarece o produto, quer dizer, o custo, o custo de fabricação, de produção. Ele fica muito caro e depois vem o governo com aquele impostinho, né? Que aquilo é de matar a gente. Quer dizer, o custo de produção mais o imposto encarece tudo. Veja bem, olha a comida: o imposto é que encarece o produto agrícola. Porque na verdade o alimento na cidade podia ser cinquenta por cento mais barato. E o produtor ganhar dinheiro, porque esse imposto sai nas costas do produtor e do consumidor.

Porque o que tá no meio, o revendedor, ele compra meu. Ele já compra descontando o imposto. Quando ele compra com nota, que a maioria é sem nota mesmo. E ele repassa prá frente, ele vai recolher o imposto, mas vai tirar uma parte de mim e outra do consumidor, ele simplesmente recolhe, ele não paga nada. Se fosse um imposto bem mais barato o governo recolheria muito mais dinheiro e não haveria interesse de sonegar. Quer dizer, quando o governo fosse fazer um levantamento da produção, ele saberia exatamente o quanto se está produzindo. Que é o que fazia o militar, dava chance até para tirar nota de consumidor. Eu vendia prá você um quilo de quiabo, mas não só prá você. Eu vendia cem quilos de quiabo, então eu *punhava* na nota: cem quilos de quiabo ao consumidor. Não tinha imposto, não tinha nada. Que era para ter um controle. O governo podia saber quanto estava produzindo.

A verdade é isso aí: a gente nasceu pobre. Meu pai trabalhou 25 anos numa quilha de terra. Se a gente tem alguma coisa foi ali trabalhando que nem um escravo. Era vontade de trabalhar e querer sair daquilo, né? Nunca passamos fome, graças a Deus! Pode perguntar prá eles isso aí. Nós em quatro, eu e os três filhos, nós éramos os maiores produtores de alho de Corumbataí no tempo dos militares. Nós *chegava* a trabalhar até meia noite puxando capim. Prá adiantar. Prá depois ir empalhar o alho, até a meia noite. Quer dizer não trabalhava oito horas por dia que nem tá na lei. Oito horas, oito horas era piada! E nem até hoje a gente trabalha oito horas. Não tem domingo, não tem dia santo, não tem feriado, não tem nada. Trabalha direto. Que se eu for pôr um empregado aqui, com essas leis trabalhistas, ele com uma mentira vai no sindicato falar com os advogados que ele tem lá e arranca dinheiro seu. A mentira dum empregado vale por dez verdades suas. Eu cheguei a assistir isso daí. Então a gente já viu tanta coisa, se a gente for contar dá um filme do tamanho não sei de quê.

### 3.5 Considerações finais

Como a narrativa desta história de Corumbataí e de seu rio foi construída com base nas vozes dos vários depoentes tornou-se uma história múltipla, de natureza multifacetada e polifônica, onde as experiências individuais vividas no passado tornaram-se experiências coletivas que fazem parte do presente, dando sentido de unidade àquela coletividade. Portanto apresentam divergências, concordâncias, repetições, contraposições, esclarecimentos, contradições, complementações, diferentes pontos de vista, opiniões diversas acerca de um mesmo tema. Há também neologismos, regionalismos, termos específicos ou coloquiais que foram colocados em *itálico* de modo a chamar a atenção do leitor. Tudo isso foi mantido com a intenção de que o leitor não seja mero espectador passivo, mas sendo conhecedor destas divergências tenha informações suficientes para que possa fazer sua própria leitura, tirando as suas conclusões em um processo ativo de criação de significados.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M., **Esau e Jacó**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BLOCH, M., **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

BOSI, A., O Tempo e os Tempos, In: NOVAES, A, (Org.), **Tempo e História**, São Paulo: Companhia das Letras e Secretaria Municipal de São Paulo, 1994.

BOSI, E., **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade**, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASSAB, P., **Atrás do Tempo Seguro**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S/A, 1978.

CERTEAU, M., **A Cultura no Plural**, Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**, Petrópolis: Vozes, 1994. (2v)

CHAUÍ, M., In: BOSI, E., **Memória e Sociedade**, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREUD, S., **Mal-estar na civilização**. Obras completas. Volume XXI, versão eletrônica integral, 2.0.

HOBBSAWM, E., **Era dos Extremos**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOUTARD, P. Desafio à história oral do século XXI. In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS), **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

KOURY, M.(Org.), **Imagem e Memória: ensaios em antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

\_\_\_\_\_. **Imagens e Ciências Sociais**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPb, 1998.

LE GOFF, J., Documento/Monumento. In: LE GOFF, J., **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2000.

PNUMA. **Geo - América Latina y el Caribe: Perspectivas del Medio Ambiente**. San José: PNUMA/Universidade de Costa Rica, 2000.

PORTELLI, A., Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS), **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

PROUST, M., **O Tempo Redescoberto: em busca do tempo perdido**. Porto Alegre: Editora Globo, 1958.

\_\_\_\_\_. **O Tempo Redescoberto: no caminho de Swann**. Porto Alegre: Editora Globo. 2ª edição, 1960.

REBOUÇAS, A. C., **Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**. Organização e coordenação científica Aldo Rebouças, Benedito Braga Jr, José Galizia Tundizi. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

ROUVEROL, A., Entre textos e fotos: contando a história de Linda Lord e do fechamento da Penobscot Poultry. In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS), **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

ROSALDO, R., In: ROUVEROL, A., Entre textos e fotos: contando a história de Linda Lord e do fechamento da Penobscot Poultry. In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS), **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

SHAMA, S., **Paisagem e Memória**, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VILAS BOAS, S., Feições de um perfil jornalístico. In: BOAS, S. V.(Org.), **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, Summus Editorial, 2002.



## ANEXO A - Índice analítico das fotografias

	LOCAL	ACERVO	DATA	DESCRIÇÃO
<b>1ª foto</b>	Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Dezembro de 1900	Emigdio Venturolli e sua esposa Giuditta, dos primeiros imigrantes a chegar em Corumbataí, e seus filhos Clementina, Silvío, João e Maria. A família Venturolli já está em sua sexta geração no Brasil.
<b>2ª foto</b>	Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	1919	A Corporação Carlos Gomes fazia suas retretas no antigo coreto, hoje a fonte luminosa, e tinha como presidente Emigdio Venturolli e como maestro o armeiro Nicola de Muzio, assessorado pelo músico e sapateiro Sylvio Sacomanni.
<b>3ª foto</b>	Igreja Matriz. Jardim Público. Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Sem data	A cidade de Corumbataí desenvolveu-se em todos estes anos, mas guardou para si algumas características próprias, acontecendo o mesmo com a Igreja Matriz. Suas mudanças foram sutis, como, por exemplo, o relógio e as janelas.
<b>4ª foto</b>	Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Sem data	Em quermesse de São José, de aproximadamente 1932, a equipe do correio elegante da barraca São Paulo era formada por Amélia Doimo, Joaquina Costola, Alice Venturolli, Margarida Costa, Virgínia Baccaro, Glorinha Chiossi e Elias Moirquezan.
<b>5ª foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Sem data	O rio Corumbataí, nessa época, data desconhecida, ainda era navegável e mantinha seu curso natural, mas a beleza singela da foto é eterna.
<b>6ª foto</b>	Estação Ferroviária de Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Sem data	Estação ferroviária, o símbolo do desenvolvimento. Um incêndio pôs fim a um pedaço da História.
<b>7ª foto</b>	Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	1961	A enchente ocorrida em 1961 na estrada da Olaria, caminho para Ferraz, impediu o trânsito e fez Nelson Nocce navegar naquelas águas.

<b>8º foto</b>	Olaria São Paulo, Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Fevereiro de 1991	Olaria São Paulo, símbolo máximo da indústria e da história.
<b>9º foto</b>	Olaria São Paulo, Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Fevereiro de 1991	Olaria São Paulo, símbolo máximo da indústria e da história.
<b>10º foto</b>	Fazenda Santo urbano, Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Sem data	Sede da Fazenda Santo Urbano de outrora contrasta com o ar de decadência que tomava conta do lugar na época. Atualmente foi totalmente reformada.
<b>11º foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Arquivo do Município de Rio Claro	Atual	Rio Corumbataí, que já sofre com a falta de mata ciliar e conseqüente assoreamento de seu leito.
<b>12º foto</b>	Corumbataí, SP	Internet	Atual	Vista aérea atual da cidade de Corumbataí. Retirada do site: <a href="http://www.corumbatai.com.br:8000/imagem/aerea.jpg">www.corumbatai.com.br:8000/imagem/aerea.jpg</a> , em pesquisa feita em 21 de janeiro de 2006.
<b>13º foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Maria José de Oliveira Jôia	Sem data	Passoio de barco no Rio Corumbataí, antes da retificação.
<b>14º foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Travessia do carro de boi, Rio Corumbataí.
<b>15º foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Foto tirada pela pesquisadora Rosália Perin de Oliveira	13/05/2006	Rio Corumbataí. Trecho próximo ao Núcleo Jorge Tibiriçá
<b>16º foto</b>	Estação ferroviária. Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Chegada do trem na Estação em Corumbataí.
<b>17º foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Foto tirada pela pesquisadora	13 /05/2006	Rio Corumbataí, trecho próximo a olaria.
<b>18º foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Enchente no Rio Corumbataí. Trecho próximo a Estação Ferroviária.
<b>19º foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Moças no Rio Corumbataí.

<b>20ª foto</b>	Rio Corumbataí. Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	23/03/1936	Fernandinho, Otávio e Paulo. Rio Corumbataí.
<b>21ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Primeiros carros na cidade.
<b>22ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Rua em Corumbataí.
<b>23ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	1919	Corporação Musical.
<b>24ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Missas de 7º dia, Tia Paula. Jardim central.
<b>25ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Coreto novo. Jardim central.
<b>26ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	09/02/1931	Baile carnavalesco.
<b>27ª foto</b>	Corumbataí, SP	Família Canhoni	17/09/1947	Carteira de identificação de sócio do Corumbataí Futebol Clube pertencente a Victorio Canhoni.
<b>28ª foto</b>	Corumbataí, SP	Família Canhoni	Sem data	Partida de futebol.
<b>29ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Fábrica de sofá, estação ferroviária.
<b>30ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Foto no trem.
<b>31ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Maria fumaça.
<b>32ª foto</b>	Estação ferroviária. Corumbataí, SP	Internet	Sem data	Estação ferroviária de Corumbataí. Foto cedida por Carlos Bacco. Retirada do site: <a href="http://www.estacoesferroviarias.com.br/c/corumbatai.htm">www.estacoesferroviarias.com.br/c/corumbatai.htm</a> .
<b>33ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Sr. Alberto na Matriz. Jardim central.
<b>34ª foto</b>	Corumbataí, SP	Família Canhoni	27/07/1935	Casamento de Victor Canhoni e Anna Bortolin Canhoni. Damas de honra: Aparecida Queiroz e Zeneide de Melo. Matriz, Jardim central.

<b>35ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Paróquia São José de Corumbatahy.
<b>36ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	28/04/1929	Festa de São José.
<b>37ª foto</b>	Corumbataí, SP	Família Canhoni	Sem data	Grupo Escolar Jorge Tibiriçá. Núcleo Jorge Tibiriçá.
<b>38ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Anúncio Casa Perin.
<b>39ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Fachada Casa Marconi, de propriedade da família Perin.
<b>40ª foto</b>	Corumbataí, SP	Rosália Perin de Oliveira	Sem data	Plantação, zona rural de Corumbataí.